CALVINISMO

Abraham Kuyper

Apresentação à Edição Brasileira

Dr. Abraham Kuyper (1837-1920) foi um teólogo e filósofo calvinista holandês que se envolveu intensamente nas áreas acadêmicas e políticas do seu país. Líder de um dos principais partidos e membro do parlamento por mais de trinta anos, serviu também como Primeiro Ministro da Holanda de 1901 a 1905. Homem de imensos talentos e de energia infatigável, entregou-se à reconstrução das estruturas sociais de sua terra e baseou praticamente todas as áreas de sua vida em sua herança calvinista. Durante mais de quarenta e cinco anos atuou como editor de dois jornais cristãos.

Em 1880 fundou a Universidade Livre de Amsterdã. Nela trabalhou tanto como administrador quanto como professor. Em meio a essa vida intensa encontrou tempo para escrever e publicar mais de 200 volumes de profunda e desafiadora substância intelectual. Entre os seus trabalhos principais estão os livros: *Enciclopédia de Teologia Sagrada*, *A Obra do Espírito Santo* e o clássico devocional *Estar Próximo a Deus*.

No seu septuagésimo aniversário, em 1907, escreveu-se sobre ele: "A história da Holanda nos últimos quarenta anos, em sua igreja, estado, sociedade, imprensa, escolas e nas ciências, não poderia ser escrita sem a menção do nome de Abraham Kuyper em praticamente todas as páginas". Com relação ao seu estilo, um pesquisador holandês o definiu com seguinte frase: "ele manuseia a linguagem como um pintor se expressa com um pincel".

Este livro traz o conteúdo completo das palestras proferidas na Universidade e Seminário de Princeton, em 1898, a convite da fundação L. P. Stone. Esse importante evento anual da cena acadêmica norte-americana era conhecido como as Palestras Stone (Stone Lectures). Nessas seis palestras, Kuyper desvenda as riquezas do Calvinismo, não apenas como um conjunto de dogmas teológicos mas principalmente como um fundamento para uma visão abrangente de vida. Mesmo desenvolvendo o seu pensamento dentro do contexto histórico em que vivia, Kuyper traz uma mensagem extremamente relevante aos nossos dias. Essas palestras impressionam não apenas pela riqueza e profundidade de linguagem, mas pelo seu conteúdo pertinente. Elas se destinam a todos aqueles que se preocupam com a solidez e o bem-estar da igreja e com a integridade intelectual e filosófica dos que são chamados a se posicionar na frente de batalha, contra as filosofias e sistemas humanistas arquitetados por Satanás, e que sorrateiramente persistem em se infiltrar no pensamento evangélico contemporâneo.

SUMÁRIO

NOTA BIOGRÁFICA

ABRAHAM KUYPER 1837-1920

O dr. Abraham Kuyper nasceu em Maassluis, na Holanda, em 29 de Outubro de 1837. Seus pais eram o Rev. Jan Hendrik e Heriette Huber Kuyper. Em Maassluis, e em Middelburg, onde seu pai foi chamado em 1849, freqüentou a escola. Seus professores, nos é dito, tomaram-no a princípio como um menino lento no entendimento. Eles devem ter mudado sua opinião quando, com a precoce idade de doze anos, estava habilitado a entrar no Ginásio em Middelburg. No tempo oportuno foi matriculado na Universidade de Leyden, na qual foi graduado com a mais alta honra. Foi também aqui que obteve seu Doutorado em Teologia Sagrada em 1863, quando estava com cerca de vinte e seis anos de idade.

Um ano mais tarde, começou seu ministério em Beesd; foi então chamado para Utrecht, e dali, em 1870, para Amsterdam. Em 1872, tornou-se Editor Chefe do *De Standaard* (*O Estandarte*), um jornal diário, e o órgão oficial do partido Anti-Revolucionário, que na política representa o contingente protestante da nação holandesa. Pouco depois ele assumiu a função de editor do *De Heraut* (*O Arauto*), um jornal semanal distintivamente cristão, publicado às sextas-feiras. Por mais de quarenta e cinco anos, ocupou ambas exigentes posições com extraordinário poder e vigor.

Em 1874, foi eleito membro da Casa Baixa do Parlamento,[1] função que exerceu até 1877. Em 1880, fundou a Universidade Livre de Amsterdam, a qual tomava a Bíblia como a base incondicional sobre a

[1] NT – Equivalente a nossa Câmara de Deputados.

qual deveria ser erguida toda a estrutura do conhecimento humano em cada departamento da vida.

Então seguiram-se vinte anos de árduo labor, na Universidade e fora dela, quando alguns de seus maiores tratados foram escritos, cobrindo um período que pode bem ser considerado como tendo exercido uma influência muito importante na história eclesiástica e política de seu país. Foi por seu labor quase sobre-humano, não menos do que por sua força e nobreza de caráter, que deixou “pegadas nas areias do tempo” com tal indelével clareza que em 1907, quando de seu 70º aniversário foi realizada uma celebração nacional, sendo dito: “A história da Holanda na igreja, no Estado, na imprensa, na escola e nas ciências dos últimos quarenta anos, não pode ser escrita sem a menção de seu nome em quase todas as páginas, pois durante este período a biografia do dr. Kuyper é, numa extensão considerável, a história da Holanda.”

Em 1898, ele visitou os Estados Unidos da América, onde proferiu as “Palestras Stone” no Seminário Teológico de Princeton. Foi então que a Universidade de Princeton conferiu a ele o Doutorado em Direito (São estas palestras que estão contidas nas páginas deste presente volume.).

Após seu retorno à Holanda, ele reassumiu seu trabalho como líder do partido Anti-Revolucionário, até que, em 1901, foi convocado pela Rainha Wilhelmina para formar um Ministério. Serviu como primeiro-ministro até 1905. A seguir, gastou mais de um ano em viagem, um relato descritivo da qual apareceu numa obra de dois volumes, *Om de Oude Wereld-Zee (Ao Redor do Velho Mar Mundial*), da qual toda edição foi vendida antes de ser impressa.

Depois disto, o dr. Kuyper residiu em Haia como Ministro de

Estado, na opinião pública a figura mais importante na terra, e em alguns aspectos sem igual no mundo. Aos 75 anos de idade, começou uma série de artigos semanais na coluna do *De Heraut*: "Van de Voleinding" (*Do fim do Mundo*), 306 artigos ao todo. A série levou seis anos para ser completada. *De Maasbode*, uma publicação Católica Romana dos Países Baixos, refere-se a esta obra como, "a mais excepcional e sem rival em toda literatura sobre o assunto." Referências ao fim do mundo são delineadas através de todos os livros da Bíblia, cuidadosamente expostas, enquanto o Apocalipse de João é tratado seção por seção. Quando estava com 82 anos, o velho dr. Kuyper estava traçando planos para outra grande obra sobre *O Messias*, mas o fim veio em 8 de Novembro de 1920.

Durante todos estes anos sua obra foi multiforme a um grau estarrecedor. Como tem sido dito: "Nenhum departamento do conhecimento humano era estranho a ele." E quer o tomemos como estudante, pastor ou pregador; como lingüista, teólogo ou professor universitário; como líder de partido, organizador ou estadista; como filósofo, cientista, publicista, crítico ou filantropo – há sempre "algo incompreensível nos poderosos labores deste lutador incansável; sempre algo tão incompreensível quanto o gênio sempre é." Mesmo aqueles que discordaram dele, e foram muitos, o honraram como "um oponente de dez cabeças e umas cem mãos." Aqueles que compartilharam sua visão e seus ideais o apreciaram e o amaram "como um dom de Deus para nossa época."

Qual era o segredo deste poder quase sobre-humano?

Em 1897, no 25º aniversário de sua função como editor do *De*

Standaard, o dr. Kuyper disse: “Um desejo tem sido a paixão predominante de minha vida. Uma grande motivação tem agido como uma espora sobre minha mente e alma. E antes que seja tarde, devo procurar cumprir este sagrado dever que é posto sobre mim, pois o fôlego de vida pode me faltar. O dever é este: Que apesar de toda oposição terrena, as santas ordenanças de Deus serão estabelecidas novamente no lar, na escola e no Estado para o bem do povo; para esculpir, por assim dizer, na consciência da nação as ordenanças do Senhor, para que a Bíblia e a Criação dêem testemunho, até a nação novamente render homenagens a Deus.”

Poucos homens tiveram um ideal como este diante de si. Poucos homens foram tão obedientes às exigências de um tal propósito de vida como ele, pois literalmente deu seu próprio corpo, alma e espírito a este alto chamado. Ele procurava administrar bem seu tempo. Cada hora do dia e da noite tinha sua própria tarefa. Seus escritos contam mais de duzentas obras, muitas das quais de três e quatro volumes cada, e cobrem uma série extraordinária de assuntos.

Como homem, apreciava singularmente uma palavra ou ato de bondade por parte dos outros. O escritor desta nota fala aqui de uma experiência pessoal. O dr. Kuyper conhecia algo da santa arte de amar. Orgulhava-se de ser um homem do povo. É lembrado por muitos com admiração e gratidão, que embora pressionado por seus labores multifários,[2] nunca recusou audiência a qualquer um que viesse a ele para conselho ou ajuda.

O dr. Kuyper nunca reivindicou originalidade. Sua vida e labores não podem ser explicados somente por ele mesmo. Nos restringiremos

aqui às correntes ocultas mais profundas de sua vida espiritual, como o segredo de seu poder fenomenal.

Nos seus primeiros anos, a vida religiosa em seu país estava em decadência. “A vida eclesiástica estava fria e formal. A religião estava quase morta. Não havia Bíblia nas escolas. Não havia vida na nação.”

Mas não eram raros os sinais de coisas melhores por vir. Já em 1830, Groen van Prinsterer, um membro do Parlamento começou a protestar contra o espírito dos tempos. “Isto produziu um reavivamento da proclamação do evangelho – que por natureza todos os homens são pecadores necessitando do sangue expiador de Cristo. Isto foi encarado como grande ofensa por muitos. Não demorou muito até que os evangélicos não fossem mais tolerados. Não era a irreligião que era procurada, mas uma religião que agradasse a cada um, inclusive os judeus.”

Por isso, quando o assunto deste esboço estava com um estudante universitário, não era de se estranhar que ele não sentisse inclinação para o ministério do evangelho. Ele disse que não tinha simpatia por uma igreja que espezinhou sua própria honra; nem por uma religião que era apresentada por uma igreja como essa. Ele acompanhou a corrente moderna, e entusiasticamente tomou parte em aplaudir o professor Rauwenhoff, que abertamente negou a ressurreição corporal de Jesus.

Uma série de experiências, contudo, produziu profunda impressão sobre o jovem erudito.

A Universidade de Groningen ofereceu um prêmio para o melhor ensaio sobre João de Lasco, o grande reformador polonês. Por recomendação de seus professores, Kuyper resolveu tornar-se um dos

---

[2] NT – De muitos aspectos, variado.

competidores. Imagine seu desapontamento quando após uma cuidadosa pesquisa em todas as grandes bibliotecas de seu país e nas de toda Europa não conseguiu o material necessário para o trabalho. Como último recurso, o dr. de Vries, um dos professores em Leyden, que tinha adquirido um profundo interesse pelo promissor jovem erudito, recomendou-lhe visitar seu pai em Haarlem (do dr. de Vries), visto que era um excelente estudante de História e tinha uma extensa biblioteca. Ele foi e ouviu o venerável pregador dizer que olharia em seus livros, mas que não tinha lembrança de jamais ter visto uma das obras de Lasco em sua coleção. Uma semana depois Kuyper retornou para a entrevista. Deixe-o contar por si mesmo a experiência daquela hora:

"Como eu posso fazer vocês participarem de meus sentimentos quando, sendo admitido ao venerável pregador, eu o ouvi dizer-me do modo mais simples, enquanto apontava para uma rica coleção de duodécimos[3] empilhados sobre uma mesa ao lado: 'Isto é o que eu encontrei.' Eu mal pude acreditar em meus olhos. Tendo pesquisado em vão todas as bibliotecas na Holanda; tendo cuidadosamente examinado os catálogos das grandes bibliotecas em toda a Europa; tendo lido muitas vezes nas antologias e nos registros de livros raros nos quais os títulos das obras de Lasco estavam simplesmente copiados, sem as próprias obras jamais terem sido vistas; que suas obras, se ainda existe alguma, são extremamente raras; que a maioria delas, é quase certo, está perdida; que com uma possível exceção de duas ou três, ninguém as têm tido nas mãos por mais de duzentos anos – e então, como por um milagre, ser colocado face a face com a mais rica coleção Lasciana que

[3] NT – Refere-se ao tamanho das páginas usadas na publicação de um livro no período da Reforma. Uma página dividida em doze partes.

poderia ser encontrada em qualquer biblioteca na Europa. Encontrar este tesouro, que era o ‘ser ou não ser’ de meu estimado ensaio com um homem que tinha sido recomendado por um amigo fiel, mas que ainda não sabia que o tinha em sua posse e que a apenas uma semana atrás simplesmente mal se lembrava do nome Lasco – com toda sinceridade, quem em sua própria experiência deve ter tido uma surpresa como esta, conhecer o que significa ver um milagre divino confortá-lo em seu caminho.”

Seria desnecessário dizer que ele ganhou o prêmio. Mas a experiência fez mais – “ela o fez lembrar de Deus.” Ela lançou uma dúvida sobre seu racionalismo. Ele não poderia mais negar que havia algo como “o dedo de Deus.”

Outra experiência veio a ele por ocasião da leitura da famosa novela inglesa, *O Herdeiro de Redcliffe*, de Charlotte Yonge. Ele devorou o livro. E este deu-lhe uma impressão sobre a vida da igreja na Inglaterra, tal como estava faltando, quase completamente, à igreja na Holanda naquele tempo. Isto o colocou em contato com o profundo significado dos sacramentos, com o caráter impressionante da adoração litúrgica e com o que ele usou mais tarde para falar como “O Livro Anotado de Oração.” Mas, além e acima disso, ele sentiu em sua própria alma um reconhecimento irresistível da realidade de cada experiência espiritual pela qual o herói do livro, Filipe de Norville, passou. A total autocondenação do homem quebrantado de coração, de fato sua completa auto-aversão, o brilhante jovem estudante aplicou a si mesmo; isso tornou-se para ele um poder de Deus para a salvação.

Ponderando sobre essa experiência ele escreve: “O que minha

alma passou naquele momento, somente vim a entender plenamente mais tarde; mas todavia naquela hora, não, naquele próprio momento, aprendi a desprezar o que anteriormente admirava, e a procurar o que anteriormente rejeitava. Vamos parar por aqui. Vocês conhecem o caráter permanente da impressão de uma experiência como esta; o que a alma encontra num conflito como este pertence àquele algo eterno, que apresenta-se para a alma anos mais tarde, forte e claramente definido, como se tivesse acontecido ontem."

Mas, abaixo de Deus, foi o povo rural de sua primeira paróquia o instrumento para guiá-lo àquela plenitude de vida espiritual para a qual suas primeiras experiências apontavam. À medida que ministrava-lhes, admiravam seus talentos; e logo aprenderam a amá-lo pelo que era; mas colocaram-se sinceramente em oração conjunta e individual por sua inteira conversão a Cristo. "E," como Kuyper escreve mais tarde, "sua fiel lealdade tornou-se uma bênção para meu coração, a ascensão da estrela da manhã da minha vida. Eu tinha sido tocado, mas não tinha ainda encontrado a Palavra de reconciliação. Em sua linguagem simples, trouxeram-me isto de forma absoluta, a única coisa na qual minha alma pode repousar. Eu descobri que as Santas Escrituras não somente fazem-nos encontrar a justificação pela fé, mas também mostram o fundamento de toda vida humana, as santas ordenanças que devem governar toda existência humana na Sociedade e no Estado."

Assim começou sua vida cristã. Na cruz ele fez a grande rendição de si mesmo ao seu Salvador e ao seu serviço. "Dar testemunho de Cristo" tornou-se a paixão de sua vida: que Cristo é Rei em cada departamento da vida e a atividade humana era a diretriz que ele manteve

soando em todos os seus escritos, discursos e labores. Quer como teólogo ou como estadista, como um líder na política, como presidente do sindicato cristão, como promotor da educação cristã, tudo foi feito com a ardente convicção de que: “Cristo governa não simplesmente pela tradição do que ele *outrora* foi, falou, fez e suportou; mas por um poder vivo que ainda agora, assentado como ele está à mão direita de Deus, exerce sobre terras e nações, gerações, famílias e indivíduos.”

Assim, o encontro de alguns livros perdidos, a leitura de uma novela, o ensino de um povo inculto, são as experiências que explicam, em parte, a grande obra do dr. Kuyper.

Quanto mais uma pessoa conhece o vasto escopo do variado labor desse grande homem, tanto mais profundamente impressionado fica com o extraordinário significado da produção devocional e mística de sua caneta. Profunda erudição teológica, grande habilidade política, perspicácia intelectual extraordinária em qualquer linha em geral não é tido ser compatível com a fé simples como de uma criança, discernimento místico e doçura de alma. Mas, nas palavras de um crítico de sua obra-prima devocional, *Estar Perto de Deus*, “Este livro de meditações refuta a idéia de que um teólogo profundo não pode ser um cristão afetuoso.” O próprio autor conta a história: “A comunhão de estar perto de Deus deve tornar-se realidade, na realização plena e vigorosa de nossa vida. Deve penetrar e dar cor a nossos sentimentos, nossas percepções, nossas sensações, nossos pensamentos, nossa imaginação, nossa vontade, nosso agir, nosso falar. Não deve colocar-se como um fator estranho em nossa vida, mas deve ser a paixão que inspira por toda existência.”

Na busca desse ideal, o dr. Kuyper gastou tempo para adicionar ao

seu grande trabalho a produção de meditações devocionais toda semana. Ele escreveu mais de duas mil delas. São de um caráter inteiramente único. É dito sobre elas que formam uma literatura por si mesmas, e estão em sintonia com as melhores obras dos místicos holandeses, tais como Johannes Ruysbroek, Cornelius Jansinius, e Thomas de Kempis.

Com vigor quase imbatível, o dr. Kuyper continuou seu labor até bem perto do fim. Assistindo aos seus últimos momentos de vida, um amigo e colega perguntou-lhe: “Eu direi ao povo que Deus tem sido seu Refúgio e Fortaleza até o fim?” Embora fraco, a resposta veio imediatamente num distinto sussurro: “Sim, totalmente.”

(Adaptado da Introdução feita por John Hendrik de Vries, em sua tradução do clássico devocional do dr. Kuyper, *Para Estar Perto de Deus*.)

Primeira Palestra
O CALVINISMO COMO SISTEMA DE VIDA

Introdução

Um viajante do velho continente europeu, desembarcando no litoral deste Novo Mundo, sente-se como o salmista que diz, “Seus pensamentos amontoam-se sobre ele como uma multidão.” Comparado com o turbilhão de águas de seu novo rio de vida, o velho rio, no qual ele estava em movimento, parece quase congelado e sem graça; e aqui, em terras americanas, pela primeira vez, compreende como tantas potências divinas, que estavam escondidas longe no seio da humanidade de nossa própria criação, mas que nosso velho mundo foi incapaz de desenvolver, estão agora começando a descobrir seu esplendor interior, prometendo assim um depósito de surpresas ainda mais rico para o futuro.

Contudo, vocês não me pediriam para esquecer a superioridade que, em muitos aspectos, o Velho Mundo pode ainda reivindicar, aos seus olhos tanto quanto aos meus. Mesmo agora a velha Europa continua portadora de um passado histórico muito longo, e portanto, coloca-se diante de nós como uma árvore enraizada muito profundamente, escondendo entre suas folhas alguns dos mais maduros frutos da vida. Vocês ainda estão em sua Primavera – nós estamos passando por nosso Outono; - e a colheita do Outono não tem um encantamento próprio?

Mas, embora, por outro lado, eu reconheça plenamente a vantagem que vocês possuem no fato que (para usar outra símile) o trem da vida viaja com vocês tão imensuravelmente mais rápido do que conosco, - deixando-nos milhas e milhas atrás, - contudo ambos sentimos que a vida na velha Europa não é algo separado da vida aqui; ela é uma e a mesma corrente da existência humana que flui através de ambos os continentes.

Em virtude de nossa origem comum, *vocês* podem chamar-nos ossos de seus ossos – *nós* sentimos que vocês são carne de nossa carne, e ainda que vocês estejam nos superando de modo mais desalentador, vocês nunca esquecerão que o berço histórico de sua maravilhosa juventude continua em nossa velha Europa, e foi embalado gentilmente em minha outrora poderosa terra natal.

Além disso, ao lado desta ascendência comum, há outro fator que,

mesmo diante de uma diferença mais ampla, continuaria a unir seus interesses aos nossos. Muito mais precioso para nós que o desenvolvimento da vida humana, é a coroa que a enobrece, e esta nobre coroa da vida para vocês e para mim repousa no nome cristão. Esta coroa é nossa herança comum. Não foi da Grécia ou de Roma que saiu a regeneração da vida humana; - esta metamorfose poderosa remonta-se a Belém e ao Gólgota; e se a Reforma, em um sentido ainda mais especial, reivindica o amor de nossos corações é porque ela tem dispersado as nuvens do sacerdotalismo, e tem novamente revelado a mais plena visão das glórias da cruz. Mas, em oposição mortal a este elemento cristão, contra o próprio nome cristão e contra sua influência salutar[4] em cada esfera da vida, a tempestade do Modernismo tem agora surgido com intensidade violenta.

Em 1789 o ponto crucial foi alcançado. O grito furioso de Voltaire, “Abaixo com o salafrário”, foi apontado para o próprio Cristo, mas este grito era simplesmente a expressão do pensamento mais oculto do qual nasceu a Revolução Francesa. O protesto fanático de um outro filósofo, “Não precisamos mais de Deus”, e o lema odioso, “Nenhum Deus, nenhum senhor”, da Convenção; - foram os lemas sacrílegos que naquele tempo anunciaram a libertação do homem como emancipação de toda autoridade divina. E, se em sua sabedoria impenetrável, Deus empregou a Revolução Francesa como um meio para destruir a tirania dos Bourbons, e trazer um julgamento sobre os príncipes que abusavam de *suas* nações como seus escabelos, entretanto o princípio do qual a Revolução surgiu continua completamente *anticristã*, e desde então tem se espalhado como câncer, dissolvendo e corroendo tudo quanto está firme e consistente diante de nossa fé cristã.

Não há dúvida, então, de que o Cristianismo está exposto a grandes e sérios perigos. Dois *sistemas de vida*[5] estão em combate

---

[4] NT - Do inglês salutiferous, que indica: *benéfico, salutar.*

[5] Como o Dr. James Orr (em sua valiosa palestra sobre o *Conceito Cristão de Deus e do Mundo,* Edinburgo, 1897, p.3) observa, o termo técnico alemão *Weltanschauung* não tem equivalente preciso em Inglês. Por isso, ele usou a tradução literal *conceito do mundo* (cosmovisão); no entanto, esta frase em inglês é limitada pelas associações, as quais a relacionam predominantemente com a natureza *física.* Por esta razão, a frase mais explícita: *concepção de vida e do mundo* parece ser mais preferível. Meus amigos americanos, contudo, falaram-me que a frase curta: *sistema de vida,* do outro lado do oceano, é freqüentemente usada no mesmo sentido. Assim palestrando diante de um público americano, eu usei a frase mais curta, ao menos no *título* de minha primeira palestra, a expressão mais curta sempre tem alguma preferência para o que deve

mortal. O Modernismo está comprometido em construir um mundo próprio a partir de elementos do homem natural, e a construir o próprio homem a partir de elementos da natureza; enquanto que, por outro lado, todos aqueles que reverentemente humilham-se diante de Cristo e o adoram como o Filho do Deus vivo, e o próprio Deus, estão resolvidos a salvar a "herança cristã". Esta é *a* luta na Europa, esta é *a* luta na América, e esta também é a luta por princípios em que meu próprio país está engajado, e na qual eu mesmo tenho gasto todas as minhas energias por quase quarenta anos.

Nesta luta apologética não temos avançado um único passo. Os apologistas invariavelmente começam abandonando a defesa assaltada, a fim de entrincheirarem-se covardemente em um revelim atrás deles.[6]

Desde o início, portanto, tenho sempre dito a mim mesmo, - "Se o combate deve ser travado com honra e com esperança de vitória, então, *princípio* deve ser ordenado contra *princípio*; a seguir, deve ser sentido que no Modernismo, a imensa energia de um sistema de vida todo abrangente nos ataca; depois também, deve ser entendido que temos de assumir nossa posição em um sistema de vida de poder, igualmente compreensivo e extenso. E este poderoso sistema de vida não deve ser inventado nem formulado por nós mesmos, mas deve ser tomado e aplicado como se apresenta na História. Quando assim fiz, encontrei e confessei, e ainda sustento que esta manifestação do princípio cristão nos é dado no *Calvinismo*. No Calvinismo meu coração tem encontrado descanso. Do Calvinismo, tenho tirado firme e resolutamente a inspiração para assumir minha posição no auge deste grande conflito de princípios. E, portanto, quando fui convidado, muito honradamente por sua Faculdade, para dar as Palestras *Stone*, aqui este ano, não poderia hesitar um momento quanto a minha escolha do assunto. O Calvinismo como a única, decisiva, lícita e consistente defesa das nações protestantes contra o usurpador e esmagador Modernismo, - isto por si só

---

ser a identificação geral de nosso assunto. Em minhas palestras, pelo contrário, eu uso alternadamente ambas as frases, *sistema de vida* e *concepção de vida e mundo* de acordo com o significado especial predominante em minha argumentação. Veja também notas do Dr. Orr na página 365.

6 NT - Revelim quer dizer uma construção externa e saliente, de forma angular, para defesa de pontes, nas fortificações.

foi o limite para meu tema

Permitam-me, portanto, em seis palestras, falar-lhes sobre o Calvinismo.

1. Sobre o Calvinismo como um Sistema de Vida;
2. Sobre o Calvinismo e a Religião;
3. Sobre o Calvinismo e a Política;
4. Sobre o Calvinismo e a Ciência;
5. Sobre o Calvinismo e a Arte; e
6. Sobre o Calvinismo e o Futuro.

1. Calvinismo como um *Sistema de Vida*

Definição de Conceitos

A clareza de apresentação requer que nesta primeira palestra, eu estabeleça a *concepção* do Calvinismo *historicamente.* Para evitar equívocos, devemos primeiro saber o que não deveríamos, e o que deveríamos entender por *Calvinismo*. Partindo, portanto, do uso corrente do termo, vejo que este de modo algum é o mesmo em diferentes países e em diferentes esferas de vida.

Calvinismo – Um Nome Sectário

O nome calvinista é usado em nossos dias primeiro como um nome *sectário*. Este não é o caso nos países Protestantes, mas nos Católicos romanos, especialmente na Hungria e na França. Na Hungria, as Igrejas Reformadas têm cerca de dois milhões e meio de membros, e tanto na imprensa romanista como na Judaica daquele país, os membros da Igreja Reformada são constantemente estigmatizados pelo nome não oficial de "calvinistas", um nome pejorativo aplicado até mesmo àqueles que se despojaram de todos os traços de simpatia com a fé de seus pais.

O mesmo fenômeno se manifesta na França, especialmente na região Sul, onde "calvinista" [*calviniste*] é igualmente, e até mais enfaticamente, um estigma sectário, que não se refere à fé ou confissão da pessoa estigmatizada, mas simplesmente é colocado sobre todos os membros das Igrejas Reformadas, mesmo que ele tenha idéias ateístas.

George Thiébaud, conhecido por sua propaganda anti-semita, tem ao mesmo tempo, revivido na França um espírito anticalvinista, e até mesmo no caso Dreyfus,[7] "Judeus e calvinistas" foram acusados por ele como as duas forças antinacionais, prejudiciais ao "espírito gaulês".

Calvinismo – Uma Identificação Confessional

Diretamente oposto a este, está o *segundo* uso da palavra Calvinismo, e eu o chamo de o *confessional*. Neste sentido, um calvinista é representado exclusivamente como o subscritor sincero do dogma da predestinação. Aqueles que desaprovam esta forte ligação com a doutrina da predestinação cooperam com os polemistas romanistas, visto que chamando você de "calvinista", eles o descrevem como uma vítima da mesquinhez dogmática; e o que é ainda pior, como sendo perigoso para a verdadeira seriedade da vida moral. Este é um estigma tão visivelmente ofensivo que teólogos como Hodge,[8] os quais com plena convicção foram defensores públicos da Predestinação, e consideravam uma honra ser calvinistas, apesar disso, estavam tão profundamente impressionados com o desfavor vinculado ao "nome calvinista", que por amor à sua confiante convicção, preferiam falar de Agostinianismo que de Calvinismo.

Calvinismo – Uma identificação Denominacional

O título *denominacional* de alguns Batistas e Metodistas indica um *terceiro* uso do nome calvinista. Ninguém menos que Spurgeon pertenceu à uma classe de Batistas que, na Inglaterra, chamavam-se de "Batistas calvinistas", e os Metodistas Whitefield[9], em Gales, até o dia de hoje, mantém o nome de "Metodistas calvinistas". Assim, aqui também, ele indica de algum modo uma diferença confessional, mas é aplicado como

---

[7] (**NT**) *Caso Dreyfus:* Alfred Dreyfus, capitão do exército francês, de origem judaica, foi injustamente condenado à prisão perpétua por traição, em 1894. O caso galvanizou a opinião pública e vários intelectuais escreveram em sua defesa, mas somente em 1906 ele foi reabilitado. Kuyper refere-se aos anos recentes da controvérsia, quando o caso tomou colorações anti-semíticas – Dreyfus era apontado como vilão e os *judeus*, ligados aos *calvinistas*, apontados como inimigos dos Franceses.

[8] (**NE**) *Charles Hodge*: O maior teólogo Norte Americano do século 19 (1797-1878), estudou na Universidade de Princeton e, posteriormente, no seu Seminário, instituição da qual se tornou professor. Foi um profuso escritor e produziu uma famosa *Teologia Sistemática* que apresenta uma sólida visão calvinista da vida. Hodge influenciou profundamente a visão de Simonton sobre o campo missionário.

[9] George Whitefield, nasceu em 1714, em Gloucester, Inglaterra; e morreu em 1770, na América. Um pregador de eloqüência incomum.

o nome de uma denominação eclesiástica especial. Sem dúvida, esta prática teria sido severamente criticada pelo próprio Calvino. Durante seu tempo de vida nenhuma Igreja Reformada jamais sonhou em dar nome de algum homem à Igreja de Cristo. Os Luteranos têm feito isto, as Igrejas Reformadas nunca.

Calvinismo – Um Nome Científico

Mas além deste uso sectário, confessional e denominacional do nome “Calvinismo”, ele o serve; além disso, em *quarto* lugar como um nome *científico*, quer em um sentido histórico, filosófico ou político. Historicamente, o nome Calvinismo indica o canal pelo qual a Reforma se moveu, até onde ela não foi nem Luterana, nem Anabatista, nem Sociniana. No sentido filosófico, entendemos por Calvinismo aquele sistema de concepções que, sob a influência da mente mestre de Calvino, levantou-se para dominar nas diversas esferas da vida. E como um nome político, o Calvinismo indica aquele movimento político que tem garantido a liberdade das nações em governo constitucional; primeiro na Holanda, então na Inglaterra, e desde o final do último século nos Estados Unidos. No sentido *científico*, o nome Calvinismo é atualmente usado entre os eruditos alemães. E o fato é que esta não é apenas a opinião daqueles que são simpáticos ao Calvinismo, mas também dos eruditos que abandonaram todo padrão confessional da Cristandade, contudo, atribuem este profundo significado ao Calvinismo. Isto evidencia-se no testemunho mantido por três de nossos melhores homens de ciência, o primeiro dos quais, o dr. Robert Fruin, declara que: “O Calvinismo veio para a Holanda consistindo em um sistema lógico de divindade, em uma ordem eclesiástica democrática própria, impelida por um sentido rigorosamente moral, e entusiasmado tanto pela reforma moral como pela reforma religiosa da humanidade”.[10] Um outro historiador, que foi ainda mais sincero em sua simpatia racionalista, escreve: “O Calvinismo é a mais alta forma de desenvolvimento alcançada pelo princípio religioso e político no século 16”.[11] E uma terceira autoridade reconhece que o

---

[10] R. Fruin, *Tien Jaren uit den Tachtig-jarigen Oorlog*, p. 151.
[11] R. C. Bakhuizen Van Den Brink, *Het Huwelijk van Willem van Orange met Anna van Saxen*; 1853, p. 123: “Zoo al de laatste in tijdsorde, zoo was het Calvinisme de hoogste ontwikkelingsvorm van het Godsdienstig-staatkundig der zestiende eeuw. Zelfs de rechtzinnige

Calvinismo libertou a Suíça, a Holanda e a Inglaterra e, por meio dos Pais Peregrinos,[12] promoveu o impulso para a prosperidade dos Estados Unidos.[13] Semelhantemente, Bancroft, entre vocês, reconhece que o Calvinismo "tem uma teoria de ontologia, de ética, de felicidade social e de liberdade humana, derivada totalmente de Deus".[14]

Como o Tema Será Abordado

Somente neste último sentido, o estritamente científico, desejo falar

---

staatkundigen dier eeuw, zagen met niet minder verachting em afschuw neder op den Geneefschen regeeringsvorm – als men het in onze dagen zou kunnen doen, wanneer een Staat het socialisme tot beginsel mocht aannemen. Een hervormingskamp, die zoo laat na het ontstaan der Hervorming kwam als dat bij nos, in Frankrijk em in Schotland plaats had, kon niet anders dan Calvinistisch em tem voordeele van het Calvinisme zijn."

[12] (**NE**) *Peregrinos*: refugiados puritanos da Holanda e Inglaterra, que colonizaram a América do Norte.

[13] Cd. Busken Hurt, *Het Land van Rembrandt*, 2de, druk, II, p. 223.

P. 159: "Was uit den aard der zaak de religie eene der hoofdzenuwen van den Kalvinistischen Staat,"enz. (om andere redenen de negotie):

Na p. 10, Nota 3: "De geschiedenis van onze vrijwording is voor een groot gedeelte geschiedenis van onze hervorming, em de geschiedenis van onze hervorming is grootendeels geschiedenis van de uitbreiding van het Kalvinisme." Bakhuizen Van den Brink, *Studien em Schetsen*, IV, 68, v. g.

[14] *History of the United States of America*, Ed. New York, II, p. 405. Cf Von Polenz, *Geschichte des Franzoischen Protestantismus*, 1857, I, p. viii: "Eine Geschichte ... in welcher der *Geist*, den Luther in Frankreich geweckt, dieses mit Eigenem und Fremden genahrt und gefordert, Calvin aber gereinigt, geregelt, gehutet, gestarkt, fixirt und als em bewegendes Ferment uber die Schranken des Raums und der Verhaltnisse weiter getrieben hat, der in seinen mannigfachen Strahlen alle geschichtlichen Moment mehr oder weniger beruhrenden *Brenn- und Lichtpunkt* bildet. Nennen wir diesen Geist, uneigentlich und anachronistisch zwar, aber, da er ohne Calvin sich verfluchtigt haben wurde, nicht unwahr, *Calvinismus*: so ist meine Geschichte, ausser der des franzosischen Calvinismus im engeren und eigentlichen Sinne, die siener einwirkung auf Religion, Kirche, Sitte, Gesellschaft und sonstige Verhltnissen Frankreichs."

C. G. McCrie, *The Public Worship of Presbyterian Scotland*; 1892, p. 95: Isto pode levar alguns a atribuir valor a estes sentimentos de Calvino se eles sabem sob qual luz o sistema que leva sua estampa e seu nome é considerado por um clérico Anglicano de erudição e discernimento, que deu a ele um direito de ser ouvido em tal assunto. "O movimento protestante," escreveu Mark Pattison, "foi salvo de ser afundado nas areias movediças da disputa doutrinária pela nova direção moral dada a ele em Genebra. 'O Calvinismo salvou a Europa'."

P. Hume Brown, *John Knox*; 1895, p. 252: De todos os desenvolvimentos do Cristianismo, somente o Calvinismo e a Igreja de Roma levam o selo de uma religião absoluta.

P. 257: A diferença entre Calvino e Castalio, e entre Knox e os Anabatistas, não era meramente de doutrina e dogma: sua diferença essencial encontra-se no espírito com o qual eles respectivamente consideram a própria sociedade humana.

R. Willis, *Servetus e Calvin*; 1877, p. 514 e 515: Pode haver pouca disputa, de fato, que o Calvinismo, ou alguma modificação de seus princípios essencial, é a forma de fé religiosa que tem sido professada no mundo moderno pelo mais inteligente, moral, diligente, e livre da humanidade

Chambers, *Encyclopedia*; Filadélfia; 1888, no verbete Calvinismo: "Com o reavivamento da parte evangélica no final do século o Calvinismo reviveu, e ainda mantém, se não um domínio absoluto, contudo uma influência poderosa sobre muitas mentes na Igreja Anglicana oficial. Ele é um dos mais vivos e poderosos entre os credos da Reforma."

Dr. C. Sylvester Horne, *Evangelical Magazine,* Agosto, 1898. *New Calvinism,* p. 375 e seguintes. E o Dr. W. Hastie, *Theology as Science*; Glasgow, 1899, pp. 100-106: Minha apologia e apelo pela Teologia reformada, na presença de outras tendências teológicas de hoje, tem sido fundamentada sobre os dois pontos mais gerais e fundamentais do credo que podem ser tomados: a universalidade de sua base na natureza humana, como a condição de seu método, e a universalidade de Deus, como a base de sua verdade absoluta.

a vocês sobre o Calvinismo como tendência geral independente, que de um princípio matrix próprio, tem desenvolvido uma forma independente tanto para nossa *vida* como para nosso *pensamento* entre as nações da Europa Ocidental e da América do Norte e, no presente, até mesmo na África do Sul.

A Extensão do Campo do Calvinismo

O campo do Calvinismo é, de fato, muito mais extenso que a interpretação confessional limitada nos levaria a supor. A aversão a nomear a Igreja com nome de homem deu origem ao fato que, embora na França os Protestantes fossem chamados de "Huguenotes", na Holanda de "Mendigos"[15] (Beggars), na Grã-Bretanha de "Puritanos" e de "Presbiterianos", e na América do Norte de "Pais Peregrinos", todos estes são produtos da Reforma que, em seu continente ou no nosso, sustentaram um tipo especial reformado, eram de origem calvinista.

Extensão Geográfica e Denominacional

Mas a extensão do campo calvinista não deveria ser limitado a estas revelações mais simples. Ninguém aplica uma regra exclusiva como esta ao Cristianismo. Dentro de seus limites nós incluímos não somente a Europa Ocidental, mas também a Rússia, os Estados dos Balcãs,[16] os Armênios, e até mesmo o império de Menelik na Abissínia.[17] Portanto, é justo que do mesmo modo deveríamos incluir no aprisco calvinista

---

[15] (**NE**) *Geuzen* (plural) ou *Geus* (sing.), no holandês e *Beggars*, em inglês. Representa a utilização, na Holanda, do termo francês *gueux*, que significava ***pedinte*** ou ***malandro***, isso em função dos holandeses que se revoltaram contra o rei Felipe II, da Espanha, representando, depois da revolta, grande quantidade de pessoas mal-vestidas e mutiladas. Muitos foram alvo de perseguição pela Inquisição e chegavam, na Holanda, sem partes do nariz ou da orelha, arrancadas por seus perseguidores. Grande parte fugiu pelo mar e nem todos eram protestantes piedosos. O apelido, que inicialmente era pejorativo, foi adotado, posteriormente pelo resto da população calvinista protestante holandesa, atribuindo-lhe honraria. Intrinsecamente o termo é carregado de conotações históricas e possui uma certa distinção com as designações: *Puritanos* ou *Peregrinos.*

[16] (**NE**) *Balcãs ou Países balcânicos*: Países da região do sudeste da Europa , delimitada pela Península Balcã, que contém os montes Balcãs. Compreende, entre outros países, a Grécia, a parte européia da Turquia, a Bulgária, a Croácia, a Sérvia e a Albânia. Na ocasião em que Kuyper pronunciou essas palavras, a região se encontrava parcialmente sob o poder do Império Otomano (turcos).

[17] (**NE**) *Menelik II*: Imperador da Etiópia (1844-1913), antiga Abissínia, responsável pela unificação daquele país. Fortaleceu a influência da igreja Coptica (antigo ramo africano da igreja cristã) e entre as reformas sociais promovidas destaca-se a abolição da escravidão.

também aquelas Igrejas que tem mais ou menos divergido de sua forma mais pura. Em seus 39 Artigos, a Igreja da Inglaterra é estritamente calvinista, ainda que, em sua hierarquia e liturgia tenha abandonado os caminhos retos, e tenha encontrado as sérias conseqüências deste desvio em puseísmo[18] e ritualismo. A Confissão dos Independentes[19] era igualmente calvinista, apesar que em sua concepção sobre a Igreja a estrutura orgânica foi enfraquecida pelo individualismo. E, se sob a liderança de Wesley, muitos Metodistas tornaram-se opostos à interpretação teológica do Calvinismo, não obstante, é o espírito do Calvinismo em si que criou esta reação espiritual contra a petrificante vida da Igreja de seus dias. Em um certo sentido, portanto, pode ser dito que todo campo que foi coberto pela Reforma, até onde ele não era luterano nem sociniano, foi, a princípio, dominado pelo Calvinismo. Até mesmo os Batistas aplicaram-se em abrigar-se nas tendas dos calvinistas. É o caráter livre do Calvinismo que explica o aumento destes vários tons e diferenças, e das reações contra seus excessos.

Uniformidade e Diversidade

Por sua hierarquia, o Romanismo é e permanece uniforme. O Luteranismo deve sua semelhante unidade e uniformidade à ascendência do príncipe, cuja relação com a Igreja é aquela de *"summus episcopus"*[20] para sua "*ecclesia docens*" [21]. O Calvinismo, por outro lado, que não sanciona nenhuma hierarquia eclesiástica nem interferência magistral, não poderia desenvolver-se exceto em muitas e variadas formas e derivações, certamente incorrendo assim no perigo de degeneração, provocando a sua volta todo tipo de reações unilaterais. Com o livre desenvolvimento da vida, tal como era pretendido pelo Calvinismo, não poderia deixar de aparecer distinção entre um *centro*, com sua plenitude e

---

[18] (**NE**) *Puseísmo ou Puseyismo*: Idéias e doutrinas do teólogo da Igreja Anglicana, Edward Bouverie Pusey (1800-1882), da Universidade de Oxford, expostas em vários panfletos publicados, nos quais ele, paradoxalmente, se contrapunha ao liberalismo mas advocava sucessão apostólica e, posteriormente, a reunificação à Igreja Católica. Na Igreja Anglicana instituiu irmandades, a confissão auricular e um reavivamento do ritualismo. Escreveu também vários comentários bíblicos.

[19] (**NE**) *Independentes*: Congregacionais Puritanos, da Inglaterra, que haviam sido formuladores e eram igualmente subscritores, juntamente com os Presbiterianos, à Confissão de Fé de Westminster, um dos documentos calvinistas mais importantes do século 17.

[20] (**NE**) *Summus Episcopus*: Bispo maior. Governante não só do país, mas autoridade maior sobre a igreja.

pureza de vitalidade e força, e a ampla *circunferência* com seus declínios ameaçadores. Mas nesse próprio conflito entre um *centro* mais puro e uma *circunferência* menos pura, o constante trabalho de seu espírito foi garantido pelo Calvinismo.

Raízes e Visões do Calvinismo

Assim entendido, o Calvinismo está enraizado em uma forma de religião que era peculiarmente própria, e desta consciência religiosa específica desenvolveu-se primeiro uma Teologia peculiar, depois uma ordem eclesiástica especial, e então uma certa forma de vida política e social, para a interpretação da ordem moral do mundo, para a relação entre a natureza e a graça, entre o Cristianismo e o mundo, entre a Igreja e o Estado, e finalmente para a Arte e a Ciência; e em meio a todas estas expressões de vida ele continuou sempre o mesmo Calvinismo, à medida que, simultânea e espontaneamente, todos estes desenvolvimentos nasceram de seu mais profundo princípio de vida.

Quatro Mundos de Pensamento

Por isso, nesta extensão, permanece alinhado com aqueles outros grandes *complexos* da vida humana, conhecidos como Paganismo, Islamismo e Romanismo, pelos quais nós distinguimos quatro mundos diferentes no único mundo coletivo da vida humana. E, falando claramente, vocês deveriam classificar o Cristianismo e não o Calvinismo com o Paganismo e o Islamismo, todavia é melhor colocar o Calvinismo alinhado com eles, porque o Calvinismo reivindica incorporar a idéia cristã mais pura e acurada do que poderia fazer o Romanismo e o Luteranismo.

A Peculiaridade do Calvinismo

No mundo grego da Rússia e nos Estados dos Balcãs o elemento nacional ainda é dominante, portanto, a fé cristã nestes países ainda não tem sido capaz de produzir uma forma de vida própria, da raiz de sua ortodoxia mística. Nos países Luteranos, a interferência do magistrado tem impedido a livre operação do princípio espiritual. Portanto, somente

---

[21] (**NE**) *Ecclesia Docens*: Igreja tutelada.

do Romanismo pode ser dito que tem incorporado seu pensamento de vida, num mundo de concepções e expressões inteiramente próprias dele. Mas ao lado do Romanismo, e em oposição a ele, surge o Calvinismo, não simplesmente para criar uma forma de Igreja diferente, mas uma forma inteiramente diferente para a vida humana, para suprir a sociedade humana com um método diferente de existência, e para povoar o mundo do coração humano com ideais e concepções diferentes.

A Abrangência e Desenvolvimento do Pensamento calvinista

Não deveria nos surpreender que isso não foi compreendido até nossos dias, e que agora é reconhecido pelos amigos e inimigos como conseqüência de um estudo melhor da História. Esse não teria sido o caso, se o Calvinismo tivesse introduzido a vida como um sistema bem construído, e tivesse se apresentado como resultado de um estudo. Mas sua origem aconteceu de um modo inteiramente diferente. Na ordem da existência, a vida vem primeiro. E para o Calvinismo a vida em si sempre foi o primeiro objeto de seu esforço. Também havia muito a fazer e sofrer para se dedicar muito tempo ao estudo. O que era dominante era a prática calvinista "na estaca" e no campo de batalha. Além disso, as nações entre as quais o Calvinismo prosperou – tais como a suíça, a holandesa, a inglesa e a escocesa – não eram por natureza muito predispostas filosoficamente. Especialmente naquele tempo, a vida entre essas nações era espontânea e destituída de estimativa; e apenas mais tarde o Calvinismo, em suas partes, torna-se um assunto de estudo especial pelo qual os historiadores e teólogos têm traçado a relação entre os fenômenos calvinistas e a unidade abrangente de seu princípio. Pode até mesmo ser dito que a necessidade de um estudo teórico e sistemático de um fenômeno de vida tão incisivo e compreensivo surge somente quando sua primeira vitalidade tem sido exaurida, e quando, por causa da própria manutenção no futuro, é compelido à maior precisão na descrição de suas linhas divisórias. E se a isto vocês adicionam o fato de que a pressão de refletir nossa existência como uma unidade no espelho de nossa consciência é muito mais forte em nossa época filosófica do que jamais foi antes, é prontamente visto que tanto as necessidades do presente como o cuidado pelo futuro, obriga-nos a um estudo mais

profundo do Calvinismo.

A Unidade Forçada dos Sistemas de Pensamento

Na Igreja Católica Romana todos sabem pelo que viver, porque com consciência clara gozam os frutos da unidade do sistema de vida de Roma. Mesmo no Islamismo você encontra o mesmo poder de uma convicção de vida dominada por um princípio. Somente o Protestantismo vagueia por ai no deserto, sem objetivo ou direção, movendo-se daqui para lá, sem fazer qualquer progresso. Isso explica o fato de o Panteísmo nascido da nova Filosofia alemã e devendo sua forma concreta de evolução a Darwin, reivindicar entre as nações Protestantes mais e mais para si a supremacia em cada esfera da vida humana, mesmo no da Teologia, e sob todo tipo de nomes tenta derrubar nossas tradições cristãs, e até mesmo está inclinado a trocar a herança de nossos pais por um Budismo moderno inútil.

Os Pensamentos da Revolução Francesa

Os principais pensamentos que têm seu nascimento na Revolução Francesa, no final do século dezoito, e na Filosofia alemã no curso do século dezenove, formam juntos um sistema de vida que é diametralmente oposto àquele de nossos pais. Suas lutas foram por causa da glória de Deus e de um Cristianismo purificado; o movimento atual faz guerra por causa da glória do homem, sendo inspirado não pela mente humilde do Gólgota, mas pelo orgulho do culto a heróis.

Como Reagimos aos Ataques?

E por que nós, cristãos, estamos tão fracos, diante deste Modernismo? Por que constantemente perdemos terreno? Simplesmente porque estamos destituídos de uma igual unidade de concepção da vida, somente isto poderia habilitar-nos com irresistível energia para repelir o inimigo na fronteira. Esta unidade de concepção da vida, contudo, nunca será encontrada num conceito vago do Protestantismo, envolvido em todo tipo de caminhos tortuosos; todavia, vocês o encontram naquele poderoso processo histórico, o qual o Calvinismo cavou seu próprio canal para o poderoso curso de sua vida. Apenas por essa unidade de concepção

como dada no Calvinismo, vocês na América e nós na Europa, poderíamos ser capazes, uma vez mais, de tomar nossa posição ao lado do Romanismo, em oposição ao Panteísmo moderno. Sem essa unidade de ponto de partida e sistema de vida devemos perder o poder para manter nossa posição independente, e nossa força para resistir deve declinar.

Examinando os Sistemas de Pensamento

O supremo interesse aqui em jogo, contudo, proíbe-nos de aceitar, sem prova mais positiva, o fato que o Calvinismo realmente nos provê uma unidade de sistema de vida como esta, e exigimos provas da afirmação de que ele não é um fenômeno parcial, nem foi um fenômeno simplesmente temporário, mas é um sistema de princípios abrangente, que, enraizado no passado, é capaz de fortalecer-nos no presente e de encher-nos com confiança para o futuro. Portanto, primeiro devemos perguntar quais são as *condições* requeridas para sistemas gerais de vida, tais como o Paganismo, o Islamismo, o Romanismo e o Modernismo, e então mostrar que o Calvinismo realmente preenche essas condições.

Essas condições exigem, em primeiro lugar, que a partir de um princípio especial seja obtido um discernimento peculiar nas três relações fundamentais de toda vida humana: a saber, (1) nossa relação com *Deus*, (2) nossa relação com o *homem*, e (3) nossa relação com o *mundo*.

A Primeira Condição – Nossa Relação com Deus

Portanto, a primeira reivindicação exige que um sistema de vida como esse encontre seu ponto de partida em uma interpretação especial de nossa relação com Deus. Isto não é secundário, mas imperativo. Se uma ação como essa está para colocar sua marca sobre toda nossa vida, ela deve partir daquele ponto em nossa consciência no qual nossa vida ainda não está dividida e encontra-se compreendida em sua unidade, - não nas vinhas que se espalham, mas na raiz da qual as vinhas nascem.

Certamente, esse ponto encontra-se na antítese entre tudo que é finito em nossa vida humana e o infinito que encontra-se além dela. Somente aqui encontramos a fonte comum da qual os diferentes cursos de nossa vida humana nascem e separam-se. Pessoalmente, é nossa repetida experiência que nas profundezas de nossos corações, no ponto onde nos mostramos a nós mesmos ao Único Eterno, todos os raios de nossa vida convergem como em um foco, e somente ali recobramos esta harmonia que nós tão freqüente e penosamente perdemos no *stress* do dever diário. Na oração encontramos não somente nossa unidade com Deus, mas também a unidade de nossa vida pessoal. Os movimentos na História, portanto, que não nascem dessa fonte mais profunda são sempre parciais e temporários, e apenas aqueles atos históricos que originaram-se dessas profundezas mais baixas da existência pessoal do homem abraçam toda a vida e possuem a permanência requerida.

O Paganismo – Vê Deus na Criatura

Esse foi o caso com o *Paganismo*, que em sua forma mais geral é conhecido pelo fato que supõe, assume e adora a Deus *na criatura*. Isto aplica-se ao mais baixo Animismo, bem como ao mais alto Budismo. O Paganismo não eleva para a concepção da existência independente de Deus, além e acima da criatura. Mas, mesmo nessa forma imperfeita, ele tem como seu ponto de partida uma interpretação precisa da relação do infinito com o finito, e a isso ele deve seu poder de produzir uma forma acabada para a sociedade humana. Simplesmente porque ele possuía esse ponto de partida significativo, foi capaz de produzir uma forma para toda a vida humana própria dele.

O Islamismo – Separa Deus da Criatura

É o mesmo com o *Islamismo*, que é caracterizado por seu ideal puramente antipagão, interrompendo todo contato entre a criatura e Deus. Maomé e o Alcorão são os nomes históricos, mas em sua natureza o Crescente (quarto-crescente) é a única antítese absoluta ao Paganismo. O Islamismo *isola Deus da criatura,* a fim de evitar toda mistura com a criatura. Como *antípoda,*[22] o Islamismo era possuído de uma tendência

[22] NT – Antípoda isto é, o contrário, o oposto.

igualmente extensa, e foi também capaz de gerar um mundo inteiramente peculiar de vida humana.

O Catolicismo – Coloca a Igreja Entre Deus e a Criatura

O mesmo ocorre com o *Romanismo*. Aqui também a tiara papal[23], a hierarquia, a missa, etc., são apenas o resultado de um pensamento fundamental: a saber, que Deus entra em comunhão com a criatura *por intermédio de um meio de ligação místico*, que é a Igreja; - não tomada como organismo místico, mas como instituição visível, palpável e tangível. Aqui a Igreja se posiciona *entre* Deus e o mundo, e até onde foi capaz de adotar o mundo e inspirá-lo, o Romanismo criou sua própria forma para a sociedade humana.

O Calvinismo – Deus de Comunica com a Criatura

Paralelamente e em contraposição a estes três, o Calvinismo toma sua posição com um pensamento fundamental que é igualmente profundo. Ele não procura Deus *na* criação, como o Paganismo; não *isola* Deus *da* criatura, como o Islamismo; não postula *comunhão intermediária* entre Deus e a criatura, como faz o Romanismo; mas proclama o pensamento glorioso que, embora permanecendo em alta majestade acima da criatura, Deus entra *em comunhão imediata com a criatura*, como Deus o Espírito Santo. Este é o próprio coração e âmago da confissão calvinista da predestinação. Há comunhão com Deus, mas somente em total acordo com seu conselho de paz desde toda eternidade. Assim, não há graça senão esta que vem a nós imediatamente de Deus. Em cada momento de nossa existência, toda nossa vida espiritual repousa no próprio Deus. O "Soli Deo Gloria"[24] não era o ponto de partida - mas o resultado, e a predestinação foi inexoravelmente mantida, não por causa da separação do homem do homem, nem no interesse do orgulho pessoal, mas a fim de garantir de eternidade a eternidade, para o nosso eu interior, uma comunhão direta e imediata com o Deus Vivo. Portanto, a oposição contra Roma pretendia

---

[23] Originariamente uma touca persa. A tiara do papado denota seu tríplice poder: temporal, espiritual e purgatorial.

[24] NT – Expressão em latim que significa: *"Glória somente a Deus"*.

com o Calvinismo, antes de mais nada, a rejeição de uma Igreja que colocou a si mesma entre a alma e Deus. A Igreja não consistia em um escritório, nem em um instituto independente, os próprios crentes eram a Igreja, porque pela fé permaneciam em contato com o Poderoso. Assim, como no Paganismo, no Islamismo e no Romanismo, assim também no Calvinismo é encontrada esta interpretação própria e precisa da relação fundamental do homem com Deus, que é requerida como a primeira condição de um sistema de vida real.

Duas Possíveis Objeções

Primeira Objeção – Calvinismo não está Sendo Apresentado como Protestantismo?

Entretanto, antecipo duas objeções. Em primeiro lugar, pode ser perguntado se eu não reivindico para o Calvinismo a honra que pertence ao Protestantismo em geral. A isto respondo com uma negativa. Quando reivindico para o Calvinismo a honra de ter restabelecido a comunhão direta com Deus, não desprezo o significado geral do Protestantismo. No domínio Protestante, tomado no sentido histórico, apenas o Luteranismo mantém-se ao lado do Calvinismo. Não quero ficar devendo nada a ninguém em meus elogios à iniciativa heróica de Lutero. Em seu coração, tanto mais que no de Calvino, foi combatido o amargo conflito que levou à ruptura mundial histórica. Lutero pode ser interpretado sem Calvino, mas Calvino não pode sem Lutero. Em grande parte Calvino inicia a colheita do que o herói de Wittenberg tinha semeado na Alemanha e fora dela. Mas quando a questão proposta é - quem tinha o discernimento mais claro do princípio reformador, trabalhado mais plenamente, e o aplicou mais amplamente, a História aponta para o Pensador de Genebra e não para o Herói de Wittenberg. Lutero, bem como Calvino, lutou pela comunhão direta com Deus, mas Lutero a tomou por seu lado subjetivo, antropológico, e não por seu lado objetivo, cosmológico como fez Calvino. O ponto de partida de Lutero foi o princípio soteriológico-especial de uma justificação pela fé; enquanto que o de Calvino, estendendo para mais longe, o coloca no princípio cosmológico geral da soberania de Deus. Como conseqüência natural disso, Lutero também continuou a considerar a Igreja como o “mestre” representante e autoritário, continuando entre Deus e o crente, enquanto Calvino foi o primeiro a procurar a Igreja *nos*

próprios crentes. Até onde foi capaz, Lutero ainda apoiou-se sobre o conceito romanista dos sacramentos da liturgia, enquanto Calvino foi o primeiro, em ambos, a traçar uma ligação que estendeu-se imediatamente de Deus ao homem e do homem a Deus. Além disso, em todos os países Luteranos, a Reforma teve sua origem nos príncipes e não no povo , e assim passou sob o poder do magistrado, que tomou oficialmente sua posição na Igreja como seu mais alto Bispo, e portanto foi incapaz de mudar quer a vida social, quer a vida política de acordo com seu princípio. O Luteranismo restringiu-se a um caráter exclusivamente eclesiástico e teológico, enquanto que o Calvinismo coloca sua marca na Igreja e fora dela, sobre cada departamento da vida humana. Por isso, em lugar algum o Luteranismo é citado como o criador de uma forma peculiar de vida; até mesmo o nome de "Luteranismo" quase nunca é mencionado; enquanto que os estudantes de História com crescente unanimidade reconhecem o Calvinismo como o criador de uma cosmovisão inteiramente própria.

Segunda Objeção – A Visão de Deus é Mesmo Essencial?

A segunda objeção que temos é esta: Se é verdade que toda forma de desenvolvimento geral da vida deve encontrar seu ponto de partida em uma interpretação peculiar de nossa relação com Deus, - como então vocês explicam o fato que o *Modernismo* também tem conduzido a uma concepção geral como esta, não obstante ter ele nascido da Revolução Francesa, que por princípio rompeu com toda religião.

A questão responde a si mesma. Se vocês excluem de sua concepção todo ajuste de contas com o Deus Vivo, do modo como está implícito no grito, "Nenhum Deus, nenhum senhor", - vocês certamente trazem para frente uma interpretação claramente definida de nossa relação com Deus. Um governo, como vocês mesmos experimentaram ultimamente no caso da Espanha,[25] que chama de volta seus embaixadores e interrompe todo intercurso regular com outro poder, declara com isso que sua relação para com o governo daquele país é uma relação forçada que geralmente termina em guerra. Este é o caso

---

[25] (**NE**) *Caso da Espanha:* Kuyper está provavelmente se referindo ao estado de tensão, que existia desde 1895, provocado pelo domínio da Espanha sobre Cuba, que resultou na virtual declaração de Guerra entre os Estados Unidos e a Espanha, em 11 de abril de 1898, e na independência de Cuba. Note que é nesse ano que essas palestras estão sendo proferidas.

aqui. Os líderes da Revolução Francesa, não estando familiarizados com qualquer relação com Deus exceto aquela que existia através da mediação da Igreja romanista, aniquilaram toda relação com Deus, porque queriam aniquilar o poder da Igreja; e como conseqüência disto, declararam guerra contra todas as confissões religiosas. Mas isto, evidentemente, implicou de fato numa interpretação fundamental e especial de nossa relação com Deus. Era a declaração de que, doravante, Deus deveria ser considerado como um *poder hostil*, além disso, até mesmo como morto, se não ainda para o coração, ao menos para o Estado, para a sociedade e para a ciência.

Sem dúvida, ao passar das mãos francesas para as alemãs, o Modernismo não poderia ficar satisfeito com uma negação assim exposta; mas o resultado mostra como, a partir desse momento, ele se revestiu - quer do Panteísmo quer do Agnosticismo, e sob cada disfarce é mantida a exclusão de Deus da vida prática e teórica, e a inimizade contra o Deus Trino tem seu pleno desenvolvimento.

Assim, eu sustento que é a interpretação de nossa relação com Deus que domina todo sistema de vida em geral, e que para nós esta concepção é dada pelo Calvinismo, graças à sua interpretação fundamental de uma comunhão imediata de Deus com o homem e do homem com Deus. A isto, adiciono que o Calvinismo não inventou nem imaginou esta interpretação fundamental, mas que o próprio Deus a implantou no coração de seus heróis e de seus arautos. Nós não encaramos aqui o produto de um intelectualismo engenhoso, mas o fruto de uma obra de Deus no coração, ou, se vocês preferem, uma inspiração da História.

Este ponto deveria ser enfatizado! O Calvinismo nunca queimou seu incenso sobre o altar de gênios, não tem erguido monumento a seus heróis, ele raramente os chama pelo nome. Sobrevive apenas uma pedra num muro de Genebra para fazer alguém se lembrar de Calvino. Sua própria sepultura tem sido esquecida. É isto ingratidão? De modo algum. Mas se Calvino era apreciado, mesmo nos séculos 16 e 17, a impressão vívida era que Alguém maior do que Calvino, o próprio Deus, tinha feito *sua obra* aqui.

Portanto, nenhum movimento geral na vida é tão destituído de uma

aliança deliberada, nenhum não tão convencional naquilo que semeia, como este. O Calvinismo teve sua ascensão simultaneamente em todos os países da Europa Ocidental, e não apareceu entre essas nações porque a Universidade estava em sua vanguarda, ou porque eruditos conduziram o povo, ou porque um magistrado colocou-se à sua frente; mas nasceu do coração do próprio povo, com tecelões e fazendeiros, com negociantes e servos, com mulheres e jovens donzelas; e em cada caso exibiu a mesma característica: a saber, forte *segurança da salvação eterna*, não somente sem a intervenção da Igreja, mas até mesmo em oposição a ela. O coração humano tinha obtido paz eterna com seu Deus: fortaleceu-se por esta comunhão divina, descobriu sua alta e santa chamada para consagrar cada departamento da vida e toda energia à sua disposição para a glória de Deus: e por isso, quando homens e mulheres, que tinham se tornado participantes dessa vida divina, eram forçados a abandonar sua fé, provou-se impossível que pudessem negar seu Senhor; e milhares e dezenas de milhares foram queimados na estaca, não lamentando, mas exultando com ação de graças em seus corações e salmos em seus lábios.

Calvino não foi o autor disto, mas Deus, que através de seu Santo Espírito fez em Calvino o mesmo que ele tinha feito neles. Calvino não ficou acima deles, mas ao seu lado como um irmão, um participante com eles das bênçãos de Deus. Deste modo, o Calvinismo chegou à sua interpretação fundamental de uma comunhão imediata com Deus, não porque Calvino o inventou, mas porque através desta comunhão imediata o próprio Deus tinha concedido aos nossos pais um privilégio, do qual Calvino foi apenas o primeiro a tornar-se claramente consciente. Esta é a grande obra do Espírito Santo na História, pela qual o Calvinismo tem sido consagrado, e que interpreta para nós sua magnífica energia.

Há ocasiões na História quando o pulso da vida religiosa bate timidamente, mas há ocasiões quando a sua batida é forte - este foi o caso no século 16 entre as nações da Europa Ocidental. A questão da fé, naquele tempo, dominava toda atividade na vida pública. A nova história começa desta *fé*, do mesmo modo que a história de nossos dias começa da *incredulidade* da Revolução Francesa. Qual lei este movimento de ritmo vibrante de vida religiosa obedece, não podemos dizer, mas é

evidente que há tal lei, e que em tempos de alta tensão religiosa a ação interior do Espírito Santo sobre o coração é irresistível; e esta poderosa ação interior de Deus foi a experiência de nossos pais calvinistas, Puritanos e Peregrinos. Não ocorreu em todos os indivíduos no mesmo grau, pois em qualquer grande movimento isto nunca acontece; mas aqueles que formavam o centro da vida naqueles tempos, que eram os promotores daquela poderosa mudança, experimentaram a plenitude desse poder superior; e esses homens e mulheres de todas as classes da sociedade e de nacionalidade foram admitidos pelo próprio Deus à comunhão com a majestade de seu ser eterno. Graças a esta obra de Deus no coração, a convicção de que o todo da vida do homem deve ser vivido como *na presença divina* tem se tornado o pensamento fundamental do Calvinismo. Por esta idéia decisiva, ou melhor por este fato poderoso, ele tem se permitido ser controlado em cada departamento de seu domínio inteiro. É a partir deste pensamento-matriz que nasce o sistema de vida abrangente do Calvinismo.

A Segunda Condição – Nosso Relacionamento para com o Homem

Isto nos conduz à segunda condição, a qual, por causa da criação de um sistema de vida, cada movimento complexo tem de cumprir: a saber, uma interpretação fundamental própria no tocante *a relação do homem com o homem*. Como nos posicionamos para com Deus é a primeira, e como nos posicionamos para com o homem é a segunda questão principal que decide a tendência e a construção de nossa vida.

A Multiformidade da Raça Humana

Não há uniformidade entre os homens, mas multiformidade sem fim. Na própria criação tem sido estabelecidas diferenças entre a mulher e o homem. Dons e talentos físicos e espirituais são a causa de uma pessoa diferir da outra. Gerações passadas e nossa própria vida pessoal criam distinções. A posição social do rico e do pobre diferem completamente. Estas diferenças são, de um modo especial, *enfraquecidas ou acentuadas* por cada sistema de vida consistente, e o Paganismo e o Islamismo, o Romanismo bem como o Modernismo e

assim também o Calvinismo, têm tomado sua posição nesta questão de acordo com seu princípio primordial.

O Paganismo Acentua as Diferenças

Se, como o Paganismo afirma, Deus habita *na* criatura, uma superioridade divina é exibida em tudo quanto é elevado entre os homens. Desse modo ele obteve seus semideuses, culto a heróis, e finalmente seus sacrifícios sobre o altar do Divino César Augusto. Por outro lado, tudo quanto é inferior é considerado como mau e, portanto, dá origem ao sistema de castas na Índia e no Egito, e à escravidão por toda a parte, colocando com isso um homem sob uma base de sujeição a seu próximo.

O Islamismo e o Catolicismo Acentuam as Diferenças

Sob o Islamismo, que sonha com seu paraíso de *houries*,[26] a sensualidade usurpa a autoridade pública, e a mulher é a escrava do homem, o mesmo ocorre com o kafir[27] que é o escravo dos muçulmanos. O Romanismo, tendo raiz em solo cristão, domina o caráter absoluto da distinção e o devolve relativo, a fim de interpretar toda relação do homem com o homem *hierarquicamente*. Há uma hierarquia entre os anjos de Deus, uma hierarquia na Igreja de Deus, e assim também uma hierarquia entre os homens, conduzindo a uma interpretação inteiramente aristocrática da vida como a encarnação do ideal.

O Modernismo Procura Eliminar todas as Diferenças

Finalmente, o Modernismo, que nega e abole toda diferença, não pode descansar até ter produzido mulher-homem e homem-mulher, e, colocando toda distinção em um nível comum, destrói a vida por colocá-la sob a maldição da uniformidade. Um tipo deve responder por todos, uma uniformidade, uma posição e um mesmo desenvolvimento da vida; e tudo quanto vai além e acima disto é considerado como um insulto à consciência comum.

---

[26] De uma palavra persa que significa “olhos negros”. NT – Huri significa “Moça que, segundo Maomé, espera no céu, os crentes da sua religião; odalisca.”

[27] (**NE**) *Kafir, escravo do muçulmano:* Na língua árabe, *kafir* significa descrente. Seria o equivalente ao *gentio*, para os judeus. Os muçulmanos podiam tomar descrentes como escravos.

A Interpretação Peculiar do Calvinismo

Do mesmo modo o Calvinismo tem derivado de *sua* relação fundamental com Deus uma interpretação peculiar da relação do homem com o homem, e esta é a única relação verdadeira que desde o século 16 tem dignificado a vida social. Se o Calvinismo coloca toda nossa vida humana imediatamente diante de Deus, então segue-se que todos os homens ou mulheres, rico ou pobre, fraco ou forte, obtuso ou talentoso, como criaturas de Deus e como pecadores perdidos, não têm de reivindicar qualquer domínio sobre o outro, e que permanecemos como iguais diante de Deus, e conseqüentemente iguais como seres humanos. Por isso, não podemos reconhecer qualquer distinção entre os homens, exceto a que tem sido imposta pelo próprio Deus, visto que ele deu a um autoridade sobre o outro, ou enriquece um com mais talentos do que o outro, para que o homem de mais talentos sirva o homem de menos, e nele sirva a seu Deus.

O Calvinismo Condena as Desigualdades Impostas e Dignifica a Pessoa

Por isso, o Calvinismo condena não simplesmente toda escravidão aberta ou sistema de castas, mas também toda escravidão dissimulada da mulher e do pobre; opõe-se a toda hierarquia entre os homens; não tolera a aristocracia, exceto a que é capaz, quer na pessoa ou na família, pela graça de Deus, de exibir superioridade de caráter ou talento, de mostrar que não reivindica esta superioridade para auto-engrandecimento ou orgulho ambicioso, mas para gastá-lo no serviço de Deus. Assim, o Calvinismo foi obrigado a encontrar sua expressão na interpretação democrática da vida; a proclamar a liberdade das nações; e a não descansar até que, tanto política como socialmente, cada homem, simplesmente porque é homem, seja reconhecido, respeitado e tratado como uma criatura criada à semelhança de Deus.

O Calvinismo Operou Transformações Sociais

Isto não resultou de inveja. Não era o homem de estado inferior

que reduziu seu superior a seu nível, a fim de usurpar o lugar superior, mas sim todos os homens ajoelhando-se em aliança aos pés do Santo de Israel. Isto explica o fato de que o Calvinismo não fez uma súbita ruptura com o passado. Assim, como em seu estágio primitivo, o Cristianismo não aboliu a escravidão, mas o minou por um julgamento moral, desta forma o Calvinismo permitiu a continuação provisória das condições de hierarquia e aristocracia como tradições pertencentes à Idade Média. Não fez a acusação contra Guilherme de Orange de que ele era um príncipe de linhagem real; isto pelo contrário, o fez ser mais honrado. Mas, internamente, o Calvinismo tem modificado a estrutura da sociedade, não pela inveja de classes, nem por um apreço indevido pela possessão do rico, mas por uma interpretação mais séria da vida. Através de um melhor trabalho e um desenvolvimento superior do caráter das classes média e trabalhadora têm levado ao ciúmes a nobreza e os cidadãos mais ricos. Olhar primeiro para Deus, e então para a pessoa do próximo era o impulso, o pensamento e o costume espiritual ao qual o Calvinismo deu entrada. E deste santo temor de Deus e desta posição unida diante da sua face, uma idéia democrática mais santa tem se desenvolvido, e tem continuamente ganho terreno. Esta conclusão tem sido produzida, acima de tudo, pelo companheirismo no sofrimento. Quando, embora leal à fé romanista, os duques de Egmont e de Hoorn[28] subiram o mesmo cadafalso sobre o qual, por causa de uma fé mais nobre, o trabalhador e o tecelão tinham sido executados, a reconciliação entre as classes recebeu sua sanção naquela morte amarga. Por sua perseguição sanguinária, Alva a Aristocrata, promoveu o desenvolvimento próspero do espírito de democracia. Ter colocado o homem em uma posição de igualdade com o homem, é a glória imortal que pertence incontestavelmente ao Calvinismo. A diferença entre ele e o sonho selvagem de igualdade da Revolução Francesa é que, enquanto em Paris foi uma ação de comum acordo *contra* Deus, aqui, todos, rico e pobre, estavam sobre seus joelhos *diante* de Deus, consumidos com um zelo

---

[28] (**NE**) *Duques de Egmont e Hoorn:* Kuyper está se referindo à execução sofrida pelos dois nobres holandeses, que haviam participado de uma das muitas insurreições contra o domínio espanhol, ocorrida em 5 de junho de 1598. Muitas vidas foram ceifadas, de nobres e do “povo comum” na campanha impiedosa desencadeada pelo duque de Alba, atendendo ao comissionamento do rei Felipe II, da Espanha. A Holanda somente ganhou a sua plena independência após muitas lutas, e vários armistícios, em 1648.

comum pela glória de seu nome.

A Terceira Condição – Nosso Relacionamento com o Mundo

A terceira relação fundamental que decide a interpretação da vida é a relação que vocês mantêm *com o mundo*. Como declarado previamente, há três elementos principais com os quais vocês obtém contato: a saber, Deus, homem e o mundo. A relação com Deus e com o homem na qual o Calvinismo coloca vocês foi assim revista, a terceira e última relação fundamental é esta: a saber, sua atitude *para com o mundo*.

A Visão do Mundo do Paganismo e do Islamismo

Do Paganismo pode geralmente ser dito, que ele coloca uma estimativa *muito alta* do mundo e, por isso, em alguma extensão, ele tanto permanece com medo dele, como perde-se nele. Por outro lado, o Islamismo coloca uma estimativa *muito baixa* do mundo, zomba dele e triunfa sobre ele ao alcançar o mundo visionário de um paraíso sensual. Para o propósito em vista, contudo, não precisamos dizer qualquer coisa a mais deles, visto que tanto para o cristão da Europa como da América a antítese entre o homem e o mundo tem assumido a forma mais estreita da antítese entre o mundo e os círculos cristãos. As tradições da Idade Média deram origem a isto. Sob a hierarquia de Roma, a Igreja e o Mundo foram colocados em oposição um ao outro, o primeiro como sendo santificado e o outro como estando ainda sob a maldição. Tudo fora da Igreja estava sob a influência de demônios, e o exorcismo expulsava este poder demoníaco de tudo que estivesse sob a proteção, influência e inspiração da Igreja.

A Igreja Tentando Reger o Mundo

Portanto, em um país cristão toda a vida social deveria estar coberta pelas asas da Igreja. O magistrado tinha de ser ungido e confessionalmente sujeitado; a arte e a ciência tinham de ser colocadas sob o estímulo e a censura eclesiástica; os negócios e o comércio tinham

de estar sujeitos à Igreja pelo rigor das guildas;[29] e desde o berço até a sepultura, a vida familiar deveria ser colocada sob a tutela eclesiástica. Isto representou um gigantesco esforço para reivindicar o mundo todo para Cristo, mas algo que necessariamente trouxe consigo o mais severo julgamento sobre cada tendência de vida que, quer como herética, quer como demoníaca, se retirava da bênção da Igreja. Por isso, a estaca era igualmente apropriada para o bruxo e para o herege, pois, a princípio, ambos estavam sob a mesma maldição. E esta teoria enfraquecedora foi posta em prática com lógica férrea, não por crueldade, nem por alguma ambição inferior, mas por um propósito elevado de salvar o mundo cristianizado, isto é, o mundo sob as asas da Igreja. Fugir do mundo era o contrapeso nas ordens monásticas e em parte até mesmo nas ordens clericais, que enfatizavam santidade no centro da Igreja, a fim de fechar os olhos mais facilmente para os excessos mundanos fora do centro. Como resultado natural, o mundo corrompeu a Igreja, e por seu domínio sobre o mundo, a Igreja proveu um obstáculo a todo desenvolvimento livre de sua vida.

O Calvinismo Reconhece Deus no Mundo

Surgindo num estado social dualista, o Calvinismo tem realizado mudança completa no mundo dos pensamentos e concepções. Nisto também, colocando-se perante a face de Deus, tem honrado não apenas o *homem* por causa de sua semelhança à imagem divina, mas também o *mundo* como uma criação divina, e ao mesmo tempo tem dado proeminência ao grande princípio de que há uma *graça particular* que opera a salvação, e também uma *graça comum* pela qual Deus, mantendo a vida do mundo suaviza a maldição que repousa sobre ele, suspende seu processo de corrupção, e assim permite o desenvolvimento de nossa vida sem obstáculos, na qual glorifica-se como Criador.[30]

A Recuperação do Papel da Igreja

Deste modo a Igreja retrocedeu a fim de ser nada mais nada menos que a congregação de crentes, e em cada departamento a vida do

---

[29] **(NE)** Corporações, sindicatos
[30] Cf. p. 134 e seguintes.

mundo não foi emancipada de Deus, mas do domínio da Igreja. Assim, a vida doméstica recobrou sua independência, os negócios e o comércio atualizaram suas forças em liberdade, a arte e a ciência foram libertas de todo vínculo eclesiástico e restauradas à sua própria inspiração, e o homem começou a entender a sujeição de toda natureza, com suas forças e tesouros ocultos, a ele mesmo como um santo dever, imposto sobre ela pela ordenança original do Paraíso: “Tenha domínio sobre eles”. Doravante, a maldição não deveria mais repousar sobre o *mundo* em si, mas sobre aquilo que é *pecaminoso* nele, e em vez de vôo monástico *do* mundo o dever de servir a Deus *no* mundo, em cada posição na vida, é agora enfatizado. Louvar a Deus na Igreja e servi-lo no mundo tornou-se o impulso inspirador; na Igreja, deveria ser reunida força para resistir a tentação e ao pecado no mundo. Deste modo, a sobriedade puritana veio de mãos dadas com a reconquista da vida toda do mundo, e o Calvinismo deu o impulso para este novo desenvolvimento que ousou encarar o mundo com o pensamento Romano: *nil humanum a me alienum puto*[31], embora nunca permitiu-se ser intoxicado por sua taça venenosa.

O Erro dos Anabatistas

O Calvinismo apresenta-se como auxílio audacioso, especialmente em sua antítese ao Anabatismo.[32] Pois o Anabatismo adotou o método oposto, e em seu esforço de evitar o mundo, confirmou o ponto de partida monástico, generalizando e fazendo-o uma regra para *todos* os crentes. Não foi do princípio calvinista, mas deste princípio anabatista, que o Acosmismo[33] teve sua ascensão entre tantos protestantes na Europa Ocidental. De fato, o Anabatismo adotou a teoria romanista, com a seguinte diferença: colocou o reino de Deus no lugar da Igreja, e abandonou a distinção entre os dois padrões morais, um para o clero e outro para o laicato. Pois o suporte para o ponto de vista Anabatista era:

---

[31] NT – Expressão em Latim de lema humanista: *Nada que seja humano deixa de ser importante para mim.*

[32] (**NE**) *Anabatismo:* movimento dissidente da Reforma, que surgiu na Suíça (1523) e no sul da Alemanha, contra o Luteranismo, rejeitando, principalmente, a autoridade do Estado sobre a Igreja, o batismo de crianças e outras doutrinas luteranas. São considerados os precursores dos Batistas e dos Menonitas, mas a revolta foi mais política do que doutrinária e no final teve incidentes de anarquia administrativa e eclesiástica e muito derramamento de sangue.

[33] (**NE**) *Acosmismo:* Tecnicamente, significa a crença que nega a existência de um universo com existência distinta de Deus. Na prática, possivelmente o sentido empregado por Kuyper, representa a negação de qualquer legitimidade às atividades humanas, fora da cobertura da igreja.

(1) que o mundo não batizado estava sob a maldição, razão pela qual ele se afastava de toda instituição civil; e (2) que o círculo dos crentes batizados – com a Igreja de Roma, mas com ele o reino de Deus – estava na obrigação de limitar-se a tomar toda lei civil sob sua tutela e a remodelá-la; e assim, João de Leiden estabeleceu violentamente seu poder cínico em Munster como Rei da *Nova Sião*[34], e seus devotos correram nús pelas ruas de Amsterdam. Portanto, nas mesmas bases sobre as quais o Calvinismo rejeitou a teoria de Roma a respeito do mundo, ele rejeitou a teoria do Anabatista, e proclamou que a Igreja deve retirar-se novamente para dentro de seu domínio espiritual, e que no mundo nós deveríamos realizar as potências da graça comum de Deus.

Resumo dos Três Primeiros Relacionamentos

Assim, é demonstrado que o Calvinismo tem um ponto de partida claramente definido para as três relações fundamentais de toda existência humana próprio: a saber, nossa relação com *Deus*, com o *homem* e com o *mundo*. Para nossa relação com Deus: uma comunhão imediata do homem com o Eterno, independentemente do sacerdote ou igreja. Para a relação do homem com o *homem*: o reconhecimento do valor humano em cada pessoa, que é seu em virtude de sua criação conforme a semelhança de Deus, e portanto da igualdade de todos os homens diante de Deus e de seu magistrado. E para nossa relação com o *mundo*: o reconhecimento que no mundo inteiro a maldição é restringida pela graça, que a vida do mundo deve ser honrada em sua independência, e que devemos, em cada campo, descobrir os tesouros e desenvolver as potências ocultas por Deus na natureza e na vida humana. Isto justifica plenamente nossa declaração de que o Calvinismo deve responder as três condições acima mencionadas, e assim está incontestavelmente autorizado a tomar sua posição ao lado do Paganismo, Islamismo, Romanismo e Modernismo, e a reivindicar para si a glória de possuir um princípio bem definido e um sistema de vida abrangente.

---

[34] (**NE**) *João de Leiden:* Jan Beukelszoon (1509-1536), líder anabatista que invadiu e conquistou Münster. Ali, foi coroado "Rei", executou seus opositores e instituiu uma comunidade de bens e a

O Calvinismo se Apoia em Mais do que Já Apresentamos

Mas isto ainda não é tudo. O fato que num dado círculo o Calvinismo tem concebido uma interpretação da vida completamente própria, justifica sua reivindicação para afirmar-se como estrutura independente, da qual tanto no campo espiritual quanto no secular originou-se um sistema especial para a vida doméstica e social. Mas isto ainda não o credita com a honra de ter levado a humanidade, como tal, a um estágio superior em seu desenvolvimento. E, portanto, este sistema de vida não tem, até onde o temos considerado, atingido aquela posição única que poderia dar-lhe o direito de reivindicar para si a energia e devoção de nossos corações.

Civilizações que se Fecharam em um Círculo Próprio

Na China, pode ser afirmado com igual razão, que o Confucionismo tem produzido uma forma para a vida em um dado círculo próprio. E com a raça Mongol, esta forma de vida repousa sobre uma teoria própria. Mas, o que a China tem feito pela humanidade em geral e para o contínuo desenvolvimento de nossa raça? Até mesmo onde as águas de suas vidas foram claras, elas nada formaram exceto um lago isolado. A mesma observação aplica-se ao alto desenvolvimento que certa vez foi o motivo de orgulho da Índia, e ao estado de coisas no México e Peru nos dias de Montezuma e dos Íncas. Nestas regiões, o povo alcançou um alto grau de desenvolvimento, mas parou ali, e permanecendo isolado, não proveu nenhum benefício para a humanidade em geral. Isto aplica-se, mais fortemente ainda, à vida da raça negra na costa e no interior da África – a forma mais baixa de existência, não lembrando-nos nem mesmo de um lago, mas de uma poça d’água e de um brejo.

O Curso do Progresso da Civilização

Há, porém, um rio mundial, amplo e fresco, que desde o começo trouxe a promessa do futuro. Este rio tem sua origem na Ásia Média e no Levante e tem continuado firme em seu curso do Oriente para o Ocidente. Da Europa Ocidental, passou para seus Estados do Leste, e dali para a

---

poligamia. Deixou um legado lamentável na reputação dos anabatistas.

Califórnia. As fontes desse rio de desenvolvimento são encontradas na Babilônia e no vale do Nilo. Dali, seguiu para a Grécia. Da Grécia passou para o Império Romano. Das nações românicas, continuou seu caminho para as partes Noroeste da Europa, e da Holanda e Inglaterra ele alcançou finalmente seu continente. No presente, esse rio está em um remanso. Seu curso Ocidental através da China e Japão está impedido. Por enquanto, ninguém pode falar quais forças para o futuro podem ainda permanecer dormindo nas raças eslavas que têm até agora muita necessidade de progresso. Mas, enquanto esse segredo do futuro ainda está oculto em mistério, o curso do Oriente para o Ocidente desse rio mundial não pode ser negado por ninguém.

E, portanto, estou justificado em dizer que o Paganismo, o Islamismo e o Romanismo são três formações sucessivas que esse desenvolvimento tinha alcançado, quando sua direção suplementar passou para as mãos do Calvinismo; e a este Calvinismo, por sua vez, é agora negada esta influência liderada pelo Modernismo, o filho da Revolução Francesa.

O Desenvolvimento Orgânico dos Sistemas

A sucessão destas quatro fases de desenvolvimento não ocorreu mecanicamente, com divisões e partes claramente esboçadas. Este desenvolvimento da vida é orgânico e, portanto, cada novo período enraíza-se no passado. Em sua lógica mais profunda o Calvinismo já havia sido apreendido por Agostinho; muito tempo antes de Agostinho, tinha sido proclamado à Cidade das sete colinas pelo Apóstolo em sua Epístola aos romanos; e de Paulo remonta a Israel e seus profetas, sim às tendas dos patriarcas. O Romanismo, igualmente, não apareceu subitamente, mas é o produto de três potências combinadas: do sacerdócio de Israel, da cruz do Calvário e da organização mundial do Império Romano. O Islamismo do mesmo modo, une-se ao Monismo de Israel, ao Profeta de Nazaré e à tradição dos Koraishitas. E até mesmo o Paganismo da Babilônia e Egito por um lado, e da Grécia e Roma por outro, permanecem organicamente relacionados àquele encontrado antes destas nações, precedendo a prosperidade de suas vidas.

O Deslocamento do Desenvolvimento Humano

Mas, mesmo assim, é tão claro como o dia que a força suprema no desenvolvimento central da raça humana moveu-se para frente, sucessivamente da Babilônia e Egito para a Grécia e Roma, então para as principais regiões do domínio papal, e finalmente para as nações calvinistas da Europa Ocidental. Se Israel prosperou nos dias da Babilônia e Egito, apesar de seu alto padrão, a direção e desenvolvimento de nossa raça humana não estava nas mãos dos filhos de Abraão, mas nas dos filhos dos Belsazares e dos filhos dos Faraós.

Novamente, essa liderança não passou da Babilônia e Egito para Israel, mas para a Grécia e Roma. Embora o rio do Cristianismo tivesse subido muito, quando o Islamismo surgiu, nos séculos oitavo e nono os seguidores de Maomé foram os mestres e com *eles* repousou o comando do mundo. E, embora a hegemonia do Romanismo ainda mantida por si mesma, por um curto espaço de tempo depois da paz de Munster,[35] ninguém questiona o fato de que o desenvolvimento superior, que estamos agora gozando, não devemos nem a Espanha nem a Áustria, nem mesmo a Alemanha daquele tempo, mas aos países calvinistas dos Países Baixos e da Inglaterra do século 16.

Sob Luís 14, o Romanismo interrompeu esse desenvolvimento superior na França, mas somente para que, na Revolução Francesa, pudesse exibir aquela caricatura deformada do Calvinismo, a qual em suas tristes conseqüências quebrou a força interior da França como nação, e enfraqueceu seu significado internacional. A idéia fundamental do Calvinismo tem sido transplantada da Holanda e Inglaterra para a América, assim dirigindo nosso desenvolvimento maior sempre mais para o Oeste, agora nas costas do Pacífico, ele aguarda respeitosamente tudo quanto Deus tem ordenado.

Mas não obstante quais mistérios o futuro possa ainda ter para desvendar, o fato é que o amplo rio do desenvolvimento de nossa raça corre da Babilônia para São Francisco, através da estadia em cinco civilizações Babilônica-Egípcia, Greco-Romana, Islâmica, romanista e calvinista, e o conflito atual na Europa, bem como na América, encontra

sua causa principal na antítese fundamental entre a energia do Calvinismo que procedeu do trono de Deus, encontrou a fonte de seu poder na Palavra de Deus, e em cada esfera da vida humana exaltou a glória de Deus, - e sua caricatura na Revolução Francesa, que proclamou sua incredulidade ao gritar, “Nenhum Deus, nenhum senhor”; e que, atualmente, na forma de Panteísmo alemão, está reduzindo-se mais e mais a um Paganismo moderno.

A Importância da Mistura de Sangue das Raças

Assim, observe que eu não fui muito audacioso quando reivindiquei para o Calvinismo a honra de ser não uma concepção eclesiástica, nem uma concepção teológica, nem uma concepção sectária, mas uma das principais fases no desenvolvimento geral de nossa raça humana; e entre estas a mais jovem, cuja grande vocação é influenciar ainda mais o curso da vida humana. Contudo, permitam-me indicar uma outra circunstância, a qual reforça minha declaração principal, a saber, *a mistura de sangue* como, até aqui, a base física de todo desenvolvimento humano superior.

O Princípio do Processo

Das terras altas da Ásia nossa raça humana desceu em grupos, e estes por sua vez têm sido divididos em raças e nações; e em total conformidade com a bênção profética de Noé, os filhos de Sem e de Jafé têm sido os únicos portadores do desenvolvimento da raça. Nenhum impulso para qualquer vida superior jamais tem vindo do terceiro grupo. Com os dois grupos apresenta-se um duplo fenômeno. Há nações tribais que têm se *isolado* e outras que têm se *miscigenado*. Deste modo, por um lado, há grupos que têm dominado exclusivamente suas próprias forças inerentes, e por outro lado, grupos que pela mistura têm cruzado suas características com as de outras tribos e, assim, atingido uma perfeição superior.

O Desenvolvimento nos que não se Isolaram

---

[35] (**N do T**) *Paz de Münster:* O resultado de três anos de reuniões, entre delegados da Espanha e da Holanda, que garantiu a paz entre os dois países. A reunião de assinatura do tratado, nesta cidade,

É digno de nota que o processo do desenvolvimento humano prossegue continuamente com aqueles grupos cuja característica histórica não é o isolamento, mas a mistura de sangue. No todo a raça mongol tem se mantido separada, e em seu isolamento não tem conferido nenhum benefício para nossa raça em geral. Atrás do Himalaia uma vida, semelhantemente, separou-se e por isso falhou em comunicar qualquer impulso permanente para o mundo exterior. Até mesmo na Europa, encontramos que com os escandinavos e eslavos dificilmente há alguma miscigenação e, conseqüentemente, tendo falhado em desenvolver um tipo mais rico, eles têm pouca participação no desenvolvimento geral da vida humana.

Os Semítico-Babilônios

Por outro lado, os tabletes da Babilônia, em nossos grandes Museus, pelas duas linguagens de suas inscrições mostram que na Mesopotâmia o elemento Ariano[36] dos Acadianos[37] misturou-se em um período primitivo com o Semita-babilônico; e a egiptologia nos leva a concluir que na terra dos faraós tratamos desde o começo com uma população produzida pela mistura de duas tribos muito diferentes. Ninguém mais crê na pretensa raça única dos gregos. Na Grécia, tanto quanto na Itália, tratamos com raças de uma data posterior que tem se miscigenado com os primitivos pelasgos,[38] etruscos e outros.

O Islamismo e as Nações Católicas

O Islamismo parece ser exclusivamente árabe, mas um estudo sobre a sua expansão entre os mouros, persas, turcos e outra série de tribos subjugadas, com quem era comum unirem-se por casamento, revela ao mesmo tempo o fato que, especialmente com os maometanos, a mistura de sangue foi ainda maior do que com seus predecessores.

---

foi imortalizada pelo pintor holandês Gerard Ter Borch (1617-1681) em quadro do mesmo nome.

[36] Arian, da palavra sânscrita Aria, significando nobre – um termo anteriormente usado sinonimamente com Indo-Europeu ou Indo-Alemão. O termo é algumas vezes usado livremente no sentido de Jafético (indo-europeu).

[37] De Accad, talvez a sulina de duas divisões da Babilônia: Sumer e Acade. Mantido por alguns como sendo não semita. Cf. Gênesis 10:10

[38] (**NE**) *Pelasgos:* Antigos habitantes da Grécia (era pré-helênica), mencionados na Ilíada, de Homero, como aliados aos Troianos. Os etruscos foram os antigos habitantes da península itálica (era pré-romana).

Quando a liderança passou para as mãos das nações romanas, o mesmo fenômeno apresentou-se na Itália, Espanha, Portugal e França. Nestes casos os nativos eram geralmente bascos ou celtas,[39] os celtas por sua vez foram conquistados pelas tribos germânicas, e igualmente na Itália os godos do Oriente e os lombardos, assim na Espanha os godos do Ocidente, em Portugal os suevos, e na França os francos introduziram novo sangue nas veias debilitadas, e a este rejuvenescimento maravilhoso as nações romanas devem seu vigor até além do século 16.

O Exemplo das Famílias dos Regentes

Assim, na vida das nações o mesmo fenômeno se repete, o qual muitas vezes surpreende o historiador como um resultado de casamentos internacionais entre famílias reais, como vemos por exemplo como os Hapsburgos e os Burbons, os Oranges e os Hohenzollernos têm sido, século a século, produtor de uma multidão dos mais notáveis estadistas e heróis. O criador de animais tem visado o mesmo efeito através cruzamento de diferentes raças, e os botânicos têm colhido amplos proveitos com as plantas pela obediência a mesma lei da vida; por si mesmo não é difícil perceber que a união de poderes naturais, divididos entre diferentes tribos, deve ser produtor de um desenvolvimento superior.

O Objetivo da Mistura

A isto deveria ser adicionado que a história de nossa raça não visa a melhoria de uma tribo em particular, mas o desenvolvimento da *humanidade* tomada como um todo; e, portanto, necessita dessa mistura de sangue, a fim de atingir seu fim. De fato, a História mostra que as nações entre as quais o Calvinismo prosperou exibem mais amplamente em todas as formas essa mesma mistura de raças. Na Suíça, os alemães uniram-se com o italianos e os franceses; na França, os gauleses com os francos e os borgonheses; nas Terras Baixas, celtas e galeses [40] com

---

[39] Celta ou Kelta: um membro do ramo europeu ocidental da família Arian que inclui os povos gadélicos, o gaélico escocês, o irlandês e maneses, e o címbrico (o galês, o córnico e o baixo bretão). Os romanos os conheciam como gauleses. Eles estavam evidentemente relacionados aos alemães. O uso indiscriminado do termo Celta tem trazido muita confusão.

[40] Habitantes de Gales, parte da Grã Bretanha. A palavra Welsh (holandês, waalsch) significa estrangeiro. A linguagem galesa é a címbrica como falada pelos galeses. Cf. nota precedente.

alemães; também na Inglaterra os velhos celtas e anglo-saxões foram mais tarde elevados a um padrão de vida nacional ainda mais alto pela invasão dos normandos. De fato pode ser dito que as três principais tribos da Europa Ocidental, a Céltica, a Romana e a Alemã, elementos sob a liderança da alemã, nos dá a genealogia das nações calvinistas.

A Mistura na América

Na América, onde o Calvinismo tem se expandido numa liberdade ainda maior, esta mistura de sangue está assumindo uma proporção maior do que tem sido conhecida até agora. Aqui, flui junto o sangue de todas as tribos do mundo antigo, e novamente temos os celtas da Irlanda, os alemães da Alemanha e da Escandinávia, unidos aos eslavos da Rússia e Polônia, que promovem ainda mais essa já vigorosa miscigenação das raças. Este último processo ocorre sob o mais alto expoente, que não é meramente a união de tribo com tribo, mas que as velhas nações históricas estão se dissolvendo, a fim de permitir a reunião de seus membros numa unidade superior, até agora continuamente assimilado pelo tipo americano. Também nesse aspecto, o Calvinismo igualmente satisfaz plenamente as condições impostas sobre cada nova fase de desenvolvimento na vida da humanidade. Ele se expandiu num campo onde encontrou a mistura de sangue mais forte do que sob o Romanismo, e na América elevou isto a sua mais alta realização concebível.

O Calvinismo e a Marcha da Liberdade Política

Assim é demostrado que o Calvinismo não apenas satisfaz a condição necessária da mistura de sangue, mas que no processo do desenvolvimento humano também representa, com respeito a isto, uma fase adicional. Na Babilônia, esta mistura de sangue foi de pouca importância; ela ganha importância com os gregos e romanos; e vai mais adiante sob o Islamismo; é dominante sob o Romanismo; mas somente entre as nações calvinistas alcança sua mais alta perfeição. Aqui, na América, está se conseguindo a miscigenação de *todas* as nações do velho mundo.

Um clímax similar deste processo de desenvolvimento humano é exibido também pelo Calvinismo no fato que, somente sob sua influência, o impulso da atividade pública procedeu do próprio povo. Na vida das nações também há desenvolvimento do período de menoridade para o da maioridade. Como na vida familiar, durante os anos de infância, a direção dos afazeres está nas mãos dos pais, assim também na vida das nações é natural que durante seu período de menoridade primeiro o déspota asiático deveria estar à frente de cada movimento, então algum eminente governador, mais tarde o sacerdote, e finalmente ambos, o sacerdote e o magistrado juntos.

A Transição da Autocracia ao Povo

A história das nações na Babilônia e sob os Faraós, na Grécia e Roma, sob o Islamismo e sob o sistema papal, confirma plenamente este curso de desenvolvimento. Mas é auto-evidente que isso não poderia ser o estado permanente das coisas. Exatamente porque em seu desenvolvimento progressivo as nações finalmente atingiram a maioridade, agora devem, em fim, alcançar aquela fase na qual o próprio povo despertado, defende seus direitos e dá origem ao movimento que deve dirigir o curso dos eventos futuros. E na ascensão do Calvinismo *esta* fase mostra-se ter sido alcançada. Até aqui cada movimento para frente tinha saído da autoridade do Estado, da Igreja ou da Ciência, e daí descido para o povo. No Calvinismo, por outro lado, as próprias pessoas destacam-se em suas classes sociais e a partir de uma espontaneidade própria delas, pressionam para frente, para uma forma de vida e condições sociais superiores. O Calvinismo teve sua ascensão *com o povo*. Nos países Luteranos o magistrado ainda era o líder nos avanços públicos, mas na Suíça, entre os huguenotes, na Bélgica, na Holanda, na Escócia e também na América as próprias pessoas criaram o impulso. Elas parecem ter amadurecido; ter alcançado o período da maioridade. Mesmo quando em alguns casos, como na Holanda, a nobreza por um momento tomou uma posição heróica pelos oprimidos, sua atividade terminou em nada, e somente o povo, pela energia destemida, rompeu a barreira, e entre estes estava o “povo comum”, para quem a iniciativa

heróica de William o Silencioso,[41] como ele mesmo reconhece, deveu o sucesso de seu empreendimento.

O Calvinismo Ocupa por Direito o Ponto Central do Desenvolvimento Humano

Portanto, como fenômeno central no desenvolvimento da humanidade, o Calvinismo não está apenas habilitado a uma posição de honra ao lado das formas paganista, islâmica e romanista, visto que como estes ele representa um princípio peculiar dominando o todo da vida, mas também satisfaz cada condição requerida para o avanço do desenvolvimento humano *a um estágio superior*. E isto permaneceria ainda uma simples possibilidade sem qualquer realidade correspondente, se a História não testificasse que o Calvinismo tem realmente induzido o rio da vida humana a fluir em outro canal, e tem enobrecido a vida social das nações. E portanto, encerrando, eu afirmo que o Calvinismo não somente sustenta estas possibilidades, mas também tem compreendido como realizá-las.

Como Seria o Mundo sem o Calvinismo?

Para provar isto, perguntem-se o que a Europa e a América teriam se tornado, se no século 16 a estrela do Calvinismo não tivesse subitamente nascido no horizonte da Europa Ocidental. Neste caso, a Espanha teria esmagado a Holanda. Na Inglaterra e Escócia, os Stuarts teriam executado seus planos fatais. Na Suíça, o espírito de indiferença teria prosperado. Os primórdios da vida neste novo mundo teriam sido de um caráter completamente diferente. E como seqüência inevitável, a balança do poder na Europa teria retornado a sua primeira posição. O Protestantismo não teria sido capaz de manter-se na política. Nenhuma resistência adicional poderia ter sido oferecida ao poder romanista conservador dos Hapsburgos, dos Bourbons e dos Stuarts; e o livre desenvolvimento das nações, como visto na Europa e América,

---

[41] (**NE**) *William, o silencioso:* Kuyper refere-se a William I (1533-1584), grande líder da Holanda, em sua guerra de independência contra o domínio espanhol. Suas várias tentativas de libertação da Holanda somente tiveram sucesso quando não somente os nobres e seus exércitos se alinharam

simplesmente teria sido impedido. Todo o continente americano teria permanecido sujeito à Espanha. A história de ambos os continentes teria se tornado uma história muito triste, e sempre permanece uma questão se o espírito do Ínterim de Leipzig[42] não teria sido bem-sucedido, por via de um protestantismo romanizado, ao reduzir o norte da Europa novamente ao controle da velha hierarquia.

O Heroísmo do Espírito Calvinista

A devoção entusiástica dos melhores historiadores da segunda metade deste século à luta da Holanda contra a Espanha, um dos mais belos objetos de investigação, somente explica-se pela convicção de que se o poder da Espanha naquele tempo não tivesse sido quebrado pelo heroísmo do espírito calvinista, a história da Holanda, da Europa e do mundo teria sido tão penosamente triste e negra quanto agora; graças ao Calvinismo, ela é brilhante e inspiradora. O professor Fruin corretamente observa que: "Na Suíça, na França, na Holanda, na Escócia e na Inglaterra, e onde quer que o Protestantismo teve de estabelecer-se na ponta da espada, foi o Calvinismo que prosperou".

O Cântico da Liberdade Vira Realidade, com o Calvinismo

Traga à memória que esta mudança na História do mundo não poderia ter sido realizada exceto pelo implante de outro princípio no coração humano, e pela descoberta de outro mundo de pensamento para a mente humana; que somente pelo Calvinismo o salmo de liberdade encontrou seu caminho da consciência perturbada para os lábios; que ele tem conquistado e garantido para nós nossos direitos civis constitucionais; e que, simultaneamente a isto, saiu da Europa Ocidental aquele poderoso movimento que promoveu o reavivamento da ciência e da arte, abriu novas avenidas para o comércio e negócios, embelezou a vida doméstica e social, exaltou a classe média a posições de honra, produziu filantropia em abundância, e mais do que tudo isto, elevou,

---

contra a Espanha, mas principalmente quando o povo comum abraçou a causa em sublevação conjunta.

[42] Este Ínterim (provisório) foi feito em 1548 por Melanchton e outros sob o comando de Maurício da Saxônia. As cerimônias R. C. foram declaradas *adiaphofron*, e a "Sola" de Lutero foi evitada. Foi uma modificação muito mediadora do Ínterim de Augsburgo, imposto no mesmo ano. Ínterim significa "Acordo provisório", neste caso entre os Católicos romanos e os Protestantes alemães.

purificou e enobreceu a vida moral pela seriedade puritana; e então julguem por si mesmos se expulsarão ainda mais este Deus dado pelo Calvinismo aos arquivos da História, e se é apenas um sonho imaginar que ele ainda tenha uma bênção para trazer e uma esperança brilhante para desvendar para o futuro.

O Calvinismo Inspira a Vitória

A luta dos Boers[43] na Transvaal[44] contra um dos mais fortes poderes deve freqüentemente lembrar vocês de seu próprio passado. Naquilo que foi alcançado na Majuba,[45] e recentemente por ocasião do confronto de Jameson, o heroísmo do velho Calvinismo foi de novo brilhantemente evidenciado. Se o Calvinismo não tivesse sido passado de nossos pais para seus descendentes africanos, nenhuma república livre teria surgido no sul do Continente Negro. Isto prova que o Calvinismo não está morto – que ele ainda carrega em seus germes a energia vital dos dias de sua primeira glória. Sim, assim como um grão de trigo do sarcófago dos Faraós, quando novamente confiados a guarda do solo, traz fruto a cem vezes mais, assim o Calvinismo ainda carrega em si um poder maravilhoso para o futuro das nações. E se nós, cristãos de ambos os continentes, ainda em nossa santa luta, ainda estamos esperando realizar ações heróicas marchando sob a bandeira da cruz contra o espírito dos tempos, somente o Calvinismo nos equipa com um princípio inflexível, pela força deste princípio, garantindo-nos uma vitória segura, embora longe de ser uma vitória fácil.

---

[43] A maneira correta de grafar é *boere,* plural de *boer,* fazendeiro, modo pejorativo de os ingleses se referirem aos descendentes dos holandeses na África do Sul.

[44] (**NE**) Kuyper faz referência à Guerra dos Boers, na África do Sul (1880-1902), na qual os descendentes de holandeses lutaram contra o Império Britânico para garantir a independência daquele país. Kuyper apela à semelhança daquele levante com a Guerra de Independência dos Estados Unidos (1776).

[45] (**NE**) *Majuba:* Essa cidade foi palco de derrota dos ingleses, em fevereiro de 1881, o que garantiu o auto-governo ao Transvaal (então república, mais tarde uma das províncias da África do Sul).

Segunda Palestra
CALVINISMO E RELIGIÃO

Revisando a Primeira Palestra

A primeira conclusão alcançada em minha palestra anterior foi que, cientificamente falando, o Calvinismo significa a evolução completa do Protestantismo, resultando em um estágio de desenvolvimento humano tanto superior quanto mais rico. Além disso, que a cosmovisão do Modernismo, com seu ponto de partida na Revolução Francesa, não pode reivindicar privilégio maior que o de representar uma imitação ateísta do brilhante ideal proclamado pelo Calvinismo, estando portanto desqualificada para a honra de guiar-nos a níveis superiores. E, por último, que quem rejeita o ateísmo como seu pensamento fundamental, é constrangido a voltar-se para o Calvinismo, não a restaurar sua forma gasta, mas, uma vez mais, a apoderar-se dos princípios calvinistas, a fim de incorporá-los de tal forma que, satisfazendo os requerimentos de nosso próprio século, possa restaurar a unidade necessária do pensamento Protestante e a energia que falta à sua vida prática.

O Papel do Calvinismo em Nossa Adoração do Altíssimo

Nesta palestra, portanto, tratando sobre o *Calvinismo e Religião*, antes de mais nada tentarei ilustrar a posição dominante ocupada pelo Calvinismo na questão central de nossa adoração do Altíssimo. Ninguém negará o fato que, no campo religioso, o ele *tem* ocupado desde o princípio uma posição peculiar e magnífica. Como que por um toque mágico, ele criou sua própria Confissão, sua própria Teologia, sua própria Organização Eclesiástica, sua própria Disciplina Eclesiástica, sua própria Liturgia, e sua própria Praxis Moral. E a investigação histórica continua a provar, com crescente certeza, que todas estas novas formas calvinistas para nossa vida religiosa foram o produto lógico de seu próprio pensamento fundamental e a incorporação de um e o mesmo princípio.

A Incapacidade do Modernismo

Avalie a energia que o Calvinismo exibiu aqui comparando-a a total incapacidade que o Modernismo evidenciou no mesmo campo, em virtude da absoluta esterilidade de seus esforços. Desde que entrou em seu período “místico”, o Modernismo, tanto na Europa quanto na América, também tem reconhecido a necessidade de esculpir uma nova forma para a vida religiosa de nossos dias. Quase um século depois, o outrora brilhante ouropel[46] do Racionalismo, agora que o Materialismo está fazendo soar sua retirada das classes de ciência, um tipo de piedade vazia, novamente está exercendo seu charme atraente e a cada dia está se tornando mais na moda dar um mergulho no rio morno do misticismo. Com um encanto quase sensual este misticismo moderno bebe em grandes goles sua bebida inebriante do copo de néctar de algum infinito intangível. Foi até mesmo proposto que, sobre as ruínas da outrora tão majestosa construção Puritana, uma nova religião, com um novo ritual, deveria ser inaugurada como uma evolução superior da vida religiosa. Já, por mais de um quarto de século, a dedicação e a abertura solene deste novo santuário nos tem sido prometida. E, todavia, tudo tem dado em nada. Não tem sido produzido nenhum efeito tangível. Nenhum princípio formativo tem emergido deste imbróglio de hipóteses. Nem mesmo o começo de um movimento associativo é ainda perceptível, e a planta longamente esperada ainda não tem levantado sua cabeça acima do solo estéril.

A Vitalidade do Calvinismo

Em contraposição a isto, olhe para o espírito gigante de Calvino, que, no século 16, com um toque de mestre colocou diante do olhar fixo do mundo espantado um edifício religioso inteiro, erigido no mais puro estilo escriturístico. A construção toda foi completada tão rapidamente que muitos dos espectadores esqueceram de prestar atenção à maravilhosa estrutura das fundações. Em tudo que o pensamento religioso moderno tem, eu não direi criado, como com uma mão mestre, mas empilhado como um amador mal sucedido, - nenhuma nação,

---

[46] NT – Ouropel refere-se a uma lâmina fina de latão que imita o ouro falso; algo vistoso mas ordinário.

nenhuma família, dificilmente uma alma solitária (para usar palavras de Agostinho) jamais tenha encontrado o *requiescat*[47] para seu "coração quebrantado"; enquanto que o Reformador de Genebra, por sua energia espiritual poderosa, para cinco nações ao mesmo tempo, tanto naquela época como após o lapso de três séculos, tem fornecido direção para a vida, o elevar do coração até o Pai dos Espíritos, e santa paz para sempre. Isto naturalmente conduz à questão, qual era o segredo desta energia maravilhosa? Permitam-me responder a esta questão, primeiro na *Religião como tal*, a seguir na Religião como manifesta na *Vida da Igreja*, e finalmente no fruto da Religião na *Vida Prática*.

A Energia do Calvinismo na Religião

Quatro Perguntas

Primeiro devemos considerar a *Religião como tal*. Aqui surgem quatro questões fundamentais mutuamente dependentes: - 1. A Religião existe por causa de Deus, ou por causa do homem? 2. Ela deve operar *diretamente* ou *mediatamente*? 3. Ela pode manter-se *parcial* em suas operações ou tem de abraçar o *todo* de nosso ser e existência pessoal? E, 4. Ela pode manter um caráter *normal*, ou deve revelar um caráter *anormal*, isto é, um caráter soteriológico?

Quatro Respostas do Calvinismo

A estas quatro questões o Calvinismo responde: 1. A religião do homem não deve ser egoísta e por causa do *homem*, mas ideal, por causa de *Deus*. 2. Ela não deve operar *mediatamente*, pela intervenção humana, mas *diretamente* do coração. 3. Ela não pode permanecer *parcial*, como correndo ao lado da vida, mas deve exercer controle sobre *toda* nossa existência. E, 4. Seu caráter deveria ser soteriológico, isto é, deveria nascer, não de nossa natureza *caída*, mas do *novo homem*, restaurado pela *palingênesis* ao seu padrão original. Permitam-me, então, elucidar sucessivamente cada um destes quarto pontos.

Religião é Direcionada a Deus

---

[47] **(NE)** Segundo o dicionário Webster, uma oração para o repouso de uma pessoa morta.

A Idéia do Desenvolvimento Natural da Religião

A Filosofia religiosa moderna atribui a origem da religião a uma potência da qual ela não poderia originar-se, mas que simplesmente agiu como seu patrocinador e preservador. Ela tem confundido o canhão que dispara a bala com a bala em si. A atenção é chamada, e muito propriamente, ao contraste entre o homem e o poder esmagador do cosmos que o cerca; e a nova religião é introduzida como energia mística, tentando fortalecê-lo contra este poder imenso do cosmos que lhe causa um medo mortal. Estando consciente do domínio que sua alma invisível exerce sobre seu próprio corpo material, ele naturalmente infere que a Natureza também deve ser movida pelo impulso de algum poder espiritual oculto. Animisticamente,[48] portanto, primeiro ele explica os movimentos da natureza como o resultado da habitação de um exército de espíritos, e tenta pegá-los, invocá-los e subjugá-los em sua vantagem. Então, subindo desta idéia atomística[49] para uma concepção mais compreensiva, ele começa a crer na existência de deuses pessoais, esperando destes seres divinos, que permanecem acima da natureza, assistência eficaz contra o poder demoníaco da Natureza. E, finalmente, entendendo o contraste entre o espiritual e o material, ele homenageia ao Espírito Supremo como estando em contraste com tudo que é visível, até, no fim, tendo abandonado sua fé em um tal Espírito extramundano como um ser pessoal e, encantado pela altivez de seu próprio espírito humano, prostra-se diante de algum ideal impessoal, do qual em auto-adoração supõe ser ele mesmo a venerável encarnação.

Quaisquer que possam ser os vários estágios no progresso desta religião egoísta, ela nunca supera seu caráter subjetivo, permanecendo sempre uma religião *por causa do homem*. Os homens são religiosos a fim de invocar os espíritos que pairam por trás do véu da Natureza, para libertarem-se da influência opressiva do cosmos. Não importa se o sacerdote Lama aprisiona os espíritos maus em suas cadeias, se os

---

[48] NT – De Animismo, teoria filosófica que considera a alma como a causa primária de todos os fatos intelectuais e vitais. O Animismo sugere a existência de espíritos subjacentes a todas as coisas existentes.

[49] NT – De Atomismo, teoria filosófica que explica a constituição do universo por meio de átomos.

deuses da natureza do Oriente são invocados para proporcionar abrigo contra as forças da natureza, se os deuses mais sublimes da Grécia são adorados em sua ascendência sobre a natureza, ou se, finalmente, a Filosofia idealista apresenta o espírito do próprio homem como o verdadeiro objeto de adoração.

Em todas estas diferentes formas ela é e continua sendo uma religião promovida por causa do homem, visando sua salvação, sua liberdade, sua elevação, e em parte também seu triunfo sobre a morte. E mesmo quando uma religião deste tipo tem se desenvolvido em monoteísmo, o deus que ela adora invariavelmente permanece um deus que existe para ajudar o homem, para assegurar a boa ordem e a tranqüilidade do Estado, para fornecer assistência e livramento em tempos de necessidade, ou para fortalecer o mais nobre e alto impulso do coração humano em sua incessante luta contra a influência degradante do pecado.

A conseqüência disto é que toda religião como esta desenvolve-se em tempos de fome e pestilência, ela prospera entre os pobres e oprimidos, e expande-se entre os humilde e fracos; mas definha imediatamente nos dias de prosperidade, deixa de atrair o próspero, é abandonada por aqueles que são mais altamente cultos. Assim que as classes mais civilizadas gozam tranqüilidade e conforto, e pelo progresso da ciência sentem-se mais e mais libertas da pressão do cosmos, jogam fora as muletas da religião, e com um sorriso desdenhoso de tudo que é santo andam tropeçando em suas próprias pernas fracas. Este é o fim fatal da religião egoísta; - ela torna-se supérflua e desaparece assim que os interesses egoístas são satisfeitos. Este foi o curso da religião entre todas as nações não cristãs nos tempos primitivos, e o mesmo fenômeno está se repetindo em nosso próprio século, entre cristãos nominais das classes mais altas, mais prósperas e mais cultas da sociedade.

A Posição do Calvinismo sobre a Base da Religião

A posição do Calvinismo é diametralmente oposta a tudo isto. Ele não nega que a religião tem igualmente seu lado humano e subjetivo; não discute o fato de que a religião é promovida, encorajada e fortalecida por nossa disposição de buscar ajuda em tempo de necessidade e

consagração espiritual diante de paixões sensuais; porém, sustenta que isto inverte a própria ordem das coisas para buscar, nestes motivos acidentais, a *essência* e o verdadeiro *propósito* da religião. O Calvinismo valoriza tudo isto como *frutos* que são produzidos pela religião, ou como âncoras que lhe dão apoio, mas rejeita honrá-los como a razão de sua existência. Certamente, a religião, como tal, produz *também* uma bênção para o homem, mas ela não existe por causa do homem. Não é Deus quem existe por causa de sua criação; a criação existe por causa de Deus. Pois, como diz a Escritura, ele tem criado todas as coisas para si mesmo.

Por esta razão, Deus mesmo imprimiu uma expressão religiosa no conjunto da natureza inconsciente, - nas plantas, nos animais e também nas crianças. “Toda a terra está cheia de sua glória”. “Grande é o teu nome, Deus, em toda a terra”. “Os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras de suas mãos”. “Da boca de pequeninos e crianças de peito tiraste perfeito louvor”. Fogo e saraiva, neve e vapor, e ventos procelosos – todos louvam a Deus. Mas, do mesmo modo como a criação toda alcança seu ponto culminante no homem, assim também a religião encontra sua clara expressão somente no homem que é feito à imagem de Deus, e isto não porque o homem a busque, mas porque o próprio Deus implantou na natureza do homem a verdadeira expressão religiosa essencial, por meio da “semente da religião” (*semen religionis*), como Calvino a define, semeada em nosso coração humano. [50]

O próprio Deus fez o homem religioso por meio do *sensus divinitatis*, isto é, o senso do Divino, que ele faz tocar as cordas da harpa de sua alma. Um ruído de necessidade interrompe a harmonia pura desta melodia divina, mas somente em conseqüência do pecado. Em sua forma original, em sua condição natural, a religião é exclusivamente um sentimento de *admiração* e *adoração* que eleva e une, não uma sensação de dependência que separa e deprime. Do mesmo modo como o hino dos Serafins ao redor do trono é um clamor ininterrupto de *“Santo, Santo,*

---

[50] ***Institutas*** de Calvino, tradução inglesa de Edinburgo, Vol. I, Livro I, Capítulo 3: “Que existe ali na mente humana e certamente por instinto natural, algum *senso de* deidade, nós sustentamos estar além de discussão ...” Capítulo 4, Parágrafo 1. “Mas embora a experiência testifique que uma *semente da religião* esta divinamente semeada em todos, apenas um numa centena é encontrado que a nutre em seu coração, e nenhum em quem ela chegou a maturidade, até agora ela é de fruto submisso a sua estação. Em nenhuma parte do mundo pode ser encontrada genuína bondade.”

Santo!", assim também a religião do homem sobre esta terra deveria consistir em um ecoar da glória de Deus, como nosso Criador e Inspirador.

O ponto de partida de todo motivo na religião é Deus e não o homem. O homem é o instrumento e o meio, somente Deus é o alvo aqui, o ponto de partida e o ponto de chegada, a fonte da qual as águas fluem e, ao mesmo tempo, o oceano para o qual elas finalmente retornam. Ser irreligioso é abandonar o propósito mais alto de nossa existência, e por outro lado não cobiçar outra existência senão a vivida para Deus, não ansiar por nada exceto a vontade de Deus, e estar totalmente absorvido na glória do nome do Senhor, isto é a essência e o cerne de toda verdadeira religião. "Santificado seja o teu nome. Venha teu reino. Seja feita tua vontade", é a tripla petição, que dá expressão à verdadeira religião. Nossa senha deve ser - "Buscai primeiro o reino de Deus", e depois disto, pense em suas próprias necessidades. Primeiro permanece a confissão da absoluta soberania do Deus Trino; pois dele, através dele, e para ele são todas as coisas. E por isso, nossa oração continua a mais profunda expressão de toda vida religiosa.

Esta é a concepção fundamental da religião mantida pelo Calvinismo, e até agora, ninguém jamais encontrou uma concepção superior, pois nenhuma concepção superior *pode* ser encontrada. O pensamento fundamental do Calvinismo, ao mesmo tempo o pensamento fundamental da Bíblia e do próprio Cristianismo, conduz, no campo da religião, à realização do mais alto ideal. A Filosofia da religião em nosso próprio século, em seus vôos mais ousados, não tem jamais atingido um ponto de vista superior nem uma concepção mais ideal.

Religião Procede do Coração

A segunda questão principal em toda religião é se ela deve ser *direta,* ou *mediata*. Deve haver entre Deus e a alma uma igreja, um sacerdote, ou, como nos tempos antigos, um feiticeiro, um despenseiro de mistérios sagrados, ou todos os elos intermediários deverão ser rejeitados, de modo que o elo da religião ligará a alma diretamente a Deus? Encontramos que em todas as religiões não cristãs, sem qualquer

exceção, julga-se necessário intercessores humanos, e no próprio campo do Cristianismo o intercessor é novamente introduzido em cena, na bendita Virgem, nas hostes de anjos, nos santos e mártires e na hierarquia sacerdotal do clero; e embora Lutero tenha lutado contra toda mediação sacerdotal, a igreja, todavia, que é chamada por seu nome, renovou através de seu epíteto *"ecclesia docens"* o ofício de mediador e administrador de mistérios.

Também neste ponto, foi Calvino, e somente ele, que alcançou a plena realização do ideal da religião espiritual pura. A religião, como ele a concebeu, deve *"nullis mediis interpositis"*, isto é, sem a mediação de qualquer criatura realizar a comunhão direta entre Deus e o coração humano. Não por causa de algum ódio contra os sacerdotes, como tais, nem por causa de qualquer menosprezo pelos mártires, nem depreciação do significado dos anjos, mas somente porque Calvino sentia-se obrigado a vindicar a essência da religião e a glória de Deus nesta essência, e absolutamente isento de toda submissão ou hesitação, empreendeu uma guerra, com santa indignação, contra tudo que se interpunha entre a alma e Deus. Certamente, ele percebeu claramente que, a fim de ser qualificado para a verdadeira religião, o homem caído necessita de um mediador, mas tal mediador não poderia ser encontrado em qualquer semelhante. Somente o Deus-homem, - somente o próprio Deus poderia ser este mediador. E esta mediação não poderia ser confirmada por nós, mas somente por Deus, pela habitação de Deus - o Espírito Santo no coração do regenerado.

Em toda religião o próprio Deus deve ser o poder ativo. Deve *fazer-nos* religiosos. Deve *dar-nos* a disposição religiosa, nada sendo deixado para nós exceto o poder de dar forma e expressão ao profundo sentimento religioso que ele mesmo despertou no fundo de nosso coração. Nisto, vemos o engano daqueles que consideram Calvino apenas como um *Augustinus redivivus*. Apesar de sua sublime confissão sobre a santa graça de Deus, Agostinho continuou *o Bispo*. Ele manteve sua posição intermediária entre o Deus Trino e o leigo. E, embora proeminente entre os homens mais piedosos de seu tempo, tinha um discernimento tão pequeno acerca das reais reivindicações da religião plena em favor dos leigos que, em sua dogmática, elogia a igreja como a

Fornecedora mística, em cujo seio Deus fez toda graça fluir e de cujo depósito todos os homens tinham de recebê-la. Somente aquele, portanto, que superficialmente restringe sua atenção à predestinação pode confundir Agostinianismo e Calvinismo.

A religião *por causa do homem* traz consigo a posição de que o homem tem de agir como um mediador por seu próximo. A religião *por causa de Deus* exclui inexoravelmente toda mediação humana. Visto que o principal propósito da religião continua sendo ajudar o homem, e visto ser entendido que o homem é digno da graça por sua devoção, é perfeitamente natural que o homem de piedade inferior deva invocar a mediação do homem mais santo. Outro deve procurar por ele o que não pode procurar por si mesmo. O fruto está pendurado em galhos muito altos, e, portanto, o homem que alcança mais alto deve colhê-lo, e passá-lo ao seu companheiro desamparado. Se, pelo contrário, a exigência da religião é que *cada* coração humano deva dar glória a Deus, nenhum homem pode comparecer diante de Deus em nome de outro. Então, cada ser humano deve comparecer pessoalmente por si mesmo, e a religião atinge seu alvo somente no *sacerdócio universal dos crentes*. Até mesmo o bebê recém-nascido deve ter recebido a semente da religião do próprio Deus; e no caso dele morrer sem ser batizado, não deve ser enviado para um *limbus innocentium*[51], mas, se eleito, entra, tal como os longevos, na comunhão pessoal com Deus por toda eternidade.

A importância deste segundo ponto na questão da religião, culminando, como faz, na confissão da eleição pessoal, é incalculável. Por um lado, toda religião deve inclinar-se para *tornar o homem livre*, para que por meio de uma clara afirmação ele possa expressar aquela impressão religiosa geral, gravada sobre a natureza inconsciente pelo próprio Deus. Por outro lado, cada apresentação de um sacerdote ou feiticeiro interpondo-se no campo da religião prende o espírito humano em uma cadeia que o oprime mais miseravelmente quanto mais sua piedade cresce em fervor.

Na Igreja de Roma, mesmo nos dias de hoje, os *bons catholiques* estão mais rigorosamente confinados nas prisões do clero. Somente o

Católico Romano cuja piedade tem diminuído é capaz de assegurar para si mesmo uma liberdade parcial por afrouxar, parcialmente, o laço que o liga à sua igreja. Nas igrejas luteranas as prisões clericais são menos confinadoras, todavia estão longe de serem relaxadas inteiramente. Somente nas igrejas que assumem a sua posição no Calvinismo, encontramos esta independência espiritual que habilita o crente a opor-se, se necessário for, e por causa de Deus, até mesmo ao mais poderoso oficial na igreja. Somente aquele que pessoalmente permanece diante de Deus por sua própria conta, e goza uma comunhão ininterrupta com Deus, pode apropriadamente exibir as gloriosas asas da liberdade.

Tanto na Holanda, na França, na Inglaterra, bem como na América, o resultado histórico oferece a evidência mais inegável do fato que o despotismo não tem encontrado antagonistas mais invencíveis e liberdade de consciência mais corajosa, nem mais resolutos campeões que os seguidores de Calvino. Em última análise, a causa deste fenômeno encontra-se no fato de que o efeito de toda interpretação clerical invariavelmente era, e deve ser, produzir uma religião externa e sufocá-la com formas sacerdotais. Somente onde toda intervenção sacerdotal desaparece, onde a eleição soberana de Deus desde toda eternidade liga a alma interior diretamente ao próprio Deus, e onde o raio da luz divina entra imediatamente na profundeza de nosso coração, - somente ali a religião, em seu sentido mais absoluto, alcança sua realização ideal.

Religião é Abrangente

Isto me leva, naturalmente, à terceira questão religiosa: A religião é *parcial*, ou tudo abarca, é abrangente, - *universal* no estrito sentido da palavra? Se o propósito da religião deve ser encontrado no próprio homem e se sua realização deve ser feita dependente de mediadores clericais, a religião não pode ser senão *parcial*. Neste caso, segue logicamente que cada homem limita sua religião àquelas ocorrências de sua vida pelas quais suas necessidades religiosas são despertadas, e

---

[51] *limbus innocentium:* um local específico, intermediário, postulado pela Igreja Católica, para aqueles que ela não julga merecedores do Céu (por não terem passado pelo batismo), nem do

àqueles casos em que encontra a intervenção humana à sua disposição. O caráter parcial deste tipo de religião mostra-se em três particulares: no *órgão* religioso através do qual, na *esfera* na qual, e no *grupo de pessoas* entre as quais a religião deve prosperar e florescer.

O Órgão Apropriado de Assentamento e Expressão da Religiosidade

Uma controvérsia recente proporciona uma ilustração pertinente à primeira limitação. Os homens sábios de nossa geração sustentam que a religião deve retirar-se do recinto do intelecto humano. Deve procurar expressar-se por meio de sensações místicas, ou então, por meio de vontade prática. No campo da religião as inclinações místicas e éticas são saudadas com entusiasmo, mas neste mesmo campo o intelecto, como conduzindo a alucinações metafísicas, deve ser amordaçado. A Metafísica e a Dogmática são cada vez mais declaradas tabus, e o Agostinianismo é aclamado sempre mais espalhafatosamente como a solução do grande enigma. Sobre os rios do sentimento e da emoção, a navegação é feita livremente, e a atividade ética está se tornando a única pedra de toque para testar o ouro religioso; mas a metafísica é evitada como afogando-nos em um pântano. Tudo quanto se anuncia com a pretensão de um dogma axiomático é rejeitado como contrabando irreligioso. E embora este mesmo Cristo, que muitos eruditos honram como um gênio religioso, tenha nos ensinado enfaticamente: “Tu amarás a Deus, não apenas com todo teu coração e com toda tua força, mas também *com toda tua mente*”, todavia eles, pelo contrário, aventuram-se a dispensar nossa mente, ou intelecto, como inapta para uso neste campo santo, e como não preenchendo os requerimentos de um órgão religioso.

A Esfera de Vida na Qual a Religiosidade é Expressa

Assim é encontrado o órgão religioso não no todo de nosso ser, mas em parte dele, estando limitado a nossos sentimentos e à nossa vontade; conseqüentemente, também a esfera da vida religiosa deve assumir o mesmo caráter parcial. A religião fica excluída da ciência, e sua autoridade do campo da vida pública; doravante a câmara interior, a cela

---

Inferno, por não possuírem “pecado próprio” em função da tenra idade.

de oração e o segredo do coração deveriam ser seus lugares de habitação exclusiva. Por sua expressão *du sollst*[52], Kant limitou a esfera da religião à vida ética. Os místicos de nossos dias baniram a religião para os abrigos do sentimento. E o resultado é que, de modos diferentes, a religião, outrora a força central da vida humana, é agora colocada ao lado dela; e é forçada a esconder-se em um lugar distante e quase privado da prosperidade do mundo.

O Grupo de Pessoas que Expressa Religiosidade

Isto nos conduz, naturalmente, à terceira nota característica deste conceito parcial da religião, - a religião como não pertencendo a todos, mas somente ao *grupo de pessoas piedosas* entre nossa geração. Assim, a limitação do *órgão* da religião conduz à limitação de sua esfera, e a limitação de sua esfera, conseqüentemente, conduz à limitação de seu grupo ou *círculo* entre os homens. Do mesmo modo como se entende que a arte tem um *órgão* próprio dela, uma *esfera* própria e, portanto, também seu próprio *círculo* de devotos, assim também deve acontecer com a religião, segundo este conceito. Deste modo ocorre que a grande maioria das pessoas está quase destituída de sentimento místico e força de vontade energética. Por esta razão elas ou não têm percepção do brilho do misticismo, ou são realmente incapazes de atos piedosos. Mas há também aqueles cuja vida interior está transbordante com um senso do Infinito, ou que estão cheios de santa energia, e entre estes é que a piedade e a religião florescem mais brilhantemente tanto em seu poder imaginativo, como em sua capacidade de realização.

A Igreja Católica e a Visão Parcial da Religião

A partir de um ponto de vista completamente diferente, Roma, gradual e crescentemente, foi favorável aos mesmos conceitos parciais. Ela conhecia a religião somente como existente em sua própria Igreja, e considerava que a influência da religião deveria limitar-se àquela porção da vida que havia consagrado. Reconheço plenamente que ela tentou

---

[52] (NE) A expressão completa é “Du kanst, denn du sollst” – “você pode, porque você deve”, significando que você tem a possibilidade de fazer as coisas que você deve fazer, a idéia do *imperativo categórico* de Kant, no qual expressa a ausência de desculpas no fazer o que deve ser feito, em função da existência da possibilidade de realização.

atrair toda vida humana, tanto quanto possível, para dentro da esfera santa, mas tudo fora desta esfera, tudo não tocado pelo batismo, nem aspergido por sua água benta, estava destituído de toda eficiência religiosa genuína. E assim, como Roma traçou uma linha divisória entre o lado consagrado e o lado profano da vida, também subdividiu seu próprio recinto sagrado segundo os diferentes graus de intensidade religiosa, - o clero e a clausura constituindo o *Santo dos Santos*, o laicato piedoso formando o *Lugar Santo*, deixando assim o *Átrio* para aqueles que, embora batizados, continuaram a preferir mais os prazeres pecaminosos do mundo à devoção eclesiástica, - um sistema de limitação e divisão que, para aqueles no *Átrio*, acabou colocando nove décimos da vida prática fora de toda religião. Assim, a religião tornou-se parcial, pela transferência de dias ordinários para dias santos, de dias de prosperidade para tempos de perigo e enfermidade, e da plenitude da vida para o tempo de aproximação da morte. Um sistema dualista que encontrou sua expressão mais enfática na praxis do Carnaval, dando à Religião um controle pleno da alma durante as semanas da Quaresma, mas deixando uma oportunidade à carne para esvaziar até a última gota o copo cheio de prazer, se não de euforia e insensatez, antes de retirar-se para o vale da contrição.

O Calvinismo e a Visão Abrangente da Religião

Todo este conceito sobre o assunto é duramente antagonizado pelo Calvinismo, que vindica para a religião seu caráter universal pleno, e sua completa aplicação universal. Se tudo que é existe por causa de Deus, então segue-se que a criação toda deve dar glória a Deus. O sol, a lua e as estrelas no firmamento, os pássaros do céu, toda a Natureza ao nosso redor, mas, acima de tudo, o próprio homem, que, como sacerdote, deve fazer convergir para Deus toda a criação e toda vida que se desenvolve nela. E embora o pecado tenha insensibilizado grande parte da criação para a glória de Deus, a exigência, - o ideal, permanece imutável, que *cada* criatura deve ser submergida no rio da religião, e terminar por colocar-se como uma oferta religiosa sobre o altar do Todo-Poderoso.

Uma religião limitada a sentimentos ou vontade é, portanto,

impensável para o calvinista. A sagrada unção do sacerdote da criação deve descer para sua barba e para a orla de sua vestimenta. Todo seu ser, incluindo todas as suas habilidades e poderes, deve ser impregnado pelo *sensus divinitatis*, e como então poderia ser excluída sua consciência racional, - o λογος que está nele, - a luz do pensamento que vem de Deus para iluminá-lo? Para o calvinista era a própria negação do Logos Eterno possuir seu Deus no mundo subterrâneo de seus sentimentos, e nas conseqüências do exercício de sua vontade, mas não em seu eu interior, no próprio centro de sua consciência, e seu pensamento; ter estabelecido pontos de partida para o estudo da natureza e fortalezas axiomáticas para a vida prática, mas não ter estabelecido suporte em seus pensamentos acerca do próprio Criador.

O mesmo caráter de universalidade foi reivindicado pelos calvinistas para a *esfera* da religião e seu *círculo* de influência entre os homens. Tudo que tem sido criado foi, em sua criação, suprido por Deus com uma lei imutável de sua existência. E porque Deus tem ordenado plenamente tais leis e ordenanças para toda vida, o calvinista exige que toda vida seja consagrada ao seu serviço, em estrita obediência. Portanto, Calvino abomina a religião limitada ao gabinete, a cela ou à igreja. Com o salmista, ele invoca o céu e a terra, invoca todas as pessoas e nações a dar glória a Deus.

Deus está presente em toda vida com a influência de seu poder onipresente e Todo-Poderoso, e nenhuma esfera da vida humana é concebida na qual a religião não sustente suas exigências para que Deus seja louvado, para que as ordenanças de Deus sejam observadas, e que todo *labora* seja impregnado com sua *ora* em fervente e contínua oração. Onde quer que o homem possa estar, tudo quanto possa fazer, em tudo que possa aplicar sua mão - na agricultura, no comércio e na industria -, ou sua mente, no mundo da arte e ciência, ele está, seja no que for, constantemente posicionado diante da face de seu Deus, está empregado no serviço de seu Deus, deve obedecer estritamente seu Deus, e acima de tudo, deve objetivar a glória de seu Deus. Conseqüentemente, é impossível para um calvinista limitar a religião a um grupo em particular, ou algum círculo entre os homens. A religião diz respeito ao todo de nossa raça humana. Esta raça é o produto da criação de Deus. É sua

obra maravilhosa, sua possessão absoluta. Portanto, a humanidade toda deve estar imbuída com o temor de Deus, - o velho tanto quanto o jovem, - o baixo tanto quanto o alto, - não somente aqueles que têm se tornado iniciados em seus mistérios, mas também aqueles que ainda permanecem muito distante. Pois Deus não apenas criou todos os homens, ele não apenas é tudo para os homens, mas sua graça também estende-se, não somente como uma graça especial ao eleito, mas também como graça comum (*gratia communis*) a toda humanidade.

Sem dúvida, há uma concentração de luz e vida religiosa na Igreja, mas ao mesmo tempo nas paredes desta igreja há amplas janelas abertas, e através destas janelas espaçosas a luz do Eterno tem irradiado sobre todo o mundo. Aqui está uma cidade colocada sobre um monte, a qual cada homem pode ver à distância. Aqui está um sal santo que penetra em todas as direções, reprimindo toda corrupção. E mesmo aquele que ainda não assimila a luz superior, ou talvez feche seus olhos para ela, todavia é admoestado, com igual ênfase e em todas as coisas, a dar glória ao nome do Senhor. Toda religião parcial dirige as cunhas do dualismo para dentro da vida, mas o verdadeiro calvinista nunca abandona o padrão do monismo religioso. Um chamado supremo deve imprimir a marca da *unidade* sobre toda vida humana, porque o Deus único a sustenta e preserva, exatamente como a criou.

Religião é Soteriológica

Religião procede da Natureza Animal?

Isto nos conduz, sem qualquer transição adicional, a nossa quarta questão principal, a saber: Deve a religião ser *normal* ou *anormal*, isto é, *soteriológica*? A distinção que eu tenho em mente aqui é a que diz respeito a questão, se no assunto da religião devemos levar em conta *de fato* o homem em sua presente condição como *normal*, ou como tendo caído em pecado, e tendo, portanto, se tornado *anormal*. No último caso, a religião deve assumir necessariamente um caráter soteriológico. A idéia prevalecente atualmente favorece o conceito de que a religião deve partir do homem como sendo *normal*. Certamente não como se nossa raça, como um todo, já deveria estar conformada à mais alta norma religiosa.

Isto ninguém afirma. Todos sabem muito bem que não se faz uma afirmação absurda como esta. Aliás, nos deparamos com muita irreligiosidade e o desenvolvimento religioso imperfeito continua sendo a regra. Mas, precisamente neste progresso lento e gradual das formas mais baixas para os ideais mais altos, o desenvolvimento exigido por este conceito normal de religião argumenta que ele tem encontrado confirmação. Segundo este conceito, os primeiros traços de religião são encontrados nos animais. Eles são vistos nos cachorros que adoram seus donos, e como o *homo sapiens* desenvolve-se do chimpanzé, somente assim a religião entra em um estágio mais alto. Desde então a religião tem passado através de todas as notas da escala. Atualmente, ela está engajada em soltar-se das ataduras da Igreja e do dogma, a pronunciar o que é de novo considerado um estágio mais alto, a saber, *o sentimento inconsciente do Infinito Desconhecido*.

O Homem foi Criado com Religião Pura

Toda esta teoria é oposta por aquela outra e completamente diferente teoria, que, sem negar a preformação do que é simplesmente humano, no animal, ou o fato que (se vocês me permitem dizer assim) os animais foram criados segundo à imagem do homem, do mesmo modo como o homem foi criado segundo à imagem de Deus, todavia sustenta que o primeiro homem foi criado em perfeita relação com seu Deus, isto é, como imbuído de uma religião pura e genuína e, conseqüentemente, explica as formas mais baixas, imperfeitas e absurdas de religião encontradas no Paganismo, não como o resultado de sua criação, mas como a conseqüência de sua queda. Estas formas mais baixas e imperfeitas de religião não devem ser entendidas como processo que conduz de uma inferior a uma superior, mas como uma degeneração lamentável, - uma degeneração, que, segundo a natureza do caso, torna a regeneração da verdadeira religião possível somente pelo caminho soteriológico. Então, na escolha entre estas duas teorias o Calvinismo não permite hesitação. Colocando-se diante de Deus também com esta questão, o calvinista foi tão impressionado com a santidade de Deus que a consciência de culpa imediatamente dilacerou sua alma, e a natureza terrível do pecado pressionou seu coração como com um peso intolerável.

Pecado – Enraizado na Natureza Humana

Toda tentativa de explicar o pecado como um estágio incompleto no caminho rumo a perfeição provocava sua ira, como um insulto à majestade de Deus. Ele confessou, desde o princípio, a mesma verdade que Buckle tem demonstrado empiricamente em sua *“História da Civilização na Inglaterra”*, a saber, que as *formas* nas quais o pecado se apresenta pode mostrar-nos um refinamento gradual, mas que a condição moral do coração humano, como tal, continua o mesmo através de todos os séculos. Ao *de profundis* com que, trinta séculos antes, a alma de Davi gritou para Deus, a alma perturbada de cada filho de Deus no décimo sexto século ainda ressoou uma resposta com igual força. Em parte alguma a concepção sobre a corrupção do pecado como a fonte de toda miséria humana foi mais profunda que no ambiente de Calvino. Mesmo nas declarações que o calvinista fez a respeito do inferno e da maldição de acordo com a Santa Escritura, não há aspereza, nem grosseria, mas apenas aquela clareza que é o resultado da maior seriedade de vida, e a coragem destemida de uma convicção da santidade do Altíssimo profundamente enraizada. Não foi ele, de cujos lábios fluíram as palavras mais compassivas e vitoriosas, - não foi ele, ele mesmo, que também fala mais decidida e repetidamente de uma “treva exterior”, de um “fogo que não pode ser apagado”, e de um “verme que não morre”? E nisto, também, Calvino estava certo, pois recusar concordar com estas palavras é nada mais do que uma completa falta de consistência. Isto mostra uma falta de sinceridade em nossa confissão sobre a santidade de Deus, e sobre o poder destrutivo do pecado. E pelo contrário, nesta experiência espiritual do pecado, nesta consideração empírica da miséria da vida, nesta sublime impressão da santidade de Deus, e nesta firmeza de suas convicções, que o levou a seguir suas conclusões até a morte, o calvinista encontrou primeiramente a raiz da necessidade de *Regeneração*, para a verdadeira *existência*; e secundariamente, a necessidade de *Revelação*, para clara *consciência*.

A Necessidade das Escrituras

Meu assunto não me induz a falar em detalhes da regeneração,

como aquele ato imediato pelo qual Deus, por assim dizer, endireita novamente a roda torta da vida. Mas é necessário que eu diga umas poucas palavras acerca da Revelação, e da autoridade das Santas Escrituras. Muito impropriamente, as Escrituras têm sido descritas por Schweizer e outros somente como o princípio *formal* da confissão reformada. A concepção do Calvinismo genuíno jaz muito mais fundo. O sentido de Calvino foi expresso naquilo que chamou de *necessitas S. Scripturae*; i.e., a necessidade da revelação escritural. Esta *necessitas S. Scripturae* foi para Calvino a expressão inevitável para a autoridade toda dominante das Santas Escrituras, e mesmo agora é este mesmo dogma que habilita-nos a entender porque é que o calvinista de hoje considera a análise crítica e a aplicação do solvente crítico[53] à Escritura como equivalente ao abandono do próprio Cristianismo.

No paraíso, antes da queda, não havia Bíblia, e não haverá Bíblia no paraíso de glória futuro. Quando a luz transparente brilha através da natureza endereçada diretamente a nós, a palavra interior de Deus soa em nosso coração em sua clareza original, todas as palavras humanas são sinceras, e a função de nosso ouvido interior é perfeitamente desempenhada, por que deveríamos necessitar de uma Bíblia? Qual mãe perde seu tempo em um tratado sobre o “amor por nossas crianças” no momento que seus próprios amados estão brincando sobre seus joelhos, e Deus lhe permite beber de seu amor com plenos goles? Mas, em nossa condição atual, esta comunhão imediata com Deus por meio da natureza e de nosso próprio coração está perdida. O pecado trouxe como substituto a separação, e a oposição que é atualmente manifestada contra a autoridade das Santas Escrituras está baseada em nada mais do que a falsa suposição de que, sendo nossa condição ainda normal, nossa religião não precisa ser soteriológica. Pois, certamente neste caso, a Bíblia não é desejada, de fato ela se torna um obstáculo, e produz um som desagradável sobre nossos sentimentos, visto que ela interpõe um livro entre Deus e nosso coração. A comunicação oral exclui a escrita. Quando o sol brilha em sua casa, brilhante e claro, você desliga a luz elétrica, mas quando o sol desaparece no horizonte, você sente a *necessitas luminis artificiosi*, i.e., a necessidade de luz artificial, e a luz

[53] NT – Kuyper refere-se aqui às teorias críticas, tal como a Histórico-crítica.

artificial está brilhando em cada habitação.

Este é o caso em matéria de religião. Quando não há nevoeiro para esconder a majestade da luz divina de nossos olhos, que necessidade há então de uma lâmpada para os pés, ou de uma luz para o caminho? Mas quando a História, a experiência e a consciência, todas declarando unidas o fato de que a luz pura e plena dos céus *tem* desaparecido, e que estamos andando às cegas nas trevas, então, uma diferente, ou se vocês preferirem, uma luz artificial *deve* ser acesa para nós, - e esta luz Deus acendeu para nós em sua Santa Palavra.

O Testemunho do Espírito Santo

Para o calvinista, portanto, a necessidade das Santas Escrituras não repousa no raciocínio, mas no testemunho imediato do Espírito Santo, - sobre o *testemonium Spiritus Sancti.* Nossa teoria sobre a inspiração é o produto de dedução histórica, e assim também é cada declaração canônica das Escrituras. Não obstante, o poder magnético com o qual a Escritura influencia a alma e a atrai para si, tal como o imã atrai o aço, não é derivado, mas imediato. Tudo isto acontece de um modo que não é mágico, nem insondavelmente místico, mas claro e fácil de ser entendido. Deus nos regenera, - isto é, ele reacende em nosso coração a lâmpada que o pecado tinha apagado. A conseqüência necessária desta regeneração é um conflito irreconciliável entre o mundo interior de nosso coração e o mundo exterior, e este conflito é tanto mais intenso quanto mais o princípio regenerativo prevalecer em nossa consciência.

Então, na Bíblia, Deus revela ao regenerado um mundo de pensamento, um mundo de energia, um mundo de vida plena e bela, que coloca-se em direta oposição a este mundo ordinário, mas que prova concordar de um modo maravilhoso com a nova vida que tem surgido em seu coração. Assim, o regenerado começa a avaliar a identidade do que está em ativo no fundo de sua própria alma, e do que é revelado a ele na Escritura, por esse meio aprendendo tanto sobre a futilidade do mundo ao seu redor, como sobre a realidade divina do mundo das Escrituras, e assim que isto se torna uma certeza para ele, ele tem recebido pessoalmente o *testemunho* do *Espírito Santo*. Tudo que está nele anseia

pelo Pai de todas as Luzes e Espíritos. Fora da Escritura ele descobriu somente sombras vagas. Mas agora que ele olhou para cima, através do prisma das Escrituras, redescobriu seu Pai e seu Deus. Por esta razão ele não coloca algemas na ciência. Se alguém deseja criticar, deixe criticar. Até mesmo este ato de criticar sustenta a promessa que ele aprofundará nosso próprio discernimento sobre a estrutura do edifício da Escritura. Apenas nenhum calvinista jamais permite ao crítico tirar de sua mão, por um momento, o *próprio prisma* que fraciona o raio de luz divino em suas matizes e cores brilhantes. Nenhum apelo à graça aplicada no interior, nada que aponte para o fruto do Espírito Santo, pode habilitá-lo a dispensar a *necessitas* que o ponto de vista soteriológico da religião entre pecadores carrega consigo. Como simples *entidades* nós compartilhamos nossa vida com as plantas e os animais. A *vida inconsciente* nós compartilhamos com as crianças, com o homem adormecido, e até mesmo com o homem que perdeu sua razão. Aquilo que nos distingue como seres superiores e como homens amplamente conscientes, é nossa *plena autoconsciência,* e portanto, se a religião, como a mais alta função vital, deve operar também nesta esfera mais alta da autoconsciência, deve seguir que a religião soteriológica, junto com a *necessitas* da *palingênesis* interior também exige a *necessitas* de uma luz assistente, da revelação estar brilhando em nosso crepúsculo. E esta luz assistente vinda do próprio Deus, mas dada a nós pela agência humana, brilha sobre nós em sua Santa Palavra.

Resumindo a Posição do Calvinismo sobre os Grandes Problemas da Religião

Resumindo o resultado de nossa investigação até aqui, eu posso expressar minha conclusão como segue. Em cada um dos quatro grandes problemas da religião, o Calvinismo tem expresso sua convicção em um dogma apropriado e cada vez tem feito aquela escolha que mesmo agora, após três séculos, satisfaz a procura mais ideal e deixa o caminho aberto para um desenvolvimento sempre mais rico. *Primeiro*, ele considera a religião, não no sentido utilitário ou eudomístico, como existindo por causa do homem, mas por Deus e para Deus somente. Este é seu dogma da *Soberania de Deus*. *Secundariamente*, na religião não deve haver

nenhuma intermediação de qualquer criatura entre Deus e a alma, - toda religião é a obra imediata do próprio Deus no coração interior. Esta é a doutrina da *Eleição*. *Em terceiro*, a religião não é parcial mas universal, - este é o dogma da *graça comum ou universal*. E, finalmente, em nossa condição pecaminosa, a religião não pode ser normal, mas deve ser *soteriológica*, - esta é sua posição no duplo dogma da necessidade de Regeneração, e da *necessitas Sola Scripturae*.

O Conceito calvinista da Igreja de Cristo

Tendo considerado a Religião como tal, e vindo agora *para a Igreja* em sua forma organizada, ou sua aparência fenomenal, eu apresentarei, em três estágios sucessivos, a concepção calvinista sobre a *essência*, a *manifestação* e o *propósito* da Igreja de Cristo sobre a terra.

A Essência da Igreja

Para o calvinista, a Igreja em sua essência é um organismo espiritual, incluindo céu e terra, mas na atualidade tendo seu centro e o ponto de partida para sua ação, não sobre a terra, mas no céu. Isto deve ser entendido assim: Deus criou o Cosmos geocentricamente, i.e., ele colocou o centro espiritual deste universo em nosso planeta, e produziu todas as divisões dos reinos da natureza, sobre esta terra, para culminar no homem, a quem, como o portador de sua imagem, ele chamou para consagrar o Cosmos para sua glória.

Na criação de Deus, portanto, o homem atua como o profeta, sacerdote e rei, e embora o pecado tenha perturbado estes altos desígnios, todavia Deus os leva adiante. Ele ama seu mundo de tal modo que tem dado a si mesmo a ele, na pessoa de seu Filho, e assim, novamente, tem conduzido nossa raça e, através de nossa raça, todo seu Cosmos para um contato renovado com a vida eterna. Certamente muitos ramos e folhas caíram da árvore da raça humana, todavia a própria árvore será salva; em sua nova raiz em Cristo, uma vez mais florescerá gloriosamente. Pois a regeneração não salva uns poucos indivíduos isolados para serem finalmente unidos mecanicamente como uma pilha agregada. A regeneração salva o próprio organismo de nossa raça. E,

portanto, toda vida humana regenerada forma um corpo orgânico do qual Cristo é a Cabeça, e cujos membros são mantidos juntos por sua união mística com ele. Mas este novo organismo todo-abrangente não se manifestará como o centro do cosmos antes do segundo advento. Na atualidade ele está oculto. Aqui, na terra, é apenas, por assim dizer, sua silhueta que pode ser obscuramente discernida.

No futuro, *esta nova Jerusalém* descerá de Deus, dos céus, mas no presente ela esconde seu brilho de nossa visão nos mistérios do invisível. E, portanto, o verdadeiro santuário está agora *acima*. Lá em cima estão tanto o Altar da Expiação como o Altar do Incenso da Oração; e lá em cima está Cristo como o único sacerdote que, segundo a ordem de Melquisedeque, ministra no Altar, no santuário, diante de Deus.

Na Idade Média, a Igreja perdeu mais e mais a visão deste caráter celestial, - tornando-se mundana em sua natureza. O Santuário novamente foi trazido de volta para a terra, o altar foi reconstruído com pedras, e uma hierarquia sacerdotal se reconstituiu para a ministração do altar. A seguir, certamente, foi necessário renovar o sacrifício tangível na terra, e isto finalmente levou a igreja a criar a oferta sem sangue da Missa. Então, o Calvinismo se opôs contra tudo isto, não para contender em princípio contra o sacerdócio, ou contra o altar como tal, ou contra o sacrifício em si, porque o ofício do sacerdote não pode perecer, e todos que conhecem o fato do pecado compreendem em seu próprio coração a absoluta necessidade de um sacrifício propiciatório; mas para livrar-se de toda esta parafernália mundana, e para chamar os crentes a erguerem seus olhos novamente para cima, para o verdadeiro santuário, onde Cristo, nosso único sacerdote, ministra no único e verdadeiro altar. A batalha foi travada não contra o *sacerdotium*, mas contra o *sacerdotalismo*[54], e somente Calvino sustentou esta batalha até o fim com completa consistência.

Os Luteranos e os Episcopais *reconstruíram* um tipo de altar sobre a terra; somente o Calvinismo ousou colocá-lo inteiramente longe. Conseqüentemente, entre os Episcopais o sacerdócio terreno foi mantido até mesmo na forma de uma hierarquia; nas terras Luteranas o soberano

---

[54] *Sacerdotalismo* indica sacerdócio; o *sacerdotalismo* é a doutrina que o sacerdote oferece sacrifício na Eucaristia.

tornou-se o *summus episcopus* e a divisão de classes eclesiásticas foi imitada; mas o Calvinismo proclamou a absoluta igualdade de todos que estão engajados no serviço da igreja, e recusou atribuir a seus líderes e oficiais qualquer outro caráter senão aquele de *Ministros* (i.e., *servos*). Aquilo que, sob a sombra da dispensação do Velho Testamento, fornecia instrução intuitiva pelos tipos e símbolos, agora que os tipos estavam cumpridos, tinha se tornado para Calvino um detrimento para a glória de Cristo, e rebaixava a natureza celestial da Igreja. Portanto, o Calvinismo não poderia descansar até que este ouropel mundano tivesse deixado de encantar e atrair os olhos. Somente quando o último resquício do fermento sacerdotal tiver sido eliminado, poderá a Igreja sobre a terra novamente tornar-se o pátio exterior, do qual os crentes poderão olhar para cima e para frente para o verdadeiro santuário do Deus vivo no céu.

A Confissão de Westminster descreve belamente esta natureza celestial todo-abrangente, quando diz: “A Igreja Católica ou Universal, que é invisível, consiste do número total dos eleitos que já foram, dos que agora são e dos que ainda serão reunidos em um só corpo, sob Cristo, seu Cabeça; ela é a esposa, o corpo, a plenitude daquele que enche tudo em todas as coisas.” Deste modo, o dogma da igreja invisível foi consagrado religiosamente e apreendido em seu significado cosmológico e permanente. Pois, certamente, a realidade e plenitude da Igreja de Cristo não podem existir sobre a terra. Aqui é encontrada, no máximo, uma geração de crentes por vez, no portal do Templo, - todas as gerações anteriores, desde o começo e fundação do mundo, deixaram esta terra e subiram lá para cima. Portanto, aqueles que permaneceram aqui são, *eo ipso*, *peregrinos*, querendo dizer com isso que eles estão marchando do portal para o Santuário em si, não restando nenhuma possibilidade de salvação após a morte para aqueles que não foram unidos a Cristo durante esta presente vida.

Nenhuma espaço poderia ser deixado para missa pelos mortos, nem para uma chamada ao arrependimento do outro lado da sepultura, como os teólogos alemães estão advogando agora. Pois todas as transições, processional e gradual, foram consideradas por Calvino como destruindo o contraste absoluto entre a essência da Igreja no Céu, e sua forma imperfeita aqui na terra. A Igreja sobre a terra não faz subir luz para

o céu, mas a Igreja no céu deve fazer sua luz descer para a Igreja na terra. Há agora, por assim dizer, uma cortina estendida diante dos olhos que os impede de penetrar, enquanto na terra, na verdadeira essência da Igreja. Portanto, tudo que é possível para nós sobre a terra é primeiro, uma comunhão mística com aquela Igreja verdadeira por meio do Espírito, e em segundo lugar, o gozo das sombras que estão se manifestando na cortina transparente diante de nós. Conseqüentemente, nenhum filho de Deus deveria imaginar que a verdadeira Igreja está aqui na terra, e que atrás da cortina há apenas um produto ideal de nossa imaginação; mas, pelo contrário, ele deve confessar que Cristo em forma humana, em nossa carne, entrou no invisível, atrás da cortina; e que com ele, ao redor Dele, e nele, nossa cabeça, está a verdadeira Igreja, o verdadeiro e essencial santuário de nossa salvação.

A Manifestação da Igreja

Após ter compreendido claramente a natureza da Igreja em sua importância quanto a recriação tanto de nossa raça humana como do Cosmos como um todo, vamos voltar nossa atenção para sua *forma de manifestação*, aqui na terra. Como tal, ela se apresenta para nós em diferentes *congregações locais de crentes*, grupos de *confessores*, vivendo em alguma união eclesiástica em obediência às ordenanças do próprio Cristo. A Igreja na terra não é uma instituição para a dispensação da graça, como se fosse uma despensa de medicamentos espirituais. Não há ordem mística, espiritual, dada com poderes místicos para operar com uma influência mágica sobre os leigos. Há somente indivíduos regenerados e confessos, que, de acordo com a ordem Escriturística, e sob a influência do elemento soteriológico de toda religião, tem formado uma sociedade e estão se esforçando para viver juntos em subordinação a Cristo como seu rei. Somente isto é a Igreja na terra, - não o edifício, - nem a instituição, - nem uma ordem espiritual. Para Calvino, a Igreja é encontrada *nos próprios indivíduos confessos*, - não em cada indivíduo separadamente, mas em todos eles juntos e unidos, não como eles mesmos têm por bem, mas segundo as ordenanças de Cristo. O sacerdócio universal dos crentes deve ser realizado na Igreja sobre a terra.

Não me entendam mal. Não estou dizendo: A Igreja consiste de

pessoas piedosas unidas em grupos com propósitos religiosos. Isto, em si mesmo, nada teria em comum com a Igreja. A Igreja verdadeira, celestial, invisível deve manifestar-se *na* Igreja terrena. Se não, vocês terão uma sociedade, mas não uma igreja. Então a verdadeira essência é e continua sendo o corpo de Cristo, do qual as pessoas regeneradas são membros. Portanto, a Igreja na terra consiste somente daqueles que têm sido incorporados a Cristo, que curvam-se diante dele, vivem em sua Palavra, e mantêm-se fiéis a suas ordenanças; e por esta razão a Igreja na terra deve pregar a Palavra, administrar os sacramentos, e exercer a disciplina e em tudo colocar-se perante a face de Deus.

Isto ao mesmo tempo determina a forma de governo dessa Igreja na terra. Este governo, como a própria Igreja, origina-se no Céu, em Cristo. Mais efetivamente, *ele* dirige, governa sua Igreja por meio do Espírito Santo, por quem opera em seus membros. Portanto, sendo todos iguais debaixo dele, não pode haver distinção de classes entre os crentes; há somente ministros que servem, guiam e regulam; uma forma completamente Presbiteriana de governo; o poder da Igreja descendo diretamente do próprio Cristo, para a congregação, da congregação concentrado nos ministros, e por eles sendo administrado aos irmãos. Deste modo, a soberania de Cristo mantêm-se absolutamente monárquica, mas o governo da Igreja na terra torna-se democrático para seus ossos e medulas; um sistema que conduz logicamente a este outro resultado, que todos os crentes e todas as congregações estando numa posição igual, nenhuma Igreja pode exercer qualquer domínio sobre uma outra, mas que todas as igrejas locais são da mesma classe, e como manifestações de um e o mesmo corpo somente podem estar unidas sinodalmente, i.e., por meio de *confederação*.

Deixem-me chamar sua atenção para outra conseqüência muito importante deste mesmo princípio, a saber, para a multiformidade de denominações como a conseqüência necessária da diferenciação das igrejas, segundo os diferentes graus de sua pureza. Se a Igreja deve ser considerada uma instituição da graça, independente dos crentes, ou uma instituição na qual o sacerdócio hierárquico distribui o tesouro da graça confiado a ela, o resultado deve ser que esta mesma hierarquia se estende através de todas as nações, e confere a mesma marca a todas

as formas de vida eclesiástica. Mas, se a Igreja consiste na *congregação de crentes*, se são formadas pela união dos confessores e estão unidas somente por meio da confederação, então as diferenças de clima e de nação, de passado histórico e de disposição mental contribuem para exercer uma influência que produz variedade, e a multiformidade em questões eclesiásticas deve ser a conseqüência. Uma conseqüência, portanto, de alcance muito mais importante, porque aniquila o caráter absoluto de cada igreja visível e coloca todas lado a lado, como diferindo em graus de pureza, mas mantendo sempre de um modo ou de outro uma manifestação da santa e católica Igreja de Cristo no Céu.

Não estou dizendo que os teólogos calvinistas têm proclamado esta plena conseqüência desde o começo. O desejo pelo poder governante também espreitava à porta de seus corações, e mesmo separados desta disposição perigosa era certo e natural para eles julgar teoricamente cada igreja segundo o padrão de seus próprios ideais. Mas isto de modo algum deprecia o grande significado do fato que por considerarem suas igrejas, não como uma hierarquia ou instituição, mas como a assembléia de indivíduos confessores, deram início à vida da igreja, bem como à vida do estado e da sociedade civil, a partir do princípio de liberdade e não de compulsão. Pois, certamente, em virtude de seu ponto de partida, não havia outro poder eclesiástico superior às igrejas locais, salvo somente o que as próprias igrejas constituíam por meio de sua confederação. Daqui, necessariamente, seguiu-se que as diferenças naturais e históricas entre os homens também deveriam, como uma cunha, forçar seu caminho na vida fenomenal da igreja sobre a terra. Diferenças nacionais de moral, de disposição e de emoções, diferentes graus na profundidade da vida e discernimento, necessariamente resultaram no enfatizar primeiro um e então o outro lado da mesma verdade. Daí as numerosas seitas e denominações nas quais a vida externa da igreja tem desaguado em virtude deste princípio.

Assim, de nossa parte, há denominações que podem ter se afastado, em grau não pequeno da rica, profunda e plena Confissão calvinista, como tal, até amargamente fazendo oposição a mais de um artigo capital de nossa Confissão; todavia todas elas devem sua origem a uma oposição profundamente enraizada ao sacerdotalismo e ao

reconhecimento da Igreja como a “congregação de crentes”, a verdade na qual o Calvinismo expressou sua concepção fundamental. E embora este fato tenha conduzido inevitavelmente a muita rivalidade ímpia, e até mesmo a pecaminosos erros de conduta; ainda, após uma experiência de três séculos deve ser confessado que esta multiformidade, que está inseparavelmente ligada ao pensamento fundamental do Calvinismo, tem sido muito mais favorável ao crescimento e prosperidade da vida religiosa que a uniformidade compulsória na qual outros procuraram a própria base de sua força. E o fruto ainda mais abundante deve ser esperado no futuro, somente na condição de que este princípio de liberdade eclesiástica não se degenere em indiferença, e que nenhuma igreja, que, em seu nome e confissão ainda sustente a bandeira calvinista, omita-se no cumprimento de sua santa missão de recomendar a outros a superioridade de seus princípios.

Ainda deve ser apresentado outro ponto nesta relação. A concepção da Igreja como a “congregação de crentes” poderia conduzir à concepção que ela incluía apenas os crentes, sem seus filhos. Isto, contudo, de modo algum é o ensinamento do Calvinismo; seu ensino sobre o assunto do batismo infantil mostra exatamente o contrário. Os crentes que congregam juntos não rompem por isso a ligação natural que os une a seus descendentes. Pelo contrário, consagram sua união, e pelo batismo incorporam seus filhos na comunhão de sua igreja, e estes menores são guardados nesta comunhão eclesiástica até que, quando maior de idade, eles próprios tornem-se confessores, ou aqueles que rompem com a igreja por sua incredulidade. Este é o importante dogma calvinista do *Pacto*; um artigo proeminente de nossa confissão, mostrando que as águas da Igreja não fluem fora do rio natural da vida humana, mas faz sua vida prosseguir de mãos dadas com a reprodução orgânica natural da humanidade em suas gerações seguintes. *Pacto* e Igreja são inseparáveis, - o Pacto unindo a Igreja à raça, e o próprio Deus selando nele a relação entre a vida da graça e a vida da natureza.

Certamente, a disciplina da Igreja deve vir aqui, a fim de preservar a pureza desse Pacto, quando a interpermeação da graça pela natureza tende a diminuir a pureza da Igreja. Do ponto de vista calvinista, portanto, é impossível falar de uma Igreja nacional como sendo destinada a abraçar

todos os habitantes de um país. Uma Igreja nacional, isto é, uma Igreja abrangendo somente uma nação, e toda aquela nação, é uma concepção pagã, ou no máximo, uma concepção judaica. A Igreja de Cristo não é nacional mas ecumênica. Não um estado em particular, mas o mundo todo é seu domínio. E quando os reformadores Luteranos instigados por seus soberanos nacionalizaram suas igrejas, e as igrejas calvinistas permitiram-se desviar para o mesmo caminho, eles não subiram para uma concepção superior àquela da Igreja mundial de Roma, mas desceram à base nitidamente mais baixa. Felizmente, posso concluir pelo paciente testemunho que tanto nosso Sínodo de Dort, quando sua não menos venerável Assembléia de Westminster, têm novamente honrado o caráter ecumênico de nossas Igrejas Reformadas, censurando com isso como imperdoável todo desvio do único princípio certo.

O Propósito da Igreja

Tendo dado até aqui um esboço da *natureza* da Igreja, e da *forma* de sua *manifestação*, deixem-me agora chamar sua atenção, em último lugar, para o propósito de seu surgimento na terra. Por enquanto, não direi algo sobre a separação entre Igreja e o Estado. Isto naturalmente encontrará seu lugar na próxima Palestra. Presentemente, limito-me ao *propósito* que tem sido atribuído à Igreja em sua peregrinação através do mundo. Este propósito não pode ser humano ou egoísta, *preparar o crente para o Céu*. Uma criança regenerada, agonizando no berço, vai direto para o Céu sem qualquer preparação a mais, e onde quer que o Espírito Santo tenha acendido o brilho da vida eterna na alma, a perseverança dos santos assegura a certeza da salvação eterna. Mais ainda, também sobre a terra, a Igreja existe simplesmente *por causa de Deus*. A regeneração é suficiente para o homem eleito, para torná-lo seguro de seu destino eterno, mas ela não é suficiente para satisfazer a glória de Deus em sua obra entre os homens. Para a glória de nosso Deus é necessário haver a regeneração seguida pela conversão, e a Igreja deve contribuir para esta conversão através da pregação da Palavra. No homem regenerado resplandece a centelha, mas somente no homem convertido a centelha irrompe em uma chama, e esta chama irradia a luz da Igreja no mundo, para que, segundo a ordem de nosso

Senhor, nosso Pai que está no Céu possa ser glorificado. E ambas, nossa conversão e nossa santificação em boas obras, são marcadas pelo sublime caráter que Jesus exige somente quando as fazemos servir, em primeiro lugar, não como a garantia de nossa própria salvação, mas antes a glorificação de Deus.

Em segundo lugar, a Igreja deve atiçar esta chama e fazê-la brilhar pela comunhão dos santos e pelos sacramentos. Somente quando centenas de velas estão acesas em um candelabro pode o brilho pleno da suave luz de vela atingir-nos, e o mesmo acontece com a comunhão dos santos que deve unir as muitas pequenas luzes dos crentes individuais, de modo que eles possam aumentar seu resplendor mutuamente e Cristo andando no meio dos sete castiçais pode purificar sacramentalmente o brilho de seu resplendor até o fervor mais brilhante. Assim, o propósito da Igreja não se encontra em nós, mas em Deus e na glória de seu nome.

Deste solene propósito origina-se, do mesmo modo, os cultos rigorosamente espirituais que o Calvinismo tentou restaurar no serviço da Igreja. Até mesmo Von Hartman, longe de ser um filósofo cristão, percebeu que os cultos tornavam-se mais religiosos exatamente na proporção em que tinham a coragem de desprezar toda demonstração externa e a energia para evoluir do simbolismo, a fim de revestir-se da beleza de uma ordem superior, - *a beleza interior, espiritual, da alma adorando*. Serviço eclesiástico sensual tende a confortar e adular o *homem* religiosamente, somente o serviço puramente espiritual do Calvinismo objetiva a adoração pura a Deus e sua adoração em espírito e verdade.

A mesma tendência conduz nossa disciplina eclesiástica àquele elemento indispensável de toda genuína atividade eclesiástica calvinista. A disciplina eclesiástica também foi instituída, em primeiro lugar, não para prevenir escândalos, nem mesmo primariamente para podar ramos maus, mas antes *para preservar a santidade do Pacto de Deus*, e sempre imprimir sobre o mundo exterior o fato solene de que Deus é muito puro de olhos para ver o mal.

Finalmente, temos o serviço *filantrópico* da Igreja, no Diaconato o qual somente Calvino entendeu e restaurou à sua primeira honra. Nem Roma, nem a Igreja Grega, nem as Igrejas Luterana e Episcopal,

alcançaram o verdadeiro significado do Diaconato. Somente o Calvinismo tem restaurado o diaconato ao seu lugar de honra, como elemento indispensável e construtivo da vida eclesiástica. Mas, neste Diaconato o princípio sublime também deve prevalecer, que ele não pode glorificar aquele que dá esmola, mas somente o nome daquele que move o coração das pessoas para a liberalidade.

Os Diáconos não são *nossos* servos, mas servos de Cristo. Aquilo que nós confiamos à guarda deles, simplesmente devolvemos a Cristo como mordomos daquilo que é sua propriedade; e em seu nome deve ser distribuído a seus pobres, - nossos irmãos e irmãs. O membro pobre da igreja que agradece ao Diácono e ao doador, mas não a Cristo, realmente nega aquele que é o verdadeiro e divino doador e que através de seus Diáconos, propôs tornar manifesto que para o homem integral e para todos os aspectos da vida ele é o *Christus Consolator*, o Redentor Celestial, ungido e apontado pelo próprio Deus para nossa raça caída desde toda eternidade. E assim, como vocês vêem, o resultado prova incontestavelmente que no Calvinismo, a concepção fundamental sobre a *Igreja* ajusta-se perfeitamente à idéia fundamental da *Religião*. Até mesmo em sua finalidade, todo egoísmo e eudomonismo são excluídos de ambas. Sempre e sempre temos uma *Religião* e uma *Igreja*, por causa de Deus e não por causa do homem. A origem da Igreja está em Deus, sua forma de manifestação é de Deus, e desde o começo até o fim, seu propósito é e continua sendo *magnificar a glória de Deus*.

O Fruto da Religião em Nossa Vida Prática

Finalmente, vou para o fruto da religião em nossa *vida prática*, ou a posição tomada pelo Calvinismo nas *questões de moral*, - a terceira e última divisão, com a qual esta palestra sobre o Calvinismo e Religião naturalmente concluirá.

A Confissão e Prática calvinista

Aqui, a primeira coisa que chama nossa atenção é a aparente contradição entre uma confissão que é alegada, embota o corte dos incentivos morais, e uma prática que na seriedade moral excede a prática

de todas as outras religiões. O Antinominiano e o Puritano pareciam estar misturados neste campo como joio e trigo, de modo que, a primeira vista, parecia que o Antinominiano era o resultado lógico da confissão calvinista, e como se fosse apenas por uma feliz inconsistência que o Puritano poderia infundir o ardor de sua seriedade moral na frieza congelante que emana do dogma da predestinação. Romanistas, Luteranos, Arminianos e Libertinos sempre têm acusado o Calvinismo de que sua doutrina da absoluta predestinação, culminando na perseverança dos santos, necessariamente deve resultar numa consciência muito condescendente e num perigoso descuido moral. Mas, o Calvinismo responde esta acusação não opondo razão contra razão, mas colocando um fato de reputação mundial em contraste com esta falsa dedução de conseqüências fictícias. Ele simplesmente pergunta: “Quais frutos morais rivais as outras religiões têm para contrapor, se nós apontamos para a alta seriedade moral dos Puritanos?” “Continuaremos em pecado para que a graça possa abundar” é o velho sussurro diabólico que o espírito maligno proferiu contra o próprio Santo Apóstolo na infância da Igreja Cristã. E quando, no décimo sexto século o Catecismo de Heidelberg foi obrigado a defender o Calvinismo contra a vergonhosa acusação: “Esta doutrina não conduz a vidas descuidadas e ímpias?” Ursino e Oleviano tiveram de lidar com nada menos do que a repetição ecoante e monótona da mesma velha calúnia. Certamente a luxúria ímpia insiste em viver em pecado, e até mesmo a fomentar tal vida, além disso, até mesmo o próprio Antinominianismo, muitas vezes, abusou da confissão calvinista, aproveitando-se dela como um escudo, para esconder os apetites carnais do coração não convertido. Mas, assim como a repetição mecânica de uma confissão escrita sempre tem algo tão pouco em comum com a genuína religião, assim também a Confissão calvinista pode ser feita muito pouco responsável por aqueles reverberantes pilares de pedra que ecoam a fórmula de Calvino, mas sem uma única partícula da seriedade calvinista em seu coração.

O calvinista é Tocado Pela Majestade de Deus

Somente é verdadeiro calvinista e pode levantar a bandeira calvinista, aquele que em sua própria alma, pessoalmente, tem sido

tocado pela Majestade do Altíssimo, e submisso ao poder esmagador de seu amor eterno tem ousado proclamar este amor majestoso em oposição a Satanás, ao mundo e o mundanismo de seu próprio coração, na convicção pessoal de ser escolhido pelo próprio Deus e, portanto, devendo agradecer a ele e a ele somente por toda graça eterna. Tal pessoa não poderia senão temer diante do poder e da majestade de Deus, naturalmente aceitando sua Palavra como o princípio regulador de sua conduta na vida – por seu forte apego às Escrituras, um princípio que até agora o tem guiado, o Calvinismo tem sido censurado como sendo uma religião *nomista*, mas sem qualquer razão. *Nomista* é o nome apropriado para uma religião que proclama que a *salvação* é alcançada pelo cumprimento da lei, enquanto que o Calvinismo, por outro lado, num sentido completamente soteriológico, nunca derivou a salvação senão de Cristo e a expiação como fruto de seus méritos.

O calvinista Coloca Toda a Vida do Crente Perante Deus

Porém, permaneceu a característica especial do Calvinismo que colocou o crente *diante da face de Deus*, não apenas em sua igreja, mas também em sua vida pessoal, familiar, social e política. A majestade e a autoridade de Deus exercem pressão sobre o calvinista no todo de sua existência humana. Ele é um peregrino, não no sentido que está marchando através de um mundo com o qual não tem relação, mas no sentido que, a cada passo do longo caminho, deve lembrar-se de sua responsabilidade para com aquele Deus tão cheio de majestade que o espera no fim de sua jornada. Em frente ao Portal que se abre para ele, na entrada da Eternidade, está o *Último Julgamento*; e este julgamento será um teste amplo e compreensivo para verificar se a longa peregrinação foi completada com um coração que visou a glória de Deus, e de acordo com as ordenanças do Altíssimo.

A Fé do Calvinismo nas Ordenanças de Deus

O que então o Calvinismo quer dizer por sua fé nas ordenanças de Deus? Nada menos que a convicção firmemente enraizada de que toda vida tem estado primeiro nos *pensamentos* de Deus, antes de vir a ser realizada na *Criação.* Por isso, toda vida criada necessariamente traz em

si mesma uma lei para sua existência, instituída pelo próprio Deus. Não há vida na Natureza exterior a nós sem tais ordenanças divinas, - ordenanças que são chamadas de leis da Natureza - um termo que estamos dispostos a aceitar, desde que entendamos com isso, não as leis que se originam *da* Natureza, mas as leis impostas *sobre* a Natureza. Assim, há ordenanças de Deus para o firmamento acima e ordenanças para a terra em baixo, por meio das quais este mundo é sustentado e, como o Salmista diz: Estas ordenanças são servas de Deus. Conseqüentemente há ordenanças de Deus para nossos corpos, para o sangue que corre através de nossas artérias e veias, e para nossos pulmões como o órgão de respiração. E assim, logicamente, há ordenanças de Deus para regular nossos pensamentos; ordenanças de Deus para nossa imaginação no campo da estética; e também, ordenanças estritas de Deus para toda a vida humana no *campo da moral*. Não ordenanças morais no sentido de sumário de leis em geral, que deixam para nós mesmos a decisão nas instâncias concreta e detalhada. Mas, assim como a ordenança de Deus determina o curso do menor asteróide tanto quanto a órbita do astro mais poderoso, do mesmo modo, estas ordenanças morais de Deus descem aos menores e mais particulares detalhes, declarando para nós o que em cada caso deve ser considerado como a vontade de Deus.

Estas ordenanças de Deus que governam tanto os problemas mais poderosos quanto os mais insignificantes são impelidas sobre nós, não como os estatutos de um livro de lei, nem como regras que podem ser lidas em papel, nem como uma codificação de vida, que poderiam até mesmo por um momento exercer qualquer autoridade por si mesmos – mas são impelidas sobre nós como a contínua vontade do Onipresente e Todo-Poderoso Deus, que a cada instante está determinando o curso da vida, ordenando suas leis e continuamente restringindo-nos por sua autoridade divina. O calvinista não sobe, como Kant, de seu raciocínio do *"Du sollst"* (Tu deves) para a idéia de um legislador, mas, porque ele está diante da face de Deus, porque vê a Deus, anda com Deus e sente Deus no todo de seu ser e existência, por isso não pode afastar seu ouvido daquele nunca silenciado *"Tu deves"*, que procede continuamente de seu Deus, na natureza, em seu corpo, em sua razão, e em sua ação.

O calvinista Acata as Ordenanças de Deus

Portanto, segue-se que o verdadeiro calvinista ajusta-se a estas ordenanças não por força, como se elas fossem um jugo do qual ele gostaria de livrar-se, mas com a mesma prontidão com que seguimos um guia pelo deserto, reconhecendo que *nós* somos ignorantes sobre o caminho, o qual o guia conhece e, portanto, reconhecendo que não há salvação senão em seguir suas pegadas de perto. Quando nossa respiração é interrompida, tentamos irresistível e imediatamente remover a interrupção e torná-la normal de novo, i.e., restaurá-la, trazendo-a novamente de acordo com as ordenanças que Deus tem dado para a respiração do homem. Ser bem-sucedido nisto dá-nos um sentimento inexprimível de alívio. Do mesmo modo, em toda interrupção da vida normal o crente deve esforçar-se, tão rapidamente quanto possível, para restaurar sua respiração espiritual conforme as ordens morais de seu Deus, porque somente depois desta restauração a vida interior pode novamente prosperar livremente em sua alma, e torna-se possível uma renovada ação energética. Portanto, toda distinção entre ordenanças morais gerais e mandamentos *cristãos* mais especiais é desconhecido para ele. Podemos imaginar que antigamente Deus desejou governar coisas numa certa ordem moral, mas que agora, em Cristo, ele deseja governá-las de outra maneira? Como se ele não fosse o Eterno, o Imutável, que, desde o momento da criação, por toda eternidade, desejou, deseja e desejará e manterá uma e a mesma constante ordem mundial moral!

Na verdade, Cristo tem varrido para longe a poeira com que as limitações pecaminosas do homem tem coberto esta ordem mundial, e a tem feito brilhar novamente em seu resplendor original. Verdadeiramente, Cristo, e somente ele, tem revelado para nós o amor eterno do Cristo que foi, desde o começo, o princípio motor desta ordem mundial. Acima de tudo, Cristo tem fortalecido em nós a habilidade para andar nesta ordem mundial com um passo constante, firme. Mas a própria ordem mundial continua exatamente o que era desde o princípio. Ela apresenta plena reivindicação, não somente para o crente (como se fosse exigido menos do incrédulo), mas para cada ser humano e para todos os

relacionamentos humanos. Por isso, o Calvinismo não nos leva a filosofar sobre a assim chamada vida moral, como se *nós* tivéssemos de criar, descobrir ou regulamentar esta vida. O Calvinismo simplesmente coloca-nos sob a impressão da majestade de Deus, e sujeita-nos a suas ordenanças eternas e mandamentos imutáveis. Por isso é que, para o calvinista, todo estudo ético está baseado na Lei do Sinai, não como se naquele tempo a ordem mundial moral começasse a ser fixada, mas para honrar a Lei do Sinai como o resumo divinamente autenticado daquela lei moral original que Deus escreveu no coração do homem, quando de sua criação, e que Deus está rescrevendo nas tábuas de cada coração quando de sua conversão.

O calvinista é levado a submeter-se à consciência, não como a um legislador individual que cada pessoa carrega em si, mas como a um direto *sensus divinitatis*, através do qual o próprio Deus desperta o homem interior e o sujeita a seu julgamento. Ele não impõe a religião com sua *dogmática* como uma *entidade separada*, e então coloca sua vida moral com sua ética como uma *segunda entidade* ao lado da religião, mas impõe a religião como colocando-a na presença do próprio Deus, que com isso o inspira com sua vontade divina. Para Calvino, o amor e a adoração são os próprios motivos de toda atividade espiritual, e assim o temor de Deus é conferido à vida toda como uma realidade – na família e na sociedade, na ciência e na arte, na vida pessoal e na carreira política. Um homem redimido que em *todas* as coisas e em *todas* as escolhas da vida é controlado somente pela mais penetrante e vibrante reverência do coração por um Deus que está sempre presente em sua consciência, e que sempre o mantém em seus olhos – assim apresenta-se o tipo calvinista na História. Sempre e em todas as coisas a mais profunda, a mais sagrada reverência pelo Deus sempre presente como uma regra de vida – esta é a verdadeira imagem do Puritano original.

A Interação do calvinista com o Mundo

A anulação do mundo nunca foi a marca calvinista, mas o lema do Anabatista. O específico dogma anabatista da "anulação" prova isto. Segundo este dogma, os Anabatistas, anunciando-se como "santos", estavam separados do mundo. Eles colocaram-se em oposição a ele.

Recusaram-se a prestar juramento; aborreceram todo serviço militar; condenaram a manutenção de cargos públicos. Formaram um novo mundo aqui, no meio deste mundo de pecado, o qual, contudo, nada tinha a ver com esta nossa presente existência. Rejeitaram toda obrigação e responsabilidade para com o velho mundo, e o evitaram sistematicamente por medo da contaminação e contágio. Mas, é exatamente isto que o calvinista sempre contestou e negou. Não é verdade que há dois mundos, um mal e um bom, que estão encaixados um no outro. É uma e mesma pessoa que Deus criou perfeita e que depois caiu, e tornou-se um pecador – e é este mesmo "ego" do velho pecador que renasce e que entra na vida eterna. Assim, também, é um e o mesmo mundo que outrora exibiu toda glória do Paraíso, que depois foi atingido com a maldição, e que, desde a Queda, é sustentado pela graça comum; que agora tem sido redimido e salvo por Cristo em seu centro e que passará através do horror do julgamento para o estado de glória.

Por esta mesma razão, o calvinista não pode calar-se em sua igreja e abandonar o mundo a sua sorte. Antes, sente sua alta chamada para promover o desenvolvimento deste mundo a um estágio ainda mais alto, e fazer isto em constante acordo com a ordenança de Deus, por causa de Deus, sustentando, no meio da tão dolorosa corrupção, tudo que é honrável, amável e de boa fama entre os homens. Por isso é que vemos na História (se pode ser permitido que eu fale de meus próprios ancestrais) que o Calvinismo tinha sido firmemente estabelecido na Holanda apenas a um quarto de um século, quando houve um sussurro de vida em todas as direções, e uma energia indomável estava fermentando em cada departamento da atividade humana, e seu comércio e negócio, seu artesanato e industria, sua agricultura e horticultura, sua arte e ciência floresceram com um resplendor não conhecido até então, e deu um novo impulso para um desenvolvimento inteiramente novo da vida a toda Europa Ocidental.

Exceções às Interações com o Mundo

Isto admite apenas uma exceção, e esta exceção desejo tanto manter, quanto colocar em sua própria luz. O que eu quero dizer com

isto? Nem *toda* relação pessoal com o mundo não convertido é considerada lícita pelo Calvinismo, pois ele colocou uma barreira contra a influência muito profana deste mundo colocando um “veto” distinto sobre três coisas, *jogo de cartas, teatro e dança* – três formas de entretenimento que tratarei primeiro separadamente, e então apresentarei em seu significado combinado.

Baralho

O *Jogo de cartas* foi colocado pelo Calvinismo sob maldição, não como se jogos de todos os tipos fossem proibidos, nem como se alguma coisa demoníaca estivesse escondida nas cartas em si, mas porque fomenta em nosso coração a tendência perigosa de olhar para longe de Deus, e a colocar nossa confiança no *Destino* ou *Sorte*. Um jogo que é decidido pela perspicácia da visão, agilidade da ação e extensão da experiência é dignificante em seu caráter, mas um jogo, como o de cartas, que é decidido principalmente pelo modo em que as cartas são arranjadas em um baralho e distribuídas às cegas, induz-nos a vincular um certo significado àquele poder imaginativo fatal, fora de Deus, chamado *Acaso* ou *Destino*. Cada um de nós está inclinado a este tipo de incredulidade.

A paixão pela especulação no mercado de ações diariamente como as pessoas são muito mais fortemente atraídas e influenciadas pela balança do Destino, do que pelo sólido envolvimento com o seu trabalho. Por isso, o calvinista considerou que a geração nascente deveria ser guardada desta tendência perigosa, porque ela seria adotada mediante o jogo de cartas. E visto que a sensação da sempre duradoura presença de Deus foi sentida por Calvino e seus adeptos como a fonte que nunca se esgota, da qual eles tiraram sua rígida seriedade de vida, não poderiam evitar odiar um jogo que envenenava esta fonte colocando o Destino acima da disposição de Deus, e o anseio pelo acaso acima da firme confiança em sua vontade. Temer a Deus e fazer oferta aos favores do Destino, pareceu a ele tão irreconciliável quanto o fogo e a água.

Teatro

Objeções inteiramente diferentes foram levantadas em

consideração contra *ir ao teatro*. Nada há de pecaminoso na ficção em si – o poder da imaginação é um dom precioso do próprio Deus. Nem há qualquer mal especial na imaginação *dramática*. Quão altamente Milton aprecia o Drama de Shakespeare, e não escreve ele mesmo em forma dramática? Nem encontra-se o mal na representação teatral pública, como tal. No tempo de Calvino, e com sua aprovação, representações públicas eram feitas para todas as pessoas em Genebra no Market Place. Não, aquilo que ofendia nossos ancestrais não era a comédia ou a tragédia, nem deve ter sido a ópera em si, mas o *sacrifício moral* que era exigido dos atores e atrizes como uma regra para o entretenimento do público.

Um grupo teatral, especialmente naqueles dias, colocava-se numa posição moralmente muito baixa. Este baixo padrão moral em parte era o resultado do fato que a constante e sempre mutante representação do caráter de outra pessoa finalmente impede a formação de seu caráter pessoal; e em parte porque nossos teatros modernos, diferente dos gregos, introduziram a presença da mulher no palco, sendo a prosperidade do teatro muitas vezes aferida pela medida em que uma mulher expõe o mais sagrado tesouro que Deus confia a ela, seu nome imaculado e sua conduta irrepreensível.

Certamente, um teatro estritamente normal é muito bem aceitável; mas com a exceção de umas poucas grandes cidades, tais teatros não seriam suficientemente patrocinados nem poderiam existir financeiramente; e o certo é que, tomando todo o mundo novamente, a prosperidade de um teatro muitas vezes cresce em proporção à degradação moral dos atores. Por isso, muitas vezes, – Hall Caine em seu "Cristão" confirmou uma vez mais a triste verdade – a prosperidade do teatro é adquirida ao custo do caráter viril e da pureza feminina. E o calvinista que honrava tudo que era humano no homem por causa de Deus, não poderia senão condenar a compra de delícias para os ouvidos e para os olhos ao preço de um hecatombe[55] moral como este.

Dança

Finalmente, no que diz respeito a *dança*, até mesmo um jornal

[55] NT – Antigo sacrifício de cem bois; sacrifício de muitas vítimas; matança humana.

secular como o parisiense *"Figaro"*, atualmente justifica a posição do calvinista. Apenas recentemente, um artigo neste jornal chamou a atenção para cuidado moral com que um pai levou sua filha pela primeira vez ao salão de baile. Este cuidado moral, ele declarou, é evidente, em Paris ao menos, a todos que estão familiarizados com os rumores, olhares e ações indecentes prevalecente naqueles círculos de prazer amoroso. Aqui também, o calvinista não protesta contra a Dança em si, mas exclusivamente contra a impureza para a qual ela freqüentemente está em perigo de ser dirigida.

A Prioridade do Mundo nesses Entretenimentos

Com isto, retorno à barreira da qual falei. Nossos pais perceberam excelentemente bem que eram exatamente estes três: Dançar, Jogar cartas, e ir ao Teatro, com os quais o mundo estava loucamente apaixonado. Nos círculos mundanos estes prazeres não eram considerados como ninharias secundárias, mas honrados como questões de grande importância: e quem ousasse atacá-los expunha-se ao mais amargo desprezo e inimizade. Por esta mesma razão, eles reconheceram nestes três o *Rubicão*[56] que nenhum verdadeiro calvinista poderia atravessar sem sacrificar sua seriedade por uma perigosa alegria, e o temor do Senhor por prazeres freqüentemente longe de serem imaculados.

E então posso perguntar, não tem o resultado justificado seu forte e corajoso protesto? Mesmo depois de um lapso de três séculos, vocês ainda encontrarão em meu país calvinista, na Escócia e em seu próprio país, círculos sociais inteiros nos quais nunca foi permitido entrar este mundanismo, mas nos quais a riqueza da vida humana tem retornado, de fora, interior, e nos quais, como resultado de uma sadia concentração espiritual, tem sido desenvolvido um tal profundo senso de tudo que é alto, e uma tal energia por tudo que é santo, que estimula a inveja até mesmo de nossos antagonistas. Não somente tem sido preservada a asa da borboleta nestes círculos, mas até mesmo o ouro em pó sobre esta

---

[56] NT – Rubicão refere-se a dificuldade; obstáculo; uma alusão a decisão de Cesar, que atravessou o Rio Rubicão, hoje chamado Fiumicino, para atacar Pompeu, em desobediência às ordens do Senado.

asa reluz tão brilhante como nunca.

O Tratamento calvinista da Ética – Restauração da Consciência

Esta então é a prova para a qual eu solicito sua respeitosa atenção. Nossa época está muito à frente da época calvinista em sua transbordante massa de ensaios éticos, tratados e exposições eruditas. Na verdade os Filósofos e Teólogos competem uns com os outros para revelar-nos (ou esconder de nós, como vocês pode estar satisfeitos em colocá-lo) a estrada certa no campo da moral. Mas há algo que toda esta multidão de estudiosos eruditos *não* tem sido capaz de fazer. Eles não têm sido capazes de restaurar a *firmeza moral* à consciência pública debilitada.

Antes, devemos lamentar que sempre mais e mais as fundações de nosso edifício moral estão sendo gradualmente afrouxadas e desarranjadas, até que finalmente não seja deixada nenhuma fortaleza na qual o povo, em suas mais amplas classes, possa sentir que a *certeza moral* para o futuro está garantida. Estadistas e Juristas estão proclamando abertamente o direito do mais forte; o título de propriedade é chamado de furto; o amor livre tem sido advogado; e a honestidade é ridicularizada. Um panteísta tem ousado colocar Jesus e Nero no mesmo pé de igualdade; e Nietzsche, indo ainda mais longe, julgou a bênção de Cristo para o manso como sendo a maldição da humanidade.

Compare com tudo isto o maravilhoso resultado de três séculos de Calvinismo. O Calvinismo entendeu que o mundo não deveria ser salvo através do filosofar ético, mas somente através da restauração da compaixão da consciência. Portanto, não entregou-se ao raciocínio, mas apelou diretamente para a alma, e colocou-a face a face com o Deus vivo, de modo que o coração temeu sua santa majestade, e nesta majestade, descobriu a glória de seu amor. E quando, voltando em sua revisão histórica, vocês observam quão completamente corrupto e podre o Calvinismo encontrou o mundo, a que profundidade a vida moral naquele tempo tinha afundado, na corte e entre o povo, no clero e entre os líderes da ciência, entre homens e mulheres, entre as classes mais altas e mais

baixas da sociedade – então qual crítico entre vocês ousará negar a palma de vitória moral ao Calvinismo, que em uma única geração, embora perseguido desde o campo de batalha até o cadafalso, criou através de cinco nações ao mesmo tempo, grandes grupos de homens nobres sérios, e mulheres mais nobres ainda, até agora não ultrapassados na eminência de suas concepções ideais e inigualáveis no poder de seu autocontrole moral.

O Calvinismo se Estende Além do Aspecto Religioso

O Calvinismo Abrange o Conceito do Estado

Minha terceira palestra deixa o santuário da religião e entra no campo do Estado – a primeira transição do círculo sagrado para o campo secular da vida humana. Agora, entretanto, passaremos sumariamente e em princípio a combater a sugestão não histórica de que o Calvinismo representa um movimento exclusivamente eclesiástico e dogmático.

O impulso religioso do Calvinismo também tem colocado debaixo da Sociedade política uma concepção fundamental toda própria dele, precisamente porque ele não apenas podou os ramos e limpou o tronco, mas alcançou a própria raiz de nossa vida humana.

Que isto *deveria ser assim* torna-se imediatamente evidente a todos que são capazes de apreciar o fato de que nenhum esquema político jamais se tornou dominante a menos que tenha sido fundado numa concepção religiosa específica ou numa concepção anti-religiosa. E que este *tem* sido o fato com relação ao Calvinismo, pode evidenciar-se pelas mudanças políticas que produziu naquelas três terras de liberdade política histórica, a Holanda, a Inglaterra e a América.

Calvinismo e Liberdade

Todo historiador competente, sem exceção, confirmará as palavras de Bancroft: "O fanático pelo Calvinismo era um fanático por liberdade, pois na guerra moral pela liberdade, seu credo era uma parte de seu exército, e seu mais fiel aliado na batalha."[57] E Groen van Prinsterer o expressou da seguinte forma: "No Calvinismo encontra-se a origem e a garantia de nossas liberdades constitucionais." Que o Calvinismo tem levado a lei pública a novos caminhos, primeiro na Europa Ocidental, então nos dois Continentes, e hoje mais e mais entre todas as nações civilizadas, é admitido por todos os estudantes científicos, se não ainda plenamente pela opinião pública.

---

[57] Bancroft, *History of the United States of America, (História dos Estados Unidos da América).* 15ª Edição; Boston, 1853; I, 464; Ed. Nova Yorque, 1891, I, 319.

A Visão Abrangente da Soberania de Deus

Mas, para o propósito que tenho em vista, a simples afirmação deste importante fato é insuficiente. A fim de que a influência do Calvinismo em nosso desenvolvimento político possa ser sentida, deve ser demonstrado por quais concepções políticas fundamentais ele tem aberto a porta, e como estas concepções políticas nascem de seu princípio radical.

Este princípio dominante não era, soteriologicamente, a justificação pela fé, mas, no sentido cosmologicamente mais rude, *a Soberania do Deus Triuno sobre todo o Cosmos*, em todas as suas esferas e reinos, visíveis e invisíveis. Uma soberania *primordial* que irradia-se na humanidade numa tríplice supremacia derivada, a saber, 1. A Soberania no Estado; 2. A Soberania na Sociedade; e 3. A Soberania na Igreja.

Tríplice Entendimento da Soberania Abrangente

Permitam-me demonstrar este assunto em detalhes mostrando a vocês como esta tríplice Soberania derivada foi entendida pelo Calvinismo.

A Soberania no Estado

Então, uma primeira Soberania derivada nesta esfera política, a qual defini como *o Estado*. E portanto, nós admitimos que o impulso para formar estados nasce da natureza social do homem, a qual já foi expressa por Aristóteles quando ele chamou o homem de um “ζϖου πολιτιχο′ν" - (ser político). Deus poderia ter criado os homens como indivíduos separados, estando lado a lado e sem conexão genealógica. Assim como Adão foi criado separadamente, o segundo e terceiro e assim por diante, cada homem poderia ter sido chamado a existência individualmente; mas este *não* foi o caso.

A Unidade da Raça Humana

O homem é criado do homem, e em virtude de seu nascimento ele

está organicamente unido a toda raça. Nós formamos juntos *uma humanidade*, não somente com aqueles que estão vivos atualmente, mas também com todas as gerações antes de nós e com todas aquelas que virão depois de nós, embora possamos estar pulverizados em milhões.

Toda a raça humana é de *um mesmo sangue*. A concepção de *Estados*, contudo, que subdivide a terra em continentes, e cada continente em nacos, não se harmoniza com esta idéia. Então a unidade orgânica de nossa raça somente seria realizada politicamente se *um Estado* pudesse abraçar todo o mundo, e se toda a humanidade estivesse associada em um império. Se o pecado não tivesse ocorrido, sem dúvida este mundo realmente teria sido assim. Se o pecado, como uma força desintegradora, não tivesse dividido a humanidade em diferentes seções, nada teria estragado ou quebrado a unidade orgânica de nossa raça. E o erro dos Alexandres, dos Augustos e dos Napoleões, não foi que eles foram seduzidos com o pensamento do *Império Mundial Único*, mas sim que eles se esforçaram para concretizar esta idéia embora a força do pecado tivesse dissolvido nossa unidade.

Esforços de União

De modo semelhante o esforço cosmopolita internacional da Social-democracia atual em sua concepção de união, um ideal que por esta mesma razão nos seduz, mesmo quando estamos cientes de que eles tentam alcançar o inatingível ao esforçarem-se para concretizar este alto e santo ideal agora e num mundo pecaminoso. Mais ainda, até mesmo a Anarquia, concebida como tentativa de desfazer todas as conexões mecânicas entre os homens, juntamente com a anulação de toda autoridade humana, e para encorajar em seu lugar o desenvolvimento de uma nova união orgânica, nascendo da própria natureza – eu digo, tudo isto não é nada senão um olhar para trás para um paraíso perdido.

O Pecado e a Ordem Política

Pois, de fato, sem pecado não teria havido magistrado, nem ordem do estado; mas a vida política em sua inteireza teria se desenvolvido segundo um modelo patriarcal da vida de família. Nem tribunal de justiça,

nem polícia, nem exército, nem marinha, é concebível num mundo sem pecado; e se fosse para a vida desenvolver a si mesma, normalmente e sem obstáculo de seu próprio impulso orgânico, conseqüentemente toda regra, ordenança e lei caducaria, bem como todo controle e afirmação do poder do magistrado desapareceria. Quem une onde nada está quebrado? Quem usa muletas quando as pernas estão sadias?

Autoridade vs. Liberdade

Toda estrutura do Estado, toda afirmação do poder do magistrado, todo meio mecânico de obter pela força a ordem e garantir um curso seguro de vida é, portanto, sempre algo artificial; algo contra o que as aspirações mais profundas de nossa natureza se rebelam; e que, exatamente por causa disto, pode tornar-se a fonte tanto de um terrível abuso de poder por parte daqueles que o exercem, quanto de uma revolta contínua por parte da multidão. Assim, originou-se a batalha dos séculos entre *Autoridade* e *Liberdade*, e nesta batalha estava a própria sede inata pela liberdade, a qual revelou-se o meio ordenado por Deus para refrear a autoridade onde quer que ela tenha se degenerado em despotismo. E deste modo toda verdadeira concepção sobre a natureza do Estado e sobre a adoção da autoridade pelo magistrado, e por outro lado, toda verdadeira concepção sobre o direito e o dever do povo de defender a liberdade, depende do que o Calvinismo tem colocado aqui no primeiro plano como a verdade primordial – *que Deus tem instituído os magistrados por causa do pecado*.

Os Dois lados do Estado

Neste único pensamento está escondido tanto o *lado-claro* quanto o *lado sombrio*[58] da vida do Estado. O *lado-sombrio* desta grande quantidade de estados não deveria existir; deveria haver apenas um império mundial. Estes magistrados governam mecanicamente e não estão em harmonia com nossa natureza. E esta autoridade de governo é exercida por *homens* pecadores, e por isso está sujeita a todo tipo de ambições despóticas. Mas o *lado-claro* também, por uma humanidade pecaminosa, sem divisão de estados, sem lei e governo e sem autoridade

[58] NT – Poderia ser traduzido também como *lado-luz* e *lado-escuro* da vida do Estado.

governante, seria um verdadeiro inferno sobre a terra; ou ao menos uma repetição daquilo que existiu sobre a terra quando Deus afogou a primeira raça degenerada no dilúvio. Portanto, o Calvinismo tem, através de sua profunda concepção do pecado, exposto a verdadeira raiz da vida do estado, e nos tem ensinado duas coisas: primeira – que devemos agradecidamente receber da mão de Deus a instituição do Estado com seus magistrados como meio de preservação agora, de fato, indispensável. E por outro lado também que, em virtude de nosso impulso natural, devemos sempre vigiar contra o perigo que está escondido no poder do Estado para nossa liberdade pessoal.

O Estado, o Povo e Deus

Mas o Calvinismo tem feito mais. Ele também nos ensina que na política o elemento *humano* – aqui *o povo* – não pode ser considerado como a coisa principal, de modo que Deus seja forçado a ajudar este povo somente na hora de sua necessidade; mas pelo contrário que Deus, em sua Majestade, deve brilhar diante dos olhos de cada nação, e que todas as nações juntas devem ser consideradas diante dele como uma gota num balde e como o pó fino das balanças. Desde os confins da terra Deus intima todas as nações e povos diante de seu trono de julgamento, pois ele criou as nações. Elas existem por ele e são sua propriedade. E por isso todas estas nações, e nelas a humanidade, devem existir para sua glória e conseqüentemente segundo suas ordenanças, a fim de que sua sabedoria divina possa brilhar publicamente em seu bem-estar, quando elas andam segundo suas ordenanças.

O Pecado e a Necessidade de Ordem

Portanto, quando a humanidade desintegra-se por causa do pecado numa multiplicidade de povos separados; quando o pecado, no seio destas nações, separa os homens e os arrasa, e quando o pecado revela-se em todo tipo de vergonha e iniqüidade – a glória de Deus exige que estes horrores sejam refreados, que a ordem retorne a este caos, e que uma força compulsória, de fora, faça-se valer para tornar a sociedade humana uma possibilidade.

Este direito é possuído por Deus, e somente por ele.

Nenhum homem tem o direito de governar sobre outro homem, do contrário um direito como este necessária e imediatamente torna-se o *direito do mais forte*. Como um tigre na selva governa sobre o indefeso antílope, assim nas margens do Nilo um Faraó governou sobre os progenitores dos camponeses[59] do Egito.

Tampouco um grupo de homens pode, por contrato, de seu próprio direito constranger você a obedecer um semelhante. Que força obrigatória há para mim numa alegação de que épocas antes um de meus progenitores fez um "Contrato Social" com outros homens daquele tempo? Como homem eu continuo livre e corajoso, em oposição ao mais poderoso de meus semelhantes.

Não falo da família, pois aqui governam laços orgânicos, naturais; mas na esfera do Estado não cedo ou me curvo a qualquer um que é homem como eu sou.

A Fonte da Autoridade

A autoridade sobre os homens não pode originar-se de homens. Nem mesmo de uma maioria em oposição a uma minoria, pois a História mostra, quase em todas as páginas, que muitas vezes a *minoria estava certa*. E assim, a primeira tese calvinista de que *somente o pecado tornou indispensável a instituição de governos*, esta segunda e não menos momentosa tese é adicionada que: *toda autoridade de governo sobre a terra origina-se somente da Soberania de Deus.* Quando Deus diz a mim, "obedeça," então humildemente curvo minha cabeça, sem comprometer nem um pouco minha dignidade pessoal como homem. Pois na mesma proporção em que vocês se rebaixam, curvando-se a um filho de homem, cujo fôlego está em suas narinas; assim, por outro lado vocês se levantam, se vocês se submetem à autoridade do Senhor do céu e da terra.

Assim sustenta a palavra da Escritura: "Por mim reis reinam," ou como o apóstolo noutra parte tem declarado: "E as autoridades que existem foram por ele instituídas. De modo que aquele que se opõe à autoridade resiste à ordenação de Deus." O magistrado é um instrumento

---

[59] NT – Do inglês "fellaheen".

da “graça comum”, para frustrar toda desordem e violência e para proteger o bem contra o mal. Mas ele é mais. Além de tudo isso, ele é instituído por Deus como *seu servo*, a fim de que ele possa preservar a gloriosa obra de Deus, na criação da humanidade, da destruição total. O pecado ataca o trabalho manual de Deus, o plano de Deus, a justiça de Deus, a honra de Deus como o supremo Artífice e Construtor. Assim, Deus ordena os poderes que existem, a fim de que através de sua instrumentalidade possa manter sua justiça contra os esforços do pecado, tem dado ao magistrado o terrível direito da vida e da morte. Portanto, todos os poderes que existem, quer em impérios ou em repúblicas, em cidades ou em estados, governam “*pela graça de Deus*”. Pela mesma razão a justiça mantém um caráter santo. E pelo mesmo motivo cada cidadão é obrigado a obedecer, não somente por medo da punição, mas por causa da consciência.

Autoridade Independe da Forma

Além disso, Calvino declarou expressamente que a autoridade, como tal, de modo algum é afetada pela questão como um governo é instituído e de que forma ele se revela. É bem conhecido que pessoalmente ele preferia uma *república*, e que não nutria predileção pela monarquia, como se esta fosse a forma divina e ideal de governo. Este, de fato, teria sido o caso num estado inocente. Se o pecado não tivesse entrado, Deus continuaria sendo o único rei de todos os homens, e esta condição retornará na glória por vir, quando Deus uma vez mais será tudo em todos. Nenhum monoteísta negará que o governo direto do próprio Deus é absolutamente *monárquico*. Mas Calvino considerava uma cooperação de muitas pessoas sob controle mútuo, i.e., *uma república*, desejável, agora que é necessária uma instituição mecânica de governo por causa do pecado.

Em seu sistema, contudo, isto somente poderia significar uma diferença gradual na excelência prática, mas nunca uma diferença fundamental quanto a essência da autoridade. Ele considera uma monarquia e uma aristocracia, bem como uma democracia, todas formas possíveis e praticáveis de governo; contanto que seja imutavelmente mantido que ninguém sobre a terra pode reivindicar autoridade sobre

seus semelhantes, exceto aquela colocada sobre ele "*pela graça de Deus*"; e portanto, o dever último de obediência é imposto sobre nós não pelo homem, mas pelo próprio Deus.

Democracia – Uma Graça de Deus

A questão sobre como aquelas pessoas, que pela autoridade divina devem ser revestidas com poder, são indicadas, segundo Calvino não pode ser assegurado semelhantemente para todas as pessoas e para todos os tempos. E, contudo, ele não hesita em afirmar, num sentido ideal, que as condições mais desejáveis existem *onde o próprio povo escolhe seus próprios magistrados*. Onde existe uma condição como esta, ele conclui, o povo deveria agradecidamente reconhecer nisto um favor de Deus, precisamente como tem sido expresso no preâmbulo de mais de uma de suas constituições; - "Graças ao Deus Todo-Poderoso que deu a nós o poder de escolher nossos próprios magistrados." Em seu Comentário sobre Samuel, Calvino entretanto admoesta tais povos: "E vós, Ó povos, a quem Deus deu a liberdade de escolher seus próprios magistrados, cuidem-se de não se privarem deste favor, elegendo para a posição de mais alta honra, patifes e inimigos de Deus."

Posso adicionar que a escolha popular é bem sucedida, naturalmente, onde nenhum outro governo existe, ou onde o governo existente se enfraquece. Onde quer que novos Estados tem sido instituídos, exceto pela conquista ou pela força, o primeiro governo sempre tem sido instituído pela escolha popular; e assim também onde a mais alta autoridade tem caído em desordem, quer pelo desejo de uma fixação do direito de sucessão, quer através de revolução violenta, sempre tem sido o povo que, através de seus representantes, reivindicou o direito de restaurá-lo. Mas com igual resolução, Calvino afirma que Deus tem o poder soberano no modo de administração de sua providência, para tirar de um povo esta condição mais desejável, ou nunca concedê-la absolutamente quando uma nação é inapta para ele, ou, por seu pecado tem sido completamente privada da bênção.

Diferentes Situações de Governo

O desenvolvimento histórico de um povo mostra, naturalmente, por

quais outros modos a autoridade é concedida. Esta concessão pode fluir do direito de herança, como numa monarquia hereditária. Ela pode resultar de uma guerra renhida, tal como Pilatos tinha sobre Jesus, “dado a ele de cima”. Pode proceder dos eleitores, como fez o velho império alemão; como também, pode repousar com os Estados de um país, como foi o caso na velha república holandesa. Numa palavra, ela pode assumir uma variedade de formas, porque há uma diferença infindável no desenvolvimento das nações. Uma forma de governo como a de vocês não poderia existir um único dia na China. Mesmo agora, os povos da Rússia estão inaptos para qualquer forma de governo constitucional. E entre os Kafires e Hotentotes da África, até mesmo um governo tal como existe na Rússia seria totalmente inconcebível. Tudo isto está determinado e apontado por Deus pelo conselho oculto de sua providência.

As Teses Calvinistas sobre o Governo

Tudo isso, contudo, não é *teocracia*. Uma teocracia somente foi encontrada em Israel, porque em Israel Deus intervia imediatamente. Ele mantinha em suas próprias mãos a jurisdição e a liderança de seu povo tanto pelo *Urim e Tumim* quanto pela *Profecia*; tanto por seus milagres salvadores quanto por seus julgamentos punitivos. Mas a confissão calvinista da soberania de Deus vale para *todo* o mundo, é verdade para todas as nações, e está forçosamente em toda autoridade que o homem exerce sobre o homem; até mesmo na autoridade que os pais possuem sobre seus filhos. É, portanto, uma fé política que pode ser expressa resumidamente nestas três teses: 1. Somente Deus – e nunca qualquer criatura – possui direitos soberanos sobre o destino das nações, porque somente Deus as criou, as sustenta por seu poderoso poder, e as governa por suas ordenanças. 2. O pecado tem, no campo da política, demolido o governo direto de Deus, e por isso o exercício da autoridade com o propósito de governo tem sido subseqüentemente conferido aos homens como um remédio mecânico. 3. E, em qualquer forma que esta autoridade possa revelar-se, o homem nunca possui poder sobre seu semelhante em qualquer outro modo senão por uma autoridade que desce sobre ele da majestade de Deus.

A Soberania Popular e a Soberania do Estado

Diretamente oposta a esta confissão calvinista há duas outras teorias. A da *Soberania Popular*, como foi anti-teisticamente proclamada em Paris em 1789; e a da *Soberania do Estado*, como recentemente tem sido desenvolvida pela escola histórico-panteísta da Alemanha. Ambas estas teorias são idênticas na essência, mas por causa da clareza elas exigem um tratamento separado.

A Revolução Francesa – Soberania Popular

O que foi que impeliu e animou a disposição dos homens na grande Revolução Francesa? Indignação pelos abusos que tinham se insinuado? Um horror ao despotismo coroado? Uma nobre defesa dos direitos e liberdades do povo? Em parte certamente, mas nestas motivações há tão pouco de pecaminoso, que até mesmo um calvinista agradecidamente reconhece o julgamento divino nestes três particulares, o qual naquele tempo foi executado em Paris.

Mas a força propulsora da Revolução Francesa não encontra-se nesta aversão aos abusos. Quando Edmund Burke compara a “Gloriosa Revolução” de 1688 com o princípio da Revolução de 1789, ele diz: “Nossa revolução e aquela da França são exatamente o contrário uma da outra em quase cada particular, e no espírito todo da operação.” [60]

Este mesmo Edmund Burke, tão severo antagonista da Revolução Francesa, defendeu varonilmente sua própria rebelião contra a Inglaterra[61], como “originando-se de um princípio de energia que se evidenciou neste povo bom a principal causa de um espírito livre, extremamente oposto a toda submissão implícita da mente e da opinião.”

Revoluções Calvinistas

As três grandes revoluções no mundo calvinista deixaram intacta a glória de Deus, não somente isto, elas até mesmo originaram-se do reconhecimento de sua majestade. Todos admitirão isto de nossa rebelião contra a Espanha, sob William o Silencioso[62]. Igualmente, isto não foi posto em dúvida sobre a “gloriosa revolução”, que foi coroada pela

---

[60] Burke, *Works*, III, p. 25, Ed. McLean, London.
[61] NT – Burke refere-se a revolução americana contra o domínio inglês.

chegada de William III de Orange[63] e o destronamento dos Stuarts. Também é igualmente verdade de sua própria Revolução.

A Revolução Americana

Este reconhecimento é expresso muitas vezes por John Hancock na *Declaração de Independência*, a qual os Americanos declararam em virtude - "da lei da natureza e da natureza de Deus"; que eles agiram – "como dotados pelo Criador com certos direitos inalienáveis"; que eles apelaram para – "o Supremo Juiz do mundo para a retidão de suas intenções";[64] e que eles produziram sua "declaração de independência"- "com a firme confiança na proteção da providência divina".[65] Nos "Artigos da Confederação" é confessado no preâmbulo, - "que tem agradado ao grande Governador do mundo inclinar os corações dos legisladores".[66] É também declarado no preâmbulo da Constituição de muitos Estados: - "Agradecemos ao Deus Todo-Poderoso pela liberdade civil, política e religiosa, que ele nos tem permitido gozar até aqui e olhamos para ele para abençoar nossos esforços".[67] Deus é ali honrado como "o Soberano Governador",[68] e o "Legislador do Universo"[69] e é ali admitido especificamente, que somente de Deus o povo recebeu "o direito de escolher sua própria forma de governo".[70]

Em um dos encontros da Assembléia, Franklin propôs, num momento de suprema ansiedade, que eles deveriam pedir sabedoria a Deus em oração. E se alguém ainda tem duvidas se a Revolução Americana foi homogênea com a de Paris ou não, esta dúvida é posta completamente de lado pela luta cruel entre Jefferson e Hamilton em 1793. Portanto, como o historiador alemão Von Holtz declarou: *"Es wäre Thorheit zu sagen dass die Rosseauschen Schriften einen Einfluss auf die*

---

[62] **NT –** Também conhecido como "Guilherme, o Silencioso".
[63] **NT –** Também conhecido como "Guilherme de Orange"**.**
[64] *Constituição Americana*, por Franklin B. Hugh; Albany; Weed, Parsons & Co.; 1872, Vol. I, p. 5.
[65] *Ibidem*, p. 8.
[66] *Ibidem*, p. 19.
[67] *Ibidem*, II. p. 549.
[68] *Ibidem*, p. 555.
[69] *Ibidem*, p. 555.
[70] *Ibidem*, p. 549.

Entwicklung in America ausgeübt haben".[71] ("Seria simples loucura dizer que a Revolução Americana tomou emprestado sua energia propulsora de Rousseau e seus escritos".) Ou como o próprio Hamilton o expressou, ele considerava "a Revolução Francesa não ser mais aparentada com a Revolução Americana do que a esposa infiel numa novela francesa é igual a matrona puritana na Nova Inglaterra".[72]

A Revolução Francesa Ignorou Deus

Em princípio a Revolução Francesa é distinta de todas estas revoluções *nacionais*, as quais foram empreendidas com lábios orando e com confiança na ajuda de Deus. A Revolução Francesa ignora Deus. Ela se opõe a Deus e se recusa a reconhecer uma causa mais profunda da vida política do que aquela que é encontrada na natureza, isto é, neste caso, no próprio homem. Aqui o primeiro artigo da confissão da mais absoluta infidelidade é – "*ni Dieu ni maitre*". O Deus soberano é destronado e o homem com seu livre arbítrio é colocado no assento vago. É a vontade do homem que determina todas as coisas. Todo poder, toda autoridade procedem do homem.

Assim, parte-se do homem individual para a maioria dos homens; e naquela maioria dos homens concebida como *o povo* está escondida a fonte mais profunda de toda soberania. Não há indícios, como em sua Constituição[73], sobre uma soberania derivada de Deus, a qual ele, sob certas condições, implanta no povo. Aqui afirma-se que em todo lugar e em todos os estados uma soberania original pode proceder somente do próprio povo, não tendo raiz mais profunda do que na vontade humana. Portanto, é uma soberania do povo, o que é perfeitamente idêntico ao ateísmo. E aqui encontra sua auto-humilhação. Na esfera do Calvinismo,

---

[71] Von Holtz, *Verfassung und Democratie der Vereinigten Staten von America*; Dusseldorf, 1973; I, p. 95.

[72] John F. Morse, *Thomas Jefferson*; Boston, 1883; p. 147. Num sentido positivamente cristão Hamilton propôs numa carta a Bayard (Abril de 1801) a fundação de "Uma Sociedade Constitucional Cristã", e escreveu em outra carta, citada por Henry Cabot Lodge, *Alexandre Hamilton*; Bostom, 1892; p. 256; "Quando eu encontro a doutrina do Ateísmo promovida abertamente na Convenção Parisiense, e com ruidoso aplauso; quando eu vejo a espada do fanatismo estendida para forçar um credo político sobre cidadãos, que foram instados a submeterem-se aos exércitos da França como os precursores da Liberdade; quando eu vejo a mão da voracidade estendida para prostar e arrebatar os monumentos da adoração religiosa, eu reconheço que tenho prazer em crer que *não há semelhança real entre qual foi a causa da América e a causa da França"*.

[73] NT – Refere-se a Constituição Americana.

como também em sua *Declaração*, o joelho está dobrado diante de Deus, ao posso que diante do homem a cabeça está orgulhosamente erguida. Mas aqui, do ponto de vista da soberania do povo, o punho está desafiadoramente cerrado contra Deus, enquanto que o homem humilha-se perante seus semelhantes, dando falso brilho a esta auto-humilhação pela ficção ridícula de que, milhares de anos antes, homens de quem ninguém tem qualquer lembrança determinaram um contrato político, ou, como eles o chamam *"Contrato Social"*.

Os Resultados da Revolução Francesa

Agora, perguntem pelo resultado? Então, deixem a História falar sobre como a rebelião da Holanda, a "gloriosa Revolução" da Inglaterra e sua própria rebelião contra a Coroa Britânica tem trazido honra a liberdade; e respondam por vocês mesmos a pergunta: A Revolução Francesa tem resultado em algo mais exceto o algemar da liberdade nos ferros do Estado onipotente? De fato, nenhum país em nosso século 19 tem tido uma história do Estado mais triste do que a França.

A Escola Alemã – Soberania do Estado

Não é de admirar que, desde os dias de De Savigny e Niebuhr, a Alemanha científica tenha se libertado desta fictícia soberania do povo. A Escola Histórica, fundada por aqueles homens eminentes, tem exposto ao ridículo a ficção apriorística de 1789. Todo historiador especialista a ridiculariza agora. Somente aquilo que eles recomendaram em lugar dela não traz impressão melhor.

Não mais seria a soberania do povo, mas a *soberania do Estado*, um produto do panteísmo filosófico alemão. As idéias são encarnadas na realidade, e entre estas a idéia do Estado foi a mais alta, a mais rica, a mais perfeita idéia da relação entre os homens. Assim, o Estado tornou-se uma concepção mística. O Estado foi considerado como um ser misterioso, com um *ego* oculto; com uma *consciência* de Estado desenvolvendo-se lentamente; e com uma poderosa *vontade* de Estado crescendo, a qual por um processo lento esforçou-se para às cegas alcançar o mais alto *propósito* do Estado. O povo não foi entendido como sendo a soma total dos indivíduos como com Rousseau. Foi corretamente

visto que um povo não é um agregado, mas um todo orgânico. Este organismo necessariamente deve ter seus membros orgânicos. Lentamente estes órgãos chegaram a seu desenvolvimento histórico. A vontade do Estado opera por estes órgãos, e tudo deve dobrar-se perante esta vontade.

As Formas da Soberania do Estado

Esta soberana vontade do Estado poderia revelar-se numa república, numa monarquia, num César, num déspota asiático, num tirano como Filipe da Espanha, ou num ditador como Napoleão. Todas estas eram apenas formas nas quais a idéia única do Estado incorporou-se; os estágios de desenvolvimento num processo sem fim. Mas, em qualquer forma que este ser místico do Estado se revelasse, a idéia continuou suprema; em poucas palavras, o Estado afirmou sua soberania e para cada membro permaneceu a pedra de toque de sabedoria para dar lugar a esta apoteose do Estado.

A Soberania do Estado Contrapõe-se à de Deus

Assim todo direito transcendente em Deus, para o qual o oprimido erguia sua face, morreu. Não há outro direito exceto o direito imanente que está anotado na lei. A lei está certa, não porque seu conteúdo está em harmonia com os princípios eternos do direito, mas porque *ela é a lei*. Se no período seguinte ela fixa o próprio oposto, isto também deve estar certo. E o fruto desta teoria enfraquecedora é, naturalmente, que a consciência do direito está embotada, que toda estabilidade do direito afasta-se de nossa mente, e que todo entusiasmo mais alto pelo direito é extinguido. Aquilo que existe é bom porque ele existe; e não é mais a vontade de Deus, daquele que nos criou e nos conhece, mas torna-se a sempre mutável vontade do Estado, que, não tendo ninguém acima dela, realmente torna-se *Deus*, e deve decidir como será nossa vida e nossa existência.

E quando, além disso, vocês consideram que este Estado místico expressa e aplica sua vontade somente através de homens – que prova a mais é exigida de que esta soberania do Estado, exatamente como a soberania popular, não excede a humilhante sujeição do homem a seu

semelhante e nunca eleva-se ao dever de submissão que encontra sua força na consciência?

O Calvinismo Aponta para a Fonte do Direito Eterno

Entretanto, em oposição tanto à soberania popular ateísta dos enciclopedistas, como a soberania do estado panteísta dos filósofos alemães, o calvinista mantém a soberania de Deus, como a fonte de toda autoridade entre os homens. E defende nossas mais altas e melhores aspirações colocando cada homem e cada povo diante da face de nosso Pai celeste. Toma conhecimento do fato do pecado, que outrora foi jogado fora em 1789, e que agora, em extravagância pessimista, é considerando a essência de nosso ser.

O Calvinismo aponta para a diferença entre a concatenação natural de nossa sociedade orgânica e o laço mecânico que a autoridade do magistrado impõe. Ele torna fácil para nós obedecer a autoridade, porque, com toda autoridade, nos motiva a honrar a exigência da soberania divina. Ergue-nos de uma obediência nascida do medo do exército forte, para uma obediência por causa da consciência. Ensina-nos a olhar por cima da lei existente para a fonte do Direito eterno de Deus, e cria em nós a coragem indomável para protestar incessantemente contra a injustiça da lei em nome deste Direito superior. E embora o Estado possa poderosamente afirmar-se e oprimir o livre desenvolvimento individual, acima deste Estado poderoso há sempre brilhando diante dos olhos de nossa alma, como infinitamente mais poderosa, a majestade do Rei dos reis. Cujo tribunal justo sempre mantém o direito de apelação para todos os oprimidos, e para quem a oração do povo sempre sobe, para abençoar nossa nação e, nesta nação, nós e nossa casa!

A Soberania na Sociedade

Chega de soberania do Estado. Vamos agora para a *soberania da esfera da sociedade*.

Esferas Sociais Independentes

Num sentido calvinista nós entendemos que a família, os negócios,

a ciência, a arte e assim por diante, todas são esferas sociais que não devem sua existência ao Estado, e que não derivam a lei de sua vida da superioridade do Estado, mas obedecem uma alta autoridade dentro de seu próprio seio; uma autoridade que governa pela graça de Deus, do mesmo modo como faz a soberania do Estado.

Isto envolve a antítese entre o *Estado* e a *Sociedade*, mas com a condição de não concebermos esta sociedade como um conglomerado, porém, como analisada em suas partes orgânicas, para honrar, em cada uma destas partes, o caráter independente que pertence a elas.

Esferas Independentes, mas sob Deus

Neste caráter independente está necessariamente envolvido uma *autoridade superior* especial e intencionalmente chamamos esta autoridade superior de – *soberania nas esferas sociais individuais*, a fim de que possa estar claro e decididamente expresso que estes diferentes desenvolvimentos da vida social *nada tem acima deles exceto Deus*, e que o Estado não pode intrometer-se aqui, e nada tem a ordenar em seu campo. Como vocês imediatamente percebem, esta é a questão profundamente interessante de nossas liberdades civis.[74]

A Vida Orgânica na Sociedade e o Caráter do Governo

Aqui, é da mais alta importância ter claro na mente a diferença na classificação entre a vida *orgânica* da sociedade e o caráter *mecânico* do governo. Tudo quanto entre os homens origina-se diretamente da criação, possui todos os elementos para seu desenvolvimento na natureza humana como tal. Vocês vêem isto imediatamente na família, na ligação de consangüinidade e outros laços. Da dualidade de homem e mulher surge o casamento. Da existência original de *um* homem e *uma* mulher vem a monogamia. As crianças existem por causa do poder inato de reprodução. As crianças estão naturalmente relacionadas como irmãos e irmãs. E, em breve, quando estas crianças, por sua vez, casam-se, naturalmente começam de novo todas aquelas ligações de consangüinidade e outros laços que dominam toda a vida da família. Em

---

[74] Cf. Dr. A. Kuyper, *Calvinism the Source and Guarantee of Our Constitutional Liberties*, 1873; e Dr. A. Kuyper, *Sovereignty in the Spheres of Society*, 1880.

tudo isto não há nada mecânico. O desenvolvimento é espontâneo, exatamente como o do tronco e dos ramos de uma planta. É verdade que o pecado também exerceu aqui sua influência perturbadora e tem deformado muito do que foi planejado para ser uma bênção numa maldição. Mas esta eficiência fatal do pecado tem sido detida pela graça comum. O amor livre pode tentar dissolver e o concubinato profanar o laço mais santo como quiserem; mas para a grande maioria de nossa raça o casamento continua o fundamento da sociedade humana, e a família mantém sua posição como a esfera primordial na sociologia.

O Domínio sobre a Natureza

O mesmo pode ser dito de outras esferas da vida. A natureza ao nosso redor pode ter perdido a glória do paraíso por causa do pecado, e a terra pode produzir espinhos e cardos de modo que somente podemos comer nosso pão no suor de nosso rosto; apesar de tudo isto o propósito principal de todo esforço humano continua aquele que era em virtude de nossa criação e antes da queda, - a saber, *domínio sobre a natureza*. E este domínio não pode ser adquirido exceto pelo exercício dos poderes que, em virtude das ordenanças da criação, são inatos a própria natureza. Conseqüentemente, toda Ciência é apenas a aplicação dos poderes de investigação e pensamento criados dentro de nós ao cosmos; e a Arte nada mais é do que a produtividade natural dos poderes de nossa imaginação. Portanto, quando admitimos que o pecado, embora detido pela “graça comum”, produziu muitas modificações nas diversas expressões da vida, as quais se originaram somente depois que o paraíso foi perdido, e desaparecerão novamente com a vinda do Reino da glória; - nós ainda sustentamos que o caráter fundamental destas expressões continuam como eram originalmente. Todas elas juntas formam a vida da criação, de acordo com as ordenanças da criação e, portanto, devem ser desenvolvidas *organicamente*.

O Caráter Mecânico do Governo

Mas quanto a afirmação dos poderes de governo o caso é totalmente diferente. Pois apesar de ser admitido que mesmo sem o pecado a necessidade de uma unidade maior teria feito valer-se pela

combinação de muitas famílias, *internamente* esta unidade estaria inseparavelmente ligada a monarquia de Deus, que governaria regular, direta e harmoniosamente nos corações de todos os homens, e que *externamente* se incorporaria numa hierarquia patriarcal. Assim não existiria nenhum Estado, mas apenas um império mundial orgânico com Deus como seu Rei; exatamente o que é profetizado para o futuro que nos aguarda, quando todo pecado tiver desaparecido.

Mas é exatamente isto que o pecado tem agora eliminado de nossa vida humana. Esta unidade não existe mais. Este governo de Deus não pode mais fazer-se valer. Esta hierarquia patriarcal foi destruída. Um império mundial não pode ser estabelecido nem o deve ser. Pois a contumácia de construir a Torre de Babel consistiu neste próprio desejo. Assim originaram-se os povos e nações. Esses povos formaram os Estados. E sobre esses Estados Deus estabeleceu *governos*. E assim, se me é permitido a expressão, não é uma cabeça natural, que organicamente cresceu do corpo do povo, mas uma cabeça *mecânica*, a qual de fora tem sido colocada sobre o tronco da nação. Um mero paliativo, portanto, para uma condição errônea subjacente. Uma vara colocada ao lado da planta para mantê-la em pé, visto que sem ela, por causa de sua fraqueza inerente, cairia ao chão.

O Poder de Repressão do Governo

A principal característica do governo é o direito sobre a vida e a morte. Segundo o testemunho apostólico o magistrado traz a espada, e esta espada tem um triplo significado. É a espada da *justiça* para distribuir a punição corpórea ao criminoso. É a espada da *guerra* para defender a honra, os direitos e os interesses do Estado contra seus inimigos. E é a espada da *ordem* para frustrar em seu próprio país toda rebelião violenta. Lutero e seus co-reformadores corretamente mostraram que a própria instituição e a plena investidura do magistrado com poder foram postos em execução somente após o dilúvio, quando Deus ordenou que a punição capital deveria cair sobre quem derramasse o sangue do homem. O direito de tirar a vida pertence somente àquele que pode dar vida, i.e., a Deus; e portanto, ninguém sobre a terra está investido com esta autoridade, a menos que seja dada por Deus. Por conta disso, a lei

Romana, que consignou a *jus vitae et necis* ao pai e ao proprietário de escravos, fica intrinsecamente muito abaixo da lei de Moisés, que não conhece outra punição capital senão aquela aplicada pelo magistrado e a sua ordem.

O Dever de Promover a Justiça

Portanto, o mais alto dever do governo continua imutavelmente o da *justiça* e, em segundo lugar, ele deve ter cuidado pelo povo como uma unidade, em parte *em seu próprio país*, a fim de que sua unidade possa crescer sempre mais profunda e não possa ser perturbada, e em parte *no exterior* para que a existência nacional não sofra dano. A conseqüência de tudo isso é que por um lado, num povo, surjam de suas esferas *sociais*, todos os tipos de fenômenos *orgânicos* da vida, mas que, muito acima disso, a força *mecânica* unificadora do governo seja observável. Origina-se, daí, todo atrito e discórdia. Pois o governo está sempre inclinado, com sua autoridade *mecânica*, a invadir a vida social, a sujeitá-la e arranjá-la mecanicamente.

Por outro lado, a vida social sempre se esforça para livrar-se da autoridade do governo, assim como hoje este esforço culmina novamente na social-democracia e no anarquismo, ambos objetivando nada menos do que a destruição total da instituição da autoridade. Mas deixando esses dois extremos sozinhos, deve ser admitido que toda vida sadia do povo ou do Estado sempre foi a conseqüência histórica da luta entre estes dois poderes. Foi o assim chamado “governo constitucional” que se esforçou mais firmemente para regularizar a relação mútua desses dois. E nessa luta o Calvinismo foi o primeiro a tomar sua posição. Pois na mesma proporção em que ele honrou a autoridade do magistrado instituído por Deus, estimulou essa *segunda soberania*, a qual foi implantada por Deus nas esferas sociais de acordo com as ordenanças da criação.

Ele exigiu para ambas independência em suas próprias esferas e regulamentação da relação entre elas, não pelo executivo, mas *sob a lei*. E por esta rigorosa exigência de seu próprio conceito fundamental, pode ser dito que o Calvinismo gerou a lei pública constitucional.

O testemunho da História é incontestável no sentido de que esta lei

pública constitucional não tem prosperado nos Estados Católicos romanos ou nos Luteranos, mas entre as nações do tipo calvinista. Portanto, o conceito fundamental aqui é que a soberania de Deus, em sua descida sobre os homens, separa-se em duas esferas. Por um lado a esfera mecânica da *autoridade do Estado*, e por outro lado a esfera orgânica da autoridade dos *círculos Sociais*. E em ambas estas esferas a autoridade inerente é soberana, isto é, nada tem acima de si exceto Deus.

Quanto a autoridade do governo mecanicamente constrangedora qualquer explicação adicional é supérflua, não é assim, contudo, quanto a autoridade orgânica social.

Autoridade Orgânica nas Ciências

Em parte alguma o caráter dominante desta autoridade orgânica social é mais claramente discernível que na esfera da Ciência. Na Introdução a uma edição da "Sententiae" de Lombardo e da "Suma Teológica" de Tomás de Aquino, o erudito tomista escreveu: "A obra de Lombardo governou cento e cinqüenta anos e seu trabalho produziu Tomás, e depois disso a 'Suma' de Tomás governou toda a Europa (totam Europam rexit) durante cinco séculos e gerou todos os teólogos subsequentes."[75] Nós admitimos que supor essa linguagem é ousadia, todavia a idéia aqui expressa está inquestionavelmente correta. O domínio de homens como Aristóteles e Platão, Lombardo e Tomás, Lutero e Calvino, Kant e Darwin, estende-se, para cada um deles, sobre um período de tempo. Genialidade é um poder *soberano*; ele forma escolas; exerce controle sobre o estado de espírito dos homens com irresistível poder; exerce uma influência imensurável sobre toda condição da vida humana. Essa soberania da genialidade é um dom de Deus, possuído somente por sua graça. Não está sujeita a ninguém e é responsável somente perante aquele que lhe concedeu essa ascendência.

Autoridade Orgânica na Arte

O mesmo fenômeno é observável na esfera da Arte. Todo *maestro* é um rei no Palácio da Arte, não pela lei da herança ou por nomeação, mas somente pela graça de Deus. E esses maestros também impõe

---

[75] Edição de Migne em Paris, 1841. Tomo 1, ensaio 1.

autoridade e não estão sujeitos a ninguém, mas governam sobre todos e, no fim, recebem de todos a homenagem devido a sua superioridade artística.

Autoridade Orgânica na Diferenciação das Pessoas

E o mesmo deve ser dito do poder soberano da personalidade. Não há igualdade de pessoas. Há pessoas fracas e bitoladas, com extensão de asas não maior do que a de um pardal comum; mas há também pessoas abertas e imponentes, com vôos como os da águia. Entre os últimos vocês encontrarão uns poucos de grandiosidade real, e estes governam em sua própria esfera, quer o povo se afaste deles ou frustre-os; geralmente tornando-se tanto mais fortes quanto maior a oposição. E todo este processo é realizado em todas as esferas da vida. No trabalho do mecânico, na loja, ou no câmbio, no comércio, no mar, no campo da benevolência e da filantropia. Em qualquer lugar um homem é mais poderoso do que outro, por sua personalidade, por seu talento e pelas circunstâncias. O domínio é exercido em toda parte; mas é um domínio que opera organicamente; não em virtude da investidura do Estado, mas da própria soberania da vida.

As Esferas Orgânica de Soberania

Em relação a isso, e inteiramente sobre a mesma base de superioridade orgânica, existe, lado a lado com esta soberania pessoal, a soberania da *esfera*. A Universidade exerce domínio científico; a Academia das belas-artes possui o poder da arte; o grêmio exerce um domínio técnico; o sindicato governa sobre o trabalho – e cada uma destas esferas ou corporações está consciente do poder de exclusivo julgamento independente e ação autoritária dentro de sua própria esfera de operação. Por trás dessas esferas orgânicas, com soberania intelectual, estética e técnica, a esfera da família torna-se pública com seus direitos de casamento, paz doméstica, educação e posses; e também nessa esfera a cabeça natural está consciente de exercer uma autoridade inerente, - não porque o governo a permite, mas porque Deus a tem imposto. A autoridade paterna enraíza-se na própria vida e é proclamada no quinto mandamento. E desse modo também, finalmente,

pode ser observado que a vida social das cidades e vilas formam uma esfera de existência que nasce das próprias necessidades da vida, e que por isso deve ser autônoma.

Portanto, em muitas direções diferentes vemos que a soberania declarar-se em sua própria esfera – 1. Na esfera social, pela superioridade pessoal. 2. Na esfera corporativa das universidades, grêmios, associações, etc. 3. Na esfera doméstica da família e da vida de casado. 4. Na autonomia pública.

O Respeito Devido pelo Estado às Esferas

Em todas estas quatro esferas o governo do Estado não pode impor suas leis, mas deve reverenciar a lei inata da vida. Deus governa nessas esferas suprema e soberanamente através de seus *virtuosi* eleitos, do mesmo modo como ele exerce domínio na esfera do próprio Estado através de seus *magistrados* escolhidos.

Limitado por seu próprio mandato, portanto, o governo não pode nem ignorar, nem modificar, nem romper a mandato divino sob o qual estas esferas sociais estão. Pela graça de Deus a soberania do governo está aqui guardada e limitada, por causa de Deus, por uma outra soberania que é igualmente divina na origem. Nem a vida da ciência, nem da arte, nem da agricultura, nem da indústria, nem do comércio, nem da navegação, nem da família, nem do relacionamento humano pode ser constrangida a adequar-se ao favor do governo. O Estado nunca pode tornar-se um octópode que asfixia a totalidade da vida. Ele deve ocupar seu próprio lugar, em sua própria raiz, entre todas as outras árvores da floresta, e assim deve honrar e manter cada forma de vida que cresce independentemente em sua própria autonomia sagrada.

Três Direitos do Estado de Interferência nas Esferas

Isso quer dizer que o governo não tem *qualquer* direito de interferência nessas esferas autônomas da vida? Não, absolutamente.

Ele possui o tríplice direito e dever: 1. Quando esferas diferentes entram em conflito para forçar respeito mútuo as linhas divisórias de cada uma; 2. Defender pessoas individuais e fracas, naquelas esferas, contra o abuso de poder dos demais; e 3. Constranger todos a exercer as

obrigações *pessoais* e *financeiras* para a manutenção da unidade natural do Estado. Contudo, a decisão não pode, nesses casos, repousar *unilateralmente* com o magistrado. A lei deve indicar aqui os direitos de cada um, e os direitos dos cidadãos sobre seus próprios bolsos deve permanecer o baluarte invencível contra o abuso de poder por parte do governo.

A Harmonia das Autoridades no Conceito de Calvino

E exatamente aqui encontra-se o ponto de partida para aquela cooperação da soberania do governo com a soberania na esfera social, a qual encontra sua regulamentação na Constituição. De acordo com a ordem das coisas, em seu tempo, isto tornou-se para Calvino a doutrina do “magistratus inferiores”. O cavalheirismo, os direitos da cidade, os direitos dos grêmios e muito mais, levou-o então à defesa dos direitos do “Estado” *social*, com sua própria autoridade civil; e assim Calvino quis que a lei fosse feita pela cooperação destes com os Altos magistrados.

A Modernização do Estado

Desde aquele tempo estas relações medievais, que em parte nasceram do sistema feudal, se tornaram totalmente antiquadas. Atualmente estas corporações ou ordens sociais não estão mais investidas com poder governante, seu lugar foi tomado pelo Parlamento, ou qualquer nome que a casa geral dos representantes possa ter nos diferentes países, e agora continua o dever daquelas Assembléias de manter os direitos e liberdades populares, de todos e em nome de todos, *com* e se necessário for *contra* o governo. A defesa unida foi preferida a resistência individual, tanto para simplificar a construção e operação das instituições do Estado como para acelerar suas funções.

Mas em qualquer modo que a forma possa ser modificada, essencialmente ela ainda é o velho plano calvinista, assegurar ao povo em todas as suas classes e ordens, em todos os seus círculos e esferas, em todas as suas corporações e instituições independentes, uma influência legal e ordenada na produção da lei e no curso do governo num sadio sentido democrático. E a única diferença de opinião ainda está sobre a importante questão se continuaremos na solução atualmente

predominante dos direitos especiais daquelas esferas sociais no direito *individual* de imunidade e privilégio; ou se é desejável colocar ao seu lado um direito *corporativo* de imunidade e privilégio, que habilitará os diferentes círculos fazerem uma defesa separada. Hoje, uma nova tendência a organização revela-se até mesmo nas esferas do comércio e industria e não menos na do trabalho, e até mesmo vozes francesas, como a de Benoit, levantam-se e clamam pela junção do direito de imunidade e privilégios com estas organizações.

O Calvinismo se Opõe a Onipotência do Estado

Quanto a mim, seria bem-vindo um movimento como este, contanto que sua aplicação não fosse unilateral, muito menos exclusiva; mas eu não posso me prolongar sobre este lado da questão. É suficiente ter mostrado que o Calvinismo protesta contra a onipotência do Estado; contra a horrível concepção de que não existe direito acima e além das leis existentes; e contra o orgulho do absolutismo, que não reconhece os direitos constitucionais, exceto como o resultado do favor principesco.

Essas três representações, que encontram um sustento tão perigoso na ascendência do Panteísmo, são mortais para nossas liberdades civis. E o Calvinismo deve ser louvado por ter construído uma barragem no outro lado desse rio absolutista, não por apelar a força popular, nem à ilusão da grandeza humana, mas por deduzir aqueles direitos e liberdades da vida social da mesma fonte da qual a alta autoridade do governo flui – a própria *soberania absoluta de Deus*. Desta *única* fonte, em Deus, a *soberania nas esferas individuais*, na família e em cada círculo social, é tão diretamente derivada quanto a *supremacia da autoridade do Estado*. Estes dois, portanto, devem chegar a um entendimento, e ambos têm a mesma obrigação sagrada de manter sua soberana autoridade dada por Deus e fazê-la subserviente à majestade de Deus.

Portanto, um povo que abandona os direitos da família para a Supremacia do Estado, ou uma Universidade que abandona os direitos da ciência para ele, são tão culpados diante de Deus quanto uma nação que põe suas mãos sobre os direitos dos magistrados. E assim, a luta pela liberdade não é apenas declarada permissível, mas torna-se um dever

para cada indivíduo em sua própria esfera. E isto não como foi feito na Revolução Francesa, pondo Deus de lado e colocando o homem no trono da Onipotência de Deus; mas pelo contrário, levando todos os homens, inclusive os magistrados, a curvarem-se na mais profunda humildade perante a majestade do Deus Todo-Poderoso.

A Soberania na Igreja

Como terceira e última parte desta palestra, a discussão gira em torno de uma questão ainda mais difícil que a anterior, a saber, como devemos conceber a *Soberania da Igreja no* Estado.

Liberdade do Estado e da Igreja

Chamo a isto um problema difícil, não porque estou em dúvida quanto às conclusões, ou porque duvido da concordância de vocês a estas conclusões. Pois, até onde observo a vida americana, toda incerteza a este respeito está removida pelo que sua Constituição a princípio declarou – e mais tarde foi modificado em suas Confissões – a respeito da liberdade de adoração e a coordenação da Igreja e Estado. E no que pessoalmente me diz respeito, há mais de um quarto de século, escrevi em meu Jornal Semanal o moto – “Uma Igreja livre num Estado livre.” Em meio a uma dura luta este moto sempre foi levantado ao alto por mim, e nossas Igrejas na Holanda também estão prontas a reconsiderar o artigo em nossa Confissão que toca nesta matéria.

A Dificuldade – Intervenção do Estado em Matérias de Religião

A dificuldade do problema encontra-se noutra parte, encontra-se na fogueira e feixes de Serveto. Encontra-se na atitude dos Presbiterianos para com os Independentes. Encontra-se nas restrições da liberdade de adoração e nas “incapacidades civis”, sob as quais por séculos os Católicos romanos têm sofrido até mesmo na Holanda. A dificuldade encontra-se no fato de que um artigo de nossa velha Confissão de Fé calvinista confia ao governo a tarefa “de defender contra e de extirpar toda forma de idolatria e falsa religião, e de proteger o serviço sagrado da Igreja.” A dificuldade encontra-se no conselho unânime e uniforme de

Calvino e seus epígonos[76], que exigia a intervenção do governo em questões de religião.

Portanto, é natural a acusação de que, optando pela liberdade de religião, não estamos privilegiando o Calvinismo, antes nos opomos diretamente a isto.

A fim de proteger-me desta suspeita indesejável, antecipo a regra – que um sistema não é conhecido pelo que ele tem em comum com outros sistemas precedentes; mas que ele é distinguido por aquilo em que difere daqueles sistemas precedentes.

Origem Histórica da Interferência – Desde Constantino

O dever do governo de extirpar toda forma de religião falsa e idolatria não foi descoberta pelo Calvinismo, mas data de Constantino o Grande, e foi a reação contra a horrível perseguição que seu predecessor pagão no trono imperial infligiu sobre a seita do Nazareno. Desde aquele dia este sistema tem sido defendido por todos os teólogos Romanistas e aplicado por todos os príncipes cristãos. No tempo de Lutero e Calvino, era a convicção universal que esse sistema era a única verdade. Cada teólogo famoso da época, Melanchton para começar, aprovou a morte de Serveto pelo fogo; e o cadafalso que foi erigido pelos Luteranos em Leipzig para Krell[77], o calvinista radical, foi infinitamente mais repreensível quando visto de um ponto de vista protestante.

Calvinistas – mais Mártires do que Executores

Mas enquanto os calvinistas, na época da Reforma, produziram dezenas de milhares de vítimas, enviadas ao cadafalso e às fogueiras (as dos Luteranos e Católicos romanos nem valem a pena contar), a História tem sido culpada da grande e extensa injustiça de sempre lançar no rosto dos calvinistas esta única execução de Serveto no fogo, como um *crimen nefandum*.

Apesar de tudo isto, não somente deploro aquela única estaca,

---

[76] NT – Indica aquele que nasce, que vem depois do outro; discípulo, continuador das doutrinas de um mestre.

[77] Nicholas Crellius, chanceler de Christian I, lider na luta cripto-calvinista na Alemanha. Decapitado em 1601, após dez anos de severo aprisionamento. Ele se tornara muito odiado pelos nobres. O processo que levou a sua sentença de morte, como traidor, foi conduzida de forma muito arbitraria.

mas incondicionalmente reprovo seu uso; todavia não como se fosse a expressão de uma característica especial do Calvinismo, pelo contrário, como o efeito secundário fatal de um sistema cinza como a época que o Calvinismo encontrou existindo, sobre o qual tinha amadurecido, e do qual não tinha ainda sido capaz de livrar-se inteiramente.

O Calvinismo Quebrou a Visão Monolítica da Igreja

Se desejo saber o que, a este respeito, deve seguir dos princípios específicos do Calvinismo, então a questão deve ser colocada completamente diferente. Então devemos ver e reconhecer que esse sistema de levar diferenças em questões religiosas para a jurisdição criminal do governo era o resultado direto da convicção de que a Igreja de Cristo sobre a terra deveria expressar-se somente em *uma* forma e como *uma* instituição. Na Idade Média, somente esta *única* Igreja era a Igreja de Cristo, e tudo que diferia dela era visto como hostil a esta única Igreja verdadeira. O governo, portanto, não era chamado para julgar, ou para examinar ou para decidir por si mesmo. *Havia* somente uma única Igreja de Cristo na terra, e era a tarefa do Magistrado proteger esta Igreja de cismas, heresias e seitas.

Não obstante, quebrar esta única Igreja em fragmentos, admitir que a Igreja de Cristo pode revelar-se em muitas formas, em diferentes países; mais ainda, até mesmo no próprio país, numa multiplicidade de instituições; e imediatamente tudo o que era deduzido desta unidade da igreja visível desaparece de vista. E portanto, se não pode ser negado que o próprio Calvinismo *rompeu* a unidade da Igreja, e que nos países calvinistas uma rica variedade de todos os tipos de formações eclesiásticas revelou-se, então segue-se que não devemos procurar a verdadeira característica calvinista no que, por um tempo, ele tinha retido do velho sistema, mas antes naquilo que, novo e fresco, tem nascido de sua própria raiz.

A Igreja Católica – Igreja do Estado em Muitos Países

Os resultados mostram que, mesmo depois do lapso de três séculos, em todos os países distintivamente Católicos romanos, mesmo nas repúblicas da América do Sul, a Igreja Católica Romana é e continua

sendo o Igreja do Estado, do mesmo modo como fazem as Igrejas Luteranas nos países luteranos. E as igrejas livres têm prosperado exclusivamente naqueles países que foram tocados pelo sopro do Calvinismo, i.e., na Suíça, na Holanda, na Inglaterra, na Escócia, e nos Estados Unidos da América.

Nos países Católicos romanos é ainda sustentada a identificação da Igreja invisível com a visível, sob a unidade papal. Nos países Luteranos, com a ajuda da "curius regio eius religio", a Confissão do Tribunal foi monstruosamente imposta sobre o povo como a confissão da terra; ali os reformados foram tratados asperamente, foram exilados e ultrajados como inimigos de Cristo. Na Holanda calvinista, ao contrário, todos aqueles que eram perseguidos por causa da religião encontraram um porto de refúgio. Ali, os judeus foram recebidos hospitaleiramente; ali os Luteranos foram honrados; ali os Menonitas prosperaram; e até mesmo aos Arminianos e Católicos romanos foi permitido o livre exercício de sua religião em casa e em igrejas separadas. Os Independentes, fugindo da Inglaterra, encontraram um lugar de repouso na Holanda calvinista; e deste mesmo país o *Mayflower*[78] zarpou para transportar os pais peregrinos para sua nova terra natal.

A História Comprova que o Calvinismo Enfatiza Liberdade de Consciência

Portanto, não me baseio em subterfúgio, mas apelo para fatos históricos claros. E aqui, repito, a característica latente do Calvinismo deve ser vista, não no que adotou do passado, mas no que criou de novo. É notável que, neste aspecto, desde o começo nossos teólogos e juristas calvinistas defenderam a liberdade de consciência contra a Inquisição. Roma percebeu muito claramente como a liberdade de consciência afrouxaria os fundamentos da unidade da Igreja visível, e por isso opôs-se a ela. Mas por outro lado deve ser admitido que o Calvinismo, louvando em voz alta a liberdade de consciência, em princípio abandonou toda característica absoluta da Igreja visível.

---

[78] NT – Nome da embarcação inglesa na qual os puritanos ingleses viajaram para a América do Norte em 1620.

Calvino – Contra a Perseguição por Causa da Fé

Assim, que no seio de um e do mesmo povo a consciência de uma metade testemunhou contra a outra metade, a brecha foi produzida e slogans não eram mais de nenhuma utilidade. Já em 1649 foi declarado que a perseguição por causa da fé, era – "Um homicídio espiritual, um assassinato da alma, uma violência contra o próprio Deus, o mais horrível dos pecados". E é evidente que o próprio Calvino escreveu sob as premissas da conclusão correta, por seu reconhecimento de que contra os ateístas até mesmo os Católicos são nossos aliados; por seu aberto reconhecimento da Igreja Luterana; e ainda mais enfaticamente por sua pertinente declaração: *"Scimus tres esse errorum gradus, et quibusdam fatemur dandam esse veniam, aliis modicam castigationem sufficere, ut tantum manifesta impietas capitali supplitio plectatur*."[79] Isto quer dizer: "Ali existe uma tríplice divergência da verdade cristã; insignificante, que seria melhor ser deixada sozinha; uma moderada, que deve ser restaurada por um castigo moderado; e somente a impiedade manifesta deve ser punida capitalmente." Admito que esta é uma decisão severa, mas, contudo, uma decisão na qual em princípio a *unidade visível* é descartada; e onde esta unidade é quebrada, ali a liberdade desponta naturalmente. Pois aqui encontra-se a solução do problema: Com Roma, o sistema de perseguição era o resultado da identificação da Igreja visível com a invisível, e Calvino afastou-se *desta* perigosa linha. Mas o que ele ainda continuou defendendo foi a identificação de sua Confissão sobre a Verdade com a Verdade absoluta em si, e apenas desejou experiência mais plena para compreender que esta proposição também, verdadeira como sempre deve permanecer em nossa convicção pessoal, nunca pode ser imposta pela força sobre outras pessoas.

Os Três Deveres das Autoridades nas Coisas Espirituais

Esses fatos são suficientes. Vamos agora submeter a própria teoria ao teste e olhar sucessivamente para o dever do magistrado nas coisas espirituais: 1. Para com *Deus*, 2. Para com a *Igreja*, e 3. Para com os *indivíduos*.

---

[79] Tomo 8, p. 516c; Ed. Schippers.

Dever para com Deus

Magistrados São Servos de Deus

Com relação ao primeiro ponto, os magistrados são e continuam sendo – "servos de Deus". Eles devem reconhecer Deus como o Supremo Governador, de quem eles derivam seu poder. Eles devem servir a Deus governando o povo segundo *suas* ordenanças. Devem reprimir a blasfêmia onde ela diretamente assume o caráter de uma afronta à Majestade Divina. E a supremacia de Deus deve ser reconhecida pela confissão de seu nome na Constituição como a Fonte de todo poder político, mantendo o sábado, proclamando dias de oração e ações de graça, e invocando sua divina bênção.

Portanto, a fim de que eles possam governar segundo suas santas ordenanças, cada magistrado está no dever de limitar-se a investigar os direitos de Deus tanto na vida natural como em sua Palavra. Não para sujeitar-se à decisão de alguma Igreja, mas a fim de que ele mesmo possa alcançar a luz que necessita para o conhecimento da vontade Divina. E com relação a blasfêmia, o *direito* do magistrado de reprimi-la repousa na consciência de Deus inata em cada homem; e o *dever* de exercer este direito nasce do fato que Deus é o Supremo e Soberano Governador sobre cada Estado e sobre cada nação. Mas por esta mesma razão, o fato da blasfêmia deve ser considerado estabelecido somente quando a intenção é afrontar esta majestade de Deus como *Supremo Governador sobre o Estado* de modo aparentemente contumaz. Então o que é punido não é a ofensa religiosa, nem o sentimento ímpio, mas o ataque ao fundamento da lei pública, sobre a qual ambos, o Estado e seu governo, estão alicerçados.

Em Qualquer Sistema, Tanto a Igreja como o Estado Devem Obedecer a Deus

Neste aspecto, entretanto, há uma diferença digna de nota entre os Estados que são governados absolutamente por um monarca, e os Estados que são governados constitucionalmente; ou numa república, numa classe ainda mais ampla, por uma assembléia geral.

No monarca absoluto a consciência e a vontade pessoal são *uma*, e assim esta única pessoa é chamada para governar seu povo segundo

sua própria concepção pessoal das ordenanças de Deus. Quando, ao contrário, a consciência e a vontade de muitos cooperam, esta unidade é perdida e a concepção subjetiva das ordenanças de Deus por parte destes muitos somente pode ser aplicada indiretamente. Mas se vocês estão lidando com a vontade de um só indivíduo ou com a vontade de muitos homens, numa decisão alcançada pelo voto permanece o fato principal de que o governo deve julgar e decidir independentemente. Não como um apêndice à Igreja, nem como seu pupilo. A esfera do Estado coloca-se sob a majestade do Senhor. Nesta esfera, portanto, deve ser mantida uma responsabilidade independente para com Deus. A esfera do Estado não é profana. Mas tanto a Igreja como o Estado devem, cada um em sua própria esfera, obedecer a Deus e servir para sua honra. E para este fim a *Palavra de Deus* deve governar em ambas as esferas, mas na esfera do Estado somente através da consciência das pessoas investidas com autoridade. A primeira coisa certamente é, e continua sendo, que todas as nações deverão ser governadas de um modo cristão; isto quer dizer, de acordo com o princípio que flui de Cristo para toda administração pública. Mas isto nunca pode ser realizado exceto através da convicções subjetivas daqueles que estão em autoridade, segundo seus conceitos pessoais sobre as exigências deste princípio cristão com relação ao serviço público.

Dever Para com a Igreja
Não é Manter a Unidade

A segunda questão é de uma natureza inteiramente diferente. Qual deve ser a relação entre o governo e a *Igreja visível*. Se fosse a vontade de Deus manter a unidade formal dessa Igreja visível, esta questão deveria ser respondida de forma completamente diferente do que é agora o caso. É natural que essa unidade fosse originalmente procurada. A unidade da religião tem grande valor para a vida de um povo e não pouco encanto. E somente a intolerância pode sentir-se ofendida pela violência do desprezo com que Roma, no século 16, lutou para a manutenção dessa unidade. Também pode ser facilmente entendido que essa unidade foi estabelecida originalmente. Quanto mais baixo um povo está na escala de desenvolvimento, tanto menos diferença de opinião é revelada. Por

isso, vemos que quase todas as nações começaram com a unidade da religião. Porém, é igualmente natural que essa unidade seja quebrada onde a vida individual, no processo de desenvolvimento, ganha em força, e onde a multiformidade afirma-se como a exigência inegável de um desenvolvimento mais rico da vida. E assim, somos confrontados com o fato de que a Igreja visível tem sido dividida, e que em nenhum país, seja qual for, a unidade absoluta da Igreja visível não pode mais ser mantida.

O Governo Não Interfere, pois não tem dados para Julgar

Então, qual é o dever do governo? Deve ele – pois a questão pode ser reduzida a isto – agora formar um julgamento individual quanto a qual daquelas muitas Igrejas é a única verdadeira? E deve ele manter essa única Igreja acima e contra as outras? Ou é o dever do governo suspender seu próprio julgamento e considerar o complexo multiforme de todas essas denominações como a totalidade da manifestação da Igreja de Cristo na terra?

De um ponto de vista calvinista devemos decidir a favor da última sugestão. Não de uma falsa idéia de neutralidade, nem como se o calvinista devesse ser sempre indiferente ao que é verdadeiro e ao que é falso, *mas porque o governo tem falta de dados para o julgamento*, e porque todo julgamento magistral aqui *infringe a soberania da Igreja.* Pois caso contrário, se o governo for um monarca absoluto, vocês alcançam o “cuius regio eius religio” dos príncipes Luteranos, que sempre foi combatido por parte do Calvinismo. Ou se o governo repousa com uma pluralidade de pessoas, a Igreja que ontem foi contada como falsa, é hoje considerada a única verdadeira, segundo a decisão do voto; e assim perde-se toda continuidade da administração do Estado e da posição da igreja.

É Encorajar Auto Determinação

É por isso que os calvinistas sempre lutaram tão orgulhosa e corajosamente pela liberdade, isto é, pela soberania da Igreja dentro de sua esfera, em distinção aos teólogos luteranos. Em Cristo, eles afirmaram, a Igreja tem seu próprio Rei. Sua posição no Estado não é atribuída a ela pela permissão do Governo, mas *jure divino*. Ela tem sua

própria organização. Possui seus próprios oficiais. E de um modo similar ela tem seus próprio dons para distinguir a verdade da mentira. Portanto, é seu privilégio, e não o do Estado, determinar suas próprias características como a Igreja verdadeira e proclamar sua própria confissão como a confissão da verdade.

Se nessa posição ela se opõe a outras Igrejas, lutará contra essas sua batalha espiritual com armas espirituais e sociais; mas ela nega e contesta o direito de cada um, quem quer que seja, e, portanto, também do governo de proclamar-se como um poder acima dessas diferentes instituições e de tomar uma decisão entre ela e suas igrejas irmãs. O governo traz a espada com feridas; não a espada do Espírito que decide questões espirituais. E por esta razão os calvinistas sempre resistiram a idéia de atribuir ao governo uma *patria potestas*. Sem dúvida, um pai regula em sua família a religião dessa família. Mas quando o governo foi organizado, a família não foi colocada de lado, mas permaneceu; e o governo recebeu apenas uma tarefa limitada, a qual é definida pela soberania na esfera individual, e não menos pela soberania de Cristo em sua Igreja. Somente vamos nos guardar aqui contra o Puritanismo exagerado e não vamos nos recusar, na Europa ao menos, a levar em conta os efeitos das condições históricas. É uma questão inteiramente diferente se alguém ergue um novo edifício sobre um terreno livre ou se deve restaurar uma casa que está de pé.

É Respeitar a Multiforme Representação

Mas isto não pode em nenhum aspecto quebrar a regra fundamental de que o governo deve honrar o complexo de Igrejas cristãs como a multiforme manifestação da Igreja de Cristo na terra. Que o magistrado deve respeitar a liberdade, i.e., a soberania da Igreja de Cristo na esfera individual dessas igrejas. Que as Igrejas prosperam mais ricamente quando o governo lhes permite viver de sua própria força sobre o princípio voluntário. E que, portanto, nem o Cesaropapado do Czar da Rússia; nem a sujeição do Estado à Igreja, ensinada por Roma; nem a "Cuius regio eius religio" dos juristas luteranos; nem o irreligioso ponto de vista neutro da Revolução Francesa; mas somente este sistema de uma Igreja livre num Estado livre pode ser honrado de um ponto de vista

calvinista.

A soberania do Estado e a soberania da Igreja existem lado a lado, e limitam-se mutuamente uma a outra.

Dever Para com o Indivíduo

De uma natureza inteiramente diferente, ao contrário, é a última questão à qual fiz referência, a saber, o dever do governo com relação a *soberania da pessoa individual*.

Cada Pessoa Rege sua Consciência

Na segunda parte desta palestra, tenho indicado que o homem desenvolvido também possui uma esfera individual de vida, com soberania em seu próprio círculo. Aqui, não faço referência à família, pois este é um laço social entre diversos indivíduos. Faço referência àquilo que é expresso pelo Prof. Weitbrecht deste modo: *"Ist doch vermöge seines Gewissens jeder ein König, ein Souverain, der über jede Verantwortung exhaben is."*[80] ("Cada homem coloca-se como um rei em sua consciência, um soberano em sua própria pessoa, isenta de toda responsabilidade.") Ou aquilo que Held formulou deste modo: *"In gewisser Beziehung wird jeder Mensch supremus oder Souverain sein, denn jeder Mensch muss eine Sphäre haben, und hat sie auch wirklich, in welcher er der Oberste ist."*[81] (Em algum aspecto todo homem é um soberano, pois todos devem ter e tem uma esfera de vida própria dele, na qual não tem ninguém acima dele, exceto somente Deus.) Não chamo a atenção para isto para superestimar a importância da consciência, pois a todo aquele que deseja libertar a consciência, onde Deus e sua Palavra estão envolvidas, apresento-me como um oponente, não como um aliado. Isto, contudo não impede minha manutenção da soberania da consciência como a salvaguarda de toda liberdade pessoal, neste sentido – esta consciência nunca está sujeita ao homem mas sempre e continuamente ao Deus Todo-Poderoso.

É Garantir a Liberdade de Consciência

---

[80] Weitbrecht, *Woher und Wohin*; Stuttgard, 1877; p. 103
[81] Held, *Verfassungsysteem*, I, p. 234.

Esta necessidade da liberdade pessoal da consciência, contudo, não faz valer seus direitos imediatamente. Ela não se expressa com ênfase na criança, mas somente no homem maduro; e do mesmo modo na maior parte das vezes está dormindo entre as pessoas não desenvolvidas, e é irresistível somente entre nações altamente desenvolvidas. Um homem de desenvolvimento maduro e rico deseja antes se tornar um voluntário ao exílio, antes sofrer o aprisionamento, mais ainda, até mesmo sacrificar a própria vida, do que tolerar o constrangimento no fórum de sua consciência. E a repugnância profundamente enraizada contra a Inquisição, que por três longos séculos não seria atenuada, cresceu da convicção de que sua prática violou e assaltou a vida no homem. Isto impõe sobre o governo uma dupla obrigação. Em primeiro lugar, ele deve fazer esta liberdade de consciência ser respeitada pela Igreja; e em segundo lugar, deve ele mesmo dar lugar à soberania da consciência.

É Garantir Essa Liberdade Até Perante a Igreja

Com relação a primeira, a soberania da Igreja encontra sua limitação natural na soberania da personalidade livre. Soberana dentro de seu próprio campo, ela não tem poder sobre aquilo que vive fora desta esfera. E sempre que, em violação deste princípio, possa ocorrer a transgressão de poder, o governo deve respeitar as reivindicações de proteção de cada cidadão. A Igreja não pode ser forçada a tolerar como um membro alguém que ela se sente obrigada a expelir de seu círculo; mas por outro lado nenhum cidadão do Estado deve ser compelido a permanecer numa igreja que sua consciência o força deixar.

Entretanto, o que o governo exige das igrejas neste aspecto, ele mesmo deve praticar, permitindo a cada um e a todos os cidadãos a liberdade de consciência, como o direito primordial e inalienável de todos os homens.

É Garantir Liberdade contra o Despotismo

Custou uma luta heróica arrancar do controle do despotismo esta maior de todas as liberdades humanas; e rios de sangue humano foram derramados para que o objetivo fosse atingido. Porém por esta mesma

razão cada filho da Reforma, que não defende esta salvaguarda de nossas liberdades zelosamente e sem omitir-se, esmaga aos pés a honra dos pais. A fim de que possa ser capaz de governar os *homens*, o governo deve respeitar este poder profundamente ético de nossa existência humana. Uma nação, consistindo de cidadãos cujas consciências estão oprimidas, está quebrando-se a si mesma em sua força nacional.

E mesmo que eu seja forçado a admitir que nossos pais, em teoria, não tinham a coragem das conclusões que se seguiam desta liberdade de consciência para a *liberdade de expressão*, e a *liberdade de adoração*; mesmo que eu esteja bem ciente de que eles fizeram um esforço desesperado para impedir a expansão da literatura que viam com maus olhos, censurando e rejeitando a publicação – tudo isto não exclui o fato de que a livre expressão de pensamento, através da palavra falada e impressa, obteve sua vitória primeiro na Holanda calvinista. Qualquer outra nação, em qualquer outro lugar, que tenha seguido este caminho pôde gozar a liberdade de idéias e a liberdade da imprensa primariamente sobre bases calvinistas. E assim, o desenvolvimento lógico do que foi venerado na liberdade da consciência, bem como esta própria liberdade, primeiro abençoou a mundo do lado do Calvinismo.

Pois é verdade que nas terras Romanas o despotismo espiritual e político foi finalmente derrotado pela Revolução Francesa, e nesta medida devemos agradecidamente reconhecer que esta revolução também começou promovendo a causa da liberdade. Mas todo aquele que aprende com a História que a guilhotina, sobretudo na França, por anos e anos não poderia descansar da execução daqueles que eram de mente diferente; todo aquele que relembra quão cruel e devassamente o clero Católico Romano foi assassinado, porque eles se recusaram a violar sua consciência por um juramento profano; ou todo aquele que, como eu mesmo, por uma triste experiência, conhece a tirania espiritual que o liberalismo e o conservantismo aplicou no continente Europeu, e ainda está aplicando àqueles que têm escolhido caminhos diferentes, - é forçado a admitir que a liberdade no Calvinismo e a liberdade na Revolução Francesa são duas coisas totalmente diferentes.

Na Revolução Francesa uma liberdade civil para todo cristão

concordar com a maioria incrédula; no Calvinismo, uma liberdade de consciência, que habilita cada homem a servir a Deus *segundo sua própria convicção e os ditames de seu próprio coração*.

Quarta Palestra
CALVINISMO E CIÊNCIA

Introdução

Em minha quarta palestra permitam-me chamar sua atenção para o vínculo entre *Calvinismo e Ciência*. Certamente não a fim de exaurir um assunto de tal importância numa única palestra. Submeto a sua atenciosa consideração apenas **quatro** pontos: **primeiro**, que o Calvinismo encorajou, e não poderia fazer outra coisa senão encorajar, o *amor pela ciência*; **segundo**, que ele restaurou para a ciência *seu domínio*; **terceiro**, que ele libertou a ciência de *laços artificiais*; e **quarto**, de que maneira ele procurou e encontrou uma solução para o inevitável *conflito científico*.

O Calvinismo Encorajou o Amor Pela Ciência

Um Incidente Histórico – O Cerco de Leyden

Para começar então: Encontra-se escondido no Calvinismo um impulso, uma inclinação, um incentivo para a investigação científica. *É um fato* que a ciência tem sido encorajada por ele, e que seu princípio exige o espírito científico. Uma gloriosa página da História do Calvinismo pode ser suficiente para provar isto, antes de entrarmos mais plenamente na discussão quanto ao incentivo a investigação científica encontrado no Calvinismo como tal.

A página da história do Calvinismo, ou vamos dizer melhor da humanidade, incomparável em sua beleza a qual me refiro, é o cerco a Leyden, mais de trezentos anos atrás. Este cerco a Leyden foi, de fato, uma luta entre Alva e o príncipe William sobre o curso futuro da história do mundo; e o resultado foi que, ao fim, Alva teve de retirar-se e William o Silencioso estava habilitado a desfraldar a bandeira da liberdade sobre a Europa. Leyden, defendida quase que exclusivamente por seus próprios cidadãos, participou de uma batalha contra as melhores tropas do que naquele tempo era considerado o exército mais preciso do mundo. Três meses após o início do cerco o suprimento de alimento esgotou-se. Uma

fome terrível começou a alastrar-se. Aparentemente condenados, os cidadãos foram levados a viver às custas de cachorros e ratos. Esta fome sombria logo foi seguida pela peste negra ou a peste bubônica, que causou a morte de uma terça parte dos habitantes. Os espanhóis ofereceram paz e perdão ao povo agonizante; mas Leyden, lembrando-se da má fé do inimigo no tratamento para com Naarden e Haarlem, respondeu corajosamente e com orgulho: Se necessário for, estamos pontos a consumir nossos braços esquerdos, e com nossos braços direitos defender nossas esposas, nossa liberdade e nossa religião contra vós, Ó tirano.

Assim eles perseveraram. Pacientemente esperaram pela vinda do Príncipe de Orange para levantar o cerco, ... mas ... o príncipe teve de esperar por Deus. Os diques da província da Holanda transbordaram; a região que rodeia Leyden foi inundada; uma esquadra preparou-se para ir às pressas ajudar Leyden; mas o vento fez as águas recuarem impedindo a esquadra de passar os pequenos lagos rasos. Deus provou seu povo dolorosamente. Finalmente, contudo, em 1º de Outubro, o vento voltou para o Oeste, e, forçando as águas para cima, possibilitou a esquadra a alcançar a cidade sitiada. Então os espanhóis fugiram às pressas para escapar da maré crescente. No terceiro dia de Outubro a esquadra entrou no porto de Leyden, e sendo levantado o cerco, a Holanda e a Europa foram salvas. A população, todos exceto os levados pela fome à morte, mal podiam se arrastar, todavia todos, sem exceção, andaram como puderam para a casa de oração. Ali, todos caíram sobre seus joelhos e deram graças a Deus. Mas quando tentaram pronunciar sua gratidão em salmos de louvor, estavam quase sem voz, pois não havia mais forças neles, e os sons de seus cânticos desvaneceram-se em grato suspiro e pranto.

O Relacionamento do Incidente com Ciência

Vejam o que chamo de uma página gloriosa na história da liberdade, escrita com sangue, e se vocês agora me perguntarem, o que tem isto a ver com a *ciência*, eis aqui a resposta: Em reconhecimento a tal coragem patriótica, os Estados da Holanda não presentearam Leyden com um punhado de ordens cavalheirescas, ou com ouro, ou com honra,

mas com uma *Escola de Ciência*, a Universidade de Leyden, famosa em todo mundo. A Alemanha não é ultrapassada por ninguém no orgulho de sua glória científica, e todavia ninguém menos do que Niebuhr testemunhou, “que a câmara do conselho administrativo da Universidade de Leyden é o mais memorável saguão de ciência.” Os eruditos mais competentes foram persuadidos a ocupar as cadeiras amplamente dotadas. Scaliger foi transportado da França num navio de guerra. Salmasius veio a Leyden sob proteção de todo um esquadrão. Por que eu daria a vocês a longa lista de nomes dos príncipes da ciência, dos gigantes na erudição, que encheram Leyden com o brilho de sua reputação, ou falaria a vocês como este amor pela ciência, saindo de Leyden, impregnou a nação toda? Vocês conhecem os Lipsius, os Hemsterhuis, os Boerhaves.[82] Vocês sabem que o telescópio, o microscópio e o termômetro foram inventados na Holanda;[83] e assim a ciência empírica, digna de seu nome, tornou-se possível.

É um fato inegável que a Holanda calvinista *tinha* amor pela ciência e a encorajava. Mas, sem dúvida, a prova mais evidente, mais convincente, é encontrada no estabelecimento da Universidade de Leyden. Receber como a mais alta recompensa uma Universidade de Ciência numa ocasião quando, através de uma luta terrível, por seu heroísmo o curso da história do mundo foi mudado, somente é concebível entre um povo em cujo próprio princípio de vida está envolvido o amor pela ciência.

O Motivo Mais Forte do Calvinismo para o Amor à Ciência – A Doutrina da Predestinação

Agora abordarei o princípio em si mesmo. Pois não é suficiente estar familiarizado com o fato, também devo mostrar a vocês porque é que o Calvinismo não pode fazer outra coisa senão encorajar o amor pela

---

[82] Justus Lipsius, 1547-1606, linguista, crítico e humanista. Ele foi inicialmente Católico Romano, depois luterano, Reformado, e de novo Católico Romano. Quando morreu ele era o historiador do rei da Espanha. Tiberius Hemsterhuis, filologista, 1685-1766; F. Hemsterhuis, sobrinho de Tiberius, 1721-1790, filosofo, moralista. Herman Boerhave, muito famoso como físico, 1668-1738.

[83] A invenção do telescópio é atribuída a Lipperhey de Middelburg, em cerca de 1600; do microscópio a Z. Jansen (1590), e do termômetro, bem como do barômetro, a C. Drebbel. Drebbel exibiu em 1619 o complexo microscópio de Jansen a James I. Anton van Leewenhock, 1632-1723, foi um dos mais bem sucedidos microscopistas.

ciência. E não penso causar estranheza quando aponto para o dogma calvinista da predestinação como o motivo mais forte, naqueles dias, para o cultivo da ciência num sentido mais elevado. Mas, a fim de evitar equívoco, deixem-me primeiro explicar o que o termo "ciência" significa aqui.

Esclarecendo o Conceito de "Ciência"

Falo da ciência humana como um todo, não do que é chamado entre vocês "ciências", ou como os franceses o expressam "ciências exatas". Especialmente, nego que o simples empirismo em si mesmo sempre seja perfeita ciência. Mesmo o microscópico mais preciso, o alcance mais distante da investigação telescópica não é nada senão *percepção* com olhos reforçados. Isto é transformado em ciência quando vocês descobrem nos fenômenos específicos, percebidos pelo empirismo, uma *lei* universal, e com isso alcançam *o pensamento* que governa toda a constelação dos fenômenos.[84] Desta forma originam-se as ciências especiais; mas mesmo nelas a mente humana não pode concordar. O tema das diversas ciências deve ser agrupado sob um título e conduzido sob a influência de um princípio por meio de teorias ou hipóteses, e finalmente a Sistemática, como a rainha das ciências, sai de sua tenda para organizar todos os diferentes resultados em um todo orgânico.

É verdade, eu sei, que a sublime palavra *Ignorabimus* de Dubois Raymond tem sido usada por muitos para fazer parecer possível que nossa sede pela ciência no sentido mais elevado jamais será saciada, e que o Agostinianismo, puxando uma cortina sobre o pano de fundo e por cima dos abismos da vida, está satisfeito com um estudo dos fenômenos das diversas ciências; porém, algum tempo antes, a mente humana começou a fazer sua vingança sobre este vandalismo espiritual. A questão acerca da origem, conexão e destino de tudo que existe não pode ser suprimida; e o *veni, vidi, vici*, necessário a teoria da evolução ocupou com toda velocidade a base em todos os círculos hostis à Palavra de Deus e especialmente entre nossos naturalistas. É uma prova

---

[84] Em sua *Enciclopédia de Teologia*, II, p. 29, o Dr. Kuyper define ciência como um impulso no espírito humano para que o cosmos com o qual ele está organicamente relacionado, possa ser refletido plasticamente em nós segundo seus elementos, (causas, originando coisas), e possa ser compreendido logicamente em suas relações. Cf. p. 168.

convincente do quanto nós necessitamos de unidade de conceito.

O Conceito do Decreto de Deus – Continuidade e Estabilidade

Como podemos provar que o amor pela ciência neste sentido mais elevado, que visa a unidade em nosso conhecimento do cosmos todo, é efetivamente assegurado por meio de nossa fé calvinista na predestinação de Deus? Se vocês desejam entender isto devem voltar da predestinação para o decreto de Deus em geral. Esta não é uma questão de escolha; pelo contrário, *deve* ser feito. Crer na predestinação nada mais é do que a penetração do decreto de Deus em suas próprias vidas pessoais; ou, se vocês preferirem, o heroísmo pessoal para aplicar a soberania da vontade decretiva de Deus a suas próprias existências. Isto significa que não estamos satisfeitos com uma simples profissão de palavras, mas que estamos dispostos a defender nossa confissão tanto em relação a esta vida como em relação a vida por vir. É uma prova de honestidade, firmeza inabalável e solidez em nossa expressão concernente a unidade da Vontade de Deus, e a certeza de suas operações. É uma ação de grande coragem porque traz vocês sob a suspeita de arrogância.

Mas se vocês prosseguem agora para o decreto de Deus, o que mais a predestinação de Deus significa senão a certeza de que a existência e o curso de todas as coisas, i.e., de todo o cosmos, em vez de ser um brinquedo do capricho ou do acaso, obedece a lei e a ordem, e que existe ali uma vontade firme que põe em prática seus desígnios na natureza e na História? Então, vocês não concordam comigo que isto força sobre nossas mentes a concepção indissolúvel de uma unidade toda compreensível, e a aceitação de um princípio pelo qual tudo é governado? Força sobre nós o reconhecimento de algo que é geral, escondido e todavia expresso naquilo que é especial. Além disso, força sobre nós a confissão de que deve haver estabilidade e regularidade governando sobre tudo.

Deste modo vocês reconhecem que o cosmos, em vez de ser um monte de pedras livremente arranjadas às pressas, ao contrário, apresenta a nossa mente uma construção monumental erigida num estilo severamente consistente. Se vocês abandonam este ponto de vista,

então é incerto o que irá acontecer em algum momento, que curso as coisas podem tomar, o que a cada manhã e noite pode ter reservado para vocês, sua família, seu país, o mundo em geral. Então a vontade caprichosa do homem é a principal referência. Cada homem pode escolher e agir a cada momento de uma certa forma, mas é também possível que possa fazer exatamente o contrário. Se isto fosse assim, vocês não poderiam confiar em nada. Não há conexão, nem desenvolvimento, nem continuidade; uma crônica, mas não uma história. E agora digam-me, o que é feito da ciência sob tais condições? Vocês ainda podem falar de estudo da natureza, mas o estudo da vida humana tornou-se ambíguo e incerto. Nada exceto fatos nus podem então ser averiguados historicamente, conexões e planos não têm mais um lugar na História. A História desaparece.

Unidade e Estabilidade na Raça Humana

Nem por um momento eu proponho entrar, exatamente agora, numa discussão acerca do livre arbítrio do homem. Não temos tempo para isso. Mas com relação à antítese entre a unidade e estabilidade do decreto de Deus que o Calvinismo professa, e a superficialidade e frouxidão que os arminianos preferiram, é um fato que o desenvolvimento mais completo da ciência em nossa época quase unanimemente tem decidido em favor do Calvinismo. Os sistemas dos grandes filósofos modernos são, quase unanimemente, em favor da unidade e estabilidade. A *History of the Civilization in England* de Buckle foi bem-sucedida em provar a ordem estável das coisas na vida humana com força demonstrativa surpreendente, quase matemática. Lombroso e toda sua escola de criminalistas declaram-se publicamente quanto a esta questão como andando sobre linhas calvinistas.[85]

O Cosmo – Um Princípio; Um Plano Fixado; Deus, a Causa

E as hipóteses mais recentes, sobre as leis de hereditariedade e variação, as quais controlam toda a organização da natureza e não

[85] NT – Criminologista italiano (1830 – 1909). Professor de Psiquiatria da Universidade de Turim, interessou-se pela criminologia. Para ele, o criminoso é antes de tudo um doente que fatores de hereditariedade e doenças nervosas predispõem à delinqüência. Daí sua teoria do criminoso nato, caracterizado por estigmas anatômicos, fisiológicos e patológicos.

admitem exceção no campo da vida humana, já tem sido aceitas por todos os evolucionistas como “o credo comum”. Embora eu me abstenha no momento de qualquer critica quer destes sistemas filosóficos quer destas hipóteses naturalistas, simplesmente ao menos está claramente demonstrado por eles que todo o desenvolvimento da ciência em nosso tempo pressupõe um cosmos que não se torna vítima dos caprichos do acaso, mas que existe e desenvolve-se de um princípio, segundo uma ordem estável, visando um plano fixado. Esta é uma reivindicação que está, como claramente aparece, diametralmente oposta ao Arminianismo e em completa harmonia com a fé calvinista de que há uma vontade suprema em Deus, a causa de todas as coisas existentes, sujeitando-as a ordenanças fixadas e dirigindo-as a um plano preestabelecido.

Os calvinistas nunca pensaram que o conceito sobre o cosmos coloca a predestinação de Deus como um agregado de decretos livremente combinados, mas eles sempre sustentaram que o conjunto formou um programa orgânico da criação toda e da História toda. E assim, como um calvinista considera o decreto de Deus como o fundamento e a origem das leis naturais, do mesmo modo também encontra nele o firme fundamento e a origem de toda lei moral e espiritual; ambas, as leis naturais bem como as leis espirituais, formam juntas uma ordem superior que existe segundo o mandato de Deus e por isso o conselho de Deus será completado na consumação de seu plano eterno, todo abrangente.

Fé em Unidade, Estabilidade e Ordem

Fé numa *unidade, estabilidade e ordem* de coisas como esta, pessoalmente como predestinação, cosmicamente como o conselho do decreto de Deus, não poderia senão despertar aos brados e vigorosamente encorajar o amor pela ciência. Sem uma profunda convicção desta unidade, estabilidade e ordem, a ciência é incapaz de ir além de meras conjecturas. Somente quando há fé na conexão orgânica do Universo, haverá também a possibilidade para a ciência subir da investigação empírica dos fenômenos especiais para o geral, e do geral para a lei que governa acima dele, e desta lei para o princípio que domina

sobre tudo. Os dados, que são absolutamente indispensáveis para toda ciência superior, estão à mão somente sob esta suposição. Lembre-se do fato de que naqueles dias, quando o Calvinismo abria para si um caminho na vida, o cambaleante semipelagianismo tinha embotado esta convicção de unidade, estabilidade e ordem a tal ponto que até mesmo Tomás de Aquino perdera uma grande parcela de sua influência, enquanto que os Escotistas, os Místicos e os Epicureus disputavam uns com os outros em seus esforços para privar a mente humana de seu curso estável. E quem há que não perceba que um impulso inteiramente novo para empreender investigações científicas se originou do Calvinismo recém-nascido, que com um poderoso controle trouxe ordem ao caos, colocando sob disciplina uma licenciosidade espiritual tão perigosa, pondo um fim a esta hesitação entre duas ou mais opiniões, e mostrando-nos em vez de neblinas subindo e descendo, o quadro de um rio da montanha, com fortes corredeiras, traçando seu curso através de um bem regulado leito para um oceano que espera para recebê-lo.

O Calvinismo Mantém Firme sua Cosmovisão

O Calvinismo passou por muitas lutas ferozes, por causa de seu apego ao conselho do decreto de Deus. Muitas vezes pareceu que estava à beira da destruição. O Calvinismo foi ultrajado e caluniado por causa disso, e quando se recusou a excluir até mesmo nossa ação pecaminosa do plano de Deus, porque sem isso o programa de ordem do mundo novamente seria rasgado em pedaços, nossos oponentes não evitaram acusar-nos de fazer de Deus o autor do pecado. Eles não sabiam o que faziam. Em meio a más e boas notícias o Calvinismo mantém firmemente sua confissão. Não tem permitido a si mesmo ser privado, pelo escárnio e desprezo, da firme convicção de que toda nossa vida deve estar sob a influência da *unidade, solidez e ordem* estabelecidas pelo próprio Deus. Isto é responsável por sua necessidade de unidade de discernimento, firmeza de conhecimento, ordem em sua cosmovisão encorajado entre nós, até mesmo nos círculos distantes do povo comum, e esta evidente necessidade é a razão pela qual uma sede por conhecimento foi estimulada, a qual, naqueles dias, em parte alguma foi satisfeita numa medida mais abundante do que nos países calvinistas. Isto explica porque

é que nos escritos daqueles dias vocês encontram uma determinação, uma energia de pensamento, uma concepção de vida compreensiva como estes. Eu até mesmo me aventuro a dizer, que nas memórias de mulheres nobres daquele século e na correspondência do analfabeto, é evidente uma unidade de cosmovisão e de concepção de vida, que imprimiu uma marca científica sobre toda sua existência. Intimamente ligado a isto também está o fato que nunca favoreceram a assim chamada primazia da vontade. Eles exigiram, em sua vida prática, o freio de uma consciência clara, e nesta consciência a liderança não poderia ser confiada ao humor ou ao capricho, a fantasia ou ao acaso, mas somente à majestade do mais elevado princípio, no qual eles encontraram a explicação de sua existência e ao qual toda sua vida foi consagrada.

O Calvinismo Restaurou a Ciência ao Seu Domínio

Deixo agora meu primeiro ponto, de que o Calvinismo encorajou o *amor pela ciência*, a fim de prosseguir para o segundo, de que o Calvinismo restaurou para a ciência *seu domínio*.

A Ciência, Escondida na Idade Média

Quero dizer que ciência cósmica originou-se no mundo greco-romano; que na Idade Média o cosmos desapareceu atrás do horizonte para atrair a atenção de todos às visões distantes da vida futura, e que foi o Calvinismo que, sem perder a visão do espiritual, conduziu a uma reabilitação das ciências cósmicas. Se fossemos forçados a escolher entre a bela inclinação cósmica dos gregos com sua cegueira das coisas eternas, e a Idade Média com sua cegueira das coisas cósmicas, mas com seu amor místico por Cristo, certamente, então, cada filho de Deus em seu leito de morte ofereceria a vitória a Bernardo de Claraval e a Tomás de Aquino em vez de a Herácleto e Aristóteles. O peregrino que vagueia pelo mundo sem inquietar-se acerca de sua preservação e destino, apresenta-nos uma figura mais ideal do que o grego mundano que procurava a religião na adoração de Vênus, ou Baco, e que se satisfazia no culto a heróis, degradava sua honra como homem na veneração de prostitutas, e finalmente afundava-se em pederastia mais

baixa do que os bárbaros. Por isso, deve ser completamente entendido que de modo algum superestimo o mundo clássico em depreciação do esplendor celestial que brilhou através de toda a neblina da Idade Média.

Mas apesar de tudo isso, afirmo e sustento que um único Aristóteles conhecia mais do cosmos do que todos os pais da igreja juntos; que melhor ciência cósmica prosperou sob o domínio do Islamismo do que nas catedrais e escolas monásticas da Europa; que a recuperação dos escritos de Aristóteles foi o primeiro incentivo para a renovação do estudo antes deficiente; e que somente o Calvinismo, por meio deste princípio dominante que constantemente impele-nos a voltar da cruz para a criação, e não menos por meio de sua doutrina da *graça comum*, novamente abriu para a ciência o vasto campo do cosmos, agora iluminada pelo Sol da Justiça, de quem as Escrituras testificam que nele estão escondidos todos os tesouros de sabedoria e conhecimento. Vamos, então, fazer uma pausa para considerar primeiro o *princípio geral* do Calvinismo e posteriormente o dogma da *"graça comum"*.

A Religião Cristã não deve Negligenciar a Criação

Todos concordam que a religião cristã é substancialmente soteriológica. "O que devo fazer para ser salvo?" continua sendo a pergunta do inquiridor ansioso através de todos os tempos, à qual uma resposta, acima de tudo o mais, deve ser dada. Esta questão é ininteligível para aqueles que se recusam a ver o tempo à luz da eternidade, e que estão acostumados a pensar sobre esta terra sem conexão orgânica e moral com a vida por vir. Mas certamente, onde quer que dois elementos apareçam, como neste caso o pecador e o santo, o temporal e o eterno, a vida terrena e a celestial, sempre há o perigo de perder-se a visão de sua conexão e de falsificar ambos pelo erro ou pela unilateralidade. Deve ser confessado que a cristandade não escapa desse erro. Uma concepção dualista da regeneração foi a causa dessa ruptura entre a vida da natureza e a vida da graça. Por causa de sua contemplação tão intensa das coisas celestiais ela tem negligenciado dar a devida atenção ao mundo da criação de Deus. Ela, por causa de seu amor exclusivo pelas coisas eternas, tem sido tímida no cumprimento de seus deveres temporais. Tem negligenciado cuidado do corpo porque tem

cuidado exclusivamente da alma. E esta concepção unilateral, inarmônica, ao longo do tempo tem levado muitas seitas a uma adoração mística de Cristo somente, à exclusão de Deus o Pai Todo-Poderoso, *Criador do céu e da terra*. Cristo foi concebido exclusivamente como o Salvador, e seu significado *cosmológico* foi perdido de vista.

As Escrituras não Apoiam uma Visão Dualista da Vida

Esse dualismo, contudo, de modo algum é sustentado pelas Santas Escrituras. Quando João está descrevendo o Salvador, primeiro nos fala que Cristo é a “Palavra eterna, por quem todas as coisas são feitas, e que é a vida dos homens”. Paulo também testifica que “todas as coisas foram criadas por Cristo e subsistem por meio dele”; e mais, que o objetivo da obra de redenção não está limitado à salvação de pecadores individuais, mas estende-se à redenção *do mundo*, e à reunião orgânica de todas as coisas no céu e na terra debaixo de Cristo como seu cabeça original. O próprio Cristo não fala apenas da regeneração da terra, mas também de uma regeneração do cosmos (Mateus 19.28). Paulo declara: “Toda a criação geme esperando pela redenção do cativeiro para a glória dos filhos de Deus”. E quando João, em Patmos, escutou os hinos dos Querubins e do Redentor, toda honra, louvor e ação de graças foram dadas ao Deus, “Que criou o céu e *a terra*”. O Apocalipse retorna ao ponto de partida de Gênesis 1:1 – “No princípio criou Deus os céus e a *terra*.”

De acordo com isto, o resultado final do futuro, prenunciado nas Santas Escrituras, não é a existência meramente espiritual de almas salvas, mas *a restauração do cosmos inteiro*, quando Deus será tudo em todos debaixo do céu e terra renovados. Este significado amplo, compreensível e cósmico do evangelho foi novamente entendido por Calvino, compreendido não como o resultado de um processo dialético, mas da profunda impressão da majestade de Deus, que moldou sua vida pessoal.

A Salvação não é Antagônica à Glória de Deus na Criação

Certamente nossa salvação é de valor substancial, mas não pode ser comparada com o valor muito maior da glória de nosso Deus, que tem

revelado sua majestade em sua maravilhosa criação. Esta criação é seu trabalho manual, e sendo desfigurada pelo pecado o caminho estava aberto, é verdade, para uma revelação ainda mais gloriosa em sua restauração. Todavia, a restauração é e sempre será a salvação daquilo que foi primeiro criado, a teodicéia do trabalho manual original de nosso Deus. A mediação de Cristo é e sempre será o estribilho do grande hino das línguas dos homens e das vozes dos anjos, mas mesmo esta mediação tem por seu objetivo final a glória do Pai; e não importa quão grande possa ser o esplendor do reino de Cristo, ele finalmente se renderá ao Deus e Pai. ele ainda é nosso Advogado junto ao Pai, mas a hora está chegando quando sua oração por nós cessará, porque saberemos naquele dia que o Pai nos ama. Com isso, certamente, o Calvinismo coloca um fim de uma vez por todas no desrespeito pelo mundo, na negligência do temporal e na depreciação das coisas cósmicas. A vida cósmica recobrou seu valor não às custas das coisas eternas, mas em virtude de sua qualidade como trabalho manual de Deus e como uma revelação dos atributos de Deus.

A História Demonstra a Visão calvinista Integral

Dois fatos são suficientes para impressionar vocês com a veracidade disto. Durante a terrível peste bubônica que certa vez devastou Milão, o amor heróico do Cardeal Borromeo[86] distinguiu-se brilhantemente na coragem que ele manifestou em suas ministrações aos moribundos; mas durante a peste bubônica, que no século 16 atormentou Genebra, Calvino agiu melhor e mais sabiamente, pois não apenas cuidou incessantemente das necessidades espirituais dos doentes, mas ao mesmo tempo introduziu medidas higiênicas até então incomparáveis, pelas quais as ruínas da praga foram interrompidas.

O segundo fato para o qual chamo sua atenção não é menos notável. O pregador calvinista Peter Plancius[87] de Amsterdã era um pregador eloqüente, um pastor incomparável em sua consagração a sua obra, o primeiro na luta eclesiástica de seus dias, mas ao mesmo tempo

[86] Frederick Borromeo (1564- 1631) cardeal, arcebispo de Milão. Durante a fome e peste em Milão ele alimentava 2.000 pobres diariamente.

[87] Petrus Plancius, 1622, Santo Estevão o chamou de “le tres-docte geograph”.

foi o oráculo dos armadores e dos capitães do mar por causa de seu extenso conhecimento geográfico. A investigação das linhas de longitude e latitude do globo terrestre formavam, em sua opinião, um todo com a investigação do comprimento e largura do amor de Cristo. Ele viu-se colocado diante de duas obras de Deus, a primeira na criação, a outra em Cristo, e em ambas ele adorava aquela majestade do Todo-Poderoso Deus, o que transportava sua alma ao êxtase.

Conhecemos a Deus pela Escritura e Pela Natureza

Neste aspecto, é digno de nota que nossas melhores Confissões calvinistas falam de dois meios pelos quais conhecemos a Deus, a saber, as Escrituras *e a Natureza*. E ainda mais notável é que Calvino, em vez de simplesmente tratar a Natureza como um item acessório, como tantos teólogos estavam inclinados a fazer, estava acostumado a comparar as Escrituras a um par de óculos que nos capacita a decifrar novamente o Pensamento divino, escrito pela Mão de Deus no livro da *Natureza*, o qual se tornou obliterado em conseqüência da maldição. Assim, desapareceu toda possibilidade de medo de que aquele que ocupava-se com a natureza estava desperdiçando suas capacidades na busca de coisas vãs e inúteis. Pelo contrário, foi percebido que por causa de Deus nossa atenção não pode ser retirada da vida da natureza e da criação; o estudo do corpo recuperou seu lugar de honra ao lado do estudo da alma; e a organização social da humanidade na terra foi novamente considerada como sendo um objeto tão valioso da ciência humana quanto a congregação dos santos perfeitos no céu. Isto também explica a íntima relação existente entre o Calvinismo e o Humanismo. Até onde o Humanismo se esforçou para substituir a vida eterna pela vida neste mundo, todo calvinista se opôs ao Humanista. Mas em tudo quanto o Humanista se contentou com um apelo pelo reconhecimento apropriado da vida secular, o calvinista foi seu aliado.

O Dogma da "Graça Comum"

Prossigo agora para considerar o dogma da *"graça comum"*, a conseqüência natural do princípio geral como apresentei a vocês, porém, em sua aplicação especial ao *pecado* entendido como corrupção de

nossa natureza. O pecado coloca-nos diante de um dilema que em si mesmo é insolúvel. Se você vê o pecado como um veneno mortal, como inimizade contra Deus, como levando a condenação eterna, e se você descreve um pecador como sendo “totalmente incapaz de fazer qualquer bem, e inclinado a todo mal”, e por causa disso salvável somente se Deus mudar seu coração pela regeneração, então parece que, necessariamente, todas as pessoas incrédulas e não regeneradas devem ser homens maus e repulsivos. Mas isto está longe de ser nossa experiência na vida atual. Pelo contrário, o mundo incrédulo leva vantagem em muitas coisas.

Mesmo Civilizações Pagãs Produzem Tesouros Intelectuais

Tesouros preciosos têm vindo a nós da velha civilização pagã. Em Platão vocês encontram páginas as quais devoram. Cícero fascina vocês, os leva adiante por seu tom nobre e desperta em vocês santos sentimentos. E se considerarem seu próprio ambiente, aquilo que lhes é relatado e o que vocês deduzem do estudo e da produção literária de descrentes professos, quanto há que os atrai, com que vocês simpatizam e admiram. Não é exclusivamente o brilho do gênio ou o esplendor do talento que excita seu prazer nas palavras e ações de incrédulos, mas muitas vezes é sua beleza de caráter, seu zelo, sua devoção, seu amor, sua franqueza, sua fidelidade e seu senso de honestidade. É isso mesmo, não podemos deixar de mencionar, freqüentemente vocês nutrem o desejo de que certos crentes pudessem ter mais desta atratividade; e quem dentre nós não tem sido ocasionalmente envergonhado ao ser confrontado com as chamadas “virtudes dos pagãos”?

A Natureza Corrompida não Impede o Surgimento de Virtudes

Desta forma, é um fato que seu dogma da depravação total por causa do pecado nem sempre combina com suas experiências na vida. Todavia, se vocês correrem para a direção oposta e seguirem estes fatos experimentais, não devem se esquecer que toda sua confissão cristã cai por terra, pois então vocês consideram a natureza humana como boa e não corrompida; assim devem ter compaixão dos vilões criminosos como eticamente insanos; a regeneração é completamente supérflua para viver

honradamente; e sua concepção sobre a mais alta graça parece ser nada mais do que brincar com um medicamento, que muitas vezes prova ser completamente ineficaz. É verdade que algumas pessoas salvam-se desta posição incômoda falando das virtudes dos incrédulos como "vícios esplêndidos" e, por outro, imputando os pecados dos crentes ao velho Adão, todavia vocês mesmos sentem que isto é um subterfúgio ao qual falta seriedade.

A Explicação dos Católicos

Roma tentou encontrar uma rota de escape melhor na bem conhecida doutrina da *pura naturalia*. Os Romanistas ensinaram que existiam duas esferas de vida, a terrena ou meramente humana aqui em baixo, e a celestial, mais elevada do que a humana como tal; a última oferecendo deleites celestiais na visão de Deus. Adão, segundo esta teoria, estava bem preparado por Deus para ambas as esferas, para a esfera comum da vida pela natureza que Deus lhe deu, e para a esfera extraordinária concedendo-lhe o dom sobrenatural da retidão original. Deste modo Adão estava duplamente suprido, para a vida natural bem como para a celestial. Pela queda ele perdeu a última, não a primeira. Seu equipamento natural para sua vida terrena permaneceu quase inalterado. É verdade que a natureza humana foi enfraquecida, mas como um todo ela continuou com sua integridade. As dotações naturais de Adão continuaram sua possessão após a queda. Isto explica, para eles, porque é que o homem caído freqüentemente leva vantagem na ordem natural da vida, o que é um fato meramente humano.

Os Problemas com a Explicação Católica

Vocês percebem que este é um sistema que tenta reconciliar o dogma da queda com o estado real das coisas ao nosso redor, e sobre esta notável antropologia está fundamentada toda a religião Católica Romana. Apenas duas coisas são defeituosas neste sistema, por um lado falta-lhe a profunda concepção Escriturística de pecado, e por outro ele erra pela depreciação da natureza humana a qual conduz. Este é o falso dualismo do Carnaval para o qual uma palestra anterior apontou. Nesta ocasião, o mundo é mais uma vez totalmente gozado, antes entra-se no

Caro vale, mas após o Carnaval, a fim de salvar o ideal, segue-se por um pouco de tempo a elevação espiritual para as esferas mais elevadas da vida. Por esta razão o clero, separando-se do laço terreno no celibato, coloca-se em posição mais alta do que o leigo, e novamente, o monge, que separando-se também das possessões terrenas e sacrificando sua própria vontade, coloca-se, considerado eticamente, num nível mais alto do que o clero. E, finalmente, a perfeição mais alta é alcançada pelo estilista, que, subindo em seu pilar, separa-se a si mesmo de todas as coisas terrenas, ou por meio do silêncio ainda mais penitente que o faz enclausurar-se em sua caverna subterrânea.

Horizontalmente, se posso usar esta expressão, o mesmo pensamento encontra encarnação na separação entre o solo sagrado e o secular. Tudo não aprovado e não apreciado pela igreja é considerado como sendo de um caráter inferior, e o exorcismo no batismo fala-nos que estas coisas inferiores realmente estão destinadas a ser profanas. É evidente que um ponto de vista como este não convida o cristão a fazer um estudo das coisas terrenas. Nada senão um estudo relativo à esfera das coisas celestiais e a contemplação poderia atrair aqueles que, sob uma bandeira como esta, montaram guarda sobre o santuário do ideal.

O Dogma da Graça Comum é a Explicação Adequada calvinista

O Calvinismo se opôs a esta concepção sobre a condição moral do homem caído, por um lado tomando nossa concepção de pecado no sentido mais absoluto e, por outro, explicando aquilo que é bom no homem caído por meio do dogma da *graça comum*. O pecado, segundo o Calvinismo, o que está em pleno acordo com as Escrituras Sagradas, o pecado desenfreado e desacorrentado, deixado a si mesmo, teria imediatamente conduzido a uma degeneração total da vida humana, como pode ser inferido do que foi visto nos dias anteriores ao dilúvio. Mas Deus interrompeu o curso do pecado a fim de evitar a completa aniquilação de Seu divino trabalho manual, o que naturalmente teria acontecido. Ele interferiu na vida do indivíduo, na vida da humanidade como um todo, e na vida da própria natureza através de sua graça comum. Esta graça, contudo, não aniquila a essência do pecado, nem a

salva para a vida eterna, porém impede a execução completa do pecado, do mesmo modo como o discernimento humano impede a fúria de animais selvagens. O homem pode evitar que animais selvagens causem dano: 1º) colocando-os atrás de grades; 2º) pode sujeitá-los à sua vontade, domando-os; e 3º) pode torná-los atrativos, domesticando-os, e.g., transformando o cachorro e o gato que originalmente eram animais selvagem em animais domésticos.

Deus Restringe o Pecado pela Graça Comum

De um modo similar, Deus através da sua "graça comum" restringe a operação do pecado no homem, em parte quebrando seu poder, em parte domando seu espírito mal, e em parte domesticando sua nação ou sua família. Assim, a graça comum tem levado ao resultado de que um pecador não regenerado pode cativar-nos e atrair-nos pelo que é belo e cheio de energia, exatamente como acontece com nossos animais domésticos, mas isto certamente à maneira do homem. A natureza do pecado, contudo, permanece tão venenosa quanto era. Isto é visto no gato, que, devolvido à floresta, retorna a seu estado selvagem anterior após duas gerações, e uma experiência similar com relação a natureza humana tem sido experimentado neste momento na Armênia e em Cuba.

Quem lê o relato do massacre de São Bartolomeu facilmente é inclinado a atribuir esses horrores ao baixo estado da cultura daqueles dias. Mas vejam! Nosso século 19 tem excedido esses horrores através dos massacres na Armênia. E quem leu a descrição das crueldades cometidas pelos espanhóis no século 16 nas vilas e cidades da Holanda contra idosos, mulheres e crianças indefesas, e então ouve as notícias do que ocorreu agora em Cuba, não pode deixar de reconhecer que, o que foi uma desgraça no século 16, tem se repetido no século 19. Onde o mal não vem à superfície, ou não manifesta-se em toda sua horribilidade, nós não devemos isto ao fato de que nossa natureza não é tão profundamente corrupta, mas somente a Deus, que, por sua "graça comum", impede que as chamas da fogueira se alastrem sem controle.

E se vocês perguntam como isto é possível, que de tal modo a partir do mal restringido algo possa surgir que atrai, agrada e interessa a vocês, tomem então como uma ilustração a balsa. Este barco é colocado

em movimento pela correnteza, a qual o levaria rapidamente como flecha rio abaixo e o arruinaria; mas por meio da corrente à qual ele está preso, o barco sobe seguramente para o lado oposto, compelido para frente pelo mesmo poder que de outro modo o teria destruído. Deste modo Deus restringe o mal, e é ele que extrai o bem do mal; e enquanto isso nós calvinistas nunca descuidamos em acusar nossa natureza pecaminosa, todavia louvamos e agradecemos a Deus por tornar possível aos homens habitarem juntos numa sociedade bem ordenada, e por restringir-nos pessoalmente de pecados horríveis. Além disso, nós agradecemos a ele por trazer à luz todos os talentos escondidos em nossa raça, desenvolvendo por meio de um processo regular a História da humanidade, e assegurando pela mesma graça, para sua Igreja na terra, um lugar para a sola de seu pé.

Contudo, esta confissão coloca o cristão numa posição completamente diferente diante da vida. Pois então, em seu julgamento, não somente *a igreja* mas também *o mundo* pertence a Deus, e em ambos deve ser investigada a obra-prima do supremo Arquiteto e Artífice.

O calvinista não Busca Simplesmente Contemplação

Um calvinista que busca a Deus, nem por um momento pensa em limitar-se a Teologia e a contemplação, abandonando as outras ciências, como sendo de um caráter inferior, nas mãos de incrédulos; mas pelo contrário, considerando a ciência como sua tarefa, a fim de conhecer Deus em *todas* as suas obras, está consciente de ter sido chamado para sondar, com toda a energia de seu intelecto, as coisas *terrenas* bem como as coisas *celestiais*; para abrir a observação tanto a ordem da criação quanto a “graça comum” do Deus que ele adora, na natureza e seus maravilhosos atributos, na produção da industria humana, na vida da humanidade, na sociologia e na História da raça humana. Assim, vocês percebem como este dogma da “graça comum” subitamente removeu o interdito, sob o qual a vida secular tinha colocado limite, mesmo sob o risco de chegar muito perto de uma reação em favor de um amor unilateral por estes estudos seculares.

Foi então entendido que foi a “graça comum” de Deus que produziu na antiga Grécia e Roma os tesouros da luz filosófica, e desvendou para

nós os tesouros da arte e da justiça, o que despertou o amor pelos estudos clássicos, a fim de renovar para nós o benefício de uma herança tão esplêndida. Não foi claramente visto que a História da humanidade não é tanto um espetáculo aforístico de paixões cruéis quanto um processo coerente com a Cruz como seu centro; um processo no qual cada nação tem sua incumbência especial, e o conhecimento da qual pode ser uma fonte de bênção para todos os povos.

Foi apreendido que a ciência da política e da economia nacional mereciam a cuidadosa atenção dos eruditos e pensadores. Além disso, foi intuitivamente concebido que nada havia, quer na vida da natureza ao nosso redor quer na própria vida humana, que não se apresenta como um objeto digno de investigação, que poderia lançar nova luz sobre as glórias de todo o cosmos em seus fenômenos visíveis e em suas operações invisíveis. E se, de um ponto de vista diferente, o progresso no conhecimento científico completo sobre estas linhas, muitas vezes, levou ao orgulho e desviou o coração de Deus, nós devemos a este glorioso dogma da graça comum que, nos círculos calvinistas, o investigador mais profundo nunca deixou de reconhecer-se um pecador culpado diante de Deus, e de atribuir somente à misericórdia de Deus seu esplêndido entendimento das coisas do mundo.

O Calvinismo Promoveu a Liberdade da Ciência

A Liberdade da Ciência não é Licenciosidade ou Ilegalidade

Tendo provado que o Calvinismo encorajou o *amor pela ciência* e restaurou para a ciência *seu domínio*, permitam-me agora, em terceiro lugar, mostrar de que maneira ele promoveu sua *indispensável liberdade*. Para a genuína ciência a liberdade é o que o ar que nós respiramos é para nós. Isto não significa que a ciência está totalmente desimpedida para o uso de sua liberdade e que não precisa obedecer leis. Pelo contrário, um peixe colocado numa terra seca é perfeitamente livre, a saber, para expirar e perecer, enquanto que um peixe, que realmente é livre para viver e desenvolver-se deve estar totalmente cercado pela água e guiado por suas barbatanas. Do mesmo, modo cada ciência deve

manter a mais íntima conexão com seu assunto e obedecer estritamente as reivindicações de seu próprio método; e a ciência pode mover-se livremente somente quando está estritamente limitada por este duplo laço. Pois a liberdade da ciência não consiste em licenciosidade ou ilegalidade, mas em ser liberta de todos os laços artificiais, porque não estão enraizados em seu princípio vital.

As Universidades na Idade Média

Então, a fim de entender plenamente a posição tomada por Calvino, deveríamos nos abster de qualquer concepção errônea sobre a vida universitária na Idade Média. Não eram conhecidas Universidades do Estado naqueles dias. As universidades eram corporações livres, e deste modo protótipos de muitas universidades na América. Naqueles dias era a opinião geral que a ciência chamou a existência uma *republica litterarum*, uma “riqueza comum de homens eruditos”, a qual deve viver de seu próprio capital espiritual ou morrer por falta de talento e energia. Naqueles dias a transgressão da liberdade da ciência não veio do Estado mas de um quartel completamente diferente. Por séculos, apenas dois poderes dominantes eram conhecidos na vida da humanidade, a *Igreja* e o *Estado*. A dicotomia do corpo e da alma era refletida nessa concepção de vida. A Igreja era a *alma*, o Estado o *corpo*; um terceiro poder era desconhecido. A vida da Igreja era centralizada no *Papa*, enquanto que a vida política das nações encontrou seu ponto de união no *Imperador*, e foi o esforço para resolver este dualismo numa unidade superior que acendeu as chamas da luta feroz pela supremacia da coroa imperial ou da tiara papal, como vista no conflito entre os Hohenstaufen e os Guelphs. Desde então, contudo, a ciência como um terceiro poder, graças a *Renascença*, se intrometeu entre eles. Decorridos treze séculos, a Ciência encontrou na nascente vida universitária sua própria encarnação e reivindicou uma existência independente do papa e do imperador.

A Universidade como um “Terceiro Poder” Sucumbe ao Papado

A única questão remanescente era se esse novo poder também deveria criar um centro hierárquico, a fim de revelar-se como o terceiro

grande potentado ao lado do papa e do imperador.

Ao contrário, o caráter republicano da universidade exigiu a exclusão de toda aspiração monárquica. Porém, era natural que o Papa e César, que tinham dividido entre si todo o domínio da vida, olhassem com suspeita o crescimento de um terceiro poder inteiramente independente, e tentassem de tudo, a fim de sujeitar as universidades a suas regras. Se todas as universidades então existentes tivessem tomado uma posição firme um plano como este nunca teria sido bem-sucedido. Mas como é freqüentemente o caso entre corporações livres, a competição seduziu a mais fraca a procurar apoio de fora e assim elas pediram ajuda ao Vaticano. Isto forçou as universidades mais fortes a fazer o mesmo, e em breve, a fim de assegurar privilégios especiais, o favor do Papa foi universalmente cobiçado. Aqui é encontrado o mal fundamental. Deste modo, a Ciência renunciou seu caráter independente. Foi omitido que a recepção intelectual e a reflexão da nossa consciência sobre o cosmos, em que consiste toda ciência, formam uma esfera inteiramente diferente da Igreja.

A Força Libertadora da Reforma

Atualmente, este mal tem sido refreado pela Reforma, e especialmente subjugado pelo Calvinismo. Formalmente subjugado, porque sendo a hierarquia monárquica abandonada na própria Igreja, e sendo introduzida uma república e uma organização federal sob a autoridade monárquica de Cristo, para nós calvinistas não mais existia uma cabeça espiritual da Igreja cuja tarefa seria governar sobre as universidades. Para os Luteranos tal cabeça visível estava à mão no governador da terra, a quem eles honravam como o “primeiro bispo”; mas não para as nações calvinistas, que mantinham a Igreja e o Estado separados como duas diferentes esferas de vida. Um diploma de doutor, em seu sistema, não poderia derivar seu significado da opinião pública, nem da anuência papal, nem de uma ordenança eclesiástica, mas somente do caráter científico da instituição.

A Igreja Exerceu Pressão Sobre a Ciência

A este deve ser adicionado um segundo ponto. Sem consideração

para com o patrocínio papal sobre a Universidade como tal, a Igreja exerceu pressão sobre a Ciência importunando, acusando e perseguindo os inovadores por causa de suas opiniões expressas e escritos publicados. Roma se opôs a liberdade da palavra, não somente *na* Igreja, o que era correto, mas também além de seus limites. Somente a verdade, não o erro, tinha o direito de propagar-se na sociedade e era esperado que a verdade mantivesse sua base, não por vencer o erro num conflito honesto, mas por processá-lo no tribunal de justiça.

Isto prejudicou a liberdade da Ciência, porque submeteu questões científicas que não poderiam ser estabelecidas pela jurisdição eclesiástica ao julgamento da Corte civil. Quem mantinha o silêncio ou submetia-se as circunstâncias evitava o conflito; e aquele que, sendo de ímpeto mais heróico, desafiasse a oposição era punido tendo suas asas cortadas; e se ele, apesar disso, tentasse voar com as asas cortadas, tinha seu pescoço torcido. Também aquele que publicasse um livro revelando opiniões audaciosas era considerado um criminoso e, finalmente, enfrentava a Inquisição e o cadafalso. O direito de livre investigação era desconhecido. Crendo firmemente que todas as coisas conhecíveis e dignas de serem conhecidas já *eram* conhecidas, e conhecidas bem e firmemente, a Igreja naqueles dias não tinha idéia da imensa tarefa reservada para a ciência, somente acordando de seu sono medieval, não da “luta pela vida”, que deveria ser a regra indispensável na execução de sua tarefa.

A Igreja foi incapaz de saudar, na aurora da ciência, uma manhã rósea anunciando o levantar de um novo sol no horizonte, mas antes viu em seu brilho as faíscas latentes, as quais ameaçavam colocar fogo no mundo; e por isso, ela considerou-se justificada e no dever legal de apagar este fogo e extinguir estas chamas onde quer que uma erupção ocorresse. Podemos entender esta posição quando nos colocamos de volta naqueles tempos, mas não sem condenar firmemente seu princípio latente, pois se todo o mundo tivesse persistido em favorecê-la, teria sufocado a ciência nascente em seu próprio berço.

O Calvinismo Quebra as Amarras da Pressão

Portanto, glória ao Calvinismo que, para começar, abandonou esta posição perniciosa com resultados eficazes; teoricamente por sua

descoberta da esfera da graça comum, e a seguir, praticamente, oferecendo um abrigo seguro para todos que eram apanhados numa tempestade noutra parte. É verdade que o Calvinismo, como sempre acontece em casos como este, de modo algum entendeu imediatamente o pleno significado de sua oposição, pois começou deixando intocado o dever de extirpar o erro em seu próprio código. Todavia, o conceito invencível que estava obrigado a conduzir e no decorrer do tempo conduziu para liberdade da palavra, encontrou sua expressão absoluta no princípio de que a igreja deve retirar-se para o campo da *graça particular*, e que isenta de seu governo encontra-se o amplo e livre campo da *“graça comum”.* O resultado disso foi que as penalidades da lei criminal foram gradualmente reduzidas a uma letra morta, e que, um único caso para exemplificar, Descartes, que teve de deixar a França Católica Romana, encontrou entre os calvinistas da Holanda, em Voetius, certamente um antagonista científico, mas um abrigo seguro na república.

A Sede Pela Ciência a Faz Prosperar

A isso devo adicionar que, a fim de fazer a ciência prosperar, precisava ser criada *uma demanda para a ciência*, e para esse fim a opinião pública tinha de ser libertada. Contudo, já que a Igreja estendeu seu *velum* sobre todo o drama da vida pública, o estado de servidão naturalmente continuou, porque o único objetivo da vida era merecer o céu e gozar do mundo tanto quanto a Igreja considerava ser consistente com esse fim principal. Desse ponto de vista era inimaginável que qualquer um estaria disposto a devotar-se com simpatia e com o amor do investigador ao estudo de nossa existência terrena. O desejo de todos foi direcionado para a vida eterna, e não pôde ser compreendido que o Cristianismo, além de seu anseio pela salvação eterna, deve cumprir sobre a terra, por comissão divina, uma grande tarefa com relação ao cosmos.

O Calvinismo Chamou Todos de Volta à Ordem da Criação

Esta nova concepção foi primeiramente introduzida pelo Calvinismo, quando ele cortou pela raiz, no sentido mais absoluto, todo conceito de que a vida sobre a terra estava destinada a merecer sempre a

bem-aventurança do céu. Esta bem-aventurança, para todo verdadeiro calvinista, origina-se na regeneração e é selada pela perseverança dos santos. Deste modo onde a "certeza de fé" suplantou o comércio de indulgências, o Calvinismo chamou a cristandade de volta para a ordem da criação: "Repovoar a terra, subjugá-la e ter domínio sobre tudo quanto vive sobre ela". A vida cristã como uma peregrinação não foi mudada, mas o calvinista tornou-se um peregrino que, durante sua caminhada para nossa mansão eterna, ainda deve cumprir uma importante tarefa sobre a terra.

O cosmos, em toda a riqueza do reino da natureza, foi desenrolado perante, sob e acima do homem. Todo este campo ilimitado deveria ser trabalhado. A este labor, o calvinista consagrou-se com entusiasmo e energia. Pois, segundo a vontade de Deus, a terra com tudo o que está nela deveria estar sujeita ao homem. Assim, naqueles dias, em meu país natal, a agricultura e a industria, o comércio e a navegação prosperaram como nunca antes. Este novo nascimento da vida nacional despertou novas necessidades. A fim de subjugar a terra era indispensável um conhecimento da terra, conhecimento de seus oceanos, de sua natureza e dos atributos e leis desta natureza. E assim, aconteceu que o próprio povo que até então tinha se privado de encorajar a ciência, por meio de uma nova e viva energia subitamente chamou-a para a ação, incitando-a para um sentido de liberdade até agora totalmente desconhecido.

O Calvinismo Apresenta Solução ao Conflito Científico

A Ciência Experimenta Conflitos Internos

E agora abordarei meu último ponto, a saber, a afirmação de que a emancipação da Ciência deve inevitavelmente levar a um claro *conflito de princípios*, e que também para este conflito, somente o Calvinismo ofereceu a *pronta solução*. Vocês entendem qual conflito tenho em vista. A livre investigação conduz a colisões. Uma pessoa traça as linhas sobre o mapa da vida de modo diferente de seu próximo. O resultado é a origem de escolas e tendências. Otimistas e Pessimistas. Uma escola de Kant e uma escola de Hegel.

Entre os juristas os Deterministas se opõem aos Moralistas. Entre os médicos os Homeopatas se opõem aos Alopatas. Plutonistas e Netunistas, Darwinistas e anti-Darwinistas competem um com o outro nas ciências naturais. Wilhelm van Humboldt, Jacob Grimm e Max Mueller formam diferentes escolas no campo da lingüistica. Formalistas e Realistas brigam uns com os outros dentro dos muros clássicos do templo filosófico. Por toda há parte contenda, conflito, luta, às vezes veemente e intensa, não raramente mescladas com aspereza pessoal. E, todavia, embora a energia da diferença de princípio encontre-se na raiz de todas estas disputas, estes conflitos secundários são colocados completamente à sombra pelo *conflito principal*, o qual em *todos* os países confunde veementemente as mentes, o poderoso conflito entre aqueles que aderem à confissão do Deus Triuno e sua Palavra, e aqueles que procuram a solução do problema do mundo no Deísmo, no Panteísmo e no Naturalismo.

Não Existe Conflito Entre Fé e Ciência

Note que eu não falo de um conflito entre a fé e a ciência. Um conflito como este não existe. Toda ciência num certo grau parte *da fé*, e ao contrário, a fé que não leva à ciência é fé equivocada ou superstição, mas não é fé real, genuína. Toda ciência pressupõe fé em si, em nossa autoconsciência; pressupõe fé no trabalho acurado de nossos sentidos; pressupõe fé no corretismo das leis do pensamento; pressupõe fé em algo universal escondido atrás dos fenômenos especiais; pressupõe fé na vida; e especialmente pressupõe fé nos princípios dos quais nós procedemos; o que significa que todos estes axiomas indispensáveis, necessários a uma investigação científica produtiva, não vêem a nós pela prova mas são estabelecidos em nosso julgamento por nossa concepção interior e *dados com nossa autoconsciência*. Por outro lado, todo tipo de fé tem em si mesmo um impulso para manifestar-se livremente. A fim de fazer isto ela precisa de palavras, termos e expressões. Estas palavras devem ser a encarnação de pensamentos.

O Conflito sobre o Cosmos Considerado “Normal” ou “Anormal”

Estes pensamentos devem estar conectados reciprocamente, não somente com eles mesmos, mas também com nosso ambiente, com o tempo e a eternidade, e tão logo a fé refulge deste modo em nossa consciência, nasce a necessidade da ciência e da demonstração. Daqui segue-se que o conflito não é entre a fé e a ciência, mas entre a afirmação de que o cosmos, como existe hoje, está numa *condição normal* ou *anormal*. Se ele é *normal*, então ele se move por meio de uma evolução eterna de suas potências até seu ideal. Mas se o cosmos em sua presente condição é *anormal*, então um *distúrbio* aconteceu no passado, e somente um poder *regenerador* pode garantir o alcance final de seu alvo. Esta, e não outra, é a antítese principal que separa as mentes pensantes no campo da Ciência nas duas formações de combate opostas.

Normalistas – Somente Causa e Efeito

Os *Normalistas* se recusam a levar em conta outros dados senão os naturais, não descansam até encontrarem uma interpretação idêntica para todos os fenômenos, e se opõem com o máximo vigor, a cada momento, a todas as tentativas de quebrar ou de checar as inferências lógicas de causa e efeito. Portanto, eles também honram a fé num sentido *formal,* mas somente na medida em que ela se mantém em harmonia com os dados gerais da consciência humana, e esta sendo considerada como normal. *Materialmente*, contudo, eles rejeitam a própria idéia de criação e só podem aceitar a evolução, - uma evolução sem um ponto de partida no passado e eternamente evoluindo-se no futuro até perder-se infinito ilimitado. Nenhuma espécie, nem mesmo a espécie *Homo sapiens*, originou-se como tal, mas dentro do círculo dos dados naturais desenvolveu-se de formas de vida inferiores e precedentes. Principalmente nem milagres, mas em vez deles a lei natural dominando de um modo inexorável. Nem pecado, mas evolução de uma posição moral inferior para uma superior. Se eles toleram as Escrituras Sagradas no todo, o fazem na condição de que todas aquelas partes que não podem ser explicadas logicamente são uma produção humana a ser cortada fora. Um Cristo, se necessário, mas alguém que seja o produto do desenvolvimento humano de Israel. E do mesmo modo um Deus, ou

melhor um Ser Supremo, mas segundo o modo dos Agnósticos, oculto atrás do Universo visível, ou panteisticamente escondido em todas as coisas existentes e concebido como o reflexo ideal da mente humana.

Anormalistas – A Posição Contraditória

Os *Anormalistas*, por outro lado, que fazem justiça a evolução relativa, mas aderem a criação primordial em oposição a uma *evolutio in infinitum*, se opõem a posição dos Normalistas com toda sua força; sustentam inexoravelmente a concepção do homem como uma espécie independente, porque somente nele é refletida a imagem de Deus; concebem o pecado como a destruição de nossa natureza original e, conseqüentemente, como rebelião contra Deus. E por esta razão eles postulam e sustentam o milagre como o único meio para restaurar o anormal; o milagre da regeneração; o milagre das Escrituras; o milagre no Cristo descendo como Deus com sua própria vida na nossa; e assim, devido a esta regeneração do anormal, eles continuam a descobrir a norma ideal não na natureza mas no Deus Triuno.

Sistemas de Ciência com sua Própria Fé

Portanto, nem a fé nem a ciência, mas *dois sistemas científicos* ou se vocês preferirem, duas elaborações científicas são opostas uma a outra, *cada uma tendo sua própria fé*. Nem pode ser dito que é aqui que a *ciência* que se opõe a *Teologia*, pois temos de tratar com duas formas absolutas de ciência, *ambas* as quais reivindicam o domínio completo do conhecimento humano, e ambas as quais têm uma sugestão acerca de seu próprio Ser supremo como o ponto de partida para sua cosmovisão. O Panteísmo, bem como o Deísmo, é um sistema acerca de Deus, e sem reservas a Teologia moderna toda encontra seu lar na ciência dos Normalistas. E finalmente, estes dois sistemas científicos, dos Normalistas e dos Anormalistas, não são oponentes relativos andando juntos metade do caminho, e depois disso, suportando pacificamente um ao outro por escolherem diferentes caminhos. Ao contrário, ambos estão disputando com perseverança um com o outro *todo o domínio da vida*, e eles não podem desistir do esforço constante para derrubar ao chão *todo o edifício* das afirmações de seus respectivos adversários, inclusive todo

o fundamento sobre o qual suas afirmações repousam. Se não tentassem isto, eles mostrariam, em ambos os lados, que honestamente não crêem em seus pontos de partida, que não são combatentes sérios, e que não entenderam a exigência primordial da ciência, que certamente reivindica *unidade de concepção*.

Dois Sistemas com Dois Pontos de Partida Díspares

Um Normalista, que mantém em seu sistema a mais leve possibilidade da criação, de uma imagem de Deus específica no homem, do pecado como uma queda, de Cristo na medida em que ele transcende o humano, da regeneração como diferente de evolução, da Escritura como trazendo-nos os verdadeiros oráculos de Deus, - é um erudito anfíbio e perdeu o direito ao nome de cientista. Mas por outro lado, aquele que como um Anormalista transforma a criação, numa certa extensão, em evolução; que não vê no animal uma criatura protoplástica feita a imagem do homem, mas originada do homem; que rejeita a criação do homem em justiça original; e que além disso tenta por todos os meios explicar a Regeneração, Cristo e as Escrituras como o resultado de causas meramente humanas, em vez de aderir com toda energia de sua alma à *causa Divina*, como dominando em tudo isto acima de todos os dados humanos, igualmente deve ser decididamente banido de nossas fileiras como um homem anfíbio e não científico. O *normal* e o *anormal* são dois pontos de vista absolutamente diferentes que nada têm em comum na sua origem. Linhas paralelas nunca se cruzam. Vocês devem escolher ou um ou outro. Mas o que quer que escolham, o que quer que vocês sejam como homens de ciência, devem sê-lo consistentemente, não somente na docência de Teologia, mas em todas as docências; em toda sua biocosmovisão; na imagem completa do mundo refletida no espelho de sua autoconsciência enquanto ser humano.

Defesa do Anormalismo

É verdade que cronologicamente, por muitos séculos seguidos, nós Anormalistas fomos os oradores, poucas vezes fomos desafiados, enquanto que nossos oponentes mal tiveram qualquer oportunidade para contestar nossos princípios. Com o declínio da velha cosmovisão pagã e

o surgimento da cosmovisão cristã, a convicção geral de que tudo foi criado por Deus, que as espécies de seres foram trazidas à existência por atos criativos especiais, e que entre estas espécies de seres o homem foi criado como portador da imagem de Deus em justiça original; além disso, que a harmonia original foi quebrada pela intermédio do pecado; e que, a fim de restaurar este estado anormal das coisas a sua condição primitiva, Deus introduziu os meios anormais de Regeneração, de Cristo como nosso Mediador e da Santa Escritura, logo tornou-se profundamente enraizada entre todos os estudantes. Certamente houve, em de todos os tempos, zombadores que escarneceram destes fatos, e pessoas indiferentes que não tiveram nenhum interesse por eles, até mesmo em grande número; mas vocês podem contar de uma só vez nas pontas dos dedos os poucos que durante dez séculos se opuseram cientificamente a esta convicção universal.

A Renascença, sem dúvida, favoreceu o surgimento de uma tendência infiel, a qual foi sentida até mesmo no Vaticano, e o Humanismo criou o entusiasmo pelos ideais greco-romanos; também permitiu que, após o fim da Idade Média, a oposição dos Normalistas tivesse início. Todavia, permanece a realidade de que a grande multidão de filólogos, juristas, médicos e físicos, séculos depois deixem intocados estes fundamentos sobre os quais a velha convicção repousou. Foi durante o século 18 que a oposição fez uma mudança de fronte, deixando a circunferência e tomando uma posição no centro; e foi a mais nova Filosofia que, pela primeira vez numa escala geral, expôs a declaração de que os princípios da cosmovisão cristã eram completamente insustentáveis. Deste modo, os Normalistas primeiro começaram a suspeitar e então tornaram-se conscientes de sua oposição fundamental. Toda posição possível, viável, nesta reação contra a convicção até então prevalecente, desde aquele tempo tem sido desenvolvida uma após a outra num sistema filosófico especial. Esses sistemas, divergentes se comparados uns aos outros, estavam contudo em perfeito acordo em sua negação do anormal. Após esses sistemas filosóficos terem assegurado a anuência da liderança, as diversas ciências seguiram e estavam prontas para introduzir as novas hipóteses de um processo normal infinito como o ponto de partida de suas investigações especiais nos campos da

jurisprudência, medicina, ciência natural e História.

O Normalismo se Expande na Ausência de Fé Pessoal

Então por um momento certamente a opinião pública foi assombrada com súbito pavor, mas visto que a maioria das pessoas carecia de *fé pessoal*, esta relutância superficial foi de curta duração. Dentro de um quarto de século a concepção de vida dos Normalistas num sentido literal conquistou o mundo em seu centro diretor. E somente aquele que tinha aderido ao conceito anormalista em virtude de sua fé pessoal se recusou a unir-se ao coro daqueles que cantavam os louvores da "mentalidade moderna", e ao primeiro impacto sentiu-se inclinado a anatematizar toda ciência, retirou-se para a tenda do misticismo. É verdade que por algum tempo os teólogos tentaram defender sua causa apologeticamente, mas esta defesa poderia ser comparada a um homem que tenta ajustar uma moldura de janela torta, enquanto está inconsciente do fato que o próprio edifício está vacilando em suas fundações.

Tentativas Ilegítimas de "Normalizar" a Teologia

Esta é a razão porque os mais hábeis teólogos, especialmente na Alemanha, imaginaram que a melhor coisa a fazer seria aproveitarem-se de um ou de outro destes sistemas filosóficos como uma escora para sustentar o Cristianismo. O primeiro resultado desta combinação de Filosofia e Teologia foi a assim chamada Teologia da mediação, a qual gradualmente tornou-se mais e mais pobre em sua parte teológica, e mais e mais rica em sua parte filosófica, até que finalmente a moderna Teologia levantou sua cabeça e encontrou sua glória na tentativa de purificar a Teologia de seu caráter anormal. E fez isto de um modo tão completo que Cristo foi transformado num homem, nascido como nós nascemos, que nem mesmo era inteiramente livre do pecado; as Santas Escrituras numa coleção de escritos, em sua maior parte pseudopigrafica e de todas as maneiras possíveis interpolada e cheia de mitos, lendas e fábulas. O cântico do salmista: "Nós não vemos nossos sinais; eles têm levantado seus estandartes por sinais", tem sido literalmente cumprido por eles. Cristo e as Escrituras, cada sinal do anormal foi arrancado pela raiz, e o sinal do processo normal abraçado como o único critério genuíno da

verdade. Neste resultado, repito o que já tenho declarado, nada há para surpreender-nos. Aquele que olha subjetivamente para seu ser interior e objetivamente para o mundo a sua volta como normal, *não pode* senão falar como eles falam, *não pode* alcançar um resultado diferente, e seria *insincero* em sua posição como um homem de ciência se ele apresentasse as coisas numa compreensão diferente. E portanto, de um ponto de vista moral, nem por um momento pensando sobre a responsabilidade do homem no julgamento de Deus, nada pode ser dito contra seu ponto de vista pessoal, contanto que, pensando como ele pensa, ele mostre a coragem para deixar voluntariamente a igreja Cristã em todas as suas denominações.

A Importância da Percepção Individual

O Calvinismo Considera a Consciência Humana

Se o caráter do intenso e inevitável conflito é assim e não de outro modo, vejam então a posição invencível que o Calvinismo aponta para nós no esforço e luta resultante desse conflito. Ele não se mantém ocupado com apologética inútil; não retorna a grande batalha numa escaramuça ao redor de uma defesa externa, mas volta-se imediatamente para a *consciência humana*, da qual cada homem de ciência deve seguir como *sua* consciência. Esta consciência, exatamente por causa do caráter anormal das coisas, não é a mesma em todos. Se a condição normal das coisas não tivesse sido quebrada, a consciência de todos emitiria o mesmo som; mas na verdade, este não é o caso. Em um a *consciência de pecado* é muito poderosa e forte, em outro ela é fraca ou completamente deficiente. Em um a *certeza da fé* fala com decisão e clareza como resultado da regeneração, outro nem mesmo entende o que ela é. Assim também em um o *Testemonium Spiritus Sancti* proclama ruidosamente e em tons firmes e fortes, enquanto que o outro declara que nunca ouviu seu testemunho.

Os Elementos da Consciência calvinista

Estes três: a consciência de pecado, a certeza da fé e o testemunho do Espírito Santo, são elementos constituintes da consciência de cada calvinista. Eles formam seu conteúdo imediato. Sem estes três a autoconsciência não existe nele. Isto o Normalista rejeita, por isso tenta

forçar *sua* consciência sobre nós e reivindica que nossa consciência deve ser idêntica a sua. Nada mais poderia ser esperado de seu ponto de vista. Pois se ele admitisse que poderia haver uma diferença real entre a sua consciência e a nossa, teria que admitir com isso uma quebra na condição normal das coisas. Nós, pelo contrário, não reivindicamos que *nossa* consciência seja encontrada *nele*.

É verdade que Calvino afirma que existe escondido no coração de cada homem uma "semente religiosa", - *semem religionis*, e que o "sentimento de Deus", - *sensus divinitatis*, confessado ou não, em momentos de intenso esforço mental faz a alma temer. Porém, não é menos verdade que é exatamente seu sistema que ensina que a consciência humana em um homem que crê e num homem que não crê não podem concordar, mas que, pelo contrário, a discordância é inevitável. Aquele que não é nascido de novo não pode ter um conhecimento substancial do pecado e aquele que não é convertido não pode possuir a certeza da fé; aquele que carece do Testimonium Spiritus Sancti não pode crer nas Santas Escrituras, e tudo isto segundo o dizer penetrante do próprio Cristo: "Se alguém não nascer de novo, não pode *ver* o reino de Deus"; e também segundo o dizer do apóstolo: "O homem natural não aceita as cousas do Espírito de Deus". Calvino, contudo, não desculpa os incrédulos por causa disso. Virá o dia em que eles serão convencidos em suas próprias consciências.

A Consciência Humana do Regenerado e do Não Regenerado

Mas com relação à *presente* condição das coisas nós, certamente, devemos reconhecer *dois tipos de consciência humana*: a do regenerado e a do não regenerado; e estas duas não podem ser idênticas. Em uma é encontrado o que falta na outra. Uma está inconsciente da quebra e conseqüentemente apega-se ao *normal*; a outra tem uma experiência tanto da quebra como de uma mudança e assim possui em sua consciência o conhecimento do *anormal*. Portanto, se é verdade que a própria consciência do homem é seu *primumverum* e por isso deve também ser o ponto de partida para todo cientista, então a conclusão lógica é que é uma impossibilidade que ambos deveriam concordar e que todo esforço para fazê-los concordar está destinado ao fracasso. Ambos,

como homens honestos, sentirão o dever de limitar-se a erigir um edifício científico como este para todo o cosmos, o qual esteja em harmonia com os dados fundamentais concedidos em sua própria autoconsciência.

A Solução calvinista – A Ciência Forma um Todo Completo

Vocês percebem imediatamente quão radical e fundamental é esta solução calvinista ao complicado problema; a Ciência não é desprezada ou deixada de lado, mas postulada para o cosmos como um todo e para todas as suas partes. É mantida a reivindicação de que sua ciência deve formar um todo completo. E a diferença entre a ciência dos Normalistas e a dos Anormalistas não está baseada sobre algum resultado diferente da investigação, mas sobre a diferença inegável que distingue a autoconsciência de um da do outro. *Ciência livre* é a fortaleza que nós defendemos contra o ataque de sua tirânica irmã gêmea. O Normalista tenta violentar-nos até mesmo em nossa própria consciência. Ele nos fala que nossa autoconsciência precisa ser uniforme com a sua e que tudo o mais que imaginamos encontrar em nossas posições está condenado como auto-ilusão.

Em outras palavras, o Normalista deseja arrancar de nós o próprio objeto que em nossa autoconsciência é o mais alto e mais santo dom do qual um rio contínuo de gratidão jorra de nossos corações para Deus. Ele considera uma mentira em nossas almas aquilo que é mais precioso e certo para nós do que nossa vida. Com nobre orgulho nossa consciência de fé e a indignação de nosso coração erguem-se contra tudo isso. Nós nos resignamos ao destino de sermos desrespeitados e oprimidos no mundo, mas nos recusamos a ser forçados por qualquer um no santuário de nosso coração. Nós não criticamos a liberdade do Normalista de edificar uma ciência bem construída a partir das premissas de sua própria consciência, mas estamos determinados a defender nosso direito e liberdade de fazer o mesmo, se necessário for, a qualquer custo.

A Prevalência Atual do Normalismo

Os papeis estão agora trocados. Até não muito tempo atrás as principais posições do Anormalismo eram consideradas como axiomas por todas as ciências, em quase todas as universidades, e os poucos Normalistas, que naquele tempo se opunham ao princípio de seus

antagonistas, encontravam dificuldade para achar uma cadeira professoral. Primeiramente, eles foram perseguidos, então declarados ilegais, depois disto quando muito, tolerados. Mas, atualmente, são os mestres da situação, controlam toda influência, preenchem noventa por cento de todas as cadeiras e a conseqüência é que o Anormalista, que foi arrancado da casa oficial, é agora obrigado a procurar por um lugar onde possa depositar sua cabeça. A princípio nós mostramos para eles a porta e agora este assalto pecaminoso sobre sua liberdade é vingado pelo justo julgamento de Deus pelo fato deles nos colocarem no olho da rua.

A Coragem Necessária ao Erudito Cristão

E assim, a questão é se a coragem, a perseverança e a energia que os habilitou a finalmente vencer seu litígio, serão encontradas agora num grau mais alto com os eruditos cristãos. Que Deus o permita! Vocês não podem privar da liberdade de pensamento, de expressão e de imprensa àquele cuja consciência difere das suas, mais ainda, vocês não podem nem mesmo pensar nisto. É inevitável que eles, a partir de seu ponto de vista, derrubem tudo quanto em sua opinião é santo. Em vez de buscar auxílio para sua consciência científica em queixas deprimidas, ou em sentimentos místicos, ou em trabalho não confessional, a energia e o cuidado de nossos antagonistas deve ser sentida por todo erudito cristão como um claro incentivo a si mesmo para também voltar-se para *seus* próprios princípios em sua reflexão, para renovar toda investigação científica sobre as linhas desses princípios e para saturar a imprensa com a carga de seus estudos convincentes.

Se nós nos consolamos com o pensamento de que podemos sem perigo deixar a ciência secular nas mãos de nossos oponentes, se somos bem-sucedidos apenas em salvar a Teologia, nossas táticas serão as do avestruz. É realmente insensato limitar-se à salvação de seu quarto superior, enquanto o resto da casa está em chamas.

Calvino muito tempo antes já possuía uma convicção melhor, quando cobrou uma *Philosophia Christiana*, e afinal cada faculdade, e nestas faculdades cada ciência em particular, está mais ou menos conectada com a antíteses de princípios, e conseqüentemente deveria estar impregnada por ela. Tão pouco podem vocês procurar sua

segurança fechando seus olhos para a atual condição das coisas, naquilo que tantos cristãos imaginam encontrar uma proteção segura. Tudo que os astrônomos ou geólogos, físicos ou químicos, zoólogos ou bacteriologistas, historiadores ou arqueólogos trazem à luz deve ser registrado, - certamente separado das hipóteses que eles têm introduzido por trás e das conclusões que têm tirado, - mas cada fato deve ser registrado por vocês, igualmente, como um fato e como um fato que deve ser incorporado tanto em sua ciência como na deles.

A Necessidade de Uma Mudança Radical nas Tendências Atuais

Liberdade para a Universidade

Contudo, a fim de tornar isto possível, a vida universitária deve ser novamente submetida à mudança, exatamente como nos dias quando o Calvinismo começou sua esplêndida carreira. Ultimamente, com a vida universitária por toda parte, o mundo presumiu que a ciência cresceu apenas de uma consciência humana homogênea, e que nada exceto a erudição e habilidade determinam se vocês podem reivindicar uma cadeira professoral ou não. Ninguém pensou, como Willian o Silencioso quando fundou a Universidade de Leyden em oposição a de Louvain, em *duas linhas de universidades*, opostas uma a outra por causa da diferença radical de princípio. Desde então, contudo, o amplo conflito mundial entre os Normalistas e os Anormalistas brotou em plena força, a necessidade de uma divisão da vida universitária começou novamente a ser sentida mais amplamente em ambos os lados.

Os primeiros no campo foram (falo da Europa somente) os próprios incrédulos Normalistas, que fundaram a Universidade Livre de Bruxelas. Antes disso, na própria Bélgica, a Universidade Católica Romana de Louvain, em virtude de velhas tradições, foi colocada em oposição às universidades neutras de Liege e Ghent. Na Suíça uma universidade surgiu em Freiburg, renomada embora ainda jovem, como uma encarnação do princípio Católico Romano. Na Grã-Bretanha, o mesmo princípio foi seguido em Dublin. Na França, as faculdades Católicas Romanas estão competindo com as faculdades de instituições do Estado. E também na Holanda, Amsterdã viu o nascimento da Universidade Livre

para o cultivo geral das ciências sobre o fundamento do princípio calvinista.

A Tendência de Gerar uma Unidade Forçada

Se agora, segundo a exigência do Calvinismo, a Igreja e o Estado retiram-se da *vida universitária*, não digo seus dons liberais mas sua alta autoridade, a fim de que seja permitido a universidade criar raiz e desenvolver-se em seu próprio solo, então certamente a divisão, que já está começando, será consumada por si mesma e sem distúrbio, e neste campo também será visto que somente uma separação pacífica dos adeptos de princípios antitéticos garante o progresso, - progresso honesto, - e entendimento mútuo. Aqui chamamos a História como nossa testemunha. Primeiramente, os imperadores de Roma tentaram concretizar a falsa idéia do *Estado único*, mas a divisão de sua monarquia universal numa multidão de nações independentes foi necessária para desenvolver os poderes políticos ocultos da Europa. Após a queda do Império Romano, a Europa cedeu ao encantamento da *Igreja mundial única*, até que a Reforma também dispersou esta ilusão, abrindo assim o caminho para um desenvolvimento superior da vida cristã.

A Multiformidade da América

Em parte alguma isto é visto mais claramente do que nos Estados Unidos da América, onde a multiformidade denominacional deu uma incorporação eclesiástica separada para cada diferença de princípio. No conceito de *uma Ciência* única, a velha maldição da uniformidade ainda é mantida. Mas sobre isto também pode ser profetizado que os dias desta unidade artificial estão contados, que ela se romperá e que ao menos neste campo os princípios Católicos romanos, calvinistas e Evolucionistas farão surgir diferentes esferas da vida científica que prosperarão numa multidão de universidades.

A Verdadeira Ciência Deve Livrar-se de Seus Laços Artificiais

Devemos ter sistemas na ciência, coerência na instrução, unidade na educação. Só é realmente livre a ciência que, enquanto está estritamente limitada a seu próprio princípio, tem o poder de livrar-se de

todos os laços artificiais. O resultado final, portanto, será, graças ao Calvinismo que abriu para nós o caminho, que esta liberdade da ciência também triunfará finalmente; primeiramente garantindo pleno poder para cada sistema de vida dominante fazer uma colheita científica de seu próprio princípio; - e em segundo lugar, rejeitando o nome de científico a qualquer investigador que ousar não expor as cores de sua própria bandeira, e não mostrar, adornado sobre seu escudo em letras de ouro, o próprio princípio pelo qual ele vive, e do qual suas conclusões derivam seu poder.

Quinta Palestra
CALVINISMO E ARTE

Introdução

Nesta quinta Palestra, que é a penúltima, falarei sobre o *Calvinismo e a Arte*.[88]

Temos Hoje uma Quase Adoração e uma Ampla Aceitação à Arte

Não é a tendência hoje prevalecente que me induz a fazer isto. Genuflexão ante uma adoração quase fanática da arte, tal como nosso tempo promove, deveria se harmonizar pouco com a elevada seriedade da vida que o Calvinismo tem pleiteado e tem selado, não com lápis ou pincel no *estúdio*, mas com seu melhor sangue na estaca e no campo de batalha. Além disso, o amor pela arte, que está tão amplamente em alta em nossos dias, não deveria vendar nossos olhos, mas deve ser examinado sóbria e criticamente. Isto indica o fato, que é facilmente explicável, de que o refinamento artístico até aqui restrito a uns poucos círculos favorecidos, agora tende a ganhar terreno entre a classe média mais ampla, ocasionalmente exibindo sua inclinação até mesmo para a camada mais baixa e mais larga da sociedade. É a democratização, se vocês gostam de uma expressão da vida que até agora recomendava-se por seus encantos aristocráticos.

Embora o artista realmente inspirado possa lamentar que, para a maioria, tocar piano é simplesmente dedilhar, e pintar pouco mais do que borrar, todavia, o sentimento exuberante de ter uma participação nos privilégios da arte é tão irresistível, que isto é preferível ao abandono da educação artística na escola. Ter colocado uma produção própria, embora pobre, sobre o altar da arte torna-se mais e mais a característica de uma civilização desenvolvida. Finalmente, em tudo isso expressa-se o desejo pelo prazer através do ouvir e do ver, especialmente por meio da música

---

[88] Arte tem sido definida como a incorporação do conceito de beleza em formas sensoriais, como por exemplo estátua de mármore e linguagem. Em *Calvinisme em Kunst*, o Dr. Kuyper afirma: “como portador da imagem de Deus, o homem possui a possibilidade tanto de criar algo belo como de deleitar-se nele. Este ‘kunstvermogen’ não é uma função separada da alma no homem, mas uma expressão contínua da imagem de Deus.”

e do teatro.

Os Motivos nem Sempre são os Mais Nobres

E se não pode ser negado que muitos cortejam estes prazeres sensoriais por meios que são menos nobres e muitas vezes pecaminosos, é igualmente certo que, em muitas ocasiões, este amor pela arte leva os homens a procurarem prazer em direções mais nobres e a depreciarem o apetite pela mais baixa sensorialidade.

Especialmente em nossas grandes cidades, os diretores de teatro são capazes de prover excelentes entretenimentos, e os meios de comunicação entre as nações conferem um caráter internacional a nossos melhores cantores e atores, de modo que os prazeres artísticos mais refinados são agora trazidos a um preço acessível dentro do alcance de uma classe cada vez maior. Além disso, é simplesmente promissor reconhecer que, ameaçado de atrofia pelo materialismo e pelo racionalismo, o coração humano naturalmente procura um antídoto contra este processo murchante em seu instinto artístico. Incontroladas, as influências dominantes do dinheiro e do intelectualismo estéril reduziriam a vida das emoções ao ponto de congelamento. E, incapaz de entender os benefícios mais santos da religião, o misticismo do coração reage numa intoxicação pela arte. Por isso, embora eu não esqueça que o verdadeiro gênio da arte procure pelos cumes do isolamento em vez das planícies baixas, e que nossa época, tão pobre na produção da verdadeira arte criativa, é considerada aquecer-se no esplêndido fulgor do passado; além disso, embora admita que a reverência da arte ao *profanum vulgus* necessariamente deve levar à corrupção da arte, todavia, em minha opinião, até mesmo o fanatismo estético mais injudicioso permanece muito mais alto do que raça comum pela riqueza, ou por uma prostração ímpia diante do santuário de Baco ou Vênus.

Arte – Aspiração da Alma

Nesta época fria, irreligiosa e prática o ardor desta devoção à arte tem mantido viva muitas das mais altas aspirações de nossa alma, as quais de outro modo facilmente poderiam morrer, como ocorreu na metade do século passado. Assim, vocês vêem que eu não menosprezo o

movimento estético atual. Mas à luz da História o que deveria ser desaprovado é o esforço imprudente para colocá-lo mais alto do que, ou até mesmo fazê-lo de igual valor ao movimento religioso do século 16; todavia isto é o que eu estaria fazendo se mendigasse para o Calvinismo o favor deste novo movimento artístico. E portanto, quando advogo a importância do Calvinismo no campo da arte, de modo algum sou induzido a fazê-lo por esta vulgarização da arte, mas pelo contrário, mantenho meus olhos fixos sobre o Belo e o Sublime em seu significado eterno, e sobre a arte como um dos mais ricos dons de Deus para a humanidade.

Os Preconceitos Enfrentados Pelo Calvinismo

Aqui, contudo, todo estudante de História sabe que eu tropeço num preconceito profundamente enraizado. É dito que Calvino era pessoalmente destituído de instinto artístico e que o Calvinismo, o qual na Holanda veio a ser culpado de Iconoclastia, não pode senão ser incapaz quer de desenvolvimento artístico quer de verdadeira notável produção artística. Portanto, uma breve palavra acerca deste forte preconceito é oportuna aqui. Sem colocar uma avaliação muito alta sobre seu: *"Wer nicht liebt Weib, Wein und Gesang"*, é indiscutível que Lutero era artisticamente mais inclinado do que Calvino; mas o que isto prova?

Vocês negarão ao Helenismo seus louros artísticos por que desprovido de todo senso de beleza Sócrates gabava-se da beleza de seu nariz gigante, por que permitia sua respiração passar mais livremente? Os escritos de João, Pedro e Paulo, os três pilares da Igreja cristã, exibem em uma única palavra qualquer apreciação especial pela vida artística? Além disso, seja perguntado reverentemente, há alguma ocasião nos Evangelhos onde Cristo de algum modo suplica pela arte como tal, ou busca seu prazer? E já que estas questões, uma por uma, devem ser respondidas no negativo, vocês têm por isso o direito de negar o fato de que o Cristianismo como tal tem sido de uma importância quase inestimável ao desenvolvimento da arte? E se não, por que então vocês acusariam o Calvinismo sobre a simples base de que Calvino pessoalmente tinha pouca sensibilidade para a arte? E quando vocês falam da Iconoclastia dos Mendigos, vocês deveriam esquecer que no

século oitavo, no meio do artístico e belo mundo grego, o espírito viril de Leo Isaurus instigou uma Iconoclastia ainda mais violenta, e por isso deveria ser negada a Bizâncio a honra de ter produzido os mais admiráveis monumentos? Vocês perguntam por provas adicionais do contrário? Bem, ainda mais claramente do que Leo Isaurus no século oitavo ou os Mendigos da Holanda no século 16, Maomé em seu Alcorão militou contra imagens de todos os tipos, porém isto justificará a acusação de que Alhambra em Granada e Alcáçar em Sevilha não são produtos maravilhosamente belos de arte arquitetônica?

O Instinto Artístico é um Fenômeno Universal

Não devemos nos esquecer que o instinto artístico é um fenômeno *universal*, mas que em relação aos tipos nacionais, climas e países, o desenvolvimento deste instinto artístico está desigualmente muito dividido entre as nações. Quem olhará para um desenvolvimento da arte na Islândia, e quem, por outro lado, não sentirá seu perfume, se posso me expressar assim, em meio ao luxo da natureza no Oriente? É então uma questão de surpresa que o Sul da Europa foi mais favorável ao desenvolvimento deste instinto artístico do que o Norte? E quando a História mostra que o Calvinismo foi mais amplamente recebido pelos povos do Norte, prova algo contra o Calvinismo que, nas nações que vivem num clima mais frio e ambiente natural mais pobre, ele não foi capaz de estimular uma vida artística tal como a desenvolvida entre as nações do Sul?

Porque o Calvinismo preferiu a adoração de Deus em espírito e verdade à riqueza sacerdotal, ele foi acusado por Roma de ser destituído de uma apreciação pela arte. E porque ele reprovou que a mulher se rebaixasse como um modelo de artista ou abandonasse sua honra no balet, sua seriedade moral entrou em conflito com o sensorialismo daqueles que julgaram não sacrificar demais o sagrado por causa da Divindade da Arte. Tudo isso, contudo, diz respeito somente ao lugar que a arte deve ocupar na esfera da vida, e os limites de seu domínio, mas não toca a arte em si mesma. Portanto, para verem a importância do Calvinismo para a arte de uma plataforma mais alta, sigam-me na investigação destes três pontos: 1) Por que o Calvinismo não permitiu

desenvolver *um estilo de arte próprio dele*; 2) O que flui de seu princípio para *a natureza da arte*; e 3) O que de fato ele tem feito para seu *progresso*.

Por Que o Calvinismo Não Desenvolveu um Estilo Próprio, de Arte?

O Calvinismo Não Desenvolveu um Estilo Arquitetônico

Tudo estaria bem, se o Calvinismo tão somente tivesse desenvolvido um estilo arquitetônico próprio dele. Exatamente como o Paternon é o motivo de orgulho de Atenas, o Panteon de Roma, a Santa Sofia de Bizâncio, a Catedral em Colônia, ou a Catedral de São Pedro do Vaticano, assim o Calvinismo também deveria ser capaz de exibir uma construção impressionante, incorporando toda a plenitude de seu ideal. E que não fazê-lo é considerado prova suficiente de sua pobreza artística. Certamente é entendido que o Calvinismo tentou subir ao mesmo luxo artístico, mas é censurado como tendo provando ser incapaz de alcançá-lo; sua inflexibilidade estéril foi o obstáculo que impediu todo desenvolvimento estético superior. E quando o humanista orgulha-se da arte clássica da Velha Helas[89], a Igreja Grega da Bizantina, e Roma de suas Catedrais Góticas, então o Calvinismo é considerado como em posição complicada pela acusação dolorosa de ter diminuído a plenitude da vida humana. Agora, em oposição a esta acusação completamente injusta, eu sustento que em razão de seu próprio princípio *superior* não foi permitido ao Calvinismo desenvolver um estilo arquitetônico próprio. Por isso, fui obrigado a considerar primeiro a arquitetura, porque tanto na arte clássica como na assim chamada arte cristã, a absoluta e todo-abrangente produção artística foi exibida na arquitetura, com todos os outros departamentos da arte finalmente adaptando-se ao templo, igreja, mesquita e pagode.[90]

A Arquitetura Esteve Íntimamente Ligada à Religião

Dificilmente pode ser mencionado um único estilo artístico que não se originou do centro da adoração divina e que não procurou a realização

---

[89] NT - Referente a Grécia, civilização helênica.
[90] NT – Templo pagão entre alguns povos da Ásia.

de seus ideais nas construções suntuosas feitas para esta adoração. Este foi o florescer de um impulso que em si mesmo era nobre. A arte derivou seus mais ricos motivos da Religião. A paixão religiosa foi a mina de ouro que tornou financeiramente possível suas concepções mais audazes. Para a realização de suas concepções neste campo santo - a arte - não encontrou apenas o circulo restrito de seus amantes, mas igualmente toda a nação a seus pés. A adoração divina forneceu o laço que unia as artes separadas. E o que revela ainda mais, por esta ligação com o Eterno a arte recebeu sua unidade interior e sua consagração ideal. Isto explica o fato que qualquer coisa que o palácio e o teatro possam ter feito para o desenvolvimento da arte, sempre foi por meio do santuário que ela foi marcada com o sinal de um caráter especial e ao qual estava em dívida por um estilo criativo. O estilo da arte e o estilo da adoração coincidiam. Certamente, se este casamento da adoração inspirada pela arte, com a arte inspirada pela adoração não sendo o estágio intermediário, mas o objetivo máximo a ser obtido, então deve ser francamente confessado que o Calvinismo não declarar-se culpado. Se, contudo, pode ser mostrado que esta aliança da religião com a arte representa um estágio *inferior* de religião, e em geral do desenvolvimento humano, então está claro que nesta própria falta de um estilo arquitetônico especial o Calvinismo encontra uma recomendação ainda mais alta. Estando plenamente convencido de que este é o caso, prossigo para dar a razão desta convicção.

A Aliança Entre Religião e Arte Representa uma Forma Baixa de Religiosidade

Primeiramente, então, o desenvolvimento estético da adoração divina, que conduziu àqueles altos ideais dos quais o Parthenon e o Pantheon, a Santa Sofia e a São Pedro são belas testemunhas de pedra, somente é possível naquele estágio inferior no qual a mesma forma de religião é imposta sobre uma nação, tanto pelo príncipe como pelo sacerdote. Neste caso, toda diferença de expressão espiritual funde-se em um único modo de adoração simbólica, e esta união do povo sob a liderança do magistrado e do clero fornece a possibilidade de custear a imensa despesa de construções colossais como estas, de ornamentá-las

e decorá-las. Entretanto, no caso de um desenvolvimento progressivo das nações, quando traços de caráter individual quebram a unidade do povo, a Religião também eleva-se àquele plano mais alto onde gradativamente muda da vida simbólica para a vida claramente consciente, e assim necessita tanto da divisão da adoração em diversas formas como da emancipação da religião amadurecida de toda tutela sacerdotal e política. No século 16 a Europa estava se aproximando, embora lentamente, deste nível superior de desenvolvimento espiritual, e não foi o Luteranismo com sua sujeição de toda a nação à religião do príncipe, mas o Calvinismo com sua profunda concepção de liberdade religiosa que iniciou a transição. Em cada país onde o Calvinismo surgiu levou a uma multiformidade de tendências de vida, quebrou o poder do Estado dentro do campo da religião e numa grande extensão pôs um fim no sacerdotalismo. Como resultado disto, abandonou a forma simbólica de adoração, e rejeitou encarnar seu espírito religioso em monumentos de esplendor, conforme a exigência da arte.

Essa Aliança no Antigo Testamento Apenas Prova o Ponto

A objeção de que um serviço simbólico como este tinha lugar em Israel não enfraquece meu argumento, antes o sustenta. Pois não nos ensina o Novo Testamento que o ministério das sombras, prosperando naturalmente sob a velha dispensação, sob a dispensação da profecia cumprida é “ora aquilo que se torna antiquado e envelhecido está prestes a desaparecer”? Em Israel encontramos a religião do estado, que é uma e a mesma para todo o povo. Esta religião está sob a liderança sacerdotal. Finalmente, revela-se em símbolos, e conseqüentemente está incorporada no esplêndido templo de Salomão. Mas quando este ministério de sombras cumpriu os propósitos do Senhor, Cristo vem para profetizar a hora quando Deus não mais será adorado no monumental templo em Jerusalém, pelo contrário, será adorado em espírito e em verdade. E em conformidade com esta profecia vocês não encontram nenhum vestígio ou sombra de arte com propósito de adoração em toda literatura apostólica. O sacerdócio visível de Arão dá lugar ao Sumo-sacerdócio invisível segundo a ordem de Melquisedeque no Céu. O puramente espiritual abre caminho através da neblina do simbólico.

A Religiosidade Madura se Expressa fora dos Limites da Arte

Minha segunda prova é que isto concorda inteiramente com a relação mais elevada entre a *Religião e a Arte*. Aqui, apelo para Hegel e Von Hartmann que, encontrando-se fora do Calvinismo, podem ser contados como sendo testemunhas imparciais. Hegel diz que a arte que, num estágio inferior de desenvolvimento confere a uma religião até agora sensorial sua mais alta expressão, finalmente por estes mesmos meios ajuda a rejeitar os grilhões da sensorialidade; pois embora deva ser admitido que num nível inferior é apenas a adoração estética que liberta o espírito, todavia, conclui, "as belas-artes não são a mais alta emancipação do espírito", pois esta somente é encontrada no reino do invisível e do espiritual. E Von Hartmann declara ainda mais enfaticamente que: Originalmente a adoração divina apareceu inseparavelmente unida a arte, porque, no estágio inferior, a Religião ainda está inclinada a dissipar-se na forma estética. Naquele período, diz ele, todas as artes estavam envolvidas no serviço religioso, não somente a música, a pintura, a escultura e a arquitetura, mas também a dança, a mímica e o drama.

Por outro lado, quanto mais a Religião se desenvolve em maturidade espiritual, tanto mais se livrará das ataduras da arte, porque a arte sempre é incapaz de expressar a própria essência da Religião. E o resultado final deste processo histórico de separação, ele conclui, deve ser que a Religião quando plenamente madura se absterá completamente do estimo pelo qual a pseudo-emoção estética a intoxicou, a fim de concentrar-se total e exclusivamente sobre o avivamento daquelas emoções que são *puramente espirituais*".

Religião e Arte Possuem Esferas Próprias

E tanto Hegel quanto Von Hartmann estão corretos neste pensamento básico. A Religião e a Arte cada uma tem sua própria esfera de vida; estas, a princípio, dificilmente podem ser distinguíveis uma da outra e portanto estão intimamente entrelaçadas, porém, com um desenvolvimento mais rico estas duas esferas necessariamente separam-se. Olhando para dois bebês em um berço, dificilmente vocês podem

dizer qual é menino ou menina, mas quando, tendo alcançado os anos de maturidade, eles se colocam diante de vocês como homem e mulher, vocês os vêem com formas, traços e modos de expressão peculiarmente próprios.

Do mesmo modo, tendo chegado a seu desenvolvimento superior, tanto a Religião quanto a Arte exigem uma existência independente, e os dois troncos, que a princípio estavam entrelaçados e pareciam pertencer a mesma planta, agora parecem nascer de uma raiz própria. Este é o processo de Arão para Cristo, de Bezaleel e Aoliabe para os Apóstolos. E, em virtude deste mesmo processo, o Calvinismo no século 16 ocupa um ponto de vista mais alto do que o Romanismo poderia alcançar. Conseqüentemente, o Calvinismo não foi capaz de desenvolver um estilo de arte próprio a partir de seu princípio religioso, nem mesmo o permitiu. Fazer isto seria descambar de volta para um nível inferior da vida religiosa. Ao contrário, seu esforço mais nobre deve ser libertar a religião e a adoração divina mais e mais de sua forma sensorial e encorajar sua vigorosa espiritualidade. Isto ele estava habilitado a fazer por causa da pulsação poderosa pela qual naquele tempo a vida religiosa corria através das artérias da humanidade.

O fato de que hoje nossas igrejas calvinistas são consideradas frias e *unheimish*, e de que uma reintrodução do simbólico em nossos lugares de adoração é ardentemente desejada, devemos à triste realidade de que a pulsação da vida religiosa em nossos dias está muito mais fraca que estava nos dias de nossos mártires. Mas longe de pedir emprestado desta o direito de descer de novo ao nível inferior da religião, esta fraqueza da vida religiosa deve inspirar à oração por uma obra mais poderosa do Espírito Santo. A segunda infância, em sua velhice, é um movimento retrógrado, doloroso. O homem que teme a Deus e cujas faculdades permanecem claras e inalterada, não retorna do ponto de maioridade para os brinquedos de sua infância.

Uma Visão Independente de Vida não Gera, Necessariamente, Sua Própria Arte

Segundo esta demonstração poderia sustentar-se uma objeção a

mais, e esta eu também preciso enfrentar. A questão a ser colocada é, se uma tendência de vida realmente independente não deveria criar seu próprio estilo de arte, mesmo se ela se desenvolvesse como absolutamente secular. Deixem o significado real da objeção ser bem entendido. Ela não sugere que o Calvinismo, se verdadeiramente dominado por uma importância estética, deveria ter dado uma certa direção à prática da arte, pelo fato de que ele sinceramente tem feito esta vontade exibir-se agora.

Qual a Abrangência Possível aos Estilos de Arte

O ponto desta objeção toca mais fundo e coloca a questão, em primeiro lugar, se é concebível um estilo de arte secular; e em segundo lugar, se poderia ter sido exigido do Calvinismo a criação de um estilo de arte puramente secular e dominante como este. A resposta que dou à primeira é: que na história da arte não é encontrado nenhum registro do surgimento de um estilo de arte todo-abrangente independente da Religião como tal. Observem, não falo aqui de uma escola de uma arte em particular, mas de um estilo de arte que coloca uma impressão concêntrica sobre todas as artes juntas.

Num certo grau poderia ser dito sobre a arte Romana e sobre a arte da Renascença que, embora destituídas de um impulso religioso dominante, todavia elas alcançaram uma revelação multifacetada em formas artísticas. Falando de arquitetura, a cúpula em Roma e a arte Bizantina não são uma expressão de um pensamento religioso, mas de energia política. A cúpula simboliza o poder mundial, e, embora seja num sentido diferente, sobre a Renascença também deve ser confessado que ela não deve sua origem a religião, mas aos círculos civil e social da vida.

Quanto a Renascença, ela será considerada mais plenamente na terceira parte desta Palestra, porém em relação ao estilo de arte Romano, respondo aqui, primeiro, que um estilo que tomou emprestado quase todos os seus motivos da arte grega dificilmente pode gabar-se de um caráter independente; e segundo, que em Roma, o conceito de Estado tornou-se tão identificado com o conceito Religioso que quando, no período dos imperadores, a arte alcançou seu ápice de prosperidade enquanto sacrifícios eram queimados ao *Divus Augustus,* não é histórico

considerar o Estado e a Religião como sendo esferas ainda separadas naquele tempo.

Um Estilo Abrangente de Arte Pode Surgir Fora da Religião?

Mas, à parte deste resultado histórico, pode ser questionado se um estilo de arte todo-abrangente como este jamais *poderia* ter se originado fora da Religião. O surgimento de um estilo como este exige um motivo central na vida mental e emocional de um povo, o qual dominará toda a existência interior, e que conseqüentemente levará seus efeitos deste centro espiritual até sua circunferência mais externa. Certamente que o mundo da arte de uma nação não pode nunca ser o produto do pensamento intelectual. Arte intelectual não é arte, e o esforço proposto por Hegel para extraí-la dos pensamentos teóricos, militava contra a própria natureza da arte. Nossa vida intelectual, ética, religiosa e estética, cada uma comanda uma esfera própria. Estas esferas correm paralelas e não permitem derivação de uma para a outra. É a emoção central, o impulso central e o entusiasmo central, na raiz mística de nosso ser, que procura revelar-se para o mundo exterior nesta quádrupla manifestação.

A arte também não é um broto lateral num ramo principal, mas um ramo independente que cresce do tronco de nossa própria vida, ainda que esteja muito mais proximamente aliado à Religião do que ao nosso pensamento ou ao nosso ser ético. Contudo, se for perguntado como pode surgir uma unidade de concepção abraçando estes quatro campos, constantemente aparece que no finito esta unidade é encontrada somente naquele ponto onde nasce da fonte do Infinito. Não há unidade em seus pensamentos salvo por um sistema filosófico bem ordenado, e não há sistema de Filosofia que não se eleve para as questões do Infinito.

Do mesmo modo, não há unidade em sua existência moral, salvo pela união de sua existência interior com a ordem mundial moral, e não há ordem mundial moral concebível senão pela influência de um poder Infinito que tem posto ordem neste mundo moral. Assim também não é concebível nenhuma unidade na revelação de arte, exceto pela inspiração artística por uma Beleza Eterna, que flui da fonte do Infinito. Por isso, nenhum estilo característico de arte todo-abrangente pode surgir exceto como conseqüência do impulso peculiar do Infinito que opera em nosso

ser interior. E visto que este é o próprio privilégio da Religião, acima do intelecto, da moralidade e da arte, que somente ela produz a comunhão com o Infinito em nossa autoconsciência, a chamada para um estilo de arte secular, todo-abrangente, independente de qualquer princípio religioso, é simplesmente absurdo.

Arte é Uma Poderosa Força Própria de Expressão

Entender que a arte não é a franja que está atada à roupa, nem o entretenimento que é adicionado à vida, mas um poder mais sério em nossa presente existência, e por isso suas variações principais devem manter em suas expressões artísticas uma íntima relação com as variações principais de toda nossa vida; e visto que estas variações principais de toda nossa existência humana, sem exceção, são dominadas por nossa relação com Deus, não seria tanto uma *degradação* quanto *um menosprezo* da arte se vocês imaginassem que as ramificações nas quais o tronco da arte se divide para ser independente da raiz mais profunda que toda vida humana tem em Deus? Conseqüentemente, nenhum estilo de arte nasceu do Racionalismo do século 17, nem do princípio de 1789, e por mais cruel que possa ser para nosso século 19, todos os seus esforços para criar um novo estilo de arte próprio tem acabado em perfeito fiasco, e então suas produções artísticas somente possuem um verdadeiro charme quando permitem-se ser inspiradas pelas maravilhas do passado.

O Calvinismo não Criou Estilo Próprio Exatamente por seu Estágio Superior de Desenvolvimento Religioso

Assim, por si só, deve ser negada a possibilidade que um estilo de arte próprio possa originar-se independentemente da religião; mas mesmo se fosse de outro modo, e este é meu segundo argumento, ainda seria ilógico exigir do Calvinismo uma tendência secular como esta. Pois, como vocês podem desejar que um movimento de vida, que encontrou a fonte de seu poder na acusação de todos os homens e de toda vida humana perante a face de Deus, tivesse visto o impulso, a paixão e a inspiração para sua vida *fora de Deus* em um campo tão excessivamente importante como este das poderosas artes? Portanto, não resta nenhuma

sombra de realidade na reprovação desdenhosa de que a não criação de um estilo arquitetônico próprio é uma prova conclusiva da pobreza artística do Calvinismo. Somente sob os auspícios de seu princípio religioso o Calvinismo poderia ter criado um estilo de arte geral e exatamente porque tinha alcançado um estágio muito mais alto de desenvolvimento religioso, seu próprio princípio proibia a expressão simbólica de sua religião em formas visíveis e sensoriais.

Qual Interpretação da Natureza da Arte, Flui do Princípio do Calvinismo?

Existe um Lugar para Arte, no Calvinismo?

Por isso, a questão deve ser formulada de modo diferente. E isso nos conduz ao nosso segundo ponto. A questão não é se o Calvinismo com seu ponto de vista superior produziu o que não era mais permitido criar, a saber, um estilo de arte geral próprio dele, mas *qual interpretação sobre a natureza da arte flui de seu princípio.* Em outras palavras, há na biocosmovisão do Calvinismo um lugar para a arte, e se sim, qual lugar? Seu princípio é oposto a arte, ou, se julgado pelos padrões do princípio calvinista, um mundo sem *arte* perderia uma de suas esferas ideais? Eu não falarei agora do abuso, mas simplesmente do uso da arte. Em cada campo, a vida é obrigada a respeitar as dimensões desse campo. A transgressão dos domínios dos outros é sempre ilegal; e nossa vida humana atingirá sua mais nobre harmonia somente quando todas as suas funções cooperarem na justa proporção para nosso desenvolvimento geral. A lógica da mente não pode desprezar os sentimentos do coração, nem o amor pela beleza deveria silenciar a voz da consciência. Por mais santa que a Religião possa ser, ela deve guardar-se dentro de seus próprios limites, para que não se degenere em superstição, insanidade ou fanatismo ao atravessar suas linhas. E, do mesmo modo, a tão exuberante paixão pela arte que despreza o sussurro da consciência, deve resultar num desacordo desagradável completamente diferente do que os gregos exaltavam em seus *kalokagathos*.[91]

---

[91] NT - Do grego *kalokagateo,* praticar a virtude, *kalokagathia* de *kalos* + *agatos,* honestidade, lealdade perfeita.

Calvino se Opôs ao Uso Ilegítimo da Arte

O fato, por exemplo, de que o Calvinismo se dispôs contra toda diversão ímpia com a honra da mulher, e estigmatizou toda forma de prazer artístico imoral como uma degradação, encontra-se portanto fora de nosso alcance. Tudo isto denuncia adequadamente o abuso, embora não tenha qualquer peso quanto a questão do uso legítimo. E o próprio Calvino não se opôs ao uso legítimo da arte, mas encorajou e até mesmo recomendou, como suas próprias palavras prontamente provam. Quando a Escritura menciona a primeira aparição da arte nas tendas de Jubal, que inventou a harpa e o órgão, Calvino recorda-nos enfaticamente que esta passagem trata dos "excelentes dons do Espírito Santo". Ele declara que, quanto ao instinto artístico, Deus tinha enriquecido Jubal e sua posteridade com raros dons naturais. E, abertamente, declara que esses poderes inventivos da arte são o mais evidente testemunho do favor divino. Ele declara mais enfaticamente ainda, em seu comentário sobre Êxodo, que "todas as artes vêm de Deus e devem ser consideradas como invenções divinas".

As Artes Procedem do Espírito Santo

Segundo Calvino, nós devemos estas coisas preciosas da vida natural originalmente ao Espírito Santo. Em todas as Artes Liberais, tanto nas mais como nas menos importantes, o louvor e a glória de Deus devem ser acentuadas. As artes, diz ele, foram dadas para nosso conforto, nesse nosso estado deprimido de vida. Elas reagem contra a corrupção da vida e da natureza pela maldição. Quando seu colega, o Prof. Cop, levantou armas em Genebra contra a arte, Calvino propositadamente instituiu medidas, como ele escreve, para restaurar esse homem louco ao bom senso e a razão. Calvino declara ser indigno de refutação o preconceito cego contra a escultura com base no Segundo Mandamento. Ele exalta a música como um poder maravilhoso para comover corações e para dignificar tendências e princípios morais. Entre os excelentes favores de Deus para nossa recreação e prazer, ela ocupa em sua mente o posto mais alto. E mesmo quando a arte se rebaixa para tornar-se o instrumento de mero entretenimento para o povo, afirma que este tipo de prazer não lhe deveria ser negado.

Em vista de tudo isto, podemos dizer que Calvino apreciava a arte em todas as suas ramificações como um dom de Deus, ou mais especialmente, como um dom do Espírito Santo; que ele entendeu plenamente os profundos efeitos produzidos pela arte sobre a vida das emoções; que ele apreciava o fim pelo qual a arte fora dada, a saber, que por ela poderíamos glorificar a Deus, dignificar a vida humana, e beber na mais alta fonte de prazeres, sim até mesmo no esporte comum; e, finalmente, que longe considerar a arte como simples imitação da natureza, ele lhe atribuiu a nobre vocação de desvendar para o homem uma realidade mais alta do que foi oferecida a nós pelo mundo pecaminoso e corrupto.

A Arte Revela uma Realidade Superior à Oferecida pelo Mundo

Ora, se isso implicava em nada mais que a interpretação pessoal de Calvino, certamente seu testemunho não teria valor conclusivo para o Calvinismo em geral. Mas quando observamos que o próprio Calvino não era artisticamente desenvolvido, e que por isso ele deve ter inferido seu breve sistema de Estética[92] de seus princípios, ele pode ser reconhecido como tendo exposto a consideração calvinista sobre a arte como tal. Para ir direto ao coração da questão, comecemos com a última declaração de Calvino, a saber, que a arte revela para nós uma realidade mais alta do que é oferecida por este mundo pecaminoso.

Vocês estão familiarizados com a questão, já mencionada, se a arte deveria imitar a natureza ou se deveria transcendê-la. Na Grécia uvas eram pintadas com tal precisão que os pássaros eram iludidos por sua aparência e tentavam comê-las. E esta imitação da natureza parece ter sido o ideal maior da escola Socrática. Aqui, encontra-se a verdade muitas vezes esquecida pelos idealistas, de que as formas e relações exibidas pela natureza são e sempre devem ser as formas e relações fundamentais de toda realidade atual, e uma arte que não observa as formas e movimentos da natureza nem escuta seus sons, mas arbitrariamente gosta de flutuar acima dela, se degenera num bárbaro

[92] Estética pode ser definida como a ciência da beleza e do gosto; o ramo do conhecimento que pertence às belas artes e a arte crítica. Não há uma estética universalmente aceita. Há três escolas: a sensorialística (Hogarth); a empírica (Helmholtz); e a idealística, devendo sua origem a Kant.

jogo de fantasia.

Mas por outro lado, toda interpretação idealista da arte deveria ser justificada em oposição à puramente empírica, sempre que a empírica confina sua tarefa a mera imitação. Por isso, muitas vezes é cometido na arte o mesmo equívoco cometido pelos cientistas quando limitam sua tarefa científica à mera observação, computação e relatório acurado dos fatos. Pois do mesmo modo como a ciência deve subir dos fenômenos para a investigação de sua ordem inerente, a fim de que o homem, enriquecido pelo conhecimento desta ordem, possa reproduzir espécies de animais, flores e frutos mais nobres do que a própria natureza poderia produzir, assim a vocação da arte é, não simplesmente observar cada coisa visível e audível, a fim de apreendê-la e reproduzi-la artisticamente, mas muito mais, descobrir naquelas formas naturais a ordem da beleza, e enriquecido por este conhecimento superior, produzir uma beleza mundial que transcende a beleza da natureza.

O Calvinismo Compreendeu a Influência do Pecado

Isto é o que Calvino afirmou: a saber, que as artes exibem dons que Deus colocou à nossa disposição, agora que a verdadeira beleza fugiu de nós como triste conseqüência do pecado, a verdadeira beleza fugiu de nós. Sua decisão aqui depende inteiramente de sua interpretação do mundo. Se vocês consideram o mundo como a realização do bem absoluto, então não há nada superior, e a arte não pode ter outra vocação senão copiar a natureza. Se, como o panteísta ensina, o mundo segue da imperfeição para a perfeição por um processo lento, então a arte torna-se a profecia de uma fase adicional da vida por vir. Porém, se vocês confessam que o mundo outrora *foi* belo, mas que pela maldição tornou-se *desfeito* e por uma catástrofe final deve passar para seu pleno estado de glória, superando até mesmo a beleza do paraíso, então a arte tem a tarefa mística de lembrar-nos, em suas produções, da beleza que foi perdida e de antecipar seu perfeito brilho vindouro. Este último caso mencionado é a confissão calvinista. O Calvinismo compreendeu, mais claramente do que Roma, a influência horrenda e corruptora do pecado; isto o levou a maior apreciação da natureza do paraíso na beleza da justiça original; e guiado por esta encantadora recordação o Calvinismo

também profetizou uma redenção da natureza exterior, a ser realizada no reino da glória celestial. A partir deste ponto de vista, o Calvinismo honrou a arte como um dom do Espírito Santo e como uma consolação em nossa vida atual, habilitando-nos a descobrir em e atrás desta vida pecaminosa um pano de fundo mais rico e mais glorioso. Considerando as ruínas desta criação outrora tão maravilhosamente bela, para o calvinista a arte chama a atenção tanto para as linhas do plano original ainda visíveis quanto, o que é ainda melhor, para a esplêndida restauração pela qual o Supremo Artista e Construtor Mestre um dia renovará e até mesmo intensificará a beleza de sua criação original.

A Arte não Pode Originar-se do Diabo

Portanto, se a interpretação pessoal de Calvino concorda inteiramente com a confissão calvinista sobre este ponto principal, o mesmo se aplica ao próximo ponto em questão. Se para o Calvinismo a soberania de Deus é e continua sendo seu imutável ponto de partida, então a arte não pode originar-se do Diabo; pois Satanás é destituído de todo poder criativo. Tudo que ele pode fazer é abusar das boas dádivas de Deus. Nem pode originar-se com o homem, pois, sendo ele mesmo uma criatura, o homem não pode senão empregar os poderes e dons colocados por Deus à sua disposição. Se Deus é e continua sendo soberano, então a arte não pode produzir nenhum encantamento exceto de acordo com as ordenanças que Deus ordenou para a beleza, quando ele, como o Supremo Artista, chamou este mundo à existência.

Deus Soberano Confere os Dons Artísticos

E além disso, se Deus é e continua sendo soberano, então ele também confere estes dons artísticos a quem ele quer, primeiramente, então, à posteridade de Caim e não a de Abel; não como se a arte fosse Cainita, mas a fim de que aquele que pecou contra os mais altos dons devesse ao menos, como Calvino tão belamente disse: nos menores dons da arte receber algum testemunho do favor Divino. Esta habilidade e capacidade artística como tal, pode ter lugar na natureza humana, nós a devemos à nossa criação segundo à imagem de Deus. No mundo real, Deus é o Criador de todas as coisas; o poder de produzir coisas

realmente novas é seu somente, e portanto continua a ser sempre o artista criador. Como Deus, somente ele é o original, nós somos apenas os portadores de sua Imagem.

Nossa capacidade para criar segundo ele e segundo o que ele criou, pode consistir somente na criação *imaginária* da arte. Assim nós, à nossa maneira, podemos imitar o trabalho manual de Deus. Nós criamos um tipo de cosmos em nosso monumento Arquitetônico; embelezamos formas da natureza na Escultura; em nossa Pintura reproduzimos a vida, animada por linhas e cores; transfundimos as esferas místicas em nossa Música e em nossa Poesia. E tudo isto porque a beleza não é o produto de nossa própria fantasia, nem de nossa percepção subjetiva, mas tem uma existência objetiva, sendo ela mesma a expressão de uma perfeição Divina.

Arte e a Criação

Após a criação, Deus viu que tudo era bom. Imagine que cada olho humano fosse fechado e cada ouvido humano tapado, ainda assim a beleza permanece, e Deus a vê e a ouve, pois, não somente "seu eterno poder", mas igualmente sua "divindade", desde o momento da criação têm sido percebidos em sua criação, tanto espiritual como corporalmente. Um artista pode observar isto em si mesmo. Se ele compreende que sua própria capacidade artística depende de ter um olho para a arte [senso estético], deve necessariamente chegar à conclusão de que "o olho" original para a arte está no próprio Deus, cuja capacidade para produção artística é plena, e segundo esta imagem foi feito o artista entre os homens.

Sabemos isto a partir da criação ao nosso redor, do firmamento que forma um arco sobre nós, do luxo abundante da natureza, da riqueza de formas no homem e no animal, do som das corredeiras e do cântico do rouxinol; como pois toda esta beleza poderia existir exceto se criada pelo Único que preconcebeu a beleza em seu próprio ser e a produziu de sua própria perfeição Divina? Assim, vocês vêem que a soberania de Deus e nossa criação segundo sua semelhança, necessariamente levaram a esta interpretação elevada da origem, da natureza e da vocação da arte, como adotada por Calvino, e ainda aprovada por nosso próprio instinto artístico.

O mundo dos sons, o mundo das formas, o mundo das cores e o mundo das idéias poéticas não pode ter outra fonte senão Deus; e é nosso privilégio, como portadores de sua imagem, ter uma percepção deste mundo belo, para reproduzir artisticamente, para gozá-lo humanamente.

Como o Calvinismo Tem Encorajado o Progresso das Artes

A Arte é Vista como Nobre, na Teoria e Prática

E assim, chego ao meu terceiro e último ponto. Vimos que a procura por um estilo de arte próprio, longe de ser uma objeção ao Calvinismo, ao contrário, indica o estágio superior de seu desenvolvimento. Depois disto, consideramos como flui do princípio calvinista uma interpretação exaltada sobre a natureza da arte. E agora vamos ver como o Calvinismo nobremente tem encorajado o progresso das artes tanto teoricamente quando na prática.

O Calvinismo Reconheceu a Maioridade da Arte

E aqui, em primeiro lugar, chamo sua atenção para o importante fato de que foi o Calvinismo que, libertando a arte da tutela da Igreja, primeiramente reconheceu sua maioridade. Não nego que a Renascença teve a mesma tendência, mas com ela esta tendência foi desfigurada por uma preferência unilateral pelo Paganismo e por uma paixão por conceitos mais pagãos que cristãos; enquanto Calvino, por outro lado, manteve firmemente os conceitos cristãos e, até mesmo, mais claramente do que qualquer outro reformado, opôs-se a toda influência paganística. Contudo, para lidar imparcialmente com a Igreja cristã mais antiga uma explicação um pouco mais plena é apropriada aqui.

A Relação do Cristianismo Primitivo com a Arte Grega e Romana

A Religião Cristã surgiu no mundo Grego e Romano, o qual, embora completamente corrompido, ainda recomendava-se por sua alta civilização e seu esplendor artístico. Portanto, a fim de contrapor princípio a princípio, o Cristianismo foi obrigado, no início, a reagir contra a superestimação da arte então dominante, e assim quebrar as influências

perigosas que o Paganismo estava exercendo, em sua última convulsão, pelo encantamento de seu belo mundo. Portanto, já que a luta contra o Paganismo era uma luta de vida ou morte, a relação do Cristianismo com a arte não poderia ser senão uma relação hostil. Este primeiro período foi quase imediatamente seguido pela afluência para dentro do altamente civilizado Império Romano das ainda quase bárbaras tribos germânicas, após seu rápido batismo o centro de poder gradualmente mudou-se da Itália para além dos Alpes do Norte, dando assim à Igreja, já no século oitavo, uma ascendência quase exclusiva sobre toda a Europa. Graças a esta brilhante reunião, por diversos séculos a Igreja tornou-se a guardiã da vida humana mais elevada, e desempenhou tão nobremente esta exaltada tarefa que nenhum ódio religioso ou preconceito partidário ousa questionar os gloriosos resultados que ela então alcançou. No sentido literal da palavra, todo desenvolvimento humano daquele período dependia inteiramente da Igreja.

O Desenvolvimento da Arte Especificamente Cristã

Nem a ciência, nem a arte poderiam prosperar exceto escudadas pela proteção eclesiástica. E daí originou-se aquela arte especificamente cristã, a qual, em sua primeira paixão, tentou incorporar o máximo da essência espiritual no mínimo de forma, cor e tons. Não foi a arte copiada da natureza, mas a arte invocada das esferas do céu que restringiu a música aos cantos Gregorianos, que levou o pincel e o formão a desejarem criações acósmicas e que atingiu o realmente Sublime e colheu fama imortal somente na construção das catedrais.

As Tentativas de Escapar da Tutela da Igreja

Toda tutela educacional, entretanto, conduz à sua própria dissolução. Um tutor honesto tenciona exercer sua tutela tão superficialmente quanto possível e aquele que tenta prolongar seu controle, mesmo depois de seu tutelado ter alcançado a maioridade, cria uma relação anormal e faz de sua própria tutela um incentivo à resistência. Portanto, quando a primeira educação do Norte da Europa foi completada e a igreja ainda persistiu em inclinar seu cetro absoluto sobre todos os campos da vida, quatro grandes movimentos foram iniciados em

lados muitos diferentes, a saber, a *Renascença* no campo da arte, o *Republicanismo* da Itália na política, o *Humanismo* na ciência, e centralmente, a *Reforma* na religião.

Sem dúvida, estes quatro movimentos receberam seu impulso de princípios muito diferentes, e em alguns casos de princípios conflitantes, mas todos eles concordavam neste ponto, a saber, que eles tentavam escapar da tutela eclesiástica e criar uma vida própria de acordo com seus próprios princípios. Por isso, não é de todo surpreendente que, no século 16, estes quatro poderes repetidamente agiram em comum acordo. Era a vida humana que, cansada de toda tutela adicional, apressava-se de todos os modos para um desenvolvimento mais livre e, portanto, quando o velho tutor tentou por meio da força impedir a declaração de maturidade, era natural que aqueles quatro poderes se encorajassem um ao outro a resistir ferozmente, a não desistir antes que a liberdade fosse obtida. Sem esta quádrupla aliança a tutela da Igreja não somente teria sido preservada sobre toda a Europa, mas – a rebelião uma vez esmagada – seu governo teria se tornado ainda mais cruel e intolerável do que anteriormente. Graças a esta cooperação, o audacioso empreendimento foi coroado com sucesso duradouro, e os combatentes, por sua energia combinada, conseguiram a glória eterna de ter levado a arte e a ciência, bem como a política e a religião, ao pleno gozo da maturidade.

A Renascença e o Calvinismo na Libertação da Arte

Será possível afirmar, sobre esta base, que o Calvinismo libertou a Religião e não a Arte, e que a honra da emancipação da arte pertence exclusivamente à Renascença? Francamente, admito que a Renascença tem o direito de reivindicar seu quinhão na vitória, especialmente à medida que estimulou a própria arte a vindicar sua liberdade por suas maravilhosas produções. O talento estético, se posso assim chamá-lo, foi implantado pelo próprio Deus no Grego, e a arte poderia justificar sua reivindicação por uma existência independente somente por chamar novamente, entre altos júbilos, as leis fundamentais da arte, que o talento grego tinha descoberto. Isto por si mesmo, contudo, não teria obtido a libertação desejada. Pois a igreja daqueles dias não fazia a mínima

oposição a arte clássica como tal. Pelo contrário, deu as boas-vindas à Renascença, e a arte cristã não hesitou por um momento em enriquecer-se com o melhor que a Renascença tinha a oferecer.

No assim chamado *Cinquecento*, ou Alta-Renascença, Bramante e Da Vinci, Miquelângelo e Rafael abasteceram as Catedrais Romanas com tesouros de arte, completamente únicos e inimitáveis, jamais ultrapassados. Assim, o velho laço continuou a unir a Igreja e a Arte, e isto por si mesmo estabeleceu um patrocínio permanente.

A verdadeira libertação da arte requeria energias muito mais patentes. A princípio, a Igreja devia ser forçada a voltar-se para seu reino espiritual. A arte, até então confinada às esferas santas, agora deveria apresentar-se no mundo social. E na Igreja, a Religião deveria por de lado suas togas simbólicas a fim de que, após ter subido ao nível espiritual mais alto, seu fôlego vivificante pudesse animar todo o mundo. Exatamente como Von Hartmann fielmente observa: “É a Religião espiritual pura que com uma mão priva o artista de sua arte especificamente religiosa, mas que com a outra lhe oferece em troca um mundo todo para ser religiosamente animado”.

Lutero, certamente, *desejou* uma religião espiritual pura como esta, mas foi o Calvinismo o primeiro a *apossar-se dela*. Primeiro, sob os excitantes impulsos do Calvinismo, nossos pais romperam com o *splendor ecclesiae*, isto é, com seu brilho exterior, e assim também com suas numerosas possessões pelas quais a arte era financeiramente conservada em escravidão. E embora o Humanismo se rebelasse contra este estado de coisas opressivo e anormal, se dependesse de seus próprios recursos, nunca poderia realizar uma mudança radical. Lembrem-se somente de Erasmo. O triunfo na luta daquele tempo não foi reservado ao homem que levou avante a disputa pela liberdade religiosa por meio da simples crítica, mas somente por aquele que, estando num estágio de desenvolvimento religioso mais elevado, superou a religião simbólica como tal. E, portanto, podemos audaciosamente afirmar que foi o Calvinismo que estimulou o corajoso impulso pelo qual a vitória foi obtida, e, por sua incansável perseverança, colocou um fim na tutela injustificada da igreja sobre toda vida humana, inclusive sobre a arte.

O Republicanismo Italiano – Ventos de Liberdade

Entretanto, prontamente admito que este resultado teria sido puramente acidental se o Calvinismo não tivesse, ao mesmo tempo, levado a uma interpretação mais profunda da vida humana e deste modo da arte humana. Quando, sob Victor Emmanuel com a ajuda de Garibaldi[93], a Itália tornou-se livre, o dia da liberdade também rompeu para os Valdenses no centro e no sul da Itália, mas nem o *Re galantuomo*, nem Garibaldi, sequer tinham pensado nos Valdenses. Assim, é possível que em virtude de seu princípio, o Calvinismo, em sua luta pela liberdade humana, também tenha cortado o laço que até aqui mantinha a arte como cativa, mas sem ao menos ter pretendido fazê-lo. E por isso, devo ainda ilustrar o segundo fator, o qual resolve o caso sozinho.

A Interação da Religião Verdadeira com a Arte Secular

Já tenho chamado sua atenção mais de uma vez para o importante significado da doutrina calvinista da "graça comum", e certamente nesta palestra sobre a arte devo referir-me a ela novamente. Aquilo que deve ser eclesiástico deve trazer a marca da fé, portanto, a genuína *arte cristã* somente pode sair de crentes. O Calvinismo, ao contrário, nos tem ensinado que todas as artes liberais são dons que Deus confere indiscriminadamente a crentes e a incrédulos, além disso, como a História mostra, que estes dons têm se desenvolvido numa medida até mesmo mais larga fora do círculo santo. "Estas radiações da Luz Divina", ele escreveu, "brilham mais fulgurosamente entre povos incrédulos do que entre santos de Deus". E isto, certamente, inverte completamente a ordem proposta das coisas. Se vocês limitam o gozo mais elevado da arte à regeneração, então este dom é exclusivamente a porção dos crentes e deve trazer um caráter eclesiástico. Neste caso ele é o resultado da *graça especial*. Mas se, à luz da experiência e da História, vocês estão persuadidos de que os mais altos instintos artísticos são dons *naturais* e por isso pertencem àquelas excelentes graças que, a despeito do pecado, em virtude da *graça comum* continuam a brilhar na natureza humana, segue-se claramente que a arte pode inspirar tanto crentes como

[93] Garibaldo, patriota e libertador italiano, 1807 – 1882.

incrédulos, e que Deus continua Soberano ao conferi-la igualmente a nações Pagãs e a Cristãs, a seu bel-prazer.

Isto não se aplica somente a arte, mas a todas as expressões naturais da vida humana, e é ilustrado pela comparação entre Israel e as outras nações no período primitivo. À medida que coisas santas estão envolvidas, Israel é escolhido, e não apenas é abençoado acima de todas as nações, mas permanece isolado entre todas as nações. Na questão da Religião, Israel não somente tem um quinhão maior, mas *somente* Israel tem a verdade, e todas as outras nações, até mesmo os gregos e os romanos, estão curvadas sob o jugo da mentira. Cristo não é parcialmente de Israel e parcialmente das nações; ele é somente de Israel. A salvação é dos judeus. Mas na mesma proporção em que Israel brilha de dentro para fora no campo da religião, assim é igualmente invertido quando vocês comparam o desenvolvimento de sua arte, ciência, política, comércio e negócio com o das nações vizinhas.

A construção do Templo requereu a vinda de Hirão de um país pagão para Jerusalém; e Salomão, em quem afinal foi encontrada a Sabedoria de Deus, não somente sabia que Israel ficava para trás em matéria de arquitetura e necessitava de ajuda de fora, mas através de sua ação ele publicamente mostrou que, como o rei dos judeus, de modo algum estava envergonhado pela vinda de Hirão, a qual compreende como uma ordenança natural de Deus.

Assim o Calvinismo, tanto sobre a base das Escrituras quanto da História, chegou a confissão de que, onde quer que o Santuário se revele, todas as nações incrédulas ficam fora, mas que apesar disso, em sua história secular elas são chamadas por Deus para uma vocação especial e formam por sua própria existência um elo indispensável na longa série de fenômenos. Toda expressão da vida humana requer uma disposição especial no sangue e na origem e adaptações apropriadas de sorte, e incidente bem como de ambiente natural e efeitos climáticos devem contribuir para seu desenvolvimento. Em Israel tudo isto foi adaptado para a herança santa, que deveria receber na Revelação Divina. Mas se Israel foi escolhido por causa da Religião, isto de modo algum impediu uma eleição paralela dos gregos para o campo da Filosofia e para as revelações da arte, nem dos romanos para o desenvolvimento clássico

dentro do campo da Lei e do Estado. A vida da arte também tem tanto seu desenvolvimento provisório quanto seus desdobramentos posteriores, mas a fim de assegurar um crescimento mais vigoroso, precisava antes de mais nada de autoconsciência limpa em seu centro para que, de uma vez por todas, os fundamentos imutáveis de sua existência ideal pudessem ser trazidos à luz.

Um fenômeno como a arte chega a esta auto-revelação apenas uma vez, e esta revelação, uma vez concedida ao grego, mantém-se clássica, dando o tom e dominando para sempre. E embora um desenvolvimento adicional da arte possa procurar formas mais novas e materiais mais ricos, a natureza da descoberta original continua a mesma. Assim, o Calvinismo foi não apenas capaz mas obrigado a confessar que, pela graça de Deus, os gregos eram a nação primordial da arte; que devido a este desenvolvimento Grego clássico, a arte conquistou seu direito de existência independente; e que embora ela certamente deva irradiar-se também na esfera da Religião, de modo algum deveria ser implantada num sentido dependente na árvore eclesiástica. Portanto, sendo um retorno da arte a redescoberta de suas linhas fundamentais, a Renascença não apresenta-se ao Calvinismo como esforço pecaminoso, mas como movimento divinamente ordenado. E como tal, o Calvinismo encorajou a Renascença não por puro acidente, mas com consciência limpa e propósito definido, de acordo com seu princípio mais profundo.

A Própria Reação do Calvinismo a Roma Emancipou a Arte

Por isso, não há problema que simplesmente como um resultado involuntário de sua oposição à Hierarquia de Roma, o Calvinismo ao mesmo tempo tenha encorajado a emancipação da arte. Pelo contrário, exigiu esta libertação e foi obrigado a realizá-la dentro de seu próprio círculo, como conseqüência de sua biocosmovisão. O mundo depois da queda não é um planeta perdido, agora destinado apenas a fornecer para a Igreja um lugar onde continuar seus combates; e a humanidade não é uma massa de pessoas sem rumo que apenas serve ao propósito de dar à luz ao eleito. Pelo contrário, o mundo agora, tanto quanto no princípio, é o teatro para as poderosas obras de Deus, e a humanidade ainda é uma criação de sua mão, que, à parte da salvação, sob esta presente

dispensação completa aqui sobre a terra um poderoso processo, e em seu desenvolvimento histórico deve glorificar o nome do Deus Todo-Poderoso. Para este fim, ele ordenou para esta humanidade todo tipo de expressões de vida, e entre estas a arte ocupa um lugar completamente independente. Ela revela ordenanças da criação que nem a ciência, nem a política, nem a vida religiosa, nem mesmo a revelação podem trazer à luz.

A Arte, uma Planta que Cresce Sozinha

A arte é uma planta que cresce e floresce sobre sua própria raiz, e sem negar que esta planta possa ter requerido a ajuda de um suporte temporário, e que no começo dos tempos a Igreja deu este apoio de uma forma excelente, todavia o princípio calvinista exigiu que esta planta da terra deveria finalmente adquirir força para ficar de pé sozinha e vigorosamente estender seus ramos em todas as direções. E assim, o Calvinismo confessou que, como os gregos tinham descoberto primeiro as leis que governam o crescimento da planta da arte, eles continuam autorizados, portanto, a vincular todo crescimento adicional e cada novo impulso da arte a seu primeiro, seu desenvolvimento clássico, não com o fim de limitar-se a Grécia, ou adotar sua forma Paganista sem crítica.

A arte, como a Ciência, não pode permitir-se demorar em sua origem, mas deve desenvolver-se sempre mais ricamente, ao mesmo tempo purificando-se de tudo que falsamente foi miscigenaçãodo com a antiga planta. Quando uma vez descoberta a lei de seu crescimento e vida, somente ela deve continuar a lei fundamental da arte para sempre; uma lei não imposta sobre ela de fora mas nascida de sua própria natureza. E assim, libertando-se de todo laço artificial e apegando-se a todo laço que é natural, a arte deve encontrar a força interior requerida para a manutenção de sua liberdade. Por isso, Calvino não separa a arte, a ciência e a religião uma da outra; pelo contrário, o que ele deseja é que toda vida humana esteja impregnada por estes três poderes vitais juntos. Deve haver uma *Ciência* que não descansará até ter pensado profundamente em todo o cosmos; uma *Religião* que ainda não pode sentar-se até ter impregnado cada esfera da vida humana; e assim também deve haver uma *Arte* que, não desprezando nenhum

departamento da vida adota em seu esplêndido mundo toda a vida humana, inclusive a religião.

O Calvinismo Avançando Concretamente o Desenvolvimento das Artes

Escultura e Arquitetura

Deixem esta sugestão sobre a grande extensão do campo da arte introduzir meu último ponto, a saber, que o Calvinismo também tem *realmente e num sentido concreto promovido o desenvolvimento das artes*. Apenas é necessário lembrar que, no reino da arte, ele não foi capaz de fazer o papel de um feiticeiro, e somente poderia trabalhar com elementos naturais. Que o italiano tem uma voz mais melodiosa do que o escocês, e que o alemão é arrebatado por um impulso mais apaixonado pelo canto do que o holandês, são elementos básicos com os quais a arte deve contar, sob a supremacia Romana bem como sob a do Calvinismo. Um fato inegável, que explica porque não é nem lógico nem honesto repreender o Calvinismo por aquilo que simplesmente é devido às diferenças de caráter nacional. Igualmente clara é a verdade de que, nos países do Norte da Europa, ele não foi capaz de fazer a terra produzir, como por mágica, mármore, pórfiro[94] ou pedra sabão, e que por isso as artes da escultura e da arquitetura, que requerem valiosas pedras naturais, foram mais prontamente desenvolvidas naqueles países onde abundavam pedreiras do que num país tal como a Holanda, onde a terra consiste de argila e lamaçal. Portanto, somente podem ser consideradas aqui a poesia, a música e a pintura, como as três artes livres que são mais independentes de todos os elementos naturais.

Isto não significa que as Prefeituras flamenga (belga) e holandesa falharam em manter uma posição de honra própria delas entre as criações de arquitetura. Louvain e Middleburg, Antuérpia e Amsterdã ainda dão testemunho do que a arte holandesa fez em pedra. E aquele que vê as estátuas em Antuérpia, e na sepultura de William o Silencioso, esculpidas por Quellinus e por De Heyzers, não questiona a habilidade de nossos artistas do formão. Porém, isto está sujeito à objeção de que o

[94] NT – Termo aplicado às rochas extrusivas e aos diques, bem como às rochas que apresentam textura porfirítica; espécie de mármore verde ou purpúreo, salpicado de outras cores.

estilo de nossa Prefeitura foi construído muito antes do Calvinismo surgir na Holanda, e que, mesmo em seu desenvolvimento posterior, ela não exibe um único traço que possa fazer alguém lembrar do dele. Em virtude de seu princípio, o Calvinismo não construiu catedrais, nem palácios, nem anfiteatros, e foi incapaz de povoar com ornamentos esculpidos os nichos vagos destas gigantescas construções.

Poesia

De fato, os méritos do Calvinismo, no que diz respeito a arte, devem ser encontrados noutro lugar. Não nas artes objetivas, mas exclusivamente nas artes mais subjetivas que, não dependendo do patrocínio da riqueza nem carecendo de pedreira de mármore, tem sua origem espontânea na mente humana. Em relação à poesia, não posso fazer nenhuma menção adicional. Com que propósito deveria revelar a vocês os tesouros de nossa própria literatura holandesa, pois os reduzidos limites dentro dos quais nosso idioma holandês está confinado excluíram nossa poesia do mundo em geral. Este privilégio de fazer de sua poesia um fenômeno mundial é reservado somente para aquelas nações maiores, cujo idioma, sendo falado por milhões e milhões, torna-se um veículo de comunicação internacional. Mas se o território do *idioma* é limitado a nações muito pequenas, o *olho* é internacional, e a música escutada pelo *ouvido* é entendida em cada coração. Portanto, a fim de que possamos traçar a influência do Calvinismo sobre o desenvolvimento e o bem-estar da arte, devemos limitar-nos, no sentido internacional, às duas artes subjetivas e independentes, a *pintura* e a *música*.

Pintura

Sobre estas artes deve ser declarado que, antes dos dias do Calvinismo, elas pairavam muito acima da vida comum das nações, e que somente sob a influência do Calvinismo elas desceram para a vida muito mais rica do povo. Em relação à pintura, basta recordar as produções da arte holandesa através do pincel e do bico de pena nos séculos 16 e 17. É suficiente aqui o nome de Rembrandt para despertar diante de sua imaginação todo um mundo de tesouros de arte. Os museus de cada país e continente ainda competem ao máximo um com o outro, em seus

esforços para obter algum exemplar de sua obra. Até mesmo seus investidores tem apreço por uma escola de arte que represente tão vastos retornos financeiros.

Mesmo em nossos dias por todo o mundo os mestres ainda tomam emprestado seus mais eficientes motivos e suas melhores tendências artísticas do que, naquele tempo, exigiu a admiração do mundo como uma escola de pintura inteiramente nova. Certamente isto não quer dizer que todos estes pintores foram pessoalmente calvinistas leais. Na antiga escola de arte, que prosperou sob a influência de Roma, os “bon Catholiques” também eram muito raros. Tais influências não operam pessoalmente, mas colocam sua impressão sobre o ambiente e sociedade, sobre o mundo das percepções, das representações e do pensamento; e como um resultado destas várias impressões surge uma escola de arte.

Tomada neste sentido, a antítese entre o passado e o presente na escola de arte holandesa é inconfundível. Antes deste período, nenhum valor era dado ao povo; somente eram considerados dignos de nota *aqueles* que eram superiores ao homem comum, a saber, o elevado mundo da Igreja e dos sacerdotes, dos cavaleiros e príncipes. Mas, desde então, o povo atingiu a maioridade, e sob os auspícios do Calvinismo a arte da pintura, profetizadora de uma vida democrática de épocas posteriores, foi a primeira a proclamar a maturidade do povo. A família deixou de ser um anexo para a Igreja e declarou esta posição em seu significado independente.

Através da luz da graça comum foi visto que a vida não eclesiástica também possuía grande importância e uma multifacetada motivação artística. Tendo estado obscurecida por muitos séculos pela distinção de classes, a vida do homem comum saiu de seu esconderijo como um novo mundo, em toda sua solene realidade. Foi a ampla emancipação de nossa vida terrena ordinária, e o instinto por liberdade, que de tal modo capturou o coração das nações e as inspirou com o deleite no gozo de tesouros tão cegamente negado. Até mesmo Taine tem entoado os louvores da bênção que saiu do amor calvinista pela liberdade para o reino da arte, e Carrière, que por si mesmo estava igualmente longe de simpatizar-se com o Calvinismo, ruidosamente proclama que somente ele

foi capaz de abrir o campo sobre o qual a arte livre poderia prosperar.

Além disso, freqüentemente tem sido observado que o conceito da eleição pela livre graça tem contribuído muito para o interesse da arte na importância oculta do que aparentemente era pequeno e insignificante. Se um homem comum, a quem o mundo não presta nenhuma atenção especial, é estimado e até mesmo escolhido por Deus como um de seus eleitos, isto deve levar o artista a encontrar também um motivo para seus estudos artísticos no que é comum e de ocorrência diária, a prestar atenção às emoções e questões do coração humano nisto, a compreender com seu instinto artístico seus impulsos ideais, e finalmente, através de seu pincel interpretar para o mundo em geral a preciosa descoberta que fez.

Até mesmo extravagâncias loucas e drásticas tornaram-se o motivo para produções artísticas, simplesmente como revoluções do coração humano e como manifestações da vida humana. Deveria ser mostrado também ao homem a imagem de sua loucura, para que ele possa afastar-se do mal. Até aqui o artista traçava sobre suas telas as figuras idealizadas de profetas e apóstolos, de santos e sacerdotes; agora, contudo, quando ele viu como Deus escolheu para si mesmo o porteiro e o assalariado, interessou-se não somente na cabeça, na figura e na personalidade toda do homem do povo, mas começou a reproduzir a expressão humana de cada classe e condição social. E se até aqui os olhos de todos estavam fixados constante e somente sobre os sofrimentos do "Varão de Dores", agora alguns começaram a entender que também havia um sofrimento místico na desgraça geral do homem, revelando profundezas até agora imensuráveis do coração humano, e com isso habilitando-nos a sondar muito melhor as dimensões ainda mais profundas das agonias misteriosas do Gólgota. O poder eclesiástico não restringiu mais o artista, e o ouro principesco não o acorrentou mais em seus grilhões. No caso do artista, ele também era homem, misturando-se livremente entre o povo, e descobrindo em e atrás de sua vida humana algo completamente diferente daquilo que o palácio e o castelo até agora lhe tinham fornecido, algo que também provou ser muito mais valioso do que o olho mais perspicaz jamais tinha suposto. Como Taine tão significativamente disse: Para Rembrandt, a vida humana esconde sua

face atrás de muitas nuanças sombrias, mas mesmo neste *chiaroscuro*[95] sua compreensão sobre esta vida era profundamente real e significativa.

Portanto, como resultado da declaração de maturidade do povo e do amor pela liberdade, os quais o Calvinismo despertou no coração das nações, a comum mas rica vida humana revelou para a arte um mundo inteiramente novo, abrindo os olhos para o pequeno e para o insignificante, e abrindo o coração para os sofrimentos da humanidade. A partir do rico conteúdo deste mundo recentemente descoberto, a escola holandesa de arte produziu sobre telas aquelas maravilhosas produções artísticas que ainda imortalizam sua fama, e que tem mostrado o caminho para novas conquistas a todas as nações.

Música

Finalmente, quanto a importância que o Calvinismo teve para a Música, nos defrontamos com uma de suas excelências que, embora muito menos conhecida, é entretanto grandemente importante – como o Sr. Douen nos ensinou há dez anos, em seus dois grandes volumes sobre Marot. A música e a pintura correm paralelas aqui. Do mesmo modo como no período eclesiástico-aristocrático era apenas o alto e o santo que interessavam aos mestres do pincel, assim também na música o cantochão de Gregório era dominante, o qual abandonou o ritmo, desprezou a harmonia, e que, segundo um crítico profissional, por seu caráter provisoriamente conservador obstruiu o caminho para o maior desenvolvimento artístico da música.

Abaixo do nível deste grandioso cantochão fluía o canto mais livre do povo, muitas vezes, por incrível que pareça, inspirado pela adoração a Vênus, que no tempo das assim chamadas “Festas dos Burros”, para grande vergonha dos oficiais eclesiásticos, penetrava até mesmo as paredes das igrejas e ali provocava aquelas cenas repulsivas que o Concílio de Trento conseguiu pela primeira vez banir. Somente a Igreja era privilegiada para fazer música, enquanto que aquela que o povo produzia era desprezada como sendo inferior à dignidade da arte. Até mesmo na oratória em si, enquanto era permitido ao povo ouvir a música

[95] Chiaroscuro, do Latim “clarus”: claro e escuro, obscuro. Indica uma combinação de luz e sombras na pintura.

santa, lhe era proibido juntar-se em cantos. Assim, como arte, a música estava quase completamente privada de sua posição independente. Somente à medida que pudesse servir a igreja lhe era permitido prosperar artisticamente.

Tudo quanto ela empreendia por sua própria responsabilidade não tinha apelo maior do que o uso popular. Assim como em cada departamento da vida, o Protestantismo em geral, mas o Calvinismo mais consistentemente refreou a tutela da igreja, assim também a música foi emancipada por ele, e o caminho aberto para este tão esplêndido desenvolvimento moderno. Os homens que primeiro arranjaram a música do Salmo para o canto calvinista foram os bravos heróis que cortaram as amarras que nos prendiam ao *Cantus firmus*, e selecionaram suas melodias do mundo livre da música. Sem dúvida, ao fazerem isto adotaram as melodias do povo, mas como Douen corretamente observa, somente a fim de que pudessem devolver estas melodias ao povo purificadas e batizadas na seriedade cristã. A música também prosperaria daqui por diante, não dentro das restritas limitações da graça particular, mas nos campos amplos e férteis da graça comum. O coro foi abandonado; o próprio povo cantaria no santuário, e por isso Bourgeois[96] e a virtuosi calvinista que o seguiu foram obrigados a fazer sua seleção das melodias populares, mas com este fim em vista, a saber, que agora o povo não cantaria mais no bar ou na rua, mas no santuário, e assim, em suas melodias levaram a seriedade do coração a triunfar sobre o calor das paixões inferiores.

Se este é o mérito geral do Calvinismo, ou antes a mudança que ele realizou no campo da música, obrigando a idéia do laicato a dar lugar àquela do sacerdócio universal dos crentes, a exatidão histórica requer uma elucidação ainda mais concreta. Se Bourgeois foi o grande mestre cujas obras ainda lhe asseguram a primeira posição entre os mais notáveis compositores protestantes da Europa, é também digno de nota que Bourgeois viveu e trabalhou em Genebra, debaixo dos próprios olhos de Calvino e em parte até mesmo sob sua direção. Foi este mesmo

---

[96] Loys Bourgeois, nascido em cerca de 1310 em Paris, em 1541 seguiu Calvino para Genebra onde tornou-se "chartre" da igreja. Ele foi um dos primeiros "psalmbewerkers". Mas desde que ele desejou introduzir salmos ainda mais "meerstemmige", ele entrou em conflito com Calvino e seu

Bourgeois que teve a coragem de adotar o ritmo e de trocar os oitos modos[97] Gregorianos pelos dois de clave maior e menor da música popular; de santificar esta arte em hinos consagrados, e assim colocar a marca de honra sobre este arranjo musical de tons, no qual toda música moderna tem sua origem. Do mesmo modo Bourgeois adotou a harmonia ou o canto das várias partes. Foi ele quem uniu a melodia ao verso, o que é chamado de *expressão*. O solfejo, isto é, o canto por notas, a redução do número de cordas, a distinção mais clara de várias escalas, etc., através dos quais o conhecimento da música foi muito simplificado, tudo é devido à perseverança deste compositor calvinista.

Quando Goudimel[98], seu colega calvinista, antigo professor do grande Palestrina em Roma, prestando atenção ao canto do povo na igreja, descobriu que a voz mais alta das crianças sobrepujava o tenor, a qual até agora mantinha a liderança, ele, pela primeira vez, deu a voz de liderança ao soprano; uma mudança de grande influência que, desde então, sempre tem sido mantida.

Perdoem-me se por um momento detive vocês com estes particulares, mas os méritos do Protestantismo, e mais particularmente do Calvinismo, na música são de uma ordem muito alta para sofrer depreciação sem protesto. Reconheço plenamente que o Calvinismo exerceu sobre algumas artes uma influência indireta, declarando sua maturidade, e permitindo sua liberdade prosperar em sua própria independência, mas na música a influência do Calvinismo foi muito positiva devido a sua adoração espiritual de Deus, a qual não proveu um lugar para as artes mais materiais, mas deu uma nova função para o canto e para a música pela criação de melodias e cânticos para o povo. O que quer que a velha escola tenha feito para unir-se ao desenvolvimento mais recente da música, a música moderna continuou algo alheio para o *cantus firmus*, porque nasceu de uma raiz completamente diferente. O Calvinismo, por outro lado, não somente uniu-se a ela, mas sob a

---

consistório, e em 1557 retornou a Paris. Ele publicou seu “vierstemmige” Saltério em Lion (1547) e Paris (1554). Também escreveu: *“Le droict chemin de musique”*, 1550.

[97] NT - Ordem de sucessão de sons e semitons na escala diatônica.

[98] Claude Goudimel, nasceu em Besancon, França, em 1505 ou 1510. Em cerca de 1540 ele abriu uma Escola de Música. Não pode ser negado que Palestrina antigamente foi um de seus pupilos. Ele abraçou a religião reformada e estabeleceu-se em Lion onde foi assassinado durante a noite de São Bartolomeu, em 1572. Ele proveu música para os Salmos (1562) e divulgou tons ainda em uso.

liderança de Bourgeois e Goudimel deu-lhe seu primeiro impulso, de modo que até mesmo os escritores Católicos romanos são obrigados a reconhecer que nosso belo desenvolvimento da música no último e no presente século, em sua maior parte, teve sua origem nos hinos da igreja herética.

Não pode ser negado que num período posterior o Calvinismo perdeu quase toda influência neste campo. Por um longo tempo o Anabatismo nos oprimiu com seus preconceitos dualistas, e prevaleceu um espiritualismo doentio. Mas quando por causa disto, com completo desprezo de nosso grande passado musical, o Calvinismo é acusado por Roma de estupidez estética, é bom recordar que o grande Goudimel foi assassinado pelo fanatismo romanista no massacre de São Bartolomeu. Este fato é sugestivo; pois como Douen perguntamos: Aquele homem que com sua própria mão capturou e matou o rouxinol, tem qualquer direito de criticar o silêncio da floresta?

Sexta Palestra
CALVINISMO E O FUTURO

O principal propósito de proferir minhas palestras neste país foi o de erradicar o conceito errôneo de que o Calvinismo representou um movimento exclusivamente dogmático e eclesiástico.

O Calvinismo *não se deteve* numa ordem eclesiástica, porém expandiu-se em um *sistema de vida*. E não exauriu sua energia numa construção dogmática, mas criou uma *vida* e uma cosmovisão tal, que foi e ainda é capaz de ajustar-se às necessidades de cada estágio do desenvolvimento humano, em cada um de seus departamentos. Ele elevou nossa Religião Cristã ao seu mais alto esplendor espiritual; criou uma ordem eclesiástica que tornou-se a pré-formação da confederação de estados; provou ser o anjo da guarda da ciência; emancipou a arte; divulgou um esquema político que deu à luz o governo constitucional tanto na Europa como na América; encorajou a agricultura e a industria, o comércio e a navegação; colocou uma marca completamente cristã sobre a vida da família e sobre os laços familiares; através de seu alto padrão moral promoveu pureza em nossos círculos sociais; e para produzir este multiforme efeito colocou sob a Igreja e o Estado, sob a sociedade e a vida da família uma concepção filosófica fundamental estritamente derivada de seu princípio dominante, e portanto, completamente própria.

Por si mesmo, isto exclui todo conceito de reprimitivização imitativa. E o que os descendentes dos velhos calvinistas holandeses, bem como dos pais Peregrinos, devem fazer não é copiar o passado, como se o Calvinismo fosse uma petrificação, mas voltar à raiz viva da planta calvinista para limpá-la e regá-la, e assim fazê-la brotar e florir uma vez mais, agora completamente de acordo com nossa vida atual nestes tempos modernos e com as exigências dos tempos por vir.

Isto justifica o assunto de minha palestra final. *É preciso um novo desenvolvimento calvinista de acordo com as necessidades do futuro.*

A perspectiva deste futuro não se apresenta a nós, como todo estudante de sociologia reconhecerá, em cores brilhantes. Eu não iria tão longe a ponto de afirmar que estamos às vésperas da falência social universal, mas que os sinais dos tempos são ameaçadores não admite negação. Sem dúvida, imensos ganhos estão sendo registrados ano a

ano quanto ao controle da natureza e suas forças, e, neste aspecto, a imaginação mais audaciosa é incapaz de predizer que altitudes de poder a raça pode atingir no próximo meio século. Como resultado disto, os confortos da vida estão aumentando. O intercâmbio mundial e a comunicação estão se tornando continuamente mais rápidos e comuns. A Ásia e a África, até recentemente adormecidas, gradualmente sentem-se puxadas para dentro do largo círculo da vida ativa. Ajudados pelo esporte, os princípios de higiene exercem uma influência crescente. Conseqüentemente, somos fisicamente mais fortes do que a geração anterior. Nós vivemos mais. E combatendo as deficiências e enfermidades que ameaçam e afligem nossa vida física, a ciência cirúrgica nos maravilha com suas realizações. Em resumo, o lado material e tangível da vida oferece a mais promissora das promessas para o futuro.

Todavia o insatisfeito faz-se ouvido, e a mente pensante não pode suprimir suas dúvidas; pois, não importa quão alto as coisas materiais possam ser estimadas, elas não preenchem o conjunto de nossa existência como homens. Nossa vida pessoal como homens e cidadãos subsiste não no conforto que nos cerca, nem no corpo, o qual nos serve como elo com o mundo exterior, mas no espírito que internamente nos impele; e nesta consciência interior estamos nos tornando mais e mais dolorosamente cientes de como a hipertrofia de nossa vida exterior resulta numa séria atrofia da vida espiritual. Não como se as faculdades do pensamento e da reflexão, as artes da poesia e da literatura, estivessem em suspensão. Pelo contrário, a ciência empírica está mais brilhante do que nunca em suas consecuções, o conhecimento universal expande-se em círculos que se ampliam cada vez mais, e a civilização, no Japão por exemplo, está quase deslumbrada por suas conquistas tão rápidas. Mas mesmo o intelecto não constitui a mente. A personalidade está assentada mais profundamente nos recônditos secretos de nosso ser interior, onde o caráter é formado, de onde o fogo do entusiasmo é aceso, onde estão colocados os fundamentos morais, onde as flores do amor florescem, de onde nascem a consagração e o heroísmo e onde no senso pelo Infinito nossa existência limitada alcança até os próprios portões da eternidade. É com referência a este assento da personalidade que

ouvimos de todos os lados a queixa sobre o empobrecimento, degeneração e petrificação. O prevalecer deste estado de *mal-estar* explica o surgimento de um estado de espírito como o de Arthur Schopenhauer; e a ampla aceitação de sua doutrina pessimista revela a que extensão deplorável este Siroco[99] já tem chamuscado os campos da vida. É verdade que o esforço de Tolstoi mostra força de caráter, mas mesmo sua teoria religiosa e social é um protesto em todo sentido contra a degeneração espiritual de nossa raça. Friedrich Wilhelm Nietzsche[100] pode ofender-nos com sua zombaria sacrílega, contudo o que é sua exigência pelo *"Uebermensch"* (super-homem), senão o grito de desespero arrancado à força do coração da humanidade, pela amarga consciência de que está espiritualmente consumindo-se de desgosto? O que é Social Democracia senão também um protesto gigante contra a insuficiência da ordem das coisas existentes? Semelhantemente o Anarquismo e o Niilismo senão simplesmente demonstrar que existem milhares sobre dez milhares que prefeririam demolir e aniquilar tudo, do que continuar a suportar o fardo das condições atuais. O alemão autor do livro *"Decadenz der Völker"* nada vislumbra no futuro exceto decadência e ruína social. Até mesmo o sensato Lord Salisbury recentemente falou de pessoas e estados para quem já estavam sendo feitos preparativos para enterro sem cerimônia. Quão freqüentemente não tem sido traçado o paralelo entre nosso tempo e a época de ouro do império Romano, quando o brilho externo da vida igualmente deslumbrava a visão, apesar de que o diagnóstico social não poderia produzir outro veredicto senão "completamente podre". E, embora sobre o continente Americano, num mundo mais jovem, prevaleça um tom relativamente mais sadio do que na senescente[101] Europa, todavia isto nem por um momento engana a mente pensante. É impossível para vocês excluírem-se hermeticamente do mundo, vocês não formam uma humanidade separada, mas são membros do grande corpo da raça. E o veneno tendo uma vez entrado no sistema num único ponto, no devido tempo necessariamente deve espalhar-se por todo o organismo.

Então, a questão séria com a qual somos confrontados é: se

---

[99] NT – Vento quente do sul africano, sobre o Mediterrâneo

[100] F. W. Nietzsche, 1844-1900, filósofo alemão; morreu insano. Autor de *Assim Falou Zaratustra*.

podemos esperar que, pela evolução natural, uma fase mais elevada de vida social se desenvolverá do declínio espiritual atual. A resposta que a História fornece para esta questão está longe de ser animadora. Na Índia, na Babilônia, no Egito, na Pérsia, na China e em qualquer outra parte, períodos semelhantes de desenvolvimento foram seguidos por tempos de decadência espiritual; e até agora em nenhuma destas terras o curso decadente, finalmente, transformou-se num movimento para coisas mais elevadas. Todas estas nações têm perseverado em sua estagnação espiritual até ao dia de hoje. Somente no Império Romano a escuridão da noite da desmoralização ilimitada foi quebrada pela alvorada de uma vida mais elevada. Mas esta luz não surgiu por meio da evolução; ela brilhou da Cruz do Calvário. O Cristo de Deus revelou-se, e a sociedade daquele tempo foi salva da destruição certa somente por meio de seu Evangelho. E novamente, quando no final da Idade Média a Europa estava ameaçada com a falência social, uma segunda ressurreição da morte e uma manifestação de novo poder vital foram testemunhados, agora entre os povos da Reforma, mas esta vez também não foi por meio da evolução, mas novamente através do mesmo Evangelho pelo qual os corações estavam anelando e cujas verdades foram livremente proclamadas como nunca antes. Que antecedentes, então, a História fornece para levar-nos a esperar que uma evolução da vida a partir da morte na presente ocasião, enquanto que os sintomas de decomposição já sugerem o amargor da sepultura? É verdade que Maomé, no sétimo século, foi bem-sucedido em causar um reboliço entre os ossos mortos através de todo o Oriente, lançando-se sobre as nações como um segundo Messias, até mesmo maior do que Cristo. E se fosse possível a vinda de um outro Cristo, excedendo em glória o Cristo de Belém, então certamente estaria encontrada a cura para a corrupção moral. Por isso alguns, de fato, têm esperado ansiosamente a vinda de algum “Espírito Universal” glorioso, que possa novamente instilar seu poder vitalizante na corrente sanguínea das nações. Mas por que demorar-se por mais tempo em tais fantasias? Possivelmente, nada *pode* exceder o Cristo dado por Deus, e o que devemos esperar em vez de um segundo Messias é a segunda vinda do mesmo Cristo do Calvário, desta vez com o cetro em sua mão para

---

[101] NT – De “senescência” que indica envelhecimento; decrepitude, senilidade, velhice.

julgamento, não para dar início a uma nova evolução para nossa vida amaldiçoada pelo pecado, mas para alcançar seu objetivo e solenemente concluir a história do mundo. Portanto, quer esta segunda vinda esteja perto, e o que estamos testemunhando sejam as agonias de morte da humanidade; quer um rejuvenescimento ainda esteja reservado para nós; mas neste caso, este rejuvenescimento somente pode vir através do velho e todavia sempre novo Evangelho que, no começo de nossa era, e novamente na época da Reforma, salvou a vida ameaçada de nossa raça.

Contudo, a característica mais alarmante da situação atual é a lamentável ausência desta receptividade em nosso organismo doentio, a qual é indispensável para a realização da cura. No mundo greco-romano existiu esta receptividade; os corações abriram-se espontaneamente para receber a verdade. Esta receptividade existiu na época da Reforma em um grau ainda mais forte, quando grandes massas clamavam pelo evangelho. Naquela época, como agora, o corpo sofria de anemia, e a toxemia[102] igualmente tinha começado, porém não havia aversão ao único antídoto eficaz. É precisamente isto que agora distingue nossa decadência moderna das duas precedentes, que a receptividade dos povos ao Evangelho está em decréscimo, enquanto que a aversão positiva dos cientistas a ele está em crescimento. O convite para dobrar os joelhos diante de Cristo como Deus, muitas vezes é respondido com um meneio dos ombros, se não com a resposta sarcástica: “Adequado para crianças e mulheres velhas, não para nós homens!” A Filosofia moderna, que é bem-sucedida, considera-se numa medida sempre crescente como tendo *superado* o Cristianismo.

Portanto, antes de mais nada, a questão que deve ser respondida é: o que nos conduziu a esta situação. Uma questão que deriva sua suprema importância do fato de que somente um diagnóstico correto pode levar a um tratamento eficaz. Ora, historicamente, a causa desta situação é encontrada em nada mais do que na degeneração espiritual que marcou o final do século passado. A responsabilidade por esta degeneração repousa, indubitavelmente, em parte com as próprias Igrejas Cristãs, não excluindo as da Reforma. Exaustas por sua luta contra

[102] NT - Refere-se a intoxicação do sangue.

Roma, estas últimas caíram adormecidas, permitiram que as folhas e as flores murchassem em seus ramos e aparentemente tornaram-se negligentes quanto a seus deveres em relação a humanidade e a toda esfera da vida humana. Não é necessário entrar nisto mais detalhadamente. Pode ser admitido que, com respeito ao fim daquele século, o tom geral da vida se tornara insípido e ordinário, desprezível e profundamente vil. A ansiosamente devorada literatura daquele período fornece a prova. Como reação contra isto, foi então feita a proposta pelos filósofos deístas e ateístas, primeiro na Inglaterra mas depois, principalmente na França, por parte dos Enciclopedistas, para colocar toda a vida sobre uma nova base, virar de cabeça para baixo a ordem existente das coisas, e organizar um novo mundo sobre a suposição de que a natureza humana continua em seu estado não corrompido. Esta concepção foi heróica e provocou uma reação; ela tocou algumas das cordas mais nobres do coração humano. Mas na grande Revolução de 1789 ela foi posta em prática em sua forma mais perigosa; pois nesta vigorosa revolução, nesta sublevação não somente das condições políticas mas ainda mais das convicções, conceitos e costumes da vida, dois elementos deveriam ser claramente distinguidos. Em um aspecto ela foi uma imitação do Calvinismo, enquanto que em outro, estava em direta oposição aos seus princípios. A grande Revolução, não deveria ser esquecida, nasceu num país Católico Romano onde, primeiro na noite de São Bartolomeu e subseqüentemente pela revogação do Edito de Nantes, os Hugenotes foram massacrados e banidos. Após esta violenta repressão do Protestantismo na França e em outros países Católicos romanos, o antigo despotismo recobrou sua ascendência, e estas nações perderam todos os frutos da Reforma. Esta Revolução, como caricatura do Calvinismo, convidou e constrangeu para a tentativa de atingir a liberdade pela violência externa, e para estabelecer um estado pseudodemocrático de coisas, que deveria impedir para sempre o retorno do despotismo. Assim, a Revolução Francesa, respondendo violência com violência, crime com crime, lutou pela mesma liberdade social que o Calvinismo tinha proclamado entre as nações, mas que foi tentada por ele por meio de um movimento puramente espiritual. Por isso, a Revolução Francesa, num certo sentido, executou um julgamento de Deus, um

resultado que proporciona motivo de regozijo até mesmo para os calvinistas. As trevas de De Coligny foram vingadas nos homicídios de Mazas em Setembro.

Mas este é apenas um lado da moeda. Seu reverso mostra um propósito diretamente *oposto* ao sadio conceito calvinista de liberdade. O Calvinismo, em virtude de sua concepção profundamente séria da vida, fortaleceu e consagrou os laços sociais e éticos; a Revolução Francesa os alargou e soltou completamente, separando a vida não simplesmente da Igreja, mas igualmente das ordenanças de Deus, até mesmo do próprio Deus. O homem como tal, cada indivíduo daqui por diante, deveria ser seu próprio senhor e mestre, guiado por seu próprio livre arbítrio e bel-prazer. O trem da vida deveria correr ainda mais rapidamente do que até agora, mas não mais obrigado a seguir os trilhos dos mandamentos divinos. O que mais poderia resultar senão destruição e ruína? Perguntem sobre a França de hoje, que fruto o conceito fundamental de sua grande Revolução produziu para a nação após seu primeiro século de livre influência tão rica em horrores. E a resposta vem numa deplorável história de decadência nacional e desmoralização social.

Humilhada pelo inimigo dalém do Reno, internamente rasgada pela fúria da guerrilha, desonrada pela conspiração Panamá e mais ainda pelo caso Dreyfus, desgraçada por sua pornografia, vítima da regressão econômica, estacionária, e não somente isso, até mesmo diminuindo em população. Como acertadamente foi dito pelo Dr. Garnier, uma autoridade médica no assunto, a França tem sido levada a degradar o casamento pelo egotismo[103], a destruir a vida familiar pela luxúria e apresenta hoje, em amplos círculos, o espetáculo repugnante de homens e mulheres perdidos em pecado sexual anormal. Estou ciente de que ainda existem na França milhares e milhares de famílias vivendo sem reprovação, que amorosamente se entristecem pela ruína moral de seu país, entretanto há muitos círculos que têm resistido a falsa pretensão da Revolução; e, por outro lado, os círculos quase bestializados são aqueles que têm sucumbido ao primeiro assalto do Voltarianismo.

A partir da França este espírito de dissolução, esta paixão de emancipação selvagem, se espalhou entre as outras nações,

---

[103] NT – O mesmo que “egoísmo”.

especialmente por meio de uma literatura infame e obscena, e infectou suas vidas. Então mentes mais nobres, particularmente na Alemanha, percebendo que profundidade de iniqüidade foi alcançada na França, fizeram a corajosa tentativa de conceber este sedutor e degradante conceito de “emancipação de Deus” numa forma mais elevada, embora ainda retendo sua essência. Filósofos de primeira classe, numa procissão pomposa, cada um construiu para si mesmo uma cosmologia, esforçando-se para restaurar um alicerce firme para as relações sociais e éticas, quer colocando-as sobre a base da lei natural, quer lhes dando um substrato ideal desenvolvido de suas próprias especulações. Por um momento esta tentativa pareceu ter uma promissora chance de sucesso; pois, em vez de banir Deus ateisticamente de seus sistemas, esses filósofos procuraram refúgio no Panteísmo, e assim tornaram possível fundamentar a estrutura social, não como a Francesa sobre um estado natural ou sobre a vontade atomística do indivíduo, mas sobre o processo da História e a vontade coletiva da raça, inconscientemente inclinando-se para o objetivo mais elevado. E, de fato, por mais de meio século esta Filosofia tem conferido uma certa estabilidade a vida; não que alguma estabilidade real fosse inerente aos próprios sistemas, mas porque a ordem da lei estabelecida e as fortes instituições políticas na Alemanha emprestaram o suporte indireto da tradição para as paredes de um edifício que, de outro modo, teria desmoronado imediatamente. Contudo, mesmo assim ela não poderia impedir que na Alemanha também, os princípios morais se tornassem mais e mais problemáticos, os alicerces morais mais e mais inseguros, nenhum outro direito senão aquele da lei natural recebia reconhecimento; e, por mais que o desenvolvimento alemão e francês possam diferir entre si, ambos concordam em sua aversão e rejeição ao Cristianismo tradicional. A *“Ecrasez l’infâme”* de Voltaire já é deixada para trás pelas expressões blasfemas sobre Cristo de Nietzsche, e este é o autor cujas obras estão sendo mais ansiosamente devoradas pelos jovens da *moderna* Alemanha de nossos dias.

Deste modo então, nós na Europa ao menos, temos chegado ao que é chamado *vida moderna*, envolvendo uma ruptura radical com a tradição cristã da Europa do passado. O espírito desta *vida moderna* é

mais claramente marcado pelo fato de que ela procura a origem do homem não na criação conforme a imagem de Deus, mas na evolução do animal. Dois conceitos fundamentais estão claramente envolvidos nisto: 1) que o ponto de partida não é mais o ideal ou o divino, mas o material e o vulgar; 2) que a soberania de Deus, que deveria ser suprema, é negada e o homem rende-se à influência mística de um processo sem fim, um *regressus* e *processus in infinitum*. Da raiz destes dois conceitos férteis está sendo desenvolvido agora um duplo tipo de vida. Por um lado a interessante, rica e altamente organizada vida dos círculos universitários, atingível somente pelas mentes mais cultas; e ao lado desta, ou melhor muito inferior a ela, uma vida materialista do povo, ansiando por prazeres, mas, ao seu próprio modo, também tendo seu ponto de partida na matéria, e igualmente, mas conforme seu próprio estilo cínico, emancipando-se de todas as ordenanças estabelecidas. Especialmente em nossas crescentes grandes cidades, este segundo tipo de vida está obtendo o controle, suprimindo a voz dos distritos rurais e está dando forma a opinião pública, que aprova seu caráter ímpio mais abertamente a cada nova geração. Dinheiro, prazer e poder social são os únicos objetos de busca; e as pessoas estão crescendo continuamente menos melindrosas com respeito aos meios empregados para garanti-los. Assim, a voz da consciência torna-se cada vez menos audível, e mais opaco o brilho dos olhos que, nas vésperas da Revolução Francesa, ainda refletiam algum lampejo do ideal. O fogo de todo entusiasmo mais elevado foi apagado, permanecem apenas brasas mortas. Em meio ao cansaço da vida, o que pode impedir o desapontado de se refugiar no suicídio? Privado da influência saudável do repouso, o cérebro está superestimulado e extenuado ao ponto de os asilos não serem mais a solução para os insanos. Se a propriedade não é sinônimo de roubo, torna-se uma questão discutida mais seriamente. Que a vida deve ser mais livre e o casamento menos obrigação está sendo mais aceita como uma proposta estabelecida. A causa da monogamia não é mais digna de luta, visto que a poligamia e a poliandria estão sendo glorificadas sistematicamente em todos os produtos da escola de arte e literatura realista. Em harmonia com isto, a religião é naturalmente declarada supérflua porque ela torna a vida triste. Mas a arte, sobretudo a arte é

muito procurada, não por causa de seu ideal digno, mas porque agrada e intoxica os sentidos. Assim, as pessoas vivem no tempo e por coisas temporais, e fecham seus ouvidos ao dobrar dos sinos da eternidade. A tendência irreprimível é fazer todo conceito de vida concreto, concentrado, prático. E desta vida privada moderna emerge um tipo de vida social e política caracterizada por uma decadência do parlamentarismo, por um desejo cada vez mais forte por um ditador, por um claro conflito entre pauperismo[104] e capitalismo, enquanto armamentos pesados para a terra e para o mar, até mesmo ao preço da ruína financeira, tornam-se o ideal desses estados poderosos cujo anseio pela expansão territorial ameaça a própria existência das nações mais fracas. Gradualmente, o conflito entre o forte e o fraco tem crescido para tornar-se a característica controladora da vida, nascendo do próprio Darwianismo, cujo conceito central de uma *luta pela vida* tem como motivo principal esta própria antítese. Desde que Bismarck o introduziu na mais elevada política, a máxima do direito do mais forte encontrou aceitação quase universal. Os eruditos e especialistas de nossos dias exigem, com crescente audácia, que o homem comum deve curvar-se a sua autoridade. E o fim pode ser que apenas mais uma vez, os princípios sadios da democracia serão banidos, agora para dar lugar não a uma nova aristocracia de nascimento mais nobre ou de ideais mais elevados, mas para a grosseira e autoritária *kratistocracy* do poder brutal do dinheiro. De modo algum Nietzsche é excepcional, porém proclama, como seu mensageiro o futuro, de nossa vida moderna. E enquanto Cristo, em divina compaixão, mostrou a simpatia do coração vencedor para com o fraco, neste aspecto a vida moderna também toma a base exatamente oposta que o fraco deve ser suplantado pelo forte. Este *foi* o processo de seleção, eles nos dizem, ao qual nós mesmo devemos nossa origem, e este é o processo que, em nós e depois de nós, deve ser executado até suas últimas conseqüências.

----

[105]Entretanto, como observado acima, não deveria ser esquecido que flui na vida moderna um movimento lateral de origem mais nobre.

---

[104] NT – Relativo a pobreza, indigência, paupérie.
[105] O parágrafo seguinte foi revisado segundo o original holandês.

Surgiu uma hoste de homens magnânimos, que, esquivando-se da frieza incômoda da atmosfera moral, e pressentindo o perigo da brutalidade do egoísmo predominante, esforçou-se para colocar um novo entusiasmo na vida, em parte por meio do altruísmo, em parte mediante um culto místico dos sentimentos, em parte até mesmo através do chamado Cristianismo. Estes homens, embora concordando com a escola da Revolução Francesa em sua ruptura com a tradição cristã e em sua recusa de reconhecer qualquer ponto de partida ao lado daquele do empirismo e do racionalismo, entretanto como Kant faz, aceitando um dualismo grosseiro, tentaram escapar das conseqüências fatais de seus princípios. É precisamente deste dualismo que tiraram a inspiração para os mais nobres conceitos elaborados em suas teorias, incorporados em suas poesias, evocados diante de nossa imaginação em comoventes novelas, recomendados às nossas consciências em tratados éticos, e, nunca esqueçamos, não raramente concretizados na séria busca da vida. Com eles a consciência, lado a lado com o intelecto, mantinha sua autoridade, e esta consciência humana é assim ricamente dotada (geïnstrumenteerd) por Deus. Devemos à vigorosa iniciativa destes homens as numerosas investigações sociológicas e medidas práticas que têm suavizado e aliviado tanto sofrimento, e por meio de um altruísmo ideal tem envergonhado o egoísmo no coração de muitos. Tendo uma predisposição pessoal para o misticismo, alguns deles reivindicaram o direito de emancipar a vida interior da alma de todas as restrições da crítica. Perder a si próprio no Infinito e sentir o rio do Infinito pulsar através dos mais profundos recônditos da vida interior é, para eles, a piedade desejável. Por outro lado outros – especialmente os teólogos, - numa extensão menos divorciada do Cristianismo em razão de seus antecedentes, ofício ou ocupação erudita, concordando com este altruísmo e misticismo, incumbiram-se da tarefa de metamorfosear a Cristo de tal modo que ele poderia continuar a brilhar do trono da humanidade, como o ideal mais elevado do coração humano modernizado. Cada um inspirado pela sinceridade e inspirando por seus intentos ideais, estes esforços podem ser traçados de Schleiermacher para baixo até Ritschl.[106] Portanto, aquele que desprezasse tais homens,

[106] Albrecht Ritschl, 1822-1889. Teólogo alemão.

somente desonraria a si mesmo. Muito pelo contrário devemos ser gratos a eles pelo que se esforçaram por salvar, igualmente àquelas mulheres de nobres aspirações, que por meio de seus romances, escritos num espírito semelhantemente cristão, neutralizaram deste modo muito do que era egoísta, e criaram tantas sementes preciosas. Até mesmo o Espiritismo, apesar de estar cheio de erro, freqüentemente tem recebido seu impulso da encantadora esperança de que o contato com o mundo eterno, destruído pela crítica, poderia ser assim restabelecido através de visões de médiuns. Infelizmente, por mais corajosamente que este dualismo ético possa ser concebido, e por mais corajosas metamorfoses que este misticismo possa favorecer, sempre se moverá furtivamente por trás dele o sistema de pensamento naturalista, racionalista que o intelecto arquitetou. Eles exaltaram o caráter normal de sua cosmologia em oposição ao anormalismo de nossa fé; e a religião cristã, sendo anormalista em princípio e modo de manifestação, inevitavelmente perde terreno de tal modo que alguns de nossos melhores homens não relutaram em professar que davam preferência não somente ao Espiritismo, mas ao Islamismo e a Schopenhauer ou até mesmo ao Budismo à velha fé evangélica. É verdade que toda a falange de teólogos, de Schleiermacher a Pfleiderer, continuaram a prestar alta honra ao nome de Cristo, mas é igualmente inegável que isto somente foi possível pela sujeição de Cristo e da confissão cristã a metamorfoses sempre mais corajosas. Um fato doloroso, mas que torna-se absolutamente evidente, se vocês compararem o credo agora corrente nestes círculos com a confissão pela qual nossos mártires morreram.

Mesmo limitando-nos ao Credo Apostólico, que por quase dois mil anos substancialmente tem sido o padrão comum de todos os cristãos, encontramos que a crença em Deus como o “Criador do céu e da terra” foi abolida; pois a criação foi substituída pela evolução. Também foi abolida a crença no Filho de Deus, como nascido da Virgem Maria, por meio da concepção do Espírito Santo. Além disso, foi abolida por muitos a fé em sua ressurreição, ascensão e retorno para julgamento. Finalmente, foi abolida até mesmo a fé da igreja na ressurreição da morte, ou pelo menos na ressurreição do corpo. O nome da religião cristã ainda está sendo mantido, mas em essência tornou-se uma religião completamente

diferente em seus princípios, até mesmo de um caráter diametralmente oposto. E quando é apresentada contra nós a incessantemente acusação que, de fato, o Cristo tradicional da Igreja envolve uma metamorfose completa do Jesus genuíno, enquanto que a interpretação moderna tem revelado o verdadeiro caráter do Jesus histórico de Nazaré, nós apenas podemos responder que, afinal, historicamente não é esta concepção moderna sobre Jesus de Nazaré, mas a confissão da Igreja sobre Cristo é a única que tem vencido o mundo; e que século após século, o melhor e o mais piedoso de nossa raça tem homenageado ao Cristo da tradição e o tem reconhecido como seu salvador à beira da morte.

Embora desejando não dever nada a ninguém, por isso, com sincera apreciação do que é nobre nestas tentativas, estou plenamente firme em minha convicção de que nenhuma ajuda deve ser esperada deste quartel. Uma Teologia que virtualmente destrói a autoridade das Santas Escrituras como um livro sagrado; que nada vê no pecado exceto uma falta de desenvolvimento; que reconhece Cristo como nada mais que um gênio religioso de importância central; que vê a redenção como simples reversão de nosso modo subjetivo de pensar; e que se satisfaz num misticismo dualisticamente oposto ao mundo do intelecto, - uma Teologia como esta é semelhante a uma represa cedendo diante do primeiro assalto da maré invasora. É uma Teologia sem controle sobre o povo, uma quase religião, absolutamente impotente para restaurar até mesmo a uma firmeza temporária nossa triste vacilante vida moral.

Podemos, talvez, esperar mais da maravilhosa energia exibida na última metade deste século por Roma? Não vamos rejeitar apressadamente esta questão. Embora a história da Reforma tenha estabelecido uma antítese fundamental entre Roma e nós, não obstante seria intolerância e miopia menosprezar o real poder que ainda é manifestado na guerra de Roma contra o Ateísmo e o Panteísmo. Somente a ignorância sobre os exaustivos estudos da Filosofia romanista e dos bem-sucedidos esforços de Roma na vida social, poderia ser responsável um julgamento tão superficial. Em seus dias, Calvino já reconhecia que considerava os crentes Romanistas seus aliados contra a tendência do “Grande Abismo”. A assim chamada ortodoxia Protestante

precisa apenas assinalar em sua confissão e catecismo as doutrinas de religião e moral que não estão sujeitas à controvérsia entre Roma e nós, para imediatamente perceber que o que temos em comum com Roma diz respeito precisamente àqueles fundamentos de nosso credo cristão, agora assaltados mais ferozmente pelo espírito moderno. Nas questões de hierarquia eclesiástica, da natureza do homem antes e depois da queda, da justificação, da missa, da invocação de santos e de anjos, da adoração de imagens, do purgatório e muitas outras, somos tão resolutamente opostos a Roma como nossos pais foram. Mas, não mostra a literatura atual que não existem mais os pontos sobre os quais a luta do século está concentrada? Não são as linhas da batalha traçadas como segue: O Teísmo em oposição ao Panteísmo; o pecado em oposição a imperfeição; o divino Cristo de Deus em oposição ao Jesus como mero homem; a cruz como um sacrifício de reconciliação em oposição a cruz como um símbolo de martírio; a Bíblia como dada pela inspiração de Deus em oposição a um produto puramente humano; os dez mandamentos como ordenados por Deus em oposição a simples documento arqueológico; as ordenanças de Deus absolutamente estabelecidos em oposição a lei sempre mutante e a moralidade tecida pela consciência subjetiva do homem? Então, neste conflito Roma não é uma antagonista mas coloca-se ao nosso lado, visto que também reconhece e sustenta a Trindade, a Deidade de Cristo, a Cruz como um sacrifício expiador, as Escrituras como a Palavra de Deus, e os Dez Mandamentos como a regra de vida divinamente imposta. Por isso, deixem-me perguntar: se os teólogos Romanistas erguem a espada para lutar valente e habilmente contra a mesma tendência contra a qual nós pretendemos lutar até a morte, não é parte da sabedoria aceitar a valiosa ajuda de sua elucidação? Calvino pelo menos estava acostumado a apelar para Tomás de Aquino. E, de minha parte, não estou envergonhado de confessar que em muitos pontos meus conceitos têm sido clarificados através de meu estudo dos teólogos Romanistas.

Contudo, isto de modo algum significa que nossa esperança para o futuro possa ser colocada no esforço de Roma, e que nós, negligentes, possamos esperar sua vitória. Um rápido exame da situação será suficiente para convencer-nos do contrário. Para começar com seu

próprio continente, pode a América do Sul suportar por um momento uma comparação com a do Norte? Atualmente, a Igreja Católica Romana é suprema na América do Sul e Central. Ela tem controle exclusivo sobre este território, o Protestantismo nem mesmo é contado como um fator. Aqui, então, é um imenso campo no qual o poder social e político, no qual Roma pode empregar na regeneração de nossa raça, pode manifestar-se livremente, além disso, um campo no qual ela não é uma recém-chegada, mas tem ocupado por quase três séculos. O jovem desenvolvimento do organismo social destes países têm estado sob influência dela; ela tem permanecido também no controle de sua vida intelectual e espiritual desde sua libertação da Espanha e Portugal. Além disso, a população destes Estados se originou de países europeus que sempre estiveram sob a influência indisputável de Roma. O exame, portanto, é tão completo e claro quanto possível. Mas em vão olhamos para esses Estados Americanos Romanistas em busca de uma vida que eleva, desenvolve energia e exerce uma influência exterior saudável. Financeiramente eles são fracos, comparativamente sem progresso em suas condições econômicas; em sua vida política apresentam o triste espetáculo de disputa interna sem fim; e, se alguém estivesse inclinado a conceber um quadro ideal sobre o futuro do mundo, poderia quase fazer isto imaginando o próprio oposto do que é a situação atual na América do Sul. Nem pode ser pleiteado para se desculpar Roma, que isto é devido a circunstâncias excepcionais, pois em primeiro lugar este retardamento político é encontrado não somente no Chile, mas igualmente no Peru, Brasil bem como na República da Venezuela; enquanto que, passando do Novo para o Velho Mundo, nós chegamos, apesar de nós mesmos, a mesma conclusão. Também na Europa a reputação de todos os Estados Protestantes é alta, a reputação dos países do sul que são Católicos romanos está num doloroso descrédito. Assuntos econômicos e administrativos na Espanha e Portugal e não menos que na Itália, oferecem causa para queixas contínuas. O poder e a influência externas destes países está declinando visivelmente. E, o que é mais desencorajador ainda, a infidelidade e um espírito revolucionário têm feito tal incursão nestes países, que metade da população, embora ainda nominalmente romanista, na realidade rompeu com toda verdadeira

religião. Isto pode ser visto na França, que é quase completamente Católica Romana, e todavia repetidamente tem votado contra os advogados da religião com esmagadoras maiorias. De fato podemos dizer que, a fim de apreciar as características nobres, eficazes dos Romanistas, deve-se observá-los, não em seus próprios países, onde estão em declínio, mas no centro da Alemanha Protestante, na Holanda Protestante, e na Inglaterra, e em seu próprio Estados Unidos Protestante. Em regiões onde, privado de uma influência controladora, eles se ajustam à política dos outros e concentram suas forças como um partido da oposição, sob líderes tais como Manning e Wiseman, Von Ketteler e Windthorst, obtêm nossa admiração pela defesa entusiástica de sua causa.

Mas mesmo aparte deste *testemonium paupertatis* fornecido por Roma, por meio da má administração no Sul da Europa e na América do Sul, onde ela tem plena influência, em termos globais seu poder e influência também estão diminuindo visivelmente. A balança de poder na Europa está agora gradualmente passando para as mãos da Rússia, Alemanha e Inglaterra, todos Estados não Romanistas, e em seu próprio continente os Protestantes do Norte mantém a supremacia. Desde 1866 a Áustria está retrocedendo continuamente, e com a morte do Imperador atual estará seriamente ameaçada com a dissolução. A Itália tentou viver além de seus recursos: esforçou-se para ser um grande poder naval, colonial, e o resultado é que conduziu-se a si mesma à beira da ruína econômica. A batalha de Adua desferiu o golpe mortal em mais que suas aspirações coloniais. A Espanha e Portugal perderam absolutamente toda influência sobre o desenvolvimento social, intelectual e político da Europa. E a França, que apenas há cinqüenta anos, fez toda Europa tremer o desembainhar de sua espada, agora ela mesma está ansiosamente explorando os livros Sibilinos[107] de seu futuro. Até mesmo do ponto de vista estatístico, o poder de Roma está diminuindo o tempo todo. A depressão econômica e moral tem, em mais de um país romanista, causado uma diminuição considerável do índice de natalidade. Enquanto que na Rússia, Alemanha, Inglaterra e nos Estados Unidos a população está crescendo, em alguns países Romanistas tornou-se quase

[107] NT – Referente a Profético, Oráculo. Sibilino, referente a sibila; enigmático; difícil de entender.

estacionária. Igualmente as estatísticas atribuem somente a metade menor da cristandade à Igreja Católica Romana, e é seguro predizer que dentro do próximo meio século sua porção será menos que quarenta por cento. Portanto, por mais altamente inclinado que eu possa estar para a valorizar o poder inerente da unidade e erudição Católica Romana para a defesa de muito do que nós também contamos como sagrado, e embora não veja como poderíamos repelir o ataque do Modernismo senão pela ação combinada, todavia não há a mais leve perspectiva de que a supremacia política nunca passará novamente para as mãos de Roma. E, mesmo se isto acontecesse contrariando às expectativas, possivelmente quem poderia regozijar-se quanto a realização de seu ideal, se ele vê as condições agora prevalecentes no Sul da Europa e na América do Sul, reproduzidas em outra parte?

De fato, podemos até colocá-lo mais fortemente: isto seria um passo para trás no curso da História. O mundo e o conceito de vida de Roma representa um estágio mais velho e por isso mais baixo de desenvolvimento na História da humanidade. O Protestantismo o sucedeu, e por isso ocupa um ponto de vista espiritualmente mais elevado. Aquele que não quer ir para trás, mas procura alcançar coisas mais elevadas, deve portanto ou defender a cosmovisão outrora desenvolvida pelo Protestantismo, ou, por outro lado, pois isto também é concebível, mostrar um ponto de vista ainda mais elevado. Então é isto o que a Filosofia moderna posterior de fato presume fazer, reconhecendo Lutero como um grande homem para seu tempo, mas aclamando Kant e Darwin como os apóstolos de um evangelho muito mais rico. Mas não necessitamos detalhar isto. Pois nossa própria época, embora grande em invenções, na demonstração dos poderes da mente e energia, não tem avançado um único passo no estabelecimento de princípios, de modo algum tem dado um conceito mais elevado da vida, nem tem produzido para nós maior estabilidade e solidez em nossa existência religiosa e ética, isto é, existência verdadeiramente humana. Ela trocou a fé sólida da Reforma por hipóteses instáveis; e à medida que aventurou-se sobre um conceito de vida sistematizado e estritamente lógico não avançou, mas recuou para aquela cultura pagã dos tempos pré-cristãos, dos quais Paulo testifica que Deus envergonhou pela loucura da Cruz. Portanto, não deixe

alguém dizer: Vocês que protestam contra um retorno para Roma, vocês mesmos não têm o direito de permanecer no Protestantismo , porque a História não vai para trás; pois depois dele veio o Modernismo. A pertinência de uma objeção como esta deve ser negada, visto que minha argumentação não é refutada, que o avanço material de nosso século nada tem em comum com o avanço na questão dos princípios éticos, e que o que o Modernismo nos oferece não é moderno, mas pelo contrário muito antigo; nem posterior, mas anterior ao Protestantismo, voltando para os Estóicos e a Epicuro.

Portanto, somente junto as linhas do Protestantismo pode ser tentado um avanço bem-sucedido, e de fato sobre essas linhas a salvação é atualmente buscada por duas tendências diferentes, ambas as quais devem conduzir a amargo desapontamento. A primeira dessas é *prática*, a outra é *mística* em caráter. Sem esperança de defesa contra a crítica moderna e ainda menos contra a crítica do dogma, a primeira, a tendência prática, defende que os cristãos não podem fazer nada melhor do que recorrer a todos tipos de obras cristãs. Seus devotos ficam confusos quanto a qual atitude assumir para com as Escrituras; eles se tornaram alienados do dogma; mas o que deve impedir tais crentes hesitantes de sacrificar suas aparências e seu ouro à causa da filantropia, evangelismo e missões! Isto até mesmo oferece uma tripla vantagem: ela une cristãos de todos os tons de opinião, alivia muito a miséria e tem uma atração conciliatória para o mundo não cristão. E, certamente, esta propaganda por meio da ação deve ser agradecida e simpaticamente saudada. De fato, no século que passou, a atividade cristã foi muitíssimo limitada; e um Cristianismo que não prova seu valor na prática, degenera-se em escolasticismo seco e conversa fiada. Seria um equívoco, contudo, supor que o Cristianismo pode ser confinado dentro dos limites de uma manifestação prática como esta. Nosso Salvador curou os doentes e alimentou os famintos, mas a coisa predominante em seu ministério foi, afinal de contas que, em estrita fidelidade às Escrituras do velho Pacto, ele abertamente proclamou a própria Divindade e Mediação, a expiação dos pecados pelo seu sangue e sua vinda para julgar. De fato, nenhum dogma central jamais foi confessado pela Igreja de Cristo que não tenha

sido a definição intelectual do que Cristo proclamou sobre sua própria missão ao mundo, e sobre o mundo ao qual ele foi enviado. Ele curou o corpo do doente, mas ainda mais verdadeiramente dedicou-se a nossas feridas espirituais. Resgatou-nos do Paganismo e do Judaísmo, e transportou-nos para um mundo de convicções totalmente novo do qual ele mesmo, como o Deus designado Messias, constituía o centro. Ademais, no que diz respeito à nossa disputa com Roma, não deveríamos perder de vista o fato de que nas obras cristãs e na devoção ela ainda nos deixa para trás. Não somente isto, devemos reconhecer sem reservas que até mesmo o mundo incrédulo está começando a rivalizar-nos, e que nas ações de filantropia, ele tenta mais e mais nos surpreender. Nas missões, sem dúvida, o incrédulo não segue nossas pegadas; mas imploro, como pudemos nós continuar a promover missões a menos que tenhamos um Evangelho bem definido para pregar? Ou é possível imaginar algo mais monstruoso que os assim chamados missionários liberais pregando somente humanidade e piedade incolor, e sendo recebidos pelos sábios pagãos com a resposta de que eles mesmos, em seus círculos cultos, nunca ensinaram ou creram em qualquer outra coisa senão exatamente neste humanismo moderno?

Talvez a outra tendência, a *mística*, possua um poder de defesa mais forte? Que *pensador* ou estudante de História afirmaria isto? Sem dúvida o misticismo irradia um fervor que aquece o coração; e ai do gigante do dogma e do herói da ação, que são estranhos a sua profundidade e ternura. Deus criou a mão, a cabeça e o coração; a mão para a ação, a cabeça para o mundo, o coração para o misticismo. Rei na ação, profeta na confissão e sacerdote no coração, o homem deve permanecer neste triplo ofício diante de Deus, e um Cristianismo que negligencia o elemento místico cresce frígido e congela-se. Portanto, devemos nos considerar felizes quando uma atmosfera mística nos envolve, fazendo-nos respirar o refrescante ar perfumado da primavera. Através dela a vida torna-se mais verdadeira, mais profunda e mais rica. Mas seria um triste equívoco supor que o misticismo, tomado por si mesmo, possa efetuar uma reversão na tendência da época. Não é Bernardo de Claraval, mas Tomás de Aquino; não é Thomas de Kempis, mas Lutero que tem governado a disposição dos homens. Em sua própria

natureza o misticismo é segregativo, e se esforça muito para evitar o contato com o mundo exterior. Sua própria força encontra-se na vida interiorizada da alma, e por isso não pode tomar uma posição positiva. Ele flui ao longo de um leito subterrâneo e não mostra as linhas claramente demarcadas por cima da terra. O que é pior, a História prova que todo misticismo unilateral sempre se torna mórbido, e finalmente se degenera num misticismo da carne, estarrecendo o mundo com sua infâmia moral.

Conseqüentemente, embora me alegre com o reavivamento de ambas as tendências, prática e mística, ambas resultarão em perda em vez de ganho, se for esperado que compensem o abandono da Verdade da Salvação. O misticismo é doce e as obras cristãs são preciosas, mas a semente da Igreja, tanto no nascimento do Cristianismo como na época da Reforma, foi o sangue dos mártires; e nossos santos mártires não derramaram seu sangue pelo misticismo nem por projetos filantrópicos, mas por causa de convicções que dizem respeito a aceitação da verdade e a rejeição do erro. Viver com consciência é quase prerrogativa divina do homem, e somente da clara, não obscura visão da consciência procede a *palavra* poderosa que pode fazer o tempo inverter sua corrente e promover uma revolução na disposição do mundo. Portanto, é enganar-se a si mesmo, e somente a si mesmo, quando estes cristãos práticos e místicos crêem que podem fazer isto sem uma vida cristã e uma cosmovisão própria deles. Ninguém pode fazê-lo sem estas cousas. Todo aquele que pensa que pode abandonar as verdades cristãs, e livrar-se do Catecismo da Reforma, inadivertidamente dá ouvidos às hipóteses da cosmovisão moderna e, sem saber a que distância já foi arrastado, acredita no Catecismo de Rousseau e Darwin.

Por esta razão, não vamos parar no meio do caminho. Tão verdadeiramente quanto cada planta tem uma raiz, do mesmo modo um princípio verdadeiramente esconde-se sob cada manifestação da vida. Estes princípios estão interligados e têm sua raiz comum num princípio fundamental; e a partir deste último é desenvolvido lógica e sistematicamente todo o conjunto de conceitos governantes e concepções que irão compor nossa vida e cosmovisão. Com uma biocosmovisão

coerente como esta, apoiando-se firmemente sobre seu princípio e autoconsistente em sua esplêndida estrutura, o Modernismo agora enfrenta o Cristianismo; e contra este perigo mortal, vocês cristãos, não podem defender com sucesso seu santuário exceto colocando em oposição a tudo isso, *uma biocosmovisão própria de vocês, fundada tão firmemente sobre a base de seu próprio princípio, elaborada com a mesma clareza e brilhante numa lógica igualmente consistente.* Agora, isto não é obtido nem pelas obras cristãs nem pelo misticismo, mas somente voltando, com nossos corações cheios de ardor místico e nossa fé pessoal manifestando-se em fruto abundante, para aquele ponto decisivo na História e no desenvolvimento da humanidade que foi alcançado na Reforma. *E isto é equivalente a* um retorno ao Calvinismo. Não há escolha aqui. O Socinianismo sofreu morte vergonhosa; o Anabatismo pereceu em selvagens orgias revolucionárias. Lutero nunca desenvolveu seu pensamento fundamental. E o Protestantismo, tomado em um sentido geral, sem qualquer diferenciação a mais, ou é uma concepção puramente negativa sem conteúdo, ou é um nome semelhante ao camaleão que os negadores do Deus-Homem gostam de adotar como seu escudo. Somente sobre o Calvinismo pode ser dito que consistente e logicamente levou até o fim as linhas da Reforma, estabeleceu não apenas Igrejas mas também Estados, colocou sua marca sobre a vida social e pública, e assim, no sentido pleno da palavra, criou para toda a vida do homem um mundo de pensamento inteiramente próprio dele.

Estou convencido de que, após o que disse em minhas primeiras palestras, ninguém me acusará de menosprezar o Luteranismo; todavia o Império Alemão atual tem fornecido, nada menos que três vezes, um exemplo do maus efeitos secundários dos equívocos aparentemente leves de Lutero. Lutero estava enganado no reconhecimento do Soberano da terra como a cabeça da Igreja Estabelecida, e o que temos sido chamados a testemunhar como um resultado disto, acerca do excêntrico Imperador da Alemanha? Para começar, que Stöcker, o líder da democracia cristã, foi mandado embora de sua corte simplesmente porque este corajoso defensor da liberdade das igrejas apenas expressou o desejo de que o Imperador deveria abdicar de seu episcopado chefe. Contíguo, que na partida da esquadra alemã para a China, o Príncipe

Henry da Rússia foi instruído a levar para o Oriente distante não o evangelho “cristão”, mas o “evangelho *imperial*”. Mais recentemente, ele pediu a seus súditos leais para serem fieis no cumprimento de seus deveres, recomendando como motivo que, após a morte, deveriam comparecer diante de Deus ... e seu Cristo? ... Não; mas diante de Deus ... *e o grande Imperador*. E finalmente, no banquete de Westfalia, que a Alemanha deveria continuar seus labores imperturbavelmente sobre a bênção da paz, ele conclui, como imposta *pela mão estendida do grande Imperador, que aqui permanece acima de nós*. Sempre será observada a mais corajosa usurpação do Cesarismo sobre a essência da religião cristã. Estas coisas, como vocês vêem, estão longe de ser insignificantes; antes, elas tocam princípios de aplicação mundial, pelos quais nossos antepassados lutaram suas grandes batalhas. Sou tão avesso à reprimitivização como qualquer homem; mas a fim de colocar princípio em oposição a princípio, cosmovisão em oposição a cosmovisão, para a defesa do Cristianismo, somente ali encontra-se pronto, para aquele que é um autêntico Protestante, *o princípio Calvinístico* como o único fundamento digno de confiança sobre o qual construir.

O que, então, devemos entender por este retorno ao Calvinismo? Seria minha intenção que todos os crentes Protestantes deveriam subscrever, quanto mais cedo melhor, os símbolos Reformados, e deste modo toda multiformidade eclesiástica seria absorvida pela unidade da organização eclesiástica Reformada. Estou longe de nutrir um desejo tão rude, tão ignorante e tão anti-histórico. Naturalmente, em cada convicção, em cada confissão, existe um motivo para um propagandismo absoluto e incondicional, e a palavra de Paulo a Agripa: “Assim Deus permita que, por pouco ou por muito, não apenas tu, ó rei, porém todos os que hoje me ouvem se tornassem tais como eu sou, exceto estas cadeias”, deve continuar sendo o desejo sincero não somente de todo bom calvinista, mas de cada um que pode gloriar-se numa convicção firme e imóvel. Mas um desejo tão ideal do coração humano nunca pode ser realizado nesta nossa dispensação. Antes de mais nada, nenhum padrão Reformado, nem mesmo o mais puro, é infalível como era a palavra de Paulo. Então, novamente, a confissão calvinista é tão profundamente religiosa, tão

altamente espiritual que, excetuando sempre os períodos de profunda comoção religiosa, ela nunca será compreendida pela maioria do povo, mas marcará com um senso de sua inevitabilidade somente um círculo relativamente pequeno. Além disso, nossa unilateralidade inata necessariamente sempre levará à manifestação da Igreja de Cristo em muitas formas. E, por último mas não menos importante, a absorção por uma Igreja de membros de outra numa larga escala somente pode acontecer em momentos críticos da História. No curso ordinário das coisas oitenta por cento da população cristã morre na Igreja em que nasceu e foi batizada. Ademais, tal identificação de meu programa com a absorção de uma Igreja por outra discordaria de toda a tendência de meu argumento. Tenho recomendado a vocês o Calvinismo da história, não eclesiasticamente confinado a um círculo restrito, mas como um fenômeno de importância universal. Portanto, o que eu peço pode principalmente ser reduzido aos quatro pontos seguintes: 1) que o Calvinismo não seja mais ignorado onde ele existe, mas seja fortalecido onde sua influência continua; 2) que o Calvinismo seja feito novamente um objeto de estudo a fim de que o mundo exterior possa vir a conhecê-lo; 3) que seus princípios sejam novamente desenvolvidos de acordo com as necessidades de nosso tempo, e consistentemente aplicados aos vários campos da vida;

4) que as Igrejas que ainda reivindicam confessá-lo, deixem de sentir vergonha de sua própria confissão.

Então, primeiramente, o Calvinismo não deveria mais ser ignorado onde ele ainda existe, pelo contrário deveria ser fortalecido onde suas influências históricas ainda são manifestas. Um apontamento detalhado dos traços que o Calvinismo tem deixado para trás por toda parte na vida social e política, na vida científica e estética, até mesmo com algum grau de perfeição, por si mesmo exigiria um estudo mais amplo do que poderia ser cogitado no rápido curso de uma palestra. Permitam-me, portanto, dirigindo-me a uma audiência americana, mostrar um único traço em sua própria vida política. Já observei em minha terceira palestra como no preâmbulo de muitas de suas Constituições, embora usando um conceito decididamente democrático, contudo seu fundamento foi não o ponto de vista ateísta da Revolução Francesa, mas a confissão calvinista da

suprema soberania de Deus, às vezes até mesmo em termos que correspondem literalmente às palavras de Calvino, como mostrei. Nenhum traço deve ser encontrado entre vocês daquele anticlericalismo cínico que se identifica com a própria essência da democracia revolucionária na França e em qualquer outra parte. E quando seu Presidente proclama o dia nacional de ação de graças, ou quando as casas do Congresso, reunidas em Washington, são iniciadas com oração, é sempre uma nova evidência que dentro da democracia americana ainda corre uma disposição que, tendo nascido dos Pais Peregrinos, ainda exerce seu poder nos dias de hoje. Até mesmo seu sistema escolar comum, visto que é abençoado com a leitura da Escritura e iniciado com oração, aponta para semelhante origem calvinista, embora com decrescente nitidez. Similarmente na origem de sua educação universitária, nascendo em grande parte da iniciativa individual; no caráter decentralizado e autônomo de seu governo local; na sua rigorosa, todavia não nomística observância do sábado; no respeito que é mantido entre vocês para com a mulher, sem cair na deificação parisiense de seu sexo; em seu sentido de domesticidade; na intimidade de seus laços familiares; em sua defesa da liberdade de expressão, e em sua ilimitada consideração pela liberdade de consciência; em tudo isto sua democracia cristã está em direta oposição à democracia da Revolução Francesa; e historicamente também é demonstrável que vocês devem isto ao Calvinismo e tão somente a ele. Mas, vejam só, enquanto vocês gozam desta maneira os frutos do Calvinismo, e enquanto, mesmo fora de suas fronteiras, o sistema constitucional de governo preserva a honra nacional como conseqüência do combate calvinista, é amplamente sussurrado que todas estas coisas devem ser consideradas bênçãos do Humanismo, e dificilmente alguém pensa em distinguir nelas os efeitos secundários do Calvinismo, sendo crido que este último leva uma vida prolongada somente em uns poucos círculos petrificados dogmaticamente. O que eu exijo então, e exijo como um direito histórico, é que este ignorar ingrato do Calvinismo chegue a um fim; que a influência que exerceu receba novamente atenção onde ele ainda continua estampado sobre a verdadeira vida de hoje; e que, onde os homens de uma tendência totalmente diferente despercebidamente desviariam a corrente da vida

para os canais revolucionário francês ou panteísta alemão, vocês no seu lado das águas e nós do nosso, deveríamos nos opor com toda a força a tal falsificação dos princípios históricos de nossa vida.

Em segundo lugar, afirmo que podemos estar habilitados a fazer isso, através de um estudo histórico dos princípios do Calvinismo. Não há sem conhecimento; e o Calvinismo perdeu seu lugar nos corações das pessoas. Ele está sendo advogado somente de um ponto de vista teológico, e mesmo assim muito unilateralmente e simplesmente como um lado da questão. A razão disto eu apontei em minha palestra anterior. Desde que o Calvinismo surgiu, não de um sistema abstrato mas da própria vida, ele nunca foi apresentado como um todo sistemático no século de sua aurora. A árvore floresceu e produziu seus frutos, mas sem que alguém fizesse um estudo botânico de sua natureza e crescimento. O Calvinismo, em sua origem, mais agiu do que argumentou. Mas este estudo não pode mais ser retardado. Tanto a biografia como a biologia do Calvinismo devem ser agora completamente investigadas e bem-estudadas, ou, com nossa falta de autoconhecimento, seremos desviados para um mundo de conceitos que está mais em desacordo do que em consonância com a vida de nossa democracia cristã, e separados da raiz da qual outrora florescemos tão vigorosamente.

Somente por meio de estudo semelhante tornar-se-á possível o que chamo, em terceiro lugar: o desenvolvimento dos princípios do Calvinismo de acordo com as necessidades de nossa consciência moderna, e sua aplicação a cada departamento da vida. Não excluo a Teologia disto, pois ela também exerce sua influência sobre a vida em todas as suas ramificações; e é, portanto, triste ver como até mesmo a Teologia das Igrejas Reformadas tem sofrido influência de sistemas totalmente estranhos em tantos países. Mas, aconteça o que acontecer, a Teologia é a única das muitas ciências que exige tratamento calvinista. A Filosofia, a psicologia, a estética, a jurisprudência, as ciências sociais, a literatura, e igualmente as ciências médicas e naturais, cada uma e todas elas, quando concebidas filosoficamente, voltam aos princípios, e até mesmo a questão deve necessariamente ser colocada com seriedade muito mais penetrante do que até agora, quer os princípios ontológicos e antropológicos que reinam supremos no método atual destas ciências

estejam em harmonia com os princípios do Calvinismo, ou discordem de sua própria essência.

Finalmente, adicionarei a estas três exigências – historicamente justificadas para mim – ainda uma quarta, que aquelas Igrejas que reivindicam professar a fé Reformada, deixem de sentir vergonha desta confissão. Vocês têm ouvido quão extensa é minha concepção e quão amplos são meus conceitos, mesmo na questão da vida eclesiástica. Eu vejo a salvação desta vida da Igreja somente no livre desenvolvimento. Exalto a multiformidade e saúdo nela um estágio mais alto de desenvolvimento. Até mesmo para a Igreja que tem a confissão mais pura, eu não dispensaria a ajuda de outras Igrejas, a fim de que sua inevitável unilateralidade pudesse assim ser completada. Mas o que sempre me encheu de indignação foi ver uma Igreja ou encontrar o oficial de uma Igreja, com a bandeira enrolada ou escondida sob o traje do ofício, em vez de estendida corajosamente para mostrar suas gloriosas cores na brisa. O que uma pessoa confessa ser a verdade, deve também ousar praticar em palavra, ação e em todo modo de vida. Uma Igreja calvinista na origem e ainda reconhecível por sua confissão calvinista mas que carece de coragem, não somente isto, que pelo contrário não sente mais o impulso para defender esta confissão corajosa e bravamente contra todo o mundo, tal Igreja não desonra o Calvinismo mas a si mesma. Até mesmo que a autêntica Igreja Reformada possa ser pequena e pouca em número, como Igrejas sempre provarão ser indispensáveis para o Calvinismo; e aqui também a pequenez da semente não precisa perturbar-nos, se tão somente esta semente for sadia e perfeita, impregnada com vida produtiva e irreprimível.

E assim minha palestra dirige-se rapidamente para seu fim. Mas antes de concluir, no entanto, sinto que uma questão continua a pressionar por uma resposta, a qual conseqüentemente não me recusarei encarar, a saber, a questão que tenho em mente é: o abandono ou a manutenção da doutrina da eleição. A isso permitam-me contrastar com esta palavra *Eleição* uma outra palavra que difere desta numa única letra. Nossa geração faz ouvido de mercador à *Eleição*, mas cresce loucamente entusiasmada por *Seleção*. Como, então, podemos formular o enorme

problema que jaz escondido atrás destas duas palavras, e em que particular difere a solução deste problema como apresentada por estas duas fórmulas quase idênticas? O problema diz respeito a questão fundamental: *De onde procedem as diferenças?* Por que não é tudo semelhante? Por que razão é que uma coisa existe em um estado, outra em outro? Não há vida sem diferenciação, e não há diferenciação sem desigualdade. A percepção das diferenças é a própria fonte de nossa consciência humana, os princípios causativos de tudo quanto existe, cresce e desenvolve, em resumo, o motivo principal de toda vida e pensamento. Portanto, estou justificado ao afirmar que no fim todos os outros problemas podem ser reduzidos a este único problema: Por que razão existem estas diferenças? Por que motivo existe a dessemelhança, a heterogeneidade da existência, de gênese, e consciência? Para colocar isto concretamente, se vocês fossem uma planta prefeririam ser uma rosa em vez de um cogumelo; se fossem insetos, uma borboleta em vez de uma aranha; se fossem pássaros, uma águia em vez de uma coruja; se fossem um grande vertebrado, um leão em vez de uma hiena; e novamente, sendo homem, rico em vez de pobre, talentoso em vez de obtuso, da raça Ariana em vez de Hottentot ou Kaffir. Entre todas estas coisas há diferenciação, grande diferenciação. Então, *diferenças* por toda parte, diferenças entre um ser e outro; e também que tais diferenças igualmente envolvem, em quase todas as instâncias, *preferências*. Quando o falcão arranca e rasga a pompa, por que razão é que estas duas criaturas estão em tanta oposição, e são diferentes uma da outra? Esta é a única questão suprema no reino vegetal e animal, na vida social entre os homens, e é por meio da teoria da *Seleção* que nossa presente época tenta solucionar este problema dos problemas. Até mesmo a célula simples pressupõe diferenças, elementos mais fracos e mais fortes. O mais forte vence o mais fraco, e a aquisição é acumulada numa potência mais elevada de ser. Ou, se o mais fraco ainda mantém sua subsistência, a diferença será manifesta mais adiante no curso da própria luta.

Ora a folha de grama não está consciente disto, e a aranha continua apanhando a mosca, o tigre matando o veado, e nestes casos o mais fraco não se apercebe de sua própria miséria. Mas nós homens estamos claramente cônscios destas diferenças, e por isso não podemos

evitar a questão, se a teoria da Seleção é uma solução projetada para conformar o mais fraco, a criatura menos ricamente dotada, com sua existência. Deverá ser reconhecido que em si mesma esta teoria nada pode senão incitar uma luta muito mais furiosa, com uma *lasciate ogni speranza, voi che'ntrate* para o ser mais fraco. Contra a ordenança da crença de que o mais fraco deverá sucumbir ao mais forte, de acordo com o sistema de eleição, nenhuma luta pode ser útil. A conformação, não nascendo dos fatos, portanto deveria nascer do *conceito*. Mas qual é o conceito aqui? Não é este, que, onde estas diferenças outrora se estabeleceram, e seres altamente diferenciados aparecem, isto é ou o resultado de mudanças, ou então a conseqüência necessária das forças naturais cegas? Agora, devemos crer que a humanidade sofredora jamais será reconciliada com seus sofrimentos por meio de uma solução como *esta*? Entretanto, dou as boas-vindas ao progresso desta teoria da Seleção; e admiro a penetração e poder de pensamento dos homens que a recomendam para nós. Não certamente, por causa do que ela recomenda para nós como verdade; mas porque reuniu coragem para atacar mais uma vez o mais fundamental de todos os problemas, e assim com relação a profundidade alcança a mesma profundidade de pensamento ao qual Calvino corajosamente desceu.

Pois este é precisamente o alto significado da doutrina da *Eleição* que, já três séculos antes, com este dogma o Calvinismo ousou encarar este mesmo problema todo-dominante, solucionando-o, contudo, não no sentido de uma seleção cega ativa nas células inconscientes, mas honrando a escolha soberana daquele que criou todas as coisas visíveis e invisíveis. A determinação da existência de todas as coisas a serem criadas, do que deve ser camélia ou ranúnculo, rouxinol ou corvo, cervo ou porco. E, igualmente entre os homens, a determinação de nossa própria aparência, se alguém deve nascer menino ou menina, rico ou pobre, obtuso ou inteligente, branco ou de cor, ou até mesmo como Abel ou Caim, é a mais tremenda predestinação concebível no céu e na terra; e ainda a vemos acontecendo diante de nossos olhos a cada dia, e nós mesmos estamos sujeitos a ela em toda nossa personalidade; em toda nossa existência, em nossa própria natureza, sendo nossa posição na vida inteiramente dependente dela. Esta predestinação todo-abrangente,

o calvinista coloca, não nas mãos do homem, e menos ainda nas mãos de uma força natural cega, mas nas mãos do Deus Todo-Poderoso, Soberano Criador e Possuidor do céu e da terra; e é na figura do oleiro e do barro que a Escritura, desde o tempo dos profetas, tem exposto para nós esta eleição todo-dominante. Eleição na criação, eleição na providência, e do mesmo modo eleição também para a vida eterna; eleição no reino da graça bem como no reino da *natureza*. Então, quando comparamos estes dois sistemas de *Seleção* e *Eleição*, a História não mostra que a doutrina da Eleição, século após século, tem restabelecido a paz e a conformação ao coração do crente sofredor; que todos os cristãos sustentam a eleição como fazemos, tanto na *criação* como na *providência*; e que o Calvinismo afasta-se das outras confissões cristãs somente neste aspecto, que, procurando unidade e colocando a glória de Deus acima de todas as coisas, ele ousa estender o mistério da Eleição a vida espiritual, e para a esperança pela vida por vir?

Então, isto é o que a mesquinhez dogmática calvinista significa. Ou melhor, pois os tempos são muito sérios para ironia ou pilhéria, deixemos todo cristão, que ainda não pode abandonar suas objeções, ao menos colocar esta tão importante questão para si mesmo: Eu sei de uma outra solução para este problema mundial fundamental, que me capacite a defender melhor minha fé cristã nesta hora de conflito muito forte contra o Paganismo renovado, o qual acumula suas forças e avança dia a dia? Não esqueça que o contraste fundamental sempre foi, ainda é, e será até o fim: *Cristianismo* e *Paganismo*, os ídolos ou o Deus vivo. Por enquanto, há uma verdade profundamente sentida no drástico quadro pintado pelo imperador alemão, representando o Budismo como o futuro inimigo. Uma cortina hermeticamente puxada esconde o futuro; mas Cristo nos prometeu em Patmos a aproximação de um último e sangrento conflito. E mesmo agora o desenvolvimento gigante do Japão em menos de quarenta anos, tem enchido a Europa com medo sobre qual calamidade poderia estar reservada a nós na astúcia da “raça amarela” que forma uma porção tão grande da família humana. E Gordon não testifica que seus soldados chineses, com quem ele derrotou os Taipings, se apenas bem-treinados e comandados, constituíram-se nos mais esplêndidos soldados que ele jamais comandou? A questão Asiática é, de fato, da

mais séria importância. O problema do mundo teve sua origem na Ásia, e na Ásia será encontrada sua solução final; e tanto no desenvolvimento técnico e material como no resultado tem mostrado que nações pagãs, assim que despertam e levantam-se de sua letargia, rivalizam-nos quase instantaneamente.

Certamente, este perigo seria muito menos ameaçador caso a Cristandade, tanto no Velho como no Novo mundo, permanecesse unida ao redor da Cruz, exclamando cânticos de louvor a seu Rei, e pronta para avançar para o conflito final como nos dias das Cruzadas. Mas como, quando o pensamento *pagão*, a aspiração *pagã*, os conceitos *pagãos* estão ganhando terreno até mesmo entre nós e penetrando até o próprio coração da geração nascente? Não tem os Armênios, exatamente por causa da concepção de solidariedade cristã, se tornado tão tristemente enfraquecidos, desprezados e covardemente abandonados à sorte do assassínio? Os gregos não foram esmagados pelos Turcos, enquanto falecia Gladstone, o estadista cristão, politicamente um calvinista convicto, que teve a coragem de estigmatizar o Sultão como o "Grande Assassino"? Conseqüentemente deve ser sustentado uma determinação radical. Meias medidas não podem garantir o resultado desejado. Superficialidade não nos revigora para o conflito. Princípio deve novamente dar testemunho contra princípio, cosmovisão contra cosmovisão, disposição contra disposição. E aqui, deixemos aquele que sabe falar melhor, mas quanto a mim não sei de baluarte mais forte e mais firme do que o Calvinismo, contanto que seja tomado em sua formação sadia e vigorosa.

E se você replica, meio zombadoramente, sou eu realmente simples o bastante para esperar de alguns estudos calvinistas uma inversão na cosmovisão cristã, então minha resposta é a seguinte: O avivamento da vida não vem de homens: é a prerrogativa de Deus, e é devido somente à sua soberana vontade, quer a maré da vida religiosa esteja alta em um século ou esteja baixa no seguinte. No mundo moral também temos um tempo de primavera, quando tudo brota e explode em vida, e novamente o frio do inverno, quando todos os rios vitais congelam e toda energia religiosa fica petrificada.

Ora, o período em que estamos vivendo hoje, sem dúvida é de

baixo declínio religioso.

A menos que Deus envie seu Espírito não haverá retorno, e terrivelmente rápida será a descida das águas. Mas se vocês recordam da Harpa Eólica, a qual os homens estavam acostumados a colocar fora de sua casamata, a qual a brisa podia fazê-la produzir música. Até o vento soprar, a harpa permanecia em silêncio, ao passo que, mais uma vez, ainda que o vento começasse, se a harpa não se encontrasse em prontidão, o sussurro da brisa podia ser ouvido, mas nem uma simples nota da música celeste deleitaria o ouvido. Agora, deixemos o Calvinismo ser nada mais do que esta Harpa Eólica, - absolutamente impotente como ele está, sem o Espírito vivificante de Deus – ainda sentimos ser nosso dever, dado por Deus, conservar nossa harpa, suas cordas afinadas corretamente, pronta na janela do Santo Deus de Sião, esperando o sopro do Espírito.

Sexta Palestra
CALVINISMO E O FUTURO

Introdução

O Calvinismo Não Foi Meramente um Movimento Eclesiástico

O principal propósito de proferir minhas palestras neste país foi o de erradicar o conceito errôneo de que o Calvinismo representou um movimento exclusivamente dogmático e eclesiástico.

O Calvinismo *não se deteve* numa ordem eclesiástica, porém expandiu-se em um *sistema de vida*. E não exauriu sua energia numa construção dogmática, mas criou uma *vida* e uma cosmovisão tal, que foi e ainda é capaz de ajustar-se às necessidades de cada estágio do desenvolvimento humano, em cada um de seus departamentos. Ele elevou nossa Religião Cristã ao seu mais alto esplendor espiritual; criou uma ordem eclesiástica que tornou-se a pré-formação da confederação de estados; provou ser o anjo da guarda da ciência; emancipou a arte; divulgou um esquema político que deu à luz o governo constitucional tanto na Europa como na América; encorajou a agricultura e a industria, o comércio e a navegação; colocou uma marca completamente cristã sobre a vida da família e sobre os laços familiares; através de seu alto padrão

moral promoveu pureza em nossos círculos sociais; e para produzir este multiforme efeito colocou sob a Igreja e o Estado, sob a sociedade e a vida da família uma concepção filosófica fundamental estritamente derivada de seu princípio dominante, e portanto, completamente própria.

O Calvinismo não pode ser Fossilizado

Por si mesmo, isto exclui todo conceito de reprimitivização imitativa. O que os descendentes dos velhos calvinistas holandeses, bem como dos pais Peregrinos, devem fazer não é copiar o passado, como se o Calvinismo fosse uma petrificação, mas voltar à raiz viva da planta calvinista para limpá-la e regá-la, e assim fazê-la brotar e florir uma vez mais, agora completamente de acordo com nossa vida atual nestes tempos modernos e com as exigências dos tempos por vir.

O Calvinismo Tem uma Agenda Para o Futuro

Isto justifica o assunto de minha palestra final. *É preciso um novo desenvolvimento calvinista de acordo com as necessidades do futuro.*

A perspectiva deste futuro não se apresenta a nós, como todo estudante de sociologia reconhecerá, em cores brilhantes. Eu não iria tão longe a ponto de afirmar que estamos às vésperas da falência social universal, mas que os sinais dos tempos são ameaçadores não admite negação. Sem dúvida, imensos ganhos estão sendo registrados ano a ano quanto ao controle da natureza e suas forças, e, neste aspecto, a imaginação mais audaciosa é incapaz de predizer que altitudes de poder a raça pode atingir no próximo meio século. Como resultado disto, os confortos da vida estão aumentando.

O intercâmbio mundial e a comunicação estão se tornando continuamente mais rápidos e comuns. A Ásia e a África, até recentemente adormecidas, gradualmente sentem-se puxadas para dentro do largo círculo da vida ativa. Ajudados pelo esporte, os princípios de higiene exercem uma influência crescente. Conseqüentemente, somos fisicamente mais fortes do que a geração anterior. Nós vivemos mais. E combatendo as deficiências e enfermidades que ameaçam e afligem nossa vida física, a ciência cirúrgica nos maravilha com suas realizações. Em resumo, o lado material e tangível da vida oferece a mais promissora

das promessas para o futuro.

Os Avanços da Civilização não Trazem a Solução

Todavia o insatisfeito faz-se ouvido, e a mente pensante não pode suprimir suas dúvidas; pois, não importa quão alto as coisas materiais possam ser estimadas, elas não preenchem o conjunto de nossa existência como homens. Nossa vida pessoal como homens e cidadãos subsiste não no conforto que nos cerca, nem no corpo, o qual nos serve como elo com o mundo exterior, mas no espírito que internamente nos impele; e nesta consciência interior estamos nos tornando mais e mais dolorosamente cientes de como a hipertrofia de nossa vida exterior resulta numa séria atrofia da vida espiritual.

Os Avanços das Artes Não Trazem a Solução

Não é como se as faculdades do pensamento e da reflexão, as artes da poesia e da literatura, estivessem em suspensão. Pelo contrário, a ciência empírica está mais brilhante do que nunca em suas consecuções, o conhecimento universal expande-se em círculos que se ampliam cada vez mais, e a civilização, no Japão por exemplo, está quase deslumbrada por suas conquistas tão rápidas. Mas mesmo o intelecto não constitui a mente.

A Alma Interior Está Empobrecida

A personalidade está assentada mais profundamente nos recônditos secretos de nosso ser interior, onde o caráter é formado, de onde o fogo do entusiasmo é aceso, onde estão colocados os fundamentos morais, onde as flores do amor florescem, de onde nascem a consagração e o heroísmo e onde no senso pelo Infinito nossa existência limitada alcança até os próprios portões da eternidade. É com referência a este assento da personalidade que ouvimos de todos os lados a queixa sobre o empobrecimento, degeneração e petrificação. O prevalecer deste estado de *mal-estar* explica o surgimento de um estado de espírito como o de Arthur Schopenhauer; e a ampla aceitação de sua doutrina pessimista revela a que extensão deplorável este Siroco[108] já tem

[108] NT – Vento quente do sul africano, sobre o Mediterrâneo

chamuscado os campos da vida.

O Esforços Para Resgatar o Caráter São Insuficientes

É verdade que o esforço de Tolstoi mostra força de caráter, mas mesmo sua teoria religiosa e social é um protesto em todo sentido contra a degeneração espiritual de nossa raça. Friedrich Wilhelm Nietzsche[109] pode ofender-nos com sua zombaria sacrílega, contudo o que é sua exigência pelo *"Uebermensch"* (super-homem), senão o grito de desespero arrancado à força do coração da humanidade, pela amarga consciência de que está espiritualmente consumindo-se de desgosto?

Os Movimentos Políticos Refletem Visões Pessimistas

O que é Social Democracia senão também um protesto gigante contra a insuficiência da ordem das coisas existentes? Semelhantemente o Anarquismo e o Niilismo senão simplesmente demonstrar que existem milhares sobre dez milhares que prefeririam demolir e aniquilar tudo, do que continuar a suportar o fardo das condições atuais. O alemão autor do livro *"Decadenz der Völker"* nada vislumbra no futuro exceto decadência e ruína social. Até mesmo o sensato Lord Salisbury recentemente falou de pessoas e estados para quem já estavam sendo feitos preparativos para enterro sem cerimônia.

Quão freqüentemente não tem sido traçado o paralelo entre nosso tempo e a época de ouro do império Romano, quando o brilho externo da vida igualmente deslumbrava a visão, apesar de que o diagnóstico social não poderia produzir outro veredicto senão "completamente podre". E, embora sobre o continente Americano, num mundo mais jovem, prevaleça um tom relativamente mais sadio do que na senescente[110] Europa, todavia isto nem por um momento engana a mente pensante. É impossível para vocês excluírem-se hermeticamente do mundo, vocês não formam uma humanidade separada, mas são membros do grande corpo da raça. E o veneno tendo uma vez entrado no sistema num único ponto, no devido tempo necessariamente deve espalhar-se por todo o

---

[109] F. W. Nietzsche, 1844-1900, filósofo alemão; morreu insano. Autor de *Assim Falou Zaratustra*.
[110] NT – De "senescência" que indica envelhecimento; decrepitude, senilidade, velhice.

organismo.

A Expectativa Pela "Evolução Natural" Não é Encorajadora

Então, a questão séria com a qual somos confrontados é: se podemos esperar que, pela evolução natural, uma fase mais elevada de vida social se desenvolverá do declínio espiritual atual. A resposta que a História fornece para esta questão está longe de ser animadora. Na Índia, na Babilônia, no Egito, na Pérsia, na China e em qualquer outra parte, períodos semelhantes de desenvolvimento foram seguidos por tempos de decadência espiritual; e até agora em nenhuma destas terras o curso decadente, finalmente, transformou-se num movimento para coisas mais elevadas. Todas estas nações têm perseverado em sua estagnação espiritual até ao dia de hoje.

Somente no Império Romano a escuridão da noite da desmoralização ilimitada foi quebrada pela alvorada de uma vida mais elevada. Mas esta luz não surgiu por meio da evolução; ela brilhou da Cruz do Calvário. O Cristo de Deus revelou-se, e a sociedade daquele tempo foi salva da destruição certa somente por meio de seu Evangelho.

Novamente, quando no final da Idade Média a Europa estava ameaçada com a falência social, uma segunda ressurreição da morte e uma manifestação de novo poder vital foram testemunhados, agora entre os povos da Reforma, mas esta vez também não foi por meio da evolução, mas novamente através do mesmo Evangelho pelo qual os corações estavam anelando e cujas verdades foram livremente proclamadas como nunca antes. Que antecedentes, então, a História fornece para levar-nos a esperar que uma evolução da vida a partir da morte na presente ocasião, enquanto que os sintomas de decomposição já sugerem o amargor da sepultura?

É verdade que Maomé, no sétimo século, foi bem-sucedido em causar um reboliço entre os ossos mortos através de todo o Oriente, lançando-se sobre as nações como um segundo Messias, até mesmo maior do que Cristo. E se fosse possível a vinda de um outro Cristo, excedendo em glória o Cristo de Belém, então certamente estaria encontrada a cura para a corrupção moral. Por isso alguns, de fato, têm esperado ansiosamente a vinda de algum "Espírito Universal" glorioso,

que possa novamente instilar seu poder vitalizante na corrente sanguínea das nações. Mas por que demorar-se por mais tempo em tais fantasias? Possivelmente, nada *pode* exceder o Cristo dado por Deus, e o que devemos esperar em vez de um segundo Messias é a segunda vinda do mesmo Cristo do Calvário, desta vez com o cetro em sua mão para julgamento, não para dar início a uma nova evolução para nossa vida amaldiçoada pelo pecado, mas para alcançar seu objetivo e solenemente concluir a história do mundo.

Portanto, quer esta segunda vinda esteja perto, e o que estamos testemunhando sejam as agonias de morte da humanidade; quer um rejuvenescimento ainda esteja reservado para nós; mas neste caso, este rejuvenescimento somente pode vir através do velho e todavia sempre novo Evangelho que, no começo de nossa era, e novamente na época da Reforma, salvou a vida ameaçada de nossa raça.

Não Existe Receptividade Moderna à Verdade

Contudo, a característica mais alarmante da situação atual é a lamentável ausência desta receptividade em nosso organismo doentio, a qual é indispensável para a realização da cura. No mundo greco-romano existiu esta receptividade; os corações abriram-se espontaneamente para receber a verdade. Esta receptividade existiu na época da Reforma em um grau ainda mais forte, quando grandes massas clamavam pelo evangelho. Naquela época, como agora, o corpo sofria de anemia, e a toxemia[111] igualmente tinha começado, porém não havia aversão ao único antídoto eficaz.

É precisamente isto que agora distingue nossa decadência moderna das duas precedentes, que a receptividade dos povos ao Evangelho está em decréscimo, enquanto que a aversão positiva dos cientistas a ele está em crescimento. O convite para dobrar os joelhos diante de Cristo como Deus, muitas vezes é respondido com um meneio dos ombros, se não com a resposta sarcástica: “Adequado para crianças e mulheres velhas, não para nós homens!” A Filosofia moderna, que é bem-sucedida, considera-se numa medida sempre crescente como tendo *superado* o Cristianismo.

[111] NT - Refere-se a intoxicação do sangue.

Como Chegamos a Situação Atual?

A Degeneração Espiritual no Final do Século Passado

Portanto, antes de mais nada, a questão que deve ser respondida é: o que nos conduziu a esta situação. Uma questão que deriva sua suprema importância do fato de que somente um diagnóstico correto pode levar a um tratamento eficaz. Ora, historicamente, a causa desta situação é encontrada em nada mais do que na degeneração espiritual que marcou o final do século passado. A responsabilidade por esta degeneração repousa, indubitavelmente, em parte com as próprias Igrejas Cristãs, não excluindo as da Reforma. Exaustas por sua luta contra Roma, estas últimas caíram adormecidas, permitiram que as folhas e as flores murchassem em seus ramos e aparentemente tornaram-se negligentes quanto a seus deveres em relação a humanidade e a toda esfera da vida humana. Não é necessário entrar nisto mais detalhadamente. Pode ser admitido que, com respeito ao fim daquele século, o tom geral da vida se tornara insípido e ordinário, desprezível e profundamente vil. A ansiosamente devorada literatura daquele período fornece a prova.

Uma Visão Distorcida da Natureza Humana

Como reação contra isto, foi então feita a proposta pelos filósofos deístas e ateístas, primeiro na Inglaterra mas depois, principalmente na França, por parte dos Enciclopedistas, para colocar toda a vida sobre uma nova base, virar de cabeça para baixo a ordem existente das coisas, e organizar um novo mundo sobre a suposição de que a natureza humana continua em seu estado não corrompido. Esta concepção foi heróica e provocou uma reação; ela tocou algumas das cordas mais nobres do coração humano. Mas na grande Revolução de 1789 ela foi posta em prática em sua forma mais perigosa; pois nesta vigorosa revolução, nesta sublevação não somente das condições políticas mas ainda mais das convicções, conceitos e costumes da vida, dois elementos deveriam ser claramente distinguidos.

As Conseqüências da Revolução Francesa

Em um aspecto ela foi uma imitação do Calvinismo, enquanto que em outro, estava em direta oposição aos seus princípios. A grande Revolução, não deveria ser esquecida, nasceu num país Católico Romano onde, primeiro na noite de São Bartolomeu e subseqüentemente pela revogação do Edito de Nantes, os Hugenotes foram massacrados e banidos. Após esta violenta repressão do Protestantismo na França e em outros países Católicos romanos, o antigo despotismo recobrou sua ascendência, e estas nações perderam todos os frutos da Reforma.

Esta Revolução, como caricatura do Calvinismo, convidou e constrangeu para a tentativa de atingir a liberdade pela violência externa, e para estabelecer um estado pseudodemocrático de coisas, que deveria impedir para sempre o retorno do despotismo. Assim, a Revolução Francesa, respondendo violência com violência, crime com crime, lutou pela mesma liberdade social que o Calvinismo tinha proclamado entre as nações, mas que foi tentada por ele por meio de um movimento puramente espiritual. Por isso, a Revolução Francesa, num certo sentido, executou um julgamento de Deus, um resultado que proporciona motivo de regozijo até mesmo para os calvinistas. As trevas de De Coligny foram vingadas nos homicídios de Mazas em Setembro.

Mas este é apenas um lado da moeda. Seu reverso mostra um propósito diretamente *oposto* ao sadio conceito calvinista de liberdade. O Calvinismo, em virtude de sua concepção profundamente séria da vida, fortaleceu e consagrou os laços sociais e éticos; a Revolução Francesa os alargou e soltou completamente, separando a vida não simplesmente da Igreja, mas igualmente das ordenanças de Deus, até mesmo do próprio Deus. O homem como tal, cada indivíduo daqui por diante, deveria ser seu próprio senhor e mestre, guiado por seu próprio livre arbítrio e bel-prazer. O trem da vida deveria correr ainda mais rapidamente do que até agora, mas não mais obrigado a seguir os trilhos dos mandamentos divinos. O que mais poderia resultar senão destruição e ruína? Perguntem sobre a França de hoje, que fruto o conceito fundamental de sua grande Revolução produziu para a nação após seu primeiro século de livre influência tão rica em horrores. E a resposta vem numa deplorável história de decadência nacional e desmoralização social.

A Degeneração Moral na França

Humilhada pelo inimigo dalém do Reno, internamente rasgada pela fúria da guerrilha, desonrada pela conspiração no Panamá e mais ainda pelo caso Dreyfus, desgraçada por sua pornografia, vítima da regressão econômica, estacionária, e não somente isso, até mesmo diminuindo em população. Como acertadamente foi dito pelo Dr. Garnier, uma autoridade médica no assunto, a França tem sido levada a degradar o casamento pelo egotismo[112], a destruir a vida familiar pela luxúria e apresenta hoje, em amplos círculos, o espetáculo repugnante de homens e mulheres perdidos em pecado sexual anormal.

Estou ciente de que ainda existem na França milhares e milhares de famílias vivendo sem reprovação, que amorosamente se entristecem pela ruína moral de seu país, entretanto há muitos círculos que têm resistido a falsa pretensão da Revolução; e, por outro lado, os círculos quase bestializados são aqueles que têm sucumbido ao primeiro assalto do Voltarianismo.

O Efeito em Outras Nações

A partir da França este espírito de dissolução, esta paixão de emancipação selvagem, se espalhou entre as outras nações, especialmente por meio de uma literatura infame e obscena, e infectou suas vidas. Então mentes mais nobres, particularmente na Alemanha, percebendo que profundidade de iniqüidade foi alcançada na França, fizeram a corajosa tentativa de conceber este sedutor e degradante conceito de “emancipação de Deus” numa forma mais elevada, embora ainda retendo sua essência. Filósofos de primeira classe, numa procissão pomposa, cada um construiu para si mesmo uma cosmologia, esforçando-se para restaurar um alicerce firme para as relações sociais e éticas, quer colocando-as sobre a base da lei natural, quer lhes dando um substrato ideal desenvolvido de suas próprias especulações.

Por um momento esta tentativa pareceu ter uma promissora chance de sucesso; pois, em vez de banir Deus ateisticamente de seus sistemas, esses filósofos procuraram refúgio no Panteísmo, e assim

[112] NT – O mesmo que “egoísmo”.

tornaram possível fundamentar a estrutura social, não como a Francesa sobre um estado natural ou sobre a vontade atomística do indivíduo, mas sobre o processo da História e a vontade coletiva da raça, inconscientemente inclinando-se para o objetivo mais elevado. E, de fato, por mais de meio século esta Filosofia tem conferido uma certa estabilidade a vida; não que alguma estabilidade real fosse inerente aos próprios sistemas, mas porque a ordem da lei estabelecida e as fortes instituições políticas na Alemanha emprestaram o suporte indireto da tradição para as paredes de um edifício que, de outro modo, teria desmoronado imediatamente.

Contudo, mesmo assim ela não poderia impedir que na Alemanha também, os princípios morais se tornassem mais e mais problemáticos, os alicerces morais mais e mais inseguros, nenhum outro direito senão aquele da lei natural recebia reconhecimento; e, por mais que o desenvolvimento alemão e francês possam diferir entre si, ambos concordam em sua aversão e rejeição ao Cristianismo tradicional. A *"Ecrasez l'infâme"* de Voltaire já é deixada para trás pelas expressões blasfemas sobre Cristo de Nietzsche, e este é o autor cujas obras estão sendo mais ansiosamente devoradas pelos jovens da *moderna* Alemanha de nossos dias.

A Ruptura Radical com a Tradição Cristã, na Europa

Deste modo então, nós na Europa ao menos, temos chegado ao que é chamado *vida moderna*, envolvendo uma ruptura radical com a tradição cristã da Europa do passado. O espírito desta *vida moderna* é mais claramente marcado pelo fato de que ela procura a origem do homem não na criação conforme a imagem de Deus, mas na evolução do animal. Dois conceitos fundamentais estão claramente envolvidos nisto: 1) que o ponto de partida não é mais o ideal ou o divino, mas o material e o vulgar; 2) que a soberania de Deus, que deveria ser suprema, é negada e o homem rende-se à influência mística de um processo sem fim, um *regressus* e *processus in infinitum*.

A Vida Intelectual e a Ânsia pelos Prazeres

Da raiz destes dois conceitos férteis está sendo desenvolvido

agora um duplo tipo de vida. Por um lado a interessante, rica e altamente organizada vida dos círculos universitários, atingível somente pelas mentes mais cultas; e ao lado desta, ou melhor muito inferior a ela, uma vida materialista do povo, ansiando por prazeres, mas, ao seu próprio modo, também tendo seu ponto de partida na matéria, e igualmente, mas conforme seu próprio estilo cínico, emancipando-se de todas as ordenanças estabelecidas. Especialmente em nossas crescentes grandes cidades, este segundo tipo de vida está obtendo o controle, suprimindo a voz dos distritos rurais e está dando forma a opinião pública, que aprova seu caráter ímpio mais abertamente a cada nova geração. Dinheiro, prazer e poder social são os únicos objetos de busca; e as pessoas estão crescendo continuamente menos melindrosas com respeito aos meios empregados para garanti-los.

Assim, a voz da consciência torna-se cada vez menos audível, e mais opaco o brilho dos olhos que, nas vésperas da Revolução Francesa, ainda refletiam algum lampejo do ideal. O fogo de todo entusiasmo mais elevado foi apagado, permanecem apenas brasas mortas. Em meio ao cansaço da vida, o que pode impedir o desapontado de se refugiar no suicídio? Privado da influência saudável do repouso, o cérebro está superestimulado e extenuado ao ponto de os asilos não serem mais a solução para os insanos. Se a propriedade não é sinônimo de roubo, torna-se uma questão discutida mais seriamente. Que a vida deve ser mais livre e o casamento menos obrigação está sendo mais aceita como uma proposta estabelecida. A causa da monogamia não é mais digna de luta, visto que a poligamia e a poliandria estão sendo glorificadas sistematicamente em todos os produtos da escola de arte e literatura realista.

A Religião é Considerada Supérflua

Em harmonia com isto, a religião é naturalmente declarada supérflua porque ela torna a vida triste. Mas a arte, sobretudo a arte é muito procurada, não por causa de seu ideal digno, mas porque agrada e intoxica os sentidos. Assim, as pessoas vivem no tempo e por coisas temporais, e fecham seus ouvidos ao dobrar dos sinos da eternidade. A tendência irreprimível é fazer todo conceito de vida concreto,

concentrado, prático. E desta vida privada moderna emerge um tipo de vida social e política caracterizada por uma decadência do parlamentarismo, por um desejo cada vez mais forte por um ditador, por um claro conflito entre pauperismo[113] e capitalismo, enquanto armamentos pesados para a terra e para o mar, até mesmo ao preço da ruína financeira, tornam-se o ideal desses estados poderosos cujo anseio pela expansão territorial ameaça a própria existência das nações mais fracas.

A Aceitação do Direito do Mais Forte

Gradualmente, o conflito entre o forte e o fraco tem crescido para tornar-se a característica controladora da vida, nascendo do próprio Darwianismo, cujo conceito central de uma *luta pela vida* tem como motivo principal esta própria antítese. Desde que Bismarck o introduziu na mais elevada política, a máxima do direito do mais forte encontrou aceitação quase universal. Os eruditos e especialistas de nossos dias exigem, com crescente audácia, que o homem comum deve curvar-se a sua autoridade.

O fim pode ser que apenas mais uma vez, os princípios sadios da democracia serão banidos, agora para dar lugar não a uma nova aristocracia de nascimento mais nobre ou de ideais mais elevados, mas para a grosseira e autoritária *kratistocracy* do poder brutal do dinheiro. De modo algum Nietzsche é excepcional, porém proclama, como seu mensageiro o futuro, de nossa vida moderna. E enquanto Cristo, em divina compaixão, mostrou a simpatia do coração vencedor para com o fraco, neste aspecto a vida moderna também toma a base exatamente oposta que o fraco deve ser suplantado pelo forte. Este *foi* o processo de seleção, eles nos dizem, ao qual nós mesmo devemos nossa origem, e este é o processo que, em nós e depois de nós, deve ser executado até suas últimas conseqüências.

Correntes Atuais em Conflito

Tentativas de se Preservar o Entusiasmo de Vida

---

[113] NT – Relativo a pobreza, indigência, paupérie.

[114]Entretanto, como observado acima, não deveria ser esquecido que flui na vida moderna um movimento lateral de origem mais nobre. Surgiu uma hoste de homens magnânimos, que, esquivando-se da frieza incômoda da atmosfera moral, e pressentindo o perigo da brutalidade do egoísmo predominante, esforçou-se para colocar um novo entusiasmo na vida, em parte por meio do altruísmo, em parte mediante um culto místico dos sentimentos, em parte até mesmo através do chamado Cristianismo.

Estes homens, embora concordando com a escola da Revolução Francesa em sua ruptura com a tradição cristã e em sua recusa de reconhecer qualquer ponto de partida ao lado daquele do empirismo e do racionalismo, entretanto como Kant faz, aceitando um dualismo grosseiro, tentaram escapar das conseqüências fatais de seus princípios. É precisamente deste dualismo que tiraram a inspiração para os mais nobres conceitos elaborados em suas teorias, incorporados em suas poesias, evocados diante de nossa imaginação em comoventes novelas, recomendados às nossas consciências em tratados éticos, e, nunca esqueçamos, não raramente concretizados na séria busca da vida. Com eles a consciência, lado a lado com o intelecto, mantinha sua autoridade, e esta consciência humana é assim ricamente dotada (geïnstrumenteerd) por Deus.

Devemos à vigorosa iniciativa destes homens as numerosas investigações sociológicas e medidas práticas que têm suavizado e aliviado tanto sofrimento, e por meio de um altruísmo ideal tem envergonhado o egoísmo no coração de muitos. Tendo uma predisposição pessoal para o misticismo, alguns deles reivindicaram o direito de emancipar a vida interior da alma de todas as restrições da crítica. Perder a si próprio no Infinito e sentir o rio do Infinito pulsar através dos mais profundos recônditos da vida interior é, para eles, a piedade desejável.

Teólogos se Esforçam Para Modernizar a Religião

Por outro lado outros – especialmente os teólogos, - numa extensão menos divorciada do Cristianismo em razão de seus antecedentes, ofício ou ocupação erudita, concordando com este

[114] O parágrafo seguinte foi revisado segundo o original holandês.

altruísmo e misticismo, incumbiram-se da tarefa de metamorfosear a Cristo de tal modo que ele poderia continuar a brilhar do trono da humanidade, como o ideal mais elevado do coração humano modernizado. Cada um inspirado pela sinceridade e inspirando por seus intentos ideais, estes esforços podem ser traçados de Schleiermacher para baixo até Ritschl.[115] Portanto, aquele que desprezasse tais homens, somente desonraria a si mesmo. Muito pelo contrário devemos ser gratos a eles pelo que se esforçaram por salvar, igualmente àquelas mulheres de nobres aspirações, que por meio de seus romances, escritos num espírito semelhantemente cristão, neutralizaram deste modo muito do que era egoísta, e criaram tantas sementes preciosas. Até mesmo o Espiritismo, apesar de estar cheio de erro, freqüentemente tem recebido seu impulso da encantadora esperança de que o contato com o mundo eterno, destruído pela crítica, poderia ser assim restabelecido através de visões de médiuns.

O Dualismo Ético Favorece o Abandono da Fé Evangélica

Infelizmente, por mais corajosamente que este dualismo ético possa ser concebido, e por mais corajosas metamorfoses que este misticismo possa favorecer, sempre se moverá furtivamente por trás dele o sistema de pensamento naturalista, racionalista que o intelecto arquitetou. Eles exaltaram o caráter normal de sua cosmologia em oposição ao anormalismo de nossa fé; e a religião cristã, sendo anormalista em princípio e modo de manifestação, inevitavelmente perde terreno de tal modo que alguns de nossos melhores homens não relutaram em professar que davam preferência não somente ao Espiritismo, mas ao Islmamismo[116] e a Schopenhauer ou até mesmo ao Budismo, à velha fé evangélica.

É verdade que toda a falange de teólogos, de Schleiermacher a Pfleiderer, continuaram a prestar alta honra ao nome de Cristo, mas é igualmente inegável que isto somente foi possível pela sujeição de Cristo e da confissão cristã a metamorfoses sempre mais corajosas. Um fato doloroso, mas que torna-se absolutamente evidente, se vocês

---

[115] Albrecht Ritschl, 1822-1889. Teólogo alemão.
[116] NT – Ou Maometanismo, Muçumanismo, Islamismo.

compararem o credo agora corrente nestes círculos com a confissão pela qual nossos mártires morreram.

O Abandono de Doutrinas Cardeais

Mesmo limitando-nos ao Credo Apostólico, que por quase dois mil anos substancialmente tem sido o padrão comum de todos os cristãos, encontramos que a crença em Deus como o "Criador do céu e da terra" foi abolida; pois a criação foi substituída pela evolução. Também foi abolida a crença no Filho de Deus, como nascido da Virgem Maria, por meio da concepção do Espírito Santo. Além disso, foi abolida por muitos a fé em sua ressurreição, ascensão e retorno para julgamento. Finalmente, foi abolida até mesmo a fé da igreja na ressurreição da morte, ou pelo menos na ressurreição do corpo.

A Nova "Religião Cristã" é Totalmente Diferente em Princípios

O nome da religião cristã ainda está sendo mantido, mas em essência tornou-se uma religião completamente diferente em seus princípios, até mesmo de um caráter diametralmente oposto. E quando é apresentada contra nós a incessantemente acusação que, de fato, o Cristo tradicional da Igreja envolve uma metamorfose completa do Jesus genuíno, enquanto que a interpretação moderna tem revelado o verdadeiro caráter do Jesus histórico de Nazaré, nós apenas podemos responder que, afinal, historicamente não é esta concepção moderna sobre Jesus de Nazaré, mas a confissão da Igreja sobre Cristo é a única que tem vencido o mundo; e que século após século, o melhor e o mais piedoso de nossa raça tem homenageado ao Cristo da tradição e o tem reconhecido como seu salvador à beira da morte.

Uma Teologia sem a Autoridade das Escrituras é Impotente

Embora desejando não dever nada a ninguém, por isso, com sincera apreciação do que é nobre nestas tentativas, estou plenamente firme em minha convicção de que nenhuma ajuda deve ser esperada deste quartel. Uma Teologia que virtualmente destrói a autoridade das Santas Escrituras como um livro sagrado; que nada vê no pecado exceto uma falta de desenvolvimento; que reconhece Cristo como nada mais que

um gênio religioso de importância central; que vê a redenção como simples reversão de nosso modo subjetivo de pensar; e que se satisfaz num misticismo dualisticamente oposto ao mundo do intelecto, - uma Teologia como esta é semelhante a uma represa cedendo diante do primeiro assalto da maré invasora. É uma Teologia sem controle sobre o povo, uma quase religião, absolutamente impotente para restaurar até mesmo a uma firmeza temporária nossa triste vacilante vida moral.

A Posição do Catolicismo Romano

Existem Méritos nos Esforços do Catolicismo?

Podemos, talvez, esperar mais da maravilhosa energia exibida na última metade deste século por Roma? Não vamos rejeitar apressadamente esta questão. Embora a história da Reforma tenha estabelecido uma antítese fundamental entre Roma e nós, não obstante seria intolerância e miopia menosprezar o real poder que ainda é manifestado na guerra de Roma contra o Ateísmo e o Panteísmo. Somente a ignorância sobre os exaustivos estudos da Filosofia romanista e dos bem-sucedidos esforços de Roma na vida social, poderia ser responsável por um julgamento tão superficial.

Calvino Reconhecia Pontos Positivos

Em seus dias, Calvino já reconhecia que considerava os crentes Romanistas seus aliados contra a tendência do “Grande Abismo”. A assim chamada ortodoxia Protestante precisa apenas assinalar em sua confissão e catecismo as doutrinas de religião e moral que não estão sujeitas à controvérsia entre Roma e nós, para imediatamente perceber que o que temos em comum com Roma diz respeito precisamente àqueles fundamentos de nosso credo cristão, agora assaltados mais ferozmente pelo espírito moderno. Nas questões de hierarquia eclesiástica, da natureza do homem antes e depois da queda, da justificação, da missa, da invocação de santos e de anjos, da adoração de imagens, do purgatório e muitas outras, somos tão resolutamente opostos a Roma como nossos pais foram.

As Linhas de Batalha Estão Claramente Demarcadas

Mas, não mostra a literatura atual que não existem mais os pontos sobre os quais a luta do século está concentrada? Não são as linhas da batalha traçadas como segue: O Teísmo em oposição ao Panteísmo; o pecado em oposição a imperfeição; o divino Cristo de Deus em oposição ao Jesus como mero homem; a cruz como um sacrifício de reconciliação em oposição a cruz como um símbolo de martírio; a Bíblia como dada pela inspiração de Deus em oposição a um produto puramente humano; os dez mandamentos como ordenados por Deus em oposição a simples documento arqueológico; as ordenanças de Deus absolutamente estabelecidos em oposição a lei sempre mutante e a moralidade tecida pela consciência subjetiva do homem?

Nesse Entendimento do Conflito, o Catolicismo é Aliado

Então, neste conflito Roma não é uma antagonista mas coloca-se ao nosso lado, visto que também reconhece e sustenta a Trindade, a Deidade de Cristo, a Cruz como um sacrifício expiador, as Escrituras como a Palavra de Deus, e os Dez Mandamentos como a regra de vida divinamente imposta. Por isso, deixem-me perguntar: se os teólogos Romanistas erguem a espada para lutar valente e habilmente contra a mesma tendência contra a qual nós pretendemos lutar até a morte, não é parte da sabedoria aceitar a valiosa ajuda de sua elucidação? Calvino pelo menos estava acostumado a apelar para Tomás de Aquino. E, de minha parte, não estou envergonhado de confessar que em muitos pontos meus conceitos têm sido clarificados através de meu estudo dos teólogos Romanistas.

A Esperança, Entretanto, não Está no Catolicismo Romano

Contudo, isto de modo algum significa que nossa esperança para o futuro possa ser colocada no esforço de Roma, e que nós, negligentes, possamos esperar sua vitória. Um rápido exame da situação será suficiente para convencer-nos do contrário. Para começar com seu próprio continente, pode a América do Sul suportar por um momento uma comparação com a do Norte? Atualmente, a Igreja Católica Romana é

suprema na América do Sul e Central. Ela tem controle exclusivo sobre este território, o Protestantismo nem mesmo é contado como um fator. Aqui, então, é um imenso campo no qual o poder social e político, no qual Roma pode empregar na regeneração de nossa raça, pode manifestar-se livremente, além disso, um campo no qual ela não é uma recém-chegada, mas tem ocupado por quase três séculos.

O jovem desenvolvimento do organismo social destes países têm estado sob influência dela; ela tem permanecido também no controle de sua vida intelectual e espiritual desde sua libertação da Espanha e Portugal. Além disso, a população destes Estados se originou de países europeus que sempre estiveram sob a influência indisputável de Roma.

Os Países Católicos Exemplificam Fraqueza

Fraqueza Econômica

O exame, portanto, é tão completo e claro quanto possível. Mas em vão olhamos para esses Estados Americanos Romanistas em busca de uma vida que eleva, desenvolve energia e exerce uma influência exterior saudável. Financeiramente eles são fracos, comparativamente sem progresso em suas condições econômicas; em sua vida política apresentam o triste espetáculo de disputa interna sem fim; e, se alguém estivesse inclinado a conceber um quadro ideal sobre o futuro do mundo, poderia quase fazer isto imaginando o próprio oposto do que é a situação atual na América do Sul. Nem pode ser pleiteado para se desculpar Roma, que isto é devido a circunstâncias excepcionais, pois em primeiro lugar este retardamento político é encontrado não somente no Chile, mas igualmente no Peru, Brasil bem como na República da Venezuela; enquanto que, passando do Novo para o Velho Mundo, nós chegamos, apesar de nós mesmos, a mesma conclusão.

Também na Europa a reputação de todos os Estados Protestantes é alta, a reputação dos países do sul que são Católicos romanos está num doloroso descrédito. Assuntos econômicos e administrativos na Espanha e Portugal e não menos que na Itália, oferecem causa para queixas contínuas. O poder e a influência externas destes países está declinando visivelmente. E, o que é mais desencorajador ainda, a infidelidade e um espírito revolucionário têm feito tal incursão nestes

países, que metade da população, embora ainda nominalmente romanista, na realidade rompeu com toda verdadeira religião. Isto pode ser visto na França, que é quase completamente Católica Romana, e todavia repetidamente tem votado contra os advogados da religião com esmagadoras maiorias.

Fraqueza Política

De fato podemos dizer que, a fim de apreciar as características nobres, eficazes dos Romanistas, deve-se observá-los, não em seus próprios países, onde estão em declínio, mas no centro da Alemanha Protestante, na Holanda Protestante, e na Inglaterra, e em seu próprio Estados Unidos Protestante. Em regiões onde, privado de uma influência controladora, eles se ajustam à política dos outros e concentram suas forças como um partido da oposição, sob líderes tais como Manning e Wiseman, Von Ketteler e Windthorst, obtêm nossa admiração pela defesa entusiástica de sua causa.

Mas mesmo aparte deste *testemonium paupertatis* fornecido por Roma, por meio da má administração no Sul da Europa e na América do Sul, onde ela tem plena influência, em termos globais seu poder e influência também estão diminuindo visivelmente. A balança de poder na Europa está agora gradualmente passando para as mãos da Rússia, Alemanha e Inglaterra, todos Estados não Romanistas, e em seu próprio continente os Protestantes do Norte mantém a supremacia. Desde 1866 a Áustria está retrocedendo continuamente, e com a morte do Imperador atual estará seriamente ameaçada com a dissolução. A Itália tentou viver além de seus recursos: esforçou-se para ser um grande poder naval, colonial, e o resultado é que conduziu-se a si mesma à beira da ruína econômica. A batalha de Adua desferiu o golpe mortal em mais que suas aspirações coloniais.

A Espanha e Portugal perderam absolutamente toda influência sobre o desenvolvimento social, intelectual e político da Europa. E a França, que apenas há cinqüenta anos, fez toda Europa tremer o desembainhar de sua espada, agora ela mesma está ansiosamente explorando os livros Sibilinos[117] de seu futuro. Até mesmo do ponto de

---

[117] NT – Referente a Profético, Oráculo. Sibilino, referente a sibila; enigmático; difícil de entender.

vista estatístico, o poder de Roma está diminuindo o tempo todo. A depressão econômica e moral tem, em mais de um país romanista, causado uma diminuição considerável do índice de natalidade. Enquanto que na Rússia, Alemanha, Inglaterra e nos Estados Unidos a população está crescendo, em alguns países Romanistas tornou-se quase estacionária. Igualmente as estatísticas atribuem somente a metade menor da cristandade à Igreja Católica Romana, e é seguro predizer que dentro do próximo meio século sua porção será menos que quarenta por cento.

Portanto, por mais altamente inclinado que eu possa estar para a valorizar o poder inerente da unidade e erudição Católica Romana para a defesa de muito do que nós também contamos como sagrado, e embora não veja como poderíamos repelir o ataque do Modernismo senão pela ação combinada, todavia não há a mais leve perspectiva de que a supremacia política nunca passará novamente para as mãos de Roma. E, mesmo se isto acontecesse contrariando às expectativas, possivelmente quem poderia regozijar-se quanto a realização de seu ideal, se ele vê as condições agora prevalecentes no Sul da Europa e na América do Sul, reproduzidas em outra parte?

Catolicismo – Uma Cosmovisão Retrógrada

De fato, podemos até colocá-lo mais fortemente: isto seria um passo para trás no curso da História. O mundo e o conceito de vida de Roma representa um estágio mais velho e por isso mais baixo de desenvolvimento na História da humanidade. O Protestantismo o sucedeu, e por isso ocupa um ponto de vista espiritualmente mais elevado. Aquele que não quer ir para trás, mas procura alcançar coisas mais elevadas, deve portanto ou defender a cosmovisão outrora desenvolvida pelo Protestantismo, ou, por outro lado, pois isto também é concebível, mostrar um ponto de vista ainda mais elevado.

O Modernismo Também Não é um Avanço em Conceito

Então é isto o que a Filosofia moderna posterior de fato presume fazer, reconhecendo Lutero como um grande homem para seu tempo, mas aclamando Kant e Darwin como os apóstolos de um evangelho muito

mais rico. Mas não necessitamos detalhar isto. Pois nossa própria época, embora grande em invenções, na demonstração dos poderes da mente e energia, não tem avançado um único passo no estabelecimento de princípios, de modo algum tem dado um conceito mais elevado da vida, nem tem produzido para nós maior estabilidade e solidez em nossa existência religiosa e ética, isto é, existência verdadeiramente humana. Ela trocou a fé sólida da Reforma por hipóteses instáveis; e à medida que aventurou-se sobre um conceito de vida sistematizado e estritamente lógico não avançou, mas recuou para aquela cultura pagã dos tempos pré-cristãos, dos quais Paulo testifica que Deus envergonhou pela loucura da Cruz.

Portanto, não deixe alguém dizer: Vocês que protestam contra um retorno para Roma, vocês mesmos não têm o direito de permanecer no Protestantismo , porque a História não vai para trás; pois depois dele veio o Modernismo. A pertinência de uma objeção como esta deve ser negada, visto que minha argumentação não é refutada, que o avanço material de nosso século nada tem em comum com o avanço na questão dos princípios éticos, e que o que o Modernismo nos oferece não é moderno, mas pelo contrário muito antigo; nem posterior, mas anterior ao Protestantismo, voltando para os Estóicos e a Epicuro.

A Esperança no Protestantismo

A Linha Prática do Protestantismo

Portanto, somente junto as linhas do Protestantismo pode ser tentado um avanço bem-sucedido, e de fato sobre essas linhas a salvação é atualmente buscada por duas tendências diferentes, ambas as quais devem conduzir a amargo desapontamento. A primeira dessas é *prática*, a outra é *mística* em caráter. Sem esperança de defesa contra a crítica moderna e ainda menos contra a crítica do dogma, a primeira, a tendência prática, defende que os cristãos não podem fazer nada melhor do que recorrer a todos tipos de obras cristãs. Seus devotos ficam confusos quanto a qual atitude assumir para com as Escrituras; eles se tornaram alienados do dogma; mas o que deve impedir tais crentes hesitantes de sacrificar suas aparências e seu ouro à causa da filantropia, evangelismo e missões! Isto até mesmo oferece uma tripla vantagem: ela

une cristãos de todos os tons de opinião, alivia muito a miséria e tem uma atração conciliatória para o mundo não cristão.

Cristianismo não é Só Prática, Mas Também Doutrina Objetiva

Certamente, esta propaganda por meio da ação deve ser agradecida e simpaticamente saudada. De fato, no século que passou, a atividade cristã foi muitíssimo limitada; e um Cristianismo que não prova seu valor na prática, degenera-se em escolasticismo seco e conversa fiada. Seria um equívoco, contudo, supor que o Cristianismo pode ser confinado dentro dos limites de uma manifestação prática como esta. Nosso Salvador curou os doentes e alimentou os famintos, mas a coisa predominante em seu ministério foi, afinal de contas que, em estrita fidelidade às Escrituras do velho Pacto, ele abertamente proclamou a própria Divindade e Mediação, a expiação dos pecados pelo seu sangue e sua vinda para julgar. De fato, nenhum dogma central jamais foi confessado pela Igreja de Cristo que não tenha sido a definição intelectual do que Cristo proclamou sobre sua própria missão ao mundo, e sobre o mundo ao qual ele foi enviado. Ele curou o corpo do doente, mas ainda mais verdadeiramente dedicou-se a nossas feridas espirituais. Resgatou-nos do Paganismo e do Judaísmo, e transportou-nos para um mundo de convicções totalmente novo do qual ele mesmo, como o Deus designado Messias, constituía o centro.

Ademais, no que diz respeito à nossa disputa com Roma, não deveríamos perder de vista o fato de que nas obras cristãs e na devoção ela ainda nos deixa para trás. Não somente isto, devemos reconhecer sem reservas que até mesmo o mundo incrédulo está começando a rivalizar-nos, e que nas ações de filantropia, ele tenta mais e mais nos surpreender. Nas missões, sem dúvida, o incrédulo não segue nossas pegadas; mas imploro, como pudemos nós continuar a promover missões a menos que tenhamos um Evangelho bem definido para pregar? Ou é possível imaginar algo mais monstruoso que os assim chamados missionários liberais pregando somente humanidade e piedade incolor, e sendo recebidos pelos sábios pagãos com a resposta de que eles mesmos, em seus círculos cultos, nunca ensinaram ou creram em qualquer outra coisa senão exatamente neste humanismo moderno?

A Linha Mística do Protestantismo

Talvez a outra tendência, a *mística*, possua um poder de defesa mais forte? Que *pensador* ou estudante de História afirmaria isto? Sem dúvida o misticismo irradia um fervor que aquece o coração; e ai do gigante do dogma e do herói da ação, que são estranhos a sua profundidade e ternura. Deus criou a mão, a cabeça e o coração; a mão para a ação, a cabeça para o mundo, o coração para o misticismo.

Rei na ação, profeta na confissão e sacerdote no coração, o homem deve permanecer neste triplo ofício diante de Deus, e um Cristianismo que negligencia o elemento místico cresce frígido e congela-se. Portanto, devemos nos considerar felizes quando uma atmosfera mística nos envolve, fazendo-nos respirar o refrescante ar perfumado da primavera. Através dela a vida torna-se mais verdadeira, mais profunda e mais rica.

Cristianismo não é Só Misticismo, Mas Realidade Positiva

Mas seria um triste equívoco supor que o misticismo, tomado por si mesmo, possa efetuar uma reversão na tendência da época. Não é Bernardo de Claraval, mas Tomás de Aquino; não é Thomas de Kempis, mas Lutero que tem governado a disposição dos homens. Em sua própria natureza o misticismo é segregativo, e se esforça muito para evitar o contato com o mundo exterior. Sua própria força encontra-se na vida interiorizada da alma, e por isso não pode tomar uma posição positiva. Ele flui ao longo de um leito subterrâneo e não mostra as linhas claramente demarcadas por cima da terra. O que é pior, a História prova que todo misticismo unilateral sempre se torna mórbido, e finalmente se degenera num misticismo da carne, estarrecendo o mundo com sua infâmia moral.

Prática e Mística não Substituem a Verdade da Salvação

Conseqüentemente, embora me alegre com o reavivamento de ambas as tendências, prática e mística, ambas resultarão em perda em vez de ganho, se for esperado que compensem o abandono da Verdade da Salvação. O misticismo é doce e as obras cristãs são preciosas, mas a

semente da Igreja, tanto no nascimento do Cristianismo como na época da Reforma, foi o sangue dos mártires; e nossos santos mártires não derramaram seu sangue pelo misticismo nem por projetos filantrópicos, mas por causa de convicções que dizem respeito a aceitação da verdade e a rejeição do erro.

Viver com consciência é quase prerrogativa divina do homem, e somente da clara, não obscura visão da consciência procede a *palavra* poderosa que pode fazer o tempo inverter sua corrente e promover uma revolução na disposição do mundo. Portanto, é enganar-se a si mesmo, e somente a si mesmo, quando estes cristãos práticos e místicos crêem que podem fazer isto sem uma vida cristã e uma cosmovisão própria deles. Ninguém pode fazê-lo sem estas cousas. Todo aquele que pensa que pode abandonar as verdades cristãs, e livrar-se do Catecismo da Reforma, inadivertidamente dá ouvidos às hipóteses da cosmovisão moderna e, sem saber a que distância já foi arrastado, acredita no Catecismo de Rousseau e Darwin.

A Solução no Caminho do Calvinismo

Calvinismo – Biocosmovisão Própria; Lógica Consistente

Por esta razão, não vamos parar no meio do caminho. Tão verdadeiramente quanto cada planta tem uma raiz, do mesmo modo um princípio verdadeiramente esconde-se sob cada manifestação da vida. Estes princípios estão interligados e têm sua raiz comum num princípio fundamental; e a partir deste último é desenvolvido lógica e sistematicamente todo o conjunto de conceitos governantes e concepções que irão compor nossa vida e cosmovisão.

Com uma biocosmovisão coerente como esta, apoiando-se firmemente sobre seu princípio e autoconsistente em sua esplêndida estrutura, o Modernismo agora enfrenta o Cristianismo; e contra este perigo mortal, vocês cristãos, não podem defender com sucesso seu santuário exceto colocando em oposição a tudo isso, *uma biocosmovisão própria de vocês, fundada tão firmemente sobre a base de seu próprio princípio, elaborada com a mesma clareza e brilhante numa lógica igualmente consistente.*

A Necessidade de Retorno ao Calvinismo

Isto não é obtido nem pelas obras cristãs nem pelo misticismo, mas somente voltando, com nossos corações cheios de ardor místico e nossa fé pessoal manifestando-se em fruto abundante, para aquele ponto decisivo na História e no desenvolvimento da humanidade que foi alcançado na Reforma. *E isto é equivalente a* um retorno ao Calvinismo. Não há escolha aqui. O Socinianismo sofreu morte vergonhosa; o Anabatismo pereceu em selvagens orgias revolucionárias. Lutero nunca desenvolveu seu pensamento fundamental. E o Protestantismo, tomado em um sentido geral, sem qualquer diferenciação a mais, ou é uma concepção puramente negativa sem conteúdo, ou é um nome semelhante ao camaleão que os negadores do Deus-Homem gostam de adotar como seu escudo. Somente sobre o Calvinismo pode ser dito que consistente e logicamente levou até o fim as linhas da Reforma, estabeleceu não apenas Igrejas mas também Estados, colocou sua marca sobre a vida social e pública, e assim, no sentido pleno da palavra, criou para toda a vida do homem um mundo de pensamento inteiramente próprio dele.

Os Efeitos dos Equívocos do Luteranismo

Estou convencido de que, após o que disse em minhas primeiras palestras, ninguém me acusará de menosprezar o Luteranismo; todavia o Império Alemão atual tem fornecido, nada menos que três vezes, um exemplo do maus efeitos secundários dos equívocos aparentemente leves de Lutero. Lutero estava enganado no reconhecimento do Soberano da terra como a cabeça da Igreja Estabelecida, e o que temos sido chamados a testemunhar como um resultado disto, acerca do excêntrico Imperador da Alemanha?

Para começar, que Stöcker, o líder da democracia cristã, foi mandado embora de sua corte simplesmente porque este corajoso defensor da liberdade das igrejas apenas expressou o desejo de que o Imperador deveria abdicar de seu episcopado chefe. Contíguo, que na partida da esquadra alemã para a China, o Príncipe Henry da Rússia foi instruído a levar para o Oriente distante não o evangelho “cristão”, mas o “evangelho *imperial*”.

Mais recentemente, ele pediu a seus súditos leais para serem fieis no cumprimento de seus deveres, recomendando como motivo que, após a morte, deveriam comparecer diante de Deus ... e seu Cristo? ... Não; mas diante de Deus ... *e o grande Imperador*.

Finalmente, no banquete de Westfalia, que a Alemanha deveria continuar seus labores imperturbavelmente sobre a bênção da paz, ele conclui, como imposta *pela mão estendida do grande Imperador, que aqui permanece acima de nós*. Sempre será observada a mais corajosa usurpação do Cesarismo sobre a essência da religião cristã.

Estas coisas, como vocês vêem, estão longe de ser insignificantes; antes, elas tocam princípios de aplicação mundial, pelos quais nossos antepassados lutaram suas grandes batalhas. Sou tão avesso à reprimitivização como qualquer homem; mas a fim de colocar princípio em oposição a princípio, cosmovisão em oposição a cosmovisão, para a defesa do Cristianismo, somente ali encontra-se pronto, para aquele que é um autêntico Protestante, *o princípio Calvinístico* como o único fundamento digno de confiança sobre o qual construir.

O Que Significa um Retorno ao Calvinismo?

Não Significa Subscrição Ampla às Confissões Reformadas

O que, então, devemos entender por este retorno ao Calvinismo? Seria minha intenção que todos os crentes Protestantes deveriam subscrever, quanto mais cedo melhor, os símbolos Reformados, e deste modo toda multiformidade eclesiástica seria absorvida pela unidade da organização eclesiástica Reformada? Estou longe de nutrir um desejo tão rude, tão ignorante e tão anti-histórico. Naturalmente, em cada convicção, em cada confissão, existe um motivo para um propagandismo absoluto e incondicional, e a palavra de Paulo a Agripa: “Assim Deus permita que, por pouco ou por muito, não apenas tu, ó rei, porém todos os que hoje me ouvem se tornassem tais como eu sou, exceto estas cadeias”, deve continuar sendo o desejo sincero não somente de todo bom calvinista, mas de cada um que pode gloriar-se numa convicção firme e imóvel. Mas um desejo tão ideal do coração humano nunca pode ser realizado nesta nossa dispensação.

Antes de mais nada, nenhum padrão Reformado, nem mesmo o mais puro, é infalível como era a palavra de Paulo. Então, novamente, a confissão calvinista é tão profundamente religiosa, tão altamente espiritual que, excetuando sempre os períodos de profunda comoção religiosa, ela nunca será compreendida pela maioria do povo, mas marcará com um senso de sua inevitabilidade somente um círculo relativamente pequeno. Além disso, nossa unilateralidade inata necessariamente sempre levará à manifestação da Igreja de Cristo em muitas formas. E, por último mas não menos importante, a absorção por uma Igreja de membros de outra numa larga escala somente pode acontecer em momentos críticos da História. No curso ordinário das coisas oitenta por cento da população cristã morre na Igreja em que nasceu e foi batizada. Ademais, tal identificação de meu programa com a absorção de uma Igreja por outra discordaria de toda a tendência de meu argumento. Tenho recomendado a vocês o Calvinismo da história, não eclesiasticamente confinado a um círculo restrito, mas como um fenômeno de importância universal.

Quatro Pontos de Identificação

Portanto, o que eu peço pode principalmente ser reduzido aos quatro pontos seguintes: 1) que o Calvinismo não seja mais ignorado onde ele existe, mas seja fortalecido onde sua influência continua; 2) que o Calvinismo seja feito novamente um objeto de estudo a fim de que o mundo exterior possa vir a conhecê-lo; 3) que seus princípios sejam novamente desenvolvidos de acordo com as necessidades de nosso tempo, e consistentemente aplicados aos vários campos da vida; 4) que as Igrejas que ainda reivindicam confessá-lo, deixem de sentir vergonha de sua própria confissão.

O Calvinismo Não Deve Mais Ser Ignorado, mas Fortalecido

Então, primeiramente, o Calvinismo não deveria mais ser ignorado onde ele ainda existe, pelo contrário deveria ser fortalecido onde suas influências históricas ainda são manifestas. Um apontamento detalhado dos traços que o Calvinismo tem deixado para trás por toda parte na vida social e política, na vida científica e estética, até mesmo com algum grau de perfeição, por si mesmo exigiria um estudo mais amplo do que poderia

ser cogitado no rápido curso de uma palestra.

Permitam-me, portanto, dirigindo-me a uma audiência americana, mostrar um único traço em sua própria vida política. Já observei em minha terceira palestra como no preâmbulo de muitas de suas Constituições, embora usando um conceito decididamente democrático, contudo seu fundamento foi não o ponto de vista ateísta da Revolução Francesa, mas a confissão calvinista da suprema soberania de Deus, às vezes até mesmo em termos que correspondem literalmente às palavras de Calvino, como mostrei. Nenhum traço deve ser encontrado entre vocês daquele anticlericalismo cínico que se identifica com a própria essência da democracia revolucionária na França e em qualquer outra parte.

Quando seu Presidente proclama o dia nacional de ação de graças, ou quando as casas do Congresso, reunidas em Washington, são iniciadas com oração, é sempre uma nova evidência que dentro da democracia americana ainda corre uma disposição que, tendo nascido dos Pais Peregrinos, ainda exerce seu poder nos dias de hoje. Até mesmo seu sistema escolar comum, visto que é abençoado com a leitura da Escritura e iniciado com oração, aponta para semelhante origem calvinista, embora com decrescente nitidez.

Similarmente na origem de sua educação universitária, nascendo em grande parte da iniciativa individual; no caráter decentralizado e autônomo de seu governo local; na sua rigorosa, todavia não nomística observância do sábado; no respeito que é mantido entre vocês para com a mulher, sem cair na deificação parisiense de seu sexo; em seu sentido de domesticidade; na intimidade de seus laços familiares; em sua defesa da liberdade de expressão, e em sua ilimitada consideração pela liberdade de consciência; em tudo isto sua democracia cristã está em direta oposição à democracia da Revolução Francesa; e historicamente também é demonstrável que vocês devem isto ao Calvinismo e tão somente a ele.

Mas, vejam só, enquanto vocês gozam desta maneira os frutos do Calvinismo, e enquanto, mesmo fora de suas fronteiras, o sistema constitucional de governo preserva a honra nacional como conseqüência do combate calvinista, é amplamente sussurrado que todas estas coisas devem ser consideradas bênçãos do Humanismo, e dificilmente alguém

pensa em distinguir nelas os efeitos secundários do Calvinismo, sendo crido que este último leva uma vida prolongada somente em uns poucos círculos petrificados dogmaticamente.

O que eu exijo então, e exijo como um direito histórico, é que este ignorar ingrato do Calvinismo chegue a um fim; que a influência que exerceu receba novamente atenção onde ele ainda continua estampado sobre a verdadeira vida de hoje; e que, onde os homens de uma tendência totalmente diferente despercebidamente desviariam a corrente da vida para os canais revolucionário francês ou panteísta alemão, vocês no seu lado das águas e nós do nosso, deveríamos nos opor com toda a força a tal falsificação dos princípios históricos de nossa vida.

O Calvinismo Deve Ser Feito um Objeto de Estudo

Em segundo lugar, afirmo que podemos estar habilitados a fazer isso, através de um estudo histórico dos princípios do Calvinismo. Não há sem conhecimento; e o Calvinismo perdeu seu lugar nos corações das pessoas. Ele está sendo advogado somente de um ponto de vista teológico, e mesmo assim muito unilateralmente e simplesmente como um lado da questão. A razão disto eu apontei em minha palestra anterior. Desde que o Calvinismo surgiu, não de um sistema abstrato mas da própria vida, ele nunca foi apresentado como um todo sistemático no século de sua aurora. A árvore floresceu e produziu seus frutos, mas sem que alguém fizesse um estudo botânico de sua natureza e crescimento.

O Calvinismo, em sua origem, mais agiu do que argumentou. Mas este estudo não pode mais ser retardado. Tanto a biografia como a biologia do Calvinismo devem ser agora completamente investigadas e bem-estudadas, ou, com nossa falta de autoconhecimento, seremos desviados para um mundo de conceitos que está mais em desacordo do que em consonância com a vida de nossa democracia cristã, e separados da raiz da qual outrora florescemos tão vigorosamente.

O Calvinismo Deve Ser Desenvolvido e Aplicado ás Necessidades

Somente por meio de estudo semelhante tornar-se-á possível o que chamo, em terceiro lugar: o desenvolvimento dos princípios do

Calvinismo de acordo com as necessidades de nossa consciência moderna, e sua aplicação a cada departamento da vida. Não excluo a Teologia disto, pois ela também exerce sua influência sobre a vida em todas as suas ramificações; e é, portanto, triste ver como até mesmo a Teologia das Igrejas Reformadas tem sofrido influência de sistemas totalmente estranhos em tantos países.

Mas, aconteça o que acontecer, a Teologia é a única das muitas ciências que exige tratamento calvinista. A Filosofia, a psicologia, a estética, a jurisprudência, as ciências sociais, a literatura, e igualmente as ciências médicas e naturais, cada uma e todas elas, quando concebidas filosoficamente, voltam aos princípios, e até mesmo a questão deve necessariamente ser colocada com seriedade muito mais penetrante do que até agora, quer os princípios ontológicos e antropológicos que reinam supremos no método atual destas ciências estejam em harmonia com os princípios do Calvinismo, ou discordem de sua própria essência.

O Calvinismo não Deve ser Motivo de Vergonha nas Igrejas que o Professam Em Suas Confissões

Finalmente, adicionarei a estas três exigências – historicamente justificadas para mim – ainda uma quarta, que aquelas Igrejas que reivindicam professar a fé Reformada, deixem de sentir vergonha desta confissão. Vocês têm ouvido quão extensa é minha concepção e quão amplos são meus conceitos, mesmo na questão da vida eclesiástica. Eu vejo a salvação desta vida da Igreja somente no livre desenvolvimento. Exalto a multiformidade e saúdo nela um estágio mais alto de desenvolvimento. Até mesmo para a Igreja que tem a confissão mais pura, eu não dispensaria a ajuda de outras Igrejas, a fim de que sua inevitável unilateralidade pudesse assim ser completada.

Mas o que sempre me encheu de indignação foi ver uma Igreja ou encontrar o oficial de uma Igreja, com a bandeira enrolada ou escondida sob o traje do ofício, em vez de estendida corajosamente para mostrar suas gloriosas cores na brisa. O que uma pessoa confessa ser a verdade, deve também ousar praticar em palavra, ação e em todo modo de vida. Uma Igreja calvinista na origem e ainda reconhecível por sua confissão calvinista mas que carece de coragem, não somente isto, que pelo

contrário não sente mais o impulso para defender esta confissão corajosa e bravamente contra todo o mundo, tal Igreja não desonra o Calvinismo mas a si mesma. Admito até mesmo que a autêntica Igreja Reformada possa ser pequena e pouca em número. Tais Igrejas sempre provarão ser indispensáveis para o Calvinismo; e aqui também a pequenez da semente não precisa perturbar-nos, se tão somente esta semente for sadia e perfeita, impregnada com vida produtiva e irreprimível.

Conclusão

A Importância da Doutrina da Eleição

E assim minha palestra dirige-se rapidamente para seu fim. Mas antes de concluir, no entanto, sinto que uma questão continua a pressionar por uma resposta, a qual conseqüentemente não me recusarei encarar, a saber, a questão que tenho em mente é: o abandono ou a manutenção da doutrina da eleição. A isso permitam-me contrastar com esta palavra *Eleição* uma outra palavra que difere desta numa única letra. Nossa geração faz ouvido de mercador à *Eleição*, mas cresce loucamente entusiasmada por *Seleção*. Como, então, podemos formular o enorme problema que jaz escondido atrás destas duas palavras, e em que particular difere a solução deste problema como apresentada por estas duas fórmulas quase idênticas?

De Onde Procedem as Diferenças?

O problema diz respeito a questão fundamental: *De onde procedem as diferenças?* Por que não é tudo semelhante? Por que razão é que uma coisa existe em um estado, outra em outro? Não há vida sem diferenciação, e não há diferenciação sem desigualdade. A percepção das diferenças é a própria fonte de nossa consciência humana, os princípios causativos de tudo quanto existe, cresce e desenvolve, em resumo, o motivo principal de toda vida e pensamento. Portanto, estou justificado ao afirmar que no fim todos os outros problemas podem ser reduzidos a este único problema: Por que razão existem estas diferenças? Por que motivo existe a dessemelhança, a heterogeneidade da existência, de gênese, e consciência? Para colocar isto concretamente, se vocês fossem uma planta prefeririam ser uma rosa em

vez de um cogumelo; se fossem insetos, uma borboleta em vez de uma aranha; se fossem pássaros, uma águia em vez de uma coruja; se fossem um grande vertebrado, um leão em vez de uma hiena; e novamente, sendo homem, rico em vez de pobre, talentoso em vez de obtuso, da raça Ariana em vez de Hottentot ou Kaffir.

A Solução Inadequada da Teoria da Seleção

Entre todas estas coisas há diferenciação, grande diferenciação. Então, *diferenças* por toda parte, diferenças entre um ser e outro; e também que tais diferenças igualmente envolvem, em quase todas as instâncias, *preferências*. Quando o falcão arranca e rasga a pompa, por que razão é que estas duas criaturas estão em tanta oposição, e são diferentes uma da outra? Esta é a única questão suprema no reino vegetal e animal, na vida social entre os homens, e é por meio da teoria da *Seleção* que nossa presente época tenta solucionar este problema dos problemas. Até mesmo a célula simples pressupõe diferenças, elementos mais fracos e mais fortes. O mais forte vence o mais fraco, e a aquisição é acumulada numa potência mais elevada de ser. Ou, se o mais fraco ainda mantém sua subsistência, a diferença será manifesta mais adiante no curso da própria luta.

Ora a folha de grama não está consciente disto, e a aranha continua apanhando a mosca, o tigre matando o veado, e nestes casos o mais fraco não se apercebe de sua própria miséria. Mas nós homens estamos claramente cônscios destas diferenças, e por isso não podemos evitar a questão, se a teoria da Seleção é uma solução projetada para conformar o mais fraco, a criatura menos ricamente dotada, com sua existência. Deverá ser reconhecido que em si mesma esta teoria nada pode senão incitar uma luta muito mais furiosa, com uma *lasciate ogni speranza, voi che'ntrate* para o ser mais fraco.

Contra a ordenança da crença de que o mais fraco deverá sucumbir ao mais forte, de acordo com o sistema de eleição, nenhuma luta pode ser útil. A conformação, não nascendo dos fatos, portanto deveria nascer do *conceito*. Mas qual é o conceito aqui? Não é este, que, onde estas diferenças outrora se estabeleceram, e seres altamente diferenciados aparecem, isto é ou o resultado de mudanças, ou então a

conseqüência necessária das forças naturais cegas? Agora, devemos crer que a humanidade sofredora jamais será reconciliada com seus sofrimentos por meio de uma solução como *esta*? Entretanto, dou as boas-vindas ao progresso desta teoria da Seleção; e admiro a penetração e poder de pensamento dos homens que a recomendam para nós. Não certamente, por causa do que ela recomenda para nós como verdade; mas porque reuniu coragem para atacar mais uma vez o mais fundamental de todos os problemas, e assim com relação a profundidade alcança a mesma profundidade de pensamento ao qual Calvino corajosamente desceu.

A Solução Apresentada pela Doutrina da Eleição

Pois este é precisamente o alto significado da doutrina da *Eleição* que, já três séculos antes, com este dogma o Calvinismo ousou encarar este mesmo problema predominante, solucionando-o, contudo, não no sentido de uma seleção cega ativa nas células inconscientes, mas honrando a escolha soberana daquele que criou todas as coisas visíveis e invisíveis. A determinação da existência de todas as coisas a serem criadas, do que deve ser camélia ou ranúnculo, rouxinol ou corvo, cervo ou porco.

Igualmente entre os homens, a determinação de nossa própria aparência, se alguém deve nascer menino ou menina, rico ou pobre, obtuso ou inteligente, branco ou de cor, ou até mesmo como Abel ou Caim, é a mais tremenda predestinação concebível no céu e na terra; e ainda a vemos acontecendo diante de nossos olhos a cada dia, e nós mesmos estamos sujeitos a ela em toda nossa personalidade; em toda nossa existência, em nossa própria natureza, sendo nossa posição na vida inteiramente dependente dela.

Esta predestinação todo-abrangente, o calvinista coloca, não nas mãos do homem, e menos ainda nas mãos de uma força natural cega, mas nas mãos do Deus Todo-Poderoso, Soberano Criador e Possuidor do céu e da terra; e é na figura do oleiro e do barro que a Escritura, desde o tempo dos profetas, tem exposto para nós esta eleição predominante. Eleição na criação, eleição na providência, e do mesmo modo eleição também para a vida eterna; eleição no reino da graça bem como no reino

da *natureza*.

Comparando Eleição e Seleção

Então, quando comparamos estes dois sistemas de *Seleção* e *Eleição*, a História não mostra que a doutrina da Eleição, século após século, tem restabelecido a paz e a conformação ao coração do crente sofredor; que todos os cristãos sustentam a eleição como fazemos, tanto na *criação* como na *providência*; e que o Calvinismo afasta-se das outras confissões cristãs somente neste aspecto, que, procurando unidade e colocando a glória de Deus acima de todas as coisas, ele ousa estender o mistério da Eleição a vida espiritual, e para a esperança pela vida por vir?

O Conflito Fundamental – Cristianismo vs. Paganismo

Então, isto é o que a mesquinhez dogmática calvinista significa. Ou melhor, pois os tempos são muito sérios para ironia ou pilhéria, deixemos todo cristão, que ainda não pode abandonar suas objeções, ao menos colocar esta tão importante questão para si mesmo: Eu sei de uma outra solução para este problema mundial fundamental, que me capacite a defender melhor minha fé cristã nesta hora de conflito muito forte contra o Paganismo renovado, o qual acumula suas forças e avança dia a dia? Não esqueça que o contraste fundamental sempre foi, ainda é, e será até o fim: *Cristianismo* e *Paganismo*, os ídolos ou o Deus vivo.

Cristo Anuncia um Último e Sangrento Conflito

Por enquanto, há uma verdade profundamente sentida no drástico quadro pintado pelo imperador alemão, representando o Budismo como o futuro inimigo. Uma cortina hermeticamente puxada esconde o futuro; mas Cristo nos prometeu em Patmos a aproximação de um último e sangrento conflito. E mesmo agora o desenvolvimento gigante do Japão em menos de quarenta anos, tem enchido a Europa com medo sobre qual calamidade poderia estar reservada a nós na astúcia da "raça amarela" que forma uma porção tão grande da família humana. E Gordon não testifica que seus soldados chineses, com quem ele derrotou os Taipings, se apenas bem-treinados e comandados, constituíram-se nos mais esplêndidos soldados que ele jamais comandou? A questão Asiática é, de

fato, da mais séria importância. O problema do mundo teve sua origem na Ásia, e na Ásia será encontrada sua solução final; e tanto no desenvolvimento técnico e material como no resultado tem mostrado que nações pagãs, assim que despertam e levantam-se de sua letargia, rivalizam-nos quase instantaneamente.

A Cristandade Está Desunida

Certamente, este perigo seria muito menos ameaçador caso a Cristandade, tanto no Velho como no Novo mundo, permanecesse unida ao redor da Cruz, exclamando cânticos de louvor a seu Rei, e pronta para avançar para o conflito final como nos dias das Cruzadas. Mas como, quando o pensamento *pagão*, a aspiração *pagã*, os conceitos *pagãos* estão ganhando terreno até mesmo entre nós e penetrando até o próprio coração da geração nascente?

Não tem os Armênios, exatamente por causa da concepção de solidariedade cristã, se tornado tão tristemente enfraquecidos, desprezados e covardemente abandonados à sorte do assassínio? Os gregos não foram esmagados pelos Turcos, enquanto falecia Gladstone, o estadista cristão, politicamente um calvinista convicto, que teve a coragem de estigmatizar o Sultão como o “Grande Assassino”? Conseqüentemente deve ser sustentado uma determinação radical. Meias medidas não podem garantir o resultado desejado. Superficialidade não nos revigora para o conflito. Princípio deve novamente dar testemunho contra princípio, cosmovisão contra cosmovisão, disposição contra disposição. E aqui, deixemos aquele que sabe falar melhor, mas quanto a mim não sei de baluarte mais forte e mais firme do que o Calvinismo, contanto que seja tomado em sua formação sadia e vigorosa.

Deus Soberanamente Pode Modificar o Conceito dos Homens

E se você replica, meio zombadoramente, sou eu realmente simples o bastante para esperar de alguns estudos calvinistas uma inversão na cosmovisão cristã, então minha resposta é a seguinte: O avivamento da vida não vem de homens: é a prerrogativa de Deus, e é devido somente à sua soberana vontade, quer a maré da vida religiosa esteja alta em um século ou esteja baixa no seguinte. No mundo moral

também temos um tempo de primavera, quando tudo brota e explode em vida, e novamente o frio do inverno, quando todos os rios vitais congelam e toda energia religiosa fica petrificada.

A Necessidade do Espírito Vivificante de Deus

Ora, o período em que estamos vivendo hoje, sem dúvida é de baixo declínio religioso. A menos que Deus envie seu Espírito não haverá retorno, e terrivelmente rápida será a descida das águas. Mas se vocês recordam da Harpa Eólica, a qual os homens estavam acostumados a colocar fora de sua casamata, a qual a brisa podia fazê-la produzir música. Até o vento soprar, a harpa permanecia em silêncio, ao passo que, mais uma vez, ainda que o vento começasse, se a harpa não se encontrasse em prontidão, o sussurro da brisa podia ser ouvido, mas nem uma simples nota da música celeste deleitaria o ouvido. Agora, deixemos o Calvinismo ser nada mais do que esta Harpa Eólica, - absolutamente impotente como ele está, sem o Espírito vivificante de Deus – ainda sentimos ser nosso dever, dado por Deus, conservar nossa harpa, suas cordas afinadas corretamente, pronta na janela do Santo Deus de Sião, esperando o sopro do Espírito.